

A misty forest landscape with sunlight rays filtering through the trees. The scene is bathed in a warm, golden light, creating a serene and ethereal atmosphere. The trees are dense and dark, with the light rays highlighting the mist and the texture of the foliage. The background shows rolling hills and mountains, partially obscured by the haze.

Autobiografia de um Monge da Floresta

Venerável Ajahn Thet Desarangsee

Autobiografia de um Monge da Floresta

Venerável Ajahn Thet de Wat Hin Mark Peng, Nongkhai

por

Venerável Ajahn Thet (Phra Rajanirodharangsee)



Prefácio do tradutor

Desde o tempo do Buda, mais de dois mil e quinhentos anos atrás, os monges têm se retirado nas profundezas das florestas, montanhas e cavernas, em busca de isolamento físico para ajudá-los no desenvolvimento da meditação e realização do Dhamma, a Verdade do Ensino do Buda. Seja em reclusão ou em pequenos grupos, esses monges vivem uma vida de simplicidade, austeridade e esforço determinado, e entre eles estão alguns dos maiores mestres de meditação — incluindo o próprio Buda, que também seguia esse estilo de vida. Longe de metrópoles e cidades, dispostos a suportar os rigores e dificuldades de viver na natureza pela oportunidade de aprender com ela, e desinteressados em fama ou reconhecimento mundano, estes monges da floresta muitas vezes permanecem desconhecidos, suas histórias de vida perdidas entre as selvas e montanhas.

Este livro é a autobiografia de um desses monges. O venerável Ajahn Thet registrou sua própria história de vida — que foi publicada pela primeira vez para a celebração de seus setenta e dois anos — para benefício dos monges, monjas, leigos e leigas que eram seus discípulos. Ele conta sua vida desde seu encontro na infância com monges da floresta, até seu status final como um dos grandes mestres da era moderna. O venerável Ajahn Thet faleceu em 1994 com noventa e dois anos.

Em sua autobiografia, o autor também aproveita a oportunidade para registrar sua gratidão a todas as pessoas — monges ou leigos — que o ajudaram através dos anos. Boa parte dessa gratidão é direcionada aos aldeões da área rural do Nordeste da Tailândia que é a região de origem do próprio autor. Embora seja a área mais pobre e subdesenvolvida do país, as pessoas de lá são especialmente devotas e foi dentre elas que a maioria dos mestres de meditação tailandeses surgiram. Nos últimos anos, a tradição Kammattana (Tudong) das florestas, baseada no Nordeste, começou a atrair o interesse do povo sofisticado da cidade, e ele também descreve e reconhece esta tendência.

Este livro não pretende apenas ser uma descrição das experiências do Venerável Ajahn Thet, mas a narrativa de uma busca espiritual pessoal que contém conselhos e reflexões sobre meditação e prática budista. Além disso, oferece também uma perspectiva única e local sobre a vida rural, que abrange um período

de mudanças sem precedentes na cultura tailandesa. No entanto, Ajahn Thet não permaneceu apenas em sua região natal, mas andou pelas florestas por todos os cantos da Tailândia e mesmo além de suas fronteiras. Ele assim nos oferece também vislumbres do Laos e do Estado Shan, o que torna a obra interessante até mesmo à antropologia. As descrições de suas viagens a Cingapura, Indonésia e Austrália são dirigidas principalmente a seus leitores tailandeses, mas ainda assim exibem uma nova reflexão sobre "países desenvolvidos".

Os discípulos leigos têm, por vezes, escrito biografias de mestres de meditação falecidos, não tendo conhecimento de todos os eventos que influenciaram a vida desses. Algumas biografias foram idealizadas em respeito ao professor. Ajahn Thet, no entanto, escreve com incisiva franqueza, relatando honestamente os eventos que o afetaram mais profundamente e foram fundamentais na formação de sua vida. Ajahn Thet viveu noventa anos e nos últimos anos de sua longa vida foi considerado o discípulo mais sênior dentre os 'pais' da contemporânea Tradição da Floresta da Tailândia: Ajahn Man Bhūridatta e Ajahn Sao Kantasilo. Durante seus primeiros anos de prática, ele desfrutou de uma intimidade privilegiada com esses grandes professores.

Ao escrever a sua autobiografia, Ajahn Thet assume que o leitor está familiarizado com a tradição da floresta tailandesa e suas formas de prática, de modo que julgo que a seguinte breve explicação daquele estilo de vida e seu propósito pode ser útil aos que não estão.

No passado, era comum mosteiros nos vilarejos e cidades da Tailândia serem os principais centros de aprendizagem. O mosteiro da vila era, para os aldeões, um centro espiritual onde ritos e cerimônias eram realizados e onde os meninos locais podiam se tornar monges, aprender a ler e, talvez, começar a estudar as escrituras budistas. (Tradicionalmente, era esperado que todos os meninos de uma família se tornassem noviços ou monges por pelo menos o período de três meses do retiro das chuvas). Nas áreas rurais mais isoladas, no entanto, o conhecimento do Vinaya (as regras de treinamento dos monges estabelecidas pelo Buda) era muitas vezes apenas rudimentar e, portanto, os padrões não eram muito rigorosos. Jovens monges interessados em avançar nos seus estudos budistas poderiam se transferir para algum mosteiro num centro comercial local, uma província central ou mesmo Bangkok. O ensino em tais localidades, no

entanto, seria geralmente mais dedicado ao estudo escolástico do que à estrita observância das regras monásticas ou à prática da meditação.

O renascimento da Tradição da Floresta na Tailândia durante o século passado foi um movimento popular para retornar ao estilo de vida e treinamento que era praticado na época do Buda. Alguns monges trocaram os barulhentos mosteiros de vilarejos e cidades pela paz e tranquilidade da floresta. Eles seguiam a regra do Vinaya mais estritamente, enfatizando a importância de cada detalhe. Tais monges viviam sem dinheiro, utilizando com frugalidade tudo que era oferecido e pacientemente suportando quando os requisitos eram escassos. Eles integraram as práticas mais austeras (tudong), recomendadas pelo Buda, a seu estilo de vida. Por exemplo, comer apenas uma refeição por dia em sua tigela de esmolos, usar mantos feitos de pano descartado e viver na floresta ou cemitérios — muitas vezes usando um glót (um guarda-chuva em forma de tenda, com tela antimosquitos) como abrigo. Estes monges das florestas muitas vezes vagavam descalços por regiões escassamente povoadas — a população anteriormente pequena da Tailândia estava espalhada por um grande país — procurando lugares propícios à meditação.

O verdadeiro coração da tradição das florestas é o desenvolvimento da meditação. Cultivar estados profundos de tranquilidade e investigar sistematicamente o corpo e a mente fazem surgir o insight sobre a verdadeira natureza da existência. Os mestres da floresta eram notáveis por sua criatividade em superar os problemas, obstáculos e impurezas da mente, e por sua ousada determinação em realizar Nibbāna, iluminação, o objetivo do caminho espiritual ensinado pelo Buda.

O leitor é convidado a lembrar que este trabalho foi escrito por um tailandês para um público tailandês, sem preocupação com possíveis traduções para outras línguas. Descreve e representa o estilo de vida, os valores sociais e os papéis de gênero de uma cultura asiática rural do início deste século. A experiência da realidade última deve necessariamente ser expressa através dos modos convencionais de um determinado tempo e lugar. Além disso, o autor muitas vezes escreveu especificamente para jovens monges, dando conselhos e avisos. No entanto, as verdades intemporais da sabedoria de Ajahn Thet brilham além, não limitadas pelo tempo ou cultura.

Quase todas as florestas tropicais que Ajahn Thet atravessou e descreveu foram destruídas ainda quando este era vivo. Numa tentativa de retardar esta destruição e salvar o que resta de floresta, os monges têm estado frequentemente na vanguarda da sensibilização social para as questões ambientais. Em muitas regiões, as únicas áreas de floresta que restam são aquelas protegidas atrás dos muros dos mosteiros.

Ajahn Thet dedicou sua vida ao Buda, Dhamma e Sangha, e com grande compaixão ensinou e treinou seus discípulos nas práticas que levam a Nibbāna. É nosso desejo sincero que os leitores de sua autobiografia a vejam como fonte de inspiração e que experimentem a paz profunda, a alegria e a sabedoria que são os frutos do caminho do Buda.

Tradutores

Nota do tradutor

Devido à singularidade e importância deste livro de memórias, almejei uma tradução precisa, mesmo ao custo de perder algo do espírito e da inspiração do original. No entanto, em alguns trechos com um contexto totalmente tailandês, o material foi condensado e aparece entre parênteses (...).

Todos os (parênteses) são do original, os [colchetes] e as notas de rodapé foram adicionados pelos tradutores. O autor atualizou o livro com adições e a tradução ateve-se a essa estrutura, a numeração de seções, portanto, vem do original.

Por favor, veja o glossário para explicação de muitas palavras e termos.

As datas no original são sempre dadas de acordo com a Era Budista Tailandesa (B. E.). Nós as convertemos para a Era Comum que começou 543 anos mais tarde; por exemplo, B.E. 2539 é 1996 D.C.

Nomes e títulos honoríficos são importantes para a interação social tailandesa. Tentei seguir esta convenção, mantendo-me fiel ao original, e espero que ela não seja demasiado pesada.

Muitas pessoas ajudaram na realização desta tradução completamente nova. (O Sr. Siri Buddhasukh produziu uma tradução inicial em 1978, que ele intitulou

Minha Vida). Já esta tradução mais abrangente originou-se através da energia da Upasika Tan Bi Chun. Bhikkhu Ñānadharmo empenhou grande esforço no trabalho em ajudar com a tradução e, na sequência, Jane B. e Steve G. em Cornwall, Inglaterra, Barry (agora Bhikkhu Santidhammo) na Austrália, Khun V. e Sra Khunying Suripan na Tailândia, todos ajudaram a concluir a tarefa.

Pedimos perdão ao venerável autor e aos nossos leitores por quaisquer insuficiências ou erros na presente tradução. Qualquer tradução inevitavelmente fica aquém do original e, no final, cabe a você, leitor, completar a tradução dentro de si mesmo. Seja monge, monja ou leigo, do Oriente ou do Ocidente, que esta "vida de Dhamma" o inspire a enriquecer sua própria vida através da prática do Dhamma.

A. Bhikkhu

setembro de 1996

Nota da tradução para o português

A tradução para o português foi realizada a partir do texto em inglês do Bhikkhu Ariyesako, mas com algumas mudanças. O tradutor original preferiu evitar caracteres específicos do pâli para evitar problemas na distribuição eletrônica do texto. Visto que na época atual tais problemas raramente ocorrem, optamos por escrever os termos em pâli da maneira mais fiel possível, mesmo que às vezes não tenhamos cem por cento de sucesso. Com relação aos nomes tailandeses, ele usou um sistema próprio para transmitir a fonética dos nomes para aqueles que falam a língua inglesa. Hoje em dia há mais ou menos um padrão mais aceito de como transcrever nomes tailandeses para a língua inglesa, e na medida do possível, tentamos seguir esse padrão, exceto quando utilizá-lo geraria dificuldade para falantes da língua portuguesa. Portanto, palavras como Mair Chee, Ajahn Thate, Ajahn Mun foram transcritas como Mé Chi, Ajahn Thet e Ajahn Man, respectivamente.

Apesar de ser nossa intenção verificar o resultado final contra o original em tailandês, não conseguimos acesso à mesma versão atualizada da biografia que o tradutor utilizou, somente obtivemos uma versão antiga onde o texto parece estar diferente em muitas partes. Como não havia como saber se a alteração vem

do original ou da tradução, preferimos não mudar o que não fosse absolutamente necessário. Só mudamos o texto quando alguma parte da tradução em inglês parecia confusa ou não muito clara. Nesse caso, retraduzimos direto do tailandês utilizando a edição mais antiga mencionada acima.

Muitas notas de rodapé da tradução inglesa foram incluídas, algumas foram retiradas, e umas poucas que não estavam na edição inglesa, foram adicionadas.

A tradução inglesa incluía dois livretos escritos por Ajahn Thet traduzidos: Steps Along the Path e The Meaning of Anatta. Nosso texto não incluiu esses livretos, mas ambos podem ser encontrados online nos links abaixo:

- <https://www.accesstoinsight.org/lib/thai/thate/stepsalong.html>
- <https://www.accesstoinsight.org/lib/thai/thate/thateauto.html#ana>

O “Apêndice D” da tradução inglesa continha uma longa lista de todos os projetos de construção mencionados no livro original. Apesar de muito impressionante ver como Ajahn Thet mantinha um detalhado controle de tudo que era feito e quanto e de quem vinham as doações (sem mencionar o número impressionante de projetos de construção que liderou), ainda assim não adicionava muito à narrativa, servindo mais como memorial às pessoas que doaram. Por isso também foi excluído.

Quando buscando autorização para a realização desta tradução, nos foi informado que a pessoa responsável era Ven. Ajahn Jamrat Chantajoto, abade de Wat Jaroen Samanakit (Wat Lang San), em Pukhet. Contato foi feito pela internet e recebemos sua benção para o projeto. Deixamos aqui nosso agradecimento a ele.

Mosteiro Suddhavāri
Agosto de 2020

Prefácio do autor à primeira edição

A maioria das biografias são escritas por terceiros, ou quando a pessoa que é assunto do livro já está morta. Há a tendência de seguir as sensibilidades da escrita convencional, elogiando o sujeito da biografia de uma forma semelhante a que se ouve nos ritos fúnebres. Embora eventualmente sabendo-se que a pessoa também cometeu algumas ações obscuras, etiqueta e decoro ditam o que pode ser registrado. Boas maneiras são exibidas de quatro formas:

1. Uma pessoa é má em muitos aspectos: quando perguntado sobre ele ou ela, não se deve responder ou dizer apenas o mínimo.
2. Uma pessoa é boa em alguns aspectos: quando perguntado sobre ele ou ela, descrevemos todos esses aspectos.
3. Nossas más características são poucas: quando perguntados, descrevemos todas.
4. Embora os bons traços sejam muitos, se ninguém perguntar, não se diz nada, e quando perguntam, se diz pouco.

Eu sou alguém que segue diretamente rumo à verdade e, portanto, não quero que ninguém escreva este tipo de biografia depois da minha morte. Eu sei sobre mim, por isso é melhor que eu mesmo faça tal trabalho. Depois da minha morte podem escrever como quiserem sobre mim. Porém, se não gostarem de mim, isso influenciará suas palavras e acabarão amplificando detalhes menos importantes para além da verdade. Por outro lado, se me amarem, vão exagerar meus pontos positivos além de todas as proporções.

Na verdade, escrevi esta autobiografia inicialmente apenas para mim, para demonstrar o meu apreço por uma vida sob o manto ocre. Não havia intenção de publicação porque me sentia um pouco constrangido com a ideia, pois uma autobiografia é autopromoção. Mesmo quando as pessoas me pediam para imprimi-la, eu ainda não ficava à vontade com a ideia.

Quando os devotos leigos organizaram celebrações de aniversário do meu sexto ciclo [setenta e dois anos] no dia 26 de abril de 1974, também pediram para imprimir e distribuir minha autobiografia naquela data. Percebi que, se não concordasse, seria feito depois de eu morrer de qualquer forma. Assim,

rapidamente terminei a autobiografia que havia escrito para que estivesse pronta a tempo da celebração...

Que os leitores me perdoem se minha autobiografia às vezes parece um tanto autocongratatória e, portanto, de mau gosto. Mas se não se escreve sobre o que realmente aconteceu, sobre o que então escrever?

Desarangsee

(Ajahn Thet)

Wat Hin Mark Peng

31 de março de 1974

Prefácio page à décima segunda edição

... Embora eu tenha atualizado esta autobiografia, por favor, entenda que o núcleo essencial não foi alterado, sendo que o real assunto do livro ainda está por aqui...

Phra Rajanirodharangsee

(Ajahn Thet)

26 de abril de 1991

Sumário

Autobiografia de um Monge da Floresta	1
História de vida dos meus pais	4
Um sonho auspicioso e uma percepção da verdade na minha juventude	10
1. Tempos de opressão e seu efeito sobre as pessoas	16
2. Encontro com Venerável Ajahn Singh Khantayāgamo.....	19
3. Deixei o lar pela segunda vez, seguindo Ajahn Singh	21
4. Recebendo ordenação como noviço (estudos adicionais).....	22
5. Um noviço torna-se milionário do governo	24
6. Ordenação em Wat Sutat-narahm.....	26
7. Primeiro contato com o anseio.....	28
8. Um grupo de monges tudong deixa Ubon.....	30
9. Encontrando o Venerável Ajahn Man pela primeira vez	32
10. Segundo retiro das chuvas, 1924 em Nong Laht	34
11. Terceiro retiro das chuvas, 1925 em Nah Chang Nam.....	37
11.1 Voltando para casa para ajudar minha mãe, tio e irmão.....	39
12. Quarto retiro das chuvas, 1926, em um cemitério ao norte do Distrito de Akat Amnuei	41
12.1 Uma fórmula para dormir ou não dormir.....	45
13. Quinto retiro das chuvas, 1927 novamente no vilarejo de Nah Chang Nam	51
14. Sexto retiro das chuvas, 1928 na caverna Phra Nah Phak Hók.....	52
14.1 O caso de Luang Ta Man	55
14.2 Luang Dtia Tóng-in	58
14.3 Morando com Venerável Ajahn Sao	60
15. Retiro das chuvas, 1929, em Nah Sai	63
16. Oitavo retiro das chuvas em Phra Kreur, 1930, com Ajahn Mahā Pin	65
17. Nono retiro das chuvas, 1931, em Bahn Phon.....	67
18. Décimo retiro das chuvas em Korat, 1932	69
18.1 Reflexões e ansiedades que não são Dhamma	70

19. Décimo primeiro retiro das chuvas, 1932, em Wat Arañavasi.....	74
19.1 Encontros arriscados na vida de um monge	76
19.2 Seguindo Ajahn Man em Myanmar, 1933	85
19.3 Um mau presságio para os viajantes	87
20. Décimo segundo retiro das chuvas, 1934 em Pah Mi-ang — Uma nova forma de prática de meditação.....	93
20.1 Surge um ponto de vista incorreto	94
21. Décimo terceiro retiro das chuvas, 1935, num vilarejo de Mu-ser (Bahn Pu Phayah).....	96
22. Décimo quarto retiro das chuvas, 1936, mesmo local com três monges	101
22.1 Sobre os habitantes da floresta visitando o vilarejo Mu-ser.....	102
22.2 Tendências latentes e as impurezas do coração.....	108
23. Décimo quinto retiro das chuvas, 1937, Bahn Pong	114
24. Décimo sexto retiro das chuvas, 1938 em Nong Du, Lampun	118
25. Décimo sétimo ao vigésimo quinto retiro das chuvas, 1939-47 em Wat Arañavāsi, Tah Bó, Nongkhai.....	120
26. Vigésimo sexto e vigésimo sétimo retiro das chuvas, 1948-1949, Khao Nói, Chantaburi ..	127
26.1 Preocupações de um preocupado	128
26.2 Primeira visita à ilha de Phuket e um encontro perigoso	129
27. Vigésimo oitavo retiro das chuvas, 1950, Koke Kloi, Phang-nga.....	132
28. Do 29º ao 41º retiro das chuvas, 1951-63, Phuket.....	135
28.1 Minhas apreensões parecem tornar-se realidade	138
29. Quadragésimo segundo retiro das chuvas, 1964, Tam Khahm, Sakhon Nakon.....	143
30. Do 43º ao 50º retiro de chuvas, 1965-72, Hin Mark Peng.....	145
31. Do 50º e 52º retiros de chuvas, 1973-74, estabelecendo Wang Nam Mók como um lugar de moradia para monges.....	153
32. Quinquagésimo terceiro retiro das chuvas, 1975, Construindo Wat Lumpini	154
33. Quinquagésimo quarto retiro das chuvas, 1976-77, divulgando o Dhamma no exterior...155	
33.1 Cingapura — A Primeira Parada.....	159
33.2 Austrália.....	164

33.3 Visita à Indonésia	171
33.4 Sentimentos sobre ir ao exterior	173
34. Do 55º ao 56º retiro das chuvas, 1977-1978	177
35. Quinquagésimo sete retiro das chuvas até o presente, 1979-1991, Vinte e Sete Anos em Wat Hin Mark Peng.....	178
36. Resumo	183
36.1 As bênçãos e a beneficência dos pais	184
36.2 Atividade que não deve ser realizada, kamma que não deve ser feito.....	186
36.3 Nascimento e morte	187
Epílogo de tradutor.....	189
O funeral do Venerável Ajahn Thet	191
Apêndice 'A': Sīla	193
Anexo 'B': Os caracteres dhamm, conforme escritos pelo Venerável Ajahn Fan Ācāro	194
Apêndice 'C': A ordem de monges budistas na Tailândia	196
Glossário	197
O Significado de Anattā	204

Autobiografia de um Monge da Floresta

O meu primeiro nome é Thet e sobrenome Rioréng. Nasci por volta das nove horas, em uma manhã de sábado, a 26 de abril de 1902 (B. E. 2445). Era o quarto dia da lua minguante no ano do tigre. O meu local de nascimento foi o vilarejo de Nah Sidah, Glahng Yai, distrito de Bahn Peur, província de Udon Thani.

O nome do meu pai era Usah, e o da minha mãe era Krang. Eles eram fazendeiros de arroz comuns e ambos cresceram órfãos de pai. Depois de migrarem de diferentes regiões, conheceram-se e casaram-se no vilarejo de Nah Sidah. Meu pai originalmente veio de Darn Sai na província de Loei, enquanto minha mãe era de Muang Fahng, (agora um subdistrito) no distrito de Lap Lé, província de Uttaradit. Eles estabeleceram-se no vilarejo de Nah Sidah e lá seguiram vivendo, gerando dez filhos ao todo:

Sr. Kamdi Rioréng (já falecido)

Sra. Ahn Prahphahn (já falecida)

Kén Rioréng (garoto), (faleceu ainda criança)

Krai Rioréng (garota), (faleceu ainda criança)

Sra. Nén Chiang Tóng (já falecida)

Sr. Plian Rioréng (já falecido)

Sra. Nuan Glah Kéng (já falecida)

Ven. Ket Khantiko (já falecido)

Ven. Thet Desarangsee¹ (eu)

Sra. Thup Diman (já falecida)

Quando tinha nove anos, ia para escola com todos os meus amigos no mosteiro de Nah Sidah, estudava tailandês central e regional, e os tradicionais alfabetos e

¹ No final de sua vida, recebeu o título eclesiástico Phra Rajanirodharangsee

escritas Dhamm e Kóm². Havia muitos monges e noviços no mosteiro de Nah Sidah, e meu irmão mais velho — que havia se ordenado monge — era o nosso professor. Ele ensinou seguindo o Mullabot Bapakit, o antigo curso primário, e estudei lá por três anos. No entanto, não era muito bom em minhas lições, pois preferia brincar em vez de estudar.

Naqueles dias, o estabelecimento de escolas públicas ainda não havia se espalhado pela área rural do país. Então, enquanto meu irmão mais velho foi monge, aproveitou a oportunidade para sair, viajar e obter alguma experiência mais ampla. Ele também tinha uma boa memória e foi capaz de aprender tailandês central³ rapidamente e, ao retornar, pôde nos ensinar. Havia muitos de nós estudando com ele — monges, noviços e crianças. O número cresceu tanto que algumas pessoas, ao verem a situação, perguntavam se lá já tinha se tornado uma escola oficial. Nós não só estudamos a escrita tailandesa, mas também aprendemos alguns cânticos religiosos e como ler os textos escritos no alfabeto Dhamm e Kóm. Este aprendizado durou três anos e então tive que sair do mosteiro porque meu irmão mais velho deixou a vida monástica. A maioria dos meus colegas também foi embora porque ninguém foi capaz de assumir o trabalho de ensinar.

Embora tivesse deixado o mosteiro, minha vida continuou envolvida principalmente com monges e noviços. Quando meu irmão deixou a vida monástica, nenhum monge ficou para assumir as responsabilidades de abade. Ocasionalmente, monges visitantes apareciam e era meu trabalho agir como intermediário entre esses e os aldeões. Eu regularmente oferecia meus serviços: pela manhã ia ofertar a comida; à tarde era obter e filtrar água; e também colher flores para os monges usarem em suas oferendas devocionais [pūja]. O meu trabalho era informar rapidamente ao vilarejo sobre quantos monges tinham chegado e certificar-me de que havia comida suficiente para oferecer a todos.

Assumi conscienciosamente estas funções durante seis anos. Os meus pais deram-me todo apoio e estímulo, encorajando-me em meus serviços aos monges. O cumprimento destes deveres fez com que os meus pais me demonstrassem

² Os textos budistas eram tradicionalmente registrados nestes caracteres que são de raiz Indo-cambojana. Ver Apêndice B.

³ Diferente do dialeto “Isan” local.

ainda mais amor e afeto. No entanto, quando eu era preguiçoso ou me atrasava, eles sempre faziam questão de me repreender. Não eram apenas os meus pais que consideravam que eu estava servindo com sucesso aos monges, pois todos os aldeões pareciam ter um carinho e simpatia especiais comigo. Isto era evidente sempre que surgiam assuntos que afetavam os monges ou o mosteiro, pois eles então sempre me procuravam.

Nessa época, comecei a pensar com crescente interesse sobre o bem e o mal, sobre as ações virtuosas e danosas. Sempre que surgiam dúvidas ou questões, certificava-me de levá-las ao meu pai. Conseqüentemente, ele começou a interessar-se mais por mim. À noite, em seu tempo livre, ele gostava de me explicar algumas coisas — sobre os caminhos do mundo e sobre o Dhamma. Ainda me lembro de algumas das instruções dele. Ele me ensinou: "tendo nascido filho homem, não permaneça filho de família sepultada no mesmo cemitério." Isso significa que um filho deve sair e buscar experiência e conhecimento longe de seu vilarejo natal. Todos vão morrer, mas não se deve acomodar-se e morrer no local de nascimento. Esse conselho realmente tinha apelo para mim, porque meu caráter já se inclinava nessa direção.

Perguntei a ele: "Se duas pessoas fazem mérito através de boas ações e generosidade, e uma delas é ordenada como monge enquanto a outra não, qual delas obtém o maior mérito?" Ele respondeu que, "se um monge faz esse tanto de mérito", e exibiu seu polegar, "ele vai receber esse tanto como resultado" — levantando dois punhos com ênfase. "Enquanto que", continuou ele, "a pessoa não-ordenada pode fazer esse tanto — dois punhos — de mérito, mas só receberá um polegar de resultado."

Embora eu provavelmente não entendesse plenamente a explicação dele, ainda me sentia totalmente satisfeito depois de ouvir e ver tudo. Pode ter sido assim porque meu caráter já era naturalmente inclinado para a vida monástica. Ainda me lembro de uma ocasião nos meus primeiros dias no mosteiro, quando fui com o meu irmão mais velho visitar outro mosteiro. Havia lá um noviço cuja conduta e comportamento eram exemplares. Ele causou-me uma impressão tão forte, tão inspiradora e admirável, que senti uma simpatia especial por ele. Vi-me seguindo todos os seus movimentos, quer ele estivesse andando, sentado ou a cumprir os seus diversos deveres. Quanto mais o observava, mais se fortalecia a minha fé e meus sentimentos. Ao regressar ao nosso mosteiro, não conseguia tirar a imagem

dele da minha cabeça. Só me ocorria uma coisa: “Ah, quando poderei me ordenar e me tornar um noviço como ele?” Esta era a minha preocupação contínua.

História de vida dos meus pais

A essa altura, há algo que sinto devo relatar. Diz respeito à história de vida dos meus pais. Isto é algo muito especial para mim porque me lembro do seu amor e sua bondade para comigo com imensa gratidão. Especialmente no que diz respeito ao tempo que eles dispenderam me ensinando sobre várias coisas — especialmente sobre moralidade e valores religiosos. Parecia que eles tinham um amor e consideração especiais por mim. Também costumavam me contar sobre seus dias de juventude com algum detalhe, tanto que ouvir sobre suas provações e tribulações me despertava tristeza e um sentimento de grande piedade e compaixão por ambos.

Como já mencionei antes, meu pai e minha mãe eram migrantes e órfãos de pai. O meu pai era originário das terras altas do distrito de Sai, na província de Loei. Ele migrou de lá para escapar das privações de sua existência precária, descendo para as planícies mais férteis. Disseram-lhe que a região em torno da cidade de Nongkhai era fértil e tinha abundância de arroz e demais alimentos. Isso contrastava com sua região natal onde, apesar de sua ocupação ser o cultivo de arroz, pareciam nunca ser capazes de produzir o suficiente para comer. O terreno lá era, na maior parte, montanhoso e com pouca terra disponível para campos de arroz convencionais, de modo que era necessário plantar campos suplementares nas encostas de montanha. Isto exigia o cultivo de grandes áreas para produzir arroz suficiente.

O meu pai me disse que, como o seu pai já estava morto, a responsabilidade de prover aos seus quatro irmãos e irmãs, juntamente com a sua mãe, tinha caído sobre ele. Seus campos estendiam-se até onde os olhos podiam ver. Quando interrompiam seu trabalho para fazer uma refeição, eles nem se importavam em se abrigar do sol, comiam expostos sob o céu aberto. Era assim porque meu pai se preocupava com a possibilidade de que seus irmãos e irmãs mais novos, depois de comer, ficassem preguiçosos e quisessem descansar em vez de continuar com o trabalho. Apesar de todo esse esforço, em anos de chuvas insuficientes ainda não havia o suficiente para comer. Algumas famílias não tinham arroz e eram

obrigadas a consumir frutas ma-gó⁴ como um substituto. E isso teria que ser suficiente para subsistirem por meses.

Assim, ele caminhou até as terras baixas com seus quatro irmãos e irmãs mais novos e sua mãe. Havia a irmã Bunmah, os irmãos Kanra e Chiang-In, e a irmã Dténg-ón. O grupo expandiu-se quando mais parentes e outras pessoas também decidiram partir. A sua migração envolveu a travessia de várias cadeias de montanhas — as montanhas Fah e Luang, por exemplo — e áreas densas de selva. As pessoas que possuíam elefantes ou animais de carga podiam mais facilmente transportar seus pertences, e por isso tinham uma vantagem sobre aqueles que eram obrigados a carregar tudo sobre ombros, sua própria força servindo como veículo.

Demorou mais de uma semana para chegarem ao vilarejo de Nah Ngiau. Na chegada, estabeleceram um acampamento temporário à beira de um grande lago, Nong Pla ou Lago dos Peixes, em Nong Dtao. Mais tarde, mudaram-se e montaram um assentamento permanente na vila de Nah Ngiau, que permanece até hoje.

Pelo lado de minha mãe, a família era da tribo Lao Puan. Eles foram forçados a sair do Laos pelo exército tailandês no reinado do Rei Rama III e foram libertados na região de Uttaradit. Posteriormente se estabeleceram no (atual subdistrito de) Muang Fahng, distrito de Lap Lé, Uttaradit. A minha mãe me contou que a mãe dela narrou os acontecimentos da migração da cidade de Chiang Kuhng para ela. A minha avó ainda era muito nova para andar, por isso os adultos colocaram-na numa cesta de bambu trançado que depois penduraram numa extremidade de uma vara de bambu, equilibrada por seus demais pertences na outra ponta. Desta forma, cortaram uma trilha penetrando a densa floresta, ladeando córregos e atravessando cadeias montanhosas até chegarem a Muang Fahng. Quando minha avó cresceu, se casou e teve dois filhos, e estes eram a minha mãe e o seu irmão mais novo.

Depois seu marido morreu e minha avó ficou sozinha com os dois filhos. Naquela época, as regiões vizinhas estavam infestadas de bandidos e ladrões. As

⁴ Um fruto de floresta abundante no nordeste da Tailândia, que por vezes era comido quando não havia arroz.

autoridades pareciam impotentes e incapazes de lidar com eles. Sob tais condições, mesmo pessoas normalmente honestas eram corrompidas e se tornavam criminosas. Um exemplo assim foi um homem chamado Chiang Tóng. Antes membro de um grupo de migrantes, juntou-se aos bandidos e constantemente deixava sua casa para cometer crimes. Por fim, teve que fugir da ameaça de prisão escondendo-se nos arredores de Glahng Yai, no distrito de Bahn Peur. Enquanto lá, testemunhou a boa-natureza dos habitantes locais e vivenciou seus modos pacíficos, com sua vida abundante e próspera. Decidiu voltar para Muang Fahng e, relatando esses fatos, tentar convencer seus parentes e amigos a irem para Glahng Yai.

A minha mãe me contou que dezenas de pessoas decidiram juntar-se ao grupo que seguia para lá. Eles viajaram a pé através de Phetchabun, seguindo para a província de Loei e parando para descansar no mosteiro de Huay Pót. Foi lá que as pessoas contraíram varíola e muitos morreram. Os habitantes de Huay Pót mostraram tanta boa vontade e bondade ajudando os necessitados naquele momento, que vários do grupo decidiram ficar e se instalar ali mesmo.

Aqueles que permaneceram no grupo de Chiang Tóng perseveraram na descida e, então, chegaram ao vilarejo de Glahng Yai. A minha avó com o seu irmão mais novo e os seus dois filhos — os quais eram a minha mãe e o seu irmão mais novo, meu tio — continuaram a depender dos amigos adultos do grupo.

Quando chega a hora de experienciar o sofrimento, coisas peculiares podem ocorrer.

Aconteceu que o irmão mais novo da minha avó conheceu um grupo de comerciantes birmaneses viajantes e abruptamente decidiu seguir com eles. Nunca houve qualquer discussão ou desacordo entre eles ao longo da longa viagem, ele simplesmente saiu e nunca mais foi visto.

Na chegada ao vilarejo de Glahng Yai, alguns se separaram do grupo principal e foram se instalar no vilarejo de Nah Bong Pu Pet, no distrito de Pon-pisai. Um dos tios da minha mãe, pelo lado paterno, partiu com este grupo, deixando minha avó e os seus dois filhos, órfãos de pai, a depender dos seus companheiros mais velhos.

Depois, quando a minha mãe cresceu, conheceu o meu pai e se apaixonou. Eles se casaram e se estabeleceram vivendo juntos na vila de Nah Sidah, geraram dez filhos — como já foi mencionado anteriormente.

Minha avó, mais tarde, se casou novamente, e com o mesmo Chiang Tóng que tinha sido o líder naquela viagem. Eles viveram seus últimos anos juntos até que o infortúnio aconteceu: um galho de árvore caiu sobre a cabeça da minha avó e a feriu mortalmente. Chiang Tóng carregava a culpa de muitos atos maus e a retribuição cármica logo o alcançou. Depois da morte da minha avó, ele casou-se com uma mulher do mesmo grupo de migrantes, mas desta vez sua nova mulher cometeu suicídio se enforcando. Ele percebeu que tinha muito carma ruim e, então, decidiu entrar para um mosteiro.

Chiang Tong usou os mantos brancos e manteve os oito preceitos⁵ de um anagārika. Viveu até idade avançada, alcançando quase cem anos. No entanto, não ficou no mosteiro, preferindo viver com seus netos em sua casa no vilarejo. Mas quando ele recitava suas devoções diárias para o Buda, o Dhamma e a Sangha, seus netos se irritavam e se perturbavam e então o repreendiam. Ele era muito velho e não tinha para onde ir, também estava ficando senil, esquecia coisas tais como se havia comido ou não. Seus netos tornaram-se cada vez mais contrariados, xingavam-no e abusavam dele. Não passava um dia sem que eles dissessem que o desejavam morto. Ele devolvia o abuso e os amaldiçoava de inúmeras formas, dizendo esperar que se tornassem como ele.

Era uma situação lamentável. As pessoas que fazem o mal vão descobrir que as consequências podem alcançá-las antes que morram. Viver entre pessoas ruins — aqueles que não possuem princípios, carentes de virtude e moralidade — tende a ser contagioso, de modo que corrompe a maioria daqueles que assim convivem.

Este nosso sofrimento não tem limites. Largamos uma coisa e agarramo-nos a outra. Segue continuamente desta maneira ao longo de nossas vidas. É por isso que o sábio fica cansado e averso ao sofrimento inerente neste mundo, e procura um caminho para transcendê-lo.

⁵ Ver Apêndice A

Depois que sua mãe faleceu, minha mãe pôde se manter com o apoio de seu marido e filhos, pois seu sustento era agora suficiente para sobreviver. Embora talvez tivessem apenas seis bahts⁶ em mãos, não ficavam muito preocupados. Arroz e outros alimentos eram abundantes e dinheiro não era tão necessário naquela época. Só a plantação de arroz produzia o suficiente para durar o ano todo, e se cultivassem uma área demasiado grande, resultava em não haver lugar — nenhum espaço no celeiro — para armazenar o grão extra. Mesmo o cultivo de uma área modesta produzia um grande excedente de arroz.

Depois de um tempo, seu terceiro filho morreu. Meu pai tinha um amor particular por este filho e ficou tão perturbado com a perda que quase enlouqueceu. A criança era tão adorável e inteligente, tão loquaz e articulada, tão fácil de ensinar. Ele era obediente, amava seus pais e sempre dava ouvido às instruções deles. Embora lhe restassem seis filhos, além de sua esposa, pareceu ao meu pai que ele havia perdido tudo. Ele só conseguia enxergar aquela criança morta e solitária enquanto o seu desespero envolvia todo o resto na escuridão. Com o tempo, as negras nuvens de tristeza gradualmente se dissiparam e a luz do Dhamma — como se encontra nos ensinamentos budistas — começaram a iluminar o seu coração, permitindo-lhe vislumbrar a saída. Ele pensou que, se pudesse se distanciar de todas as preocupações tornando-se um monge, poderia aliviar um pouco sua dor. Uma consideração era que ele poderia compartilhar o mérito obtido pela ordenação com seu filho morto e que isso certamente permitiria que esse filho tomasse o renascimento em um reino feliz (sugati). Meu pai, conseqüentemente, obteve a permissão de sua esposa e filhos para ser ordenado e permaneceu monge por dois anos.

Esta ordenação como monge na religião budista não termina instantaneamente com qualquer angústia que a pessoa possa estar sentindo. Tal sofrimento surge graças a impurezas internas e viemos acumulando tais impurezas mundanas desde o nosso nascimento. E isto é algo que tem acontecido por inúmeras vidas e nascimentos. Por isso, nem tentem revelar e contar cada uma dessas impurezas. Alguém carente de sabedoria não pode desenterrar essas camadas de impurezas — estabelecidas e acumuladas já para além do mensurável — e espalhá-las para observar. Por essa razão, não se pode realizar a sua eliminação final. (No entanto,

⁶ Moeda tailandesa.

a ordenação ainda é útil na medida em que permite, ao menos, começar a ver algo do caminho a seguir.)

À medida que as nuvens de sua tristeza gradualmente se dissipavam, meu pai percebia que sentia saudades dos seus seis filhos inocentes e de sua esposa abandonada. Eles estavam sem pai, sem amigos ou parentes e isso o motivou a deixar a vida monástica e tornar-se um chefe de família novamente⁷. Esta foi uma boa sorte para aqueles de nós que ainda estavam por nascer. Minha jovem irmã e eu nascemos em seguida na casa de meus pais, nascidos de pessoas que tinham fundamentado suas vidas em bondade (isto é, eles eram repletos do refinamento e graça da moralidade e da virtude). Orgulho-me em dizer que este lugar de nascimento é favorável se comparado a qualquer outro neste mundo porque, desde o nascimento, sempre estive em contato com a virtude e com o Dhamma. Tive a oportunidade de crescer e amadurecer sob a sombra refrescante do manto ocre budista, mesmo hoje.

A coisa da qual mais me alegro é que, embora eu não apoiasse meus pais da maneira usual, eu ainda podia sustentar e promover sua boa vontade e amabilidade. Isso foi conseguido por eu ter seguido a vida monástica e por ter sido capaz de ajudar a treinar seus corações progressivamente, até os últimos dias de suas vidas. Meus pais pareciam muito satisfeitos com o caminho que tomei na vida e não estavam desapontados por terem me criado. Isso foi porque eu tinha cumprido as obrigações de um filho. Ou seja, dei-lhes ensinamentos e instruções sobre a prática da moralidade e da virtude, o que permitiu que aquilo já sabido por eles se desenvolvesse progressivamente cada vez mais. Sou especialmente feliz por ter podido ajudar meu pai com conselhos e sugestões sobre sua prática de meditação até seu último dia. Ele se deleitava e estava mais que disposto a receber meus métodos de treinamento e colocá-los em prática, até que foi capaz de ver claramente os resultados em seu próprio coração. Consequentemente, pôde exclamar que ao longo de todos os seus setenta e cinco anos, nunca tinha conhecido tal paz e felicidade.

Dá-me imensa alegria ter ensinado à minha mãe até seu último dia. Quando ela deu seu último suspiro, eu estava presente cuidando dela, ajudando-a a se

⁷ Monges budistas não fazem votos vitalícios, e podem deixar a vida monástica a qualquer momento que assim decidirem.

lembrar do Dhamma. Ela estava consciente e com boa vontade levou o meu conselho ao coração, então, em seus últimos momentos, seu rosto tornou-se brilhante e radiante. Há uma estrofe do Buda — se bem me lembro — onde ele descreve como um filho de boa família, com a intenção de retribuir a bondade e virtude de seu pai e sua mãe, deve agir:

"Ainda que atendesse a todas as necessidades deles da melhor maneira possível, em um grau difícil de encontrar no mundo; mesmo que lhes ofertasse o tesouro de um monarca mundial (cakravartin), isso ainda seria pouco. Ainda não poderia ser considerado uma plena recompensa pela bondade e excelência de seus pais. Isso porque todas essas coisas só podem gerar prazer e felicidade durante uma única vida. Uma vez mortos, não podem levar tais coisas consigo. No entanto, se o filho de boa família instrui seu pai e sua mãe que são deficitários em moralidade e virtude a se estabelecerem nestas saudáveis e belas qualidades; ou caso isso já estando neles estabelecido, ele os incentiva e apoia para que haja o seu desenvolvimento, então tal filho pode ser considerado um que, verdadeiramente, quitou sua dívida."

O valor do Nobre Tesouro é inestimável e pode acompanhar o indivíduo onde quer que ele ou ela vá. Portanto, afirmar que eu consegui praticar seguindo todas as instruções do Buda não é incorreto. É a completa realização das obrigações, mesmo que um contrato apropriado e formal possa nunca ter sido estabelecido.

Um sonho auspicioso e uma percepção da verdade na minha juventude

Naquela altura da minha vida, talvez porque eu entrasse na adolescência ou por outra razão — não sei — meu pai mostrou um interesse especial em mim. Após o jantar, por volta das sete horas, ele tendia a abordar algum assunto e ilustrá-lo com exemplos. Regularmente me ensinava deste modo, não importando se se tratava de assuntos espirituais ou mundanos.

Às vezes me questionava ou pedia a minha opinião. Por exemplo, ele perguntava: "Você gosta de meninas? E quando se casar, com que tipo de moça será?". E assim era. Ainda me lembro da minha resposta: "Eu gosto de meninas com pele lisa e clara, sem manchas, cortesias e com boas maneiras, em pensamento, fala e comportamento. O passado familiar dela não será problema. No entanto, se vier de uma boa e respeitável família, tanto melhor".

Uma noite, enquanto dormia, tive um sonho premonitório:

Lá estava eu com um grande grupo de amigos, saindo de casa para brincar nos campos. Era um comportamento infantil típico nosso, naquela época. Aí então, dois monges da floresta apareceram, caminhando na nossa direção com tigelas de esmola e "glót" sobre seus ombros. Ao me ver, um dos monges se lançou em minha direção e senti tanto medo que fugi para salvar minha vida. No entanto, todos meus amigos ficaram ali sem se preocupar, como se nada de desagradável estivesse acontecendo. As circunstâncias eram tais que tive que usar minha última opção: buscar refúgio na casa dos meus pais. No entanto, não tive sucesso, pois quando eu corri para casa gritando pela ajuda de minha mãe e meu pai, ambos permaneceram impassíveis e despreocupados como se nada de incomum estivesse acontecendo. Entretanto, o monge da floresta não parou de me perseguir e estava nos meus calcanhares. Corri para o quarto e mergulhei sob a rede antimosquitos. O monge entrou em seguida e puxou a rede. Depois, com um chicote, atacou-me com toda força. Eu fiquei aterrorizado e tão assustado que acordei.

Quando recuperei os sentidos descobri que ainda tremia e estava ensopado de suor da cabeça aos pés. O meu coração batia violentamente e onde fui chicoteado ainda pinicava. Eu realmente pensava que tudo fora real e até apalpava com a mão para verificar. Foi tão vívido que pareceu real. Depois me recompus e revi conscientemente o que havia acontecido. Após cuidadosa consideração, minha mente acalmou-se e o medo desapareceu.

Este episódio desvaneceu-se gradualmente da minha memória e permaneceu esquecido por muito tempo. Foi só quando eu estava vagando pela mata, já como monge noviço junto a meu professor de meditação, que relembrei tudo. Esse sonho premonitório do passado distante pareceu realmente apontar eventos futuros e ter sido correto em todos os aspectos.

Por esta época, aconteceu-me outro incidente — mas não foi um sonho ou visão. Eu não conseguia dormir até tarde da noite pois estava ocupado recordando e refletindo sobre a grande amabilidade e bondade de meus pais. Permiti que os meus pensamentos vagueassem e refletissem sobre eles, vendo como eles nos tinham criado e alimentado — dez crianças — com grande sacrifício e árduo trabalho, até atingirmos a maturidade. Logo seus filhos seriam adultos casados e

teriam suas próprias famílias. Todos então se dispersariam, cada um seguindo seu caminho. Cheguei a esse pensamento e me senti compelido a considerar como seria a situação dos meus pais. Quem iria sustentar e cuidar deles? Eu estava ponderando tudo isso de acordo com a sensibilidade de uma criança, sem um pensamento real com respeito ao futuro. Isto me fez sentir muito triste e desanimado, de luto pelo futuro estado de desamparo dos meus pais. Comoveu-me tanto que comecei a chorar e as lágrimas encharcaram meu travesseiro. Fiquei neste estado durante muito tempo e, quanto mais pensava neles, maior era o meu desânimo. Tomei a decisão de que, quando crescesse, não me casaria como todo mundo. Quando todos os outros saíssem de casa, assumiria a responsabilidade de cuidar de minha mãe e do meu pai sozinho, e faria o melhor que pudesse. O meu coração ficou contente e satisfeito depois de chegar a esta resolução e, como já era muito tarde da noite, adormeci.

Todos os dhammas existem aqui, dentro de cada um de nós, e aquilo que conhece o Dhamma é o coração. Se sabe muito ou pouco, se sabe de maneira superficial ou refinada, depende da competência atual, da aptidão e maturidade (*bunparamī*) e do treinamento que cada pessoa recebeu. A resolução que tomei então veio da gratidão e do apreço pela bondade e virtude de meus pais.

Em outra noite aconteceu algo semelhante. Fiquei ali deitado a refletir sobre as condições dos pequenos agricultores dos vilarejos e sua rotina anual de trabalho:

O ciclo anual começa nos meses de março e abril, quando a mata precisa ser limpa para novos campos. A área é queimada, os tocos e raízes que resistem são escavados e cercas são erguidas. Quando as chuvas das monções chegam, as várias culturas têm de ser preparadas e plantadas, de acordo com o que foi planejado. As famílias com poucos ou insuficientes membros têm que decidir como dividir o seu tempo entre as várias tarefas.

Há o arado geral, a semeadura e a preparação das mudas de arroz nas sementeiras. Isso implica trabalhar incansável e continuamente até que as mudas de arroz estejam prontas para o transplante⁸. Há então o replantio de cada muda

⁸ Os campos de arroz são semeados por "semeadura de difusão" e as mudas jovens precisam, portanto, ser separadas e replantadas individualmente em campos maiores preparados. Tudo isto tem de ser feito à mão, com as costas dobradas, enquanto cada muda é inserida no solo do campo inundado.

de arroz nos campos arados e prontos. É claro que estou falando aqui de um ano com chuva boa e adequada. Um ano seco significa tempo e esforço perdidos, mais privação e prejuízo.

A tarefa principal da dona de casa é ter previamente organizado os suprimentos apropriados. Isso incluiria, por exemplo, arroz, pimenta, sal, peixe em conserva e tabaco. Assim, quando todos vão trabalhar nos campos, não há necessidade de se preocuparem com as provisões. Normalmente, com chuvas favoráveis, eles completam o plantio de arroz em agosto ou, às vezes, até setembro. Com isso feito, todos se voltam para acumular comida a ser guardada para uso na época da colheita. Além disso há equipamento de pesca a ser reparado e preparado para uso na próxima estiagem.

Geralmente, assim que os monges chegam ao fim do retiro das chuvas, os aldeões começam a colher o arroz. No entanto, antes disso, eles devem primeiro colher todo o arroz da montanha⁹. Ao longo da época de colheita, ainda há o trabalho adicional de colher as outras culturas e vegetais à medida que amadurecem em seus campos. Pode haver pimenta, algodão e feijões. Nos dias em que a cultura de arroz era abundante, a colheita poderia não estar completamente concluída até antes do final de janeiro. Em seguida, vinha o trabalho de transportar o arroz descascado para os silos, o que podia durar até fevereiro.

Simultaneamente à colheita acontecendo durante o dia, à noite as tiras de bambu¹⁰ para amarrar os feixes de arroz tinham que ser confeccionadas. Com a colheita concluída, tinham que buscar lenha para ferver a cana-de-açúcar e obter o xarope.

Sobre a fervura da cana-de-açúcar:

O processo diário começava no início da tarde, com a ida à plantação de cana. Cana suficiente tinha que ser cortada para ferver na manhã seguinte. A cana

⁹ Arroz plantado em campos de montanha, que é uma cepa diferente da plantada nos campos inundados.

¹⁰ A hábil divisão do bambu e a redução das tiras à rafia. A colheita geralmente começava ao amanhecer, quando a humidade mantém as tiras de bambu flexíveis o suficiente para serem puxadas firmemente em torno da planta do arroz.

cortada era levada dos campos em carroças — se a pessoa possuía uma¹¹ — e empilhada no barracão de fervura. Levantando-se à primeira luz do dia, era preciso espremer o suco da cana e isso seguia até tarde pela manhã. Ajuda inadequada geraria atraso para aqueles que deviam sair e preparar a refeição. Com a cana toda prensada, todos podiam se reunir para uma refeição comunal. Depois disso, todos se separavam e continuavam em seus respectivos deveres, deixando alguém para cuidar do caldeirão de caldo de cana fervente. Alguns agricultores tinham tanta cana de açúcar que não terminavam de processá-la até março. Nessa altura, já era necessário de novo começar a limpar a mata para estabelecer mais campos.

Pois bem. O que foi que, naquela noite, levou-me a analisar tudo isto em tanto detalhe? Todas as diferentes fases de um ano de trabalho de um adulto. O que eu queria? Entristeceu-me tanto sentir empaticamente o tipo de vida em que nascemos, deficitários em oportunidade ou tempo livre. Após o nosso nascimento, parece haver apenas mais e mais coisas a serem feitas. As distinções individuais só surgem devido a deveres díspares e à diferença de posição ou status social. Se ainda não morremos, continuamos assim indefinidamente.

Esta maneira de pensar foi fortemente de encontro às minhas visões juvenis e percepção da realidade. Eu estava embriagado com a ideia de "este mundo é tão divertido". Lembrando que, naquele tempo, as crianças não tinham que ir à escola e nem responsabilidades com que se preocupar. Além de comer, só havia brincar e procurar diversão com meus amigos. Se por vezes tivéssemos que levar o gado ou búfalos para pastar, também conseguíamos tornar isso em diversão.

Naquela noite, percebi claramente todo o sofrimento envolvido em nascer neste mundo como um ser humano. Vi com meus próprios olhos, ali mesmo, no meu coração, sendo que antes nunca tinha lhe dado qualquer consideração. Desta vez, no entanto, minha percepção era apenas sobre ver o sofrimento inerente à luta para encher o estômago, e ver que cada dia não oferecia tempo livre, nenhum descanso no processo. Não conseguia ver o que tinha de fazer para escapar de tanto sofrimento. Essa falta de entendimento mostra que essa não pode ser

¹¹ O carro típico teria duas rodas, com um jugo para um par de búfalos d'água.

considerada a *Nobre Verdade do Sofrimento*¹², porque só se preocupa com a simples e mundana verdade do sofrimento.

¹² Dukkha Sacca. O termo dukkha (sofrimento) não se limita à experiência dolorosa, mas refere-se à natureza insatisfatória e à insegurança geral de todos os fenômenos condicionados que, por causa de sua impermanência, são todos suscetíveis a serem insatisfatórios. Isso demanda grande sabedoria para ser visto em sua verdadeira profundidade. Ver Glossário: Nobres Verdades.

1. Tempos de opressão e seu efeito sobre as pessoas

Foi durante este período que a nossa parte do país ficou infestada de bandidos e ladrões de gado. Estes gângsters tomaram conta de toda a região e até crianças de dez anos e mulheres participavam dos crimes. As autoridades eram impotentes e assim os aldeões tiveram que cuidar de si mesmos. Cada casa tinha uma matilha de cães de guarda e à noite todos tinham de fazer turnos vigiando. Sempre que o gado fosse roubado, o proprietário tinha que ir pagar um resgate absurdamente caro para consegui-lo de volta.

Os mais vingativos saíam atrás dos ladrões e os caçavam como animais selvagens. Então havia um período com um pouco de paz e ordem. As autoridades pareciam aprovar e até encorajar ativamente tal retaliação.

Eu ainda era pequeno, mas também tinha grandes ideias sobre ser famoso. Não queria tornar-me famoso como ladrão ou assaltante, mas sim como o herói que os derrotou, então fixei minha mente em uma só coisa: "O que posso fazer para me tornar invulnerável¹³ a todas as armas?" Poderia então sair e esmagar estas hordas de bandidos, exterminando todos.

Neste momento, eu também estava ajudando a cuidar de um monge muito falador e arrogante — desculpe-me, mas essa é a descrição que ele merece. Seu local de origem era a vila de Muang Kai, que é onde o distrito de Varnon-nivat faz fronteira com Bueng Kahn. Ele deve ter adivinhado meus pensamentos mais íntimos porque em pouco tempo estava sugerindo: "Depois do retiro das chuvas, por que você não volta comigo para meu vilarejo natal? Tenho lá todo o tipo de coisas. Se você quer encantos, ervas arcanas, toda a gama de acessórios que dão invulnerabilidade — tenho todos eles."

Fiquei encantado com isso. Assim que o retiro das chuvas terminou, três jovens mais velhos — o meu irmão mais velho e dois dos seus amigos — e eu como um quarto integrante muito mais jovem, acompanharam este monge de volta ao seu vilarejo natal. Descobrimos, ao chegar ao nosso destino, que o monge nos tinha enganado a escoltá-lo para casa. Nenhum dos aldeões daquela área tinha qualquer respeito por ele, porque já havia se ordenado e desordenado monge

¹³ A crença popular falava de encantos, ervas e tatuagens mágicas que iriam "blindar" a pele contra qualquer arma.

inúmeras vezes. A última notícia que ouvi dele foi que tinha largado o manto mais uma vez, tinha se casado e que ambos, marido e mulher, estavam fumando ópio. Os dois garotos mais velhos que tinham ido conosco ainda imploravam com ele para aprender sobre e obter as várias coisas especiais¹⁴. Mas ele era sempre evasivo, mudava de assunto e procurava desculpas para escapar. Descobrimos a verdade quando falamos com os outros monges naquele mosteiro, pois na verdade ele não tinha nada notável ou raro, sua única capacidade era a de se gabar e contar vantagem.

O nosso grupo ficou com ele cerca de dez dias antes de partir de volta para casa, com todas nossas esperanças frustradas. Todos os dias enquanto estávamos com ele, exortava-nos a sair para encontrar enguias para ele comer¹⁵. Ele adorava enguias, embora não gostasse de nenhum outro tipo de peixe.

Levamos três dias caminhando para casa. Senti-me particularmente humilhado e envergonhado. Ao sair de casa, tinha decidido procurar e aprender o conhecimento oculto da invulnerabilidade para que, no meu regresso, estivesse seguro contra qualquer arma, de qualquer pessoa. Quando cheguei em casa, meus amigos encontraram todas as oportunidades possíveis para gozar de mim e isso fez-me sentir ainda mais humilhado. No entanto, a experiência teve o seu lado positivo, pois fiquei desiludido com tudo isso e perdi a minha crença tola em encantos e poderes mágicos. Daquele dia em diante, até o presente, sempre que alguém vem me falar de suas propriedades maravilhosas, minha mente permanece totalmente indiferente. Quando mais tarde me tornei um noviço, meus amigos tinham tentado me persuadir a ir estudar tais coisas. Eles estavam mesmo dispostos a pagar a habitual "taxa de professor" e patrocinar todo o empreendimento, mas eu não mudava de ideia.

Considero-me particularmente afortunado a este respeito: tinha nascido em uma família de boa conduta moral e comportamento virtuoso; tinha sido ensinado e preparado por ter vivido em um mosteiro com monges que eram verdadeiramente considerados bons. Sempre que as condições externas e arredores coagiam e oprimiam minha mente, obrigando-a a inclinar-se ao que

¹⁴ Ocultismo e coisas mágicas.

¹⁵ Ordenar que outros matem qualquer criatura é uma violação da disciplina monástica e da moral budista básica.

era baixo e sujo, parecia que as coisas nunca ocorriam como meus desejos corruptos queriam. Se tivessem, quem sabe o que teria sido de mim. Talvez se possa dizer que o meu bom kamma e o meu mérito passado me guiaram e protegeram.

Essa longa viagem foi a primeira vez na minha vida que me afastei de casa. Estávamos todos no vilarejo de Muang Kai quando a notícia chegou sobre a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Era tudo o que falavam quando vinham visitar o mosteiro¹⁶. Fiquei tão com tantas saudades de casa que chorei todos os dias. Alguns dias eu não conseguia dormir até tarde da noite por causa da saudade constante dos meus pais.

Quando voltei para casa, retomei a minha prática de servir aos monges no mosteiro, como sempre fiz. No entanto, eu nem sempre dormia no mosteiro e tinha o dever de tesoureiro ou assistente (Veyyavaccakara) para os monges, sendo o intermediário entre eles e os aldeões. Isto funcionava muito bem. Todos os aldeões pareciam apreciar cada vez mais os meus esforços, porque tinha me tornado tão apto e competente neles. Outra consideração no interesse crescente deles por mim pode ter sido que eu também estava entrando na adolescência. Davam-me trabalho para fazer e ao mesmo tempo faziam insinuações humoradas a respeito.

Vinha frequentando regularmente o mosteiro ao longo de um período prolongado de aproximadamente seis anos e tinha me tornado familiarizado com os monges e noviços. No entanto, em nenhuma ocasião, nenhum dos monges me ensinou sobre manter os cinco ou oito preceitos. Estranho como possa parecer, isto é bastante compreensível uma vez que a Sangha, ou comunidade dos monges daquela época, era seriamente deficiente em estudo.

¹⁶ A Tailândia até enviou tropas, no final de 1918, para ajudar os aliados.

2. Encontro com Venerável Ajahn Singh Khintayāgamo

Em 1916, Ajahn Singh Khintayāgamo e Ajahn Kham — discípulos do venerável mestre de meditação, Ajahn Man Bhūridatta Therar¹⁷ — estavam peregrinando em tudong¹⁸. Eles foram os primeiros monges da floresta a passar pelo vilarejo de Nah Sidah. Embora houvesse monges residentes no mosteiro local, eles ainda assim vieram à minha casa e pediram para ficar conosco. Quase me parecia que tinham como objetivo especificamente vir ver a mim e a meu pai. Nós os atendemos com profunda reverência e fé porque vimos que seu modo de prática era diferente de outros grupos de monges de meditação (meu pai havia no passado frequentado Ajahn Sitat).

Em particular, os monges visitantes me ensinaram sobre suas várias obrigações e deveres. Por exemplo, aprendi sobre o que pode ou não ser oferecido a um monge e sobre a prática de meditação usando o mantra 'Buddho' como um objeto de recitação preliminar. Minha mente foi capaz de convergir em samādhi¹⁹ ao ponto de perder todo o desejo de falar com qualquer um. Foi aí que experimentei pela primeira vez o sabor da paz e quietude da meditação. É algo que nunca esqueci. Mais tarde, quando era noviço estudando com muitos outros, sem que ninguém percebesse, saía escondido para a noite fresca e tranquila para meditar sozinho.

Os veneráveis monges ficaram conosco por pouco mais de dois meses. No início, eles também tinham a intenção de passar o retiro das chuvas, mas uma infecção de malária anterior voltou a espalhar-se por lá. Portanto, pouco antes do início

¹⁷ Venerável Ajahn Man (1870-1949), através de seu exemplo impecável e habilidade em ensinar aos outros, foi o principal responsável por revitalizar a tradição da floresta na Tailândia moderna. Ele ensinou e treinou muitos discípulos que se tornaram mestres de meditação por direito próprio. Através da pureza de suas práticas e apontando para a essência dos ensinamentos do Buddha, eles foram capazes de inspirar as pessoas, em toda a Tailândia e mais tarde no exterior, a cultivar o caminho budista. Hoje em dia, ele é considerado o "pai" da atual tradição de meditação do nordeste da Tailândia.

¹⁸ Peregrinando pela floresta em busca de reclusão. Ver Glossário.

¹⁹ Concentração. Ver Glossário.

do retiro, eles partiram para ficar em um mosteiro abandonado na vila de Nah Bong, em Tah Bó, e pude ir com eles.

Os monges ficaram doentes com malária durante os três meses do retiro das chuvas. Apesar da doença, Ajahn Singh ainda gentilmente usava um pouco de seu tempo livre para me ensinar a ler e escrever, com treinamento ocasional em assuntos religiosos. No final do retiro, algo surgiu em sua mente — não sei bem o quê — pois ele disse que depois do retiro teria que voltar para seu vilarejo natal e perguntou se eu iria com ele. "A viagem será longa e dura", acrescentou. Minha resposta foi imediata: "Venerável senhor, irei com você".

Alguns dias antes do fim do retiro das chuvas, pedi-lhe permissão para ir para casa despedir-me dos meus pais. Ambos os monges pareciam satisfeitos com a ideia de que eu iria com eles e rapidamente organizaram algumas flores, incenso e velas para eu ir oferecer aos meus pais. Esta é a maneira tradicional de pedir perdão e bênção. (Eles me deram excelentes ensinamentos sobre este costume. Na verdade, mesmo na primeira vez em que tinha "fugido" de casa, também havia seguido esta prática.)

Naquela noite, depois de buscar o perdão e a bênção de meus pais, segui em frente e pedi o mesmo de todos os anciãos da família, e das pessoas mais velhas do vilarejo. Todos que eu visitava choravam de tristeza, como se eu fosse para a minha morte. Fiquei um pouco sentimental e não conseguia conter minhas próprias lágrimas. Ao nascer do dia, minha mãe e tia partiram comigo para onde o Venerável Ajahn estava hospedado, e passamos lá a noite. Foi dia de Pavaraná, o último dia do retiro das chuvas, e na manhã seguinte, após a refeição, o Venerável Ajahn nos levou em nossa viagem. Mais uma vez, minha tia e os aldeões reuniram-se lá e derramaram algumas lágrimas juntos.

3. Deixei o lar pela segunda vez, seguindo Ajahn Singh

Foi talvez inédito um rapaz daquela região, da minha idade, aventurar-se fora de casa numa viagem tão longa. Também significava estar afastado dos meus parentes e amigos, que teriam oferecido conforto e carinho. Não só isso, parece que posso muito bem ter sido o primeiro rapaz a aventurar-se — sem quaisquer preocupações ou arrependimentos — seguindo monges meditadores da floresta. Partimos caminhando de Tah Bó através da água e lama, seguindo em frente constantemente através da floresta e passando pelos campos de arroz. Sempre que um dos monges ficava febril com malária, subia para descansar num abrigo no campo²⁰ ou debaixo de uma árvore com sombra e seca, fora da lama. Ao nascer do sol, mesmo doentes, os veneráveis monges ainda faziam o esforço de sair em mendicância e assim eram capazes de me alimentar também.

Caminhamos por três dias antes de chegar à cidade provincial de Udon Thani, ficando em Wat²¹ Majjhimavat por dez noites antes de partir novamente em nossa viagem. Tomamos a estrada para a província de Khon Kén e passamos pelas agora províncias Mahasarakam, Roi-et e Yasoton. Esta nossa viagem — nós dois mais o Venerável Ajahn — levou pouco mais de um mês para chegar ao vilarejo de Nong Kón, em Amnat Charoen. Esta era o vilarejo onde vivia a mãe do Venerável Ajahn. Ele ficou lá por cerca de três meses para que pudesse ensiná-la e ajudá-la em assuntos espirituais.

²⁰ Cabanas usadas pelos aldeões quando trabalham em seus campos, geralmente apenas uma estrutura muito simples de bambu e sapé, levantada sobre postes.

²¹ “Wat” é um mosteiro ou templo budista.

4. Recebendo ordenação como noviço (estudos adicionais)

Enquanto estava em Nong Kón, Ajahn Singh enviou-me para pedir ordenação como noviço²² ao Venerável Upajjhāya Lui do mosteiro em Keng Yai, que atuaria como meu preceptor. Estava prestes a entrar no meu décimo oitavo ano de vida.

Nessa época, estava me tornando um pouco mais proficiente em minha leitura e estava estudando o *Trai-lokavithan*²³. Este livro descreve a futura degeneração e destruição do mundo num *sathantara kappa*²⁴. Ler aquilo comoveu-me profundamente e os meus olhos ficaram cheios de lágrimas por muitos dias. Na hora da refeição, não tinha apetite porque meu coração estava perdido em pensamentos sobre a degeneração que se aproximava e da calamidade que aguardava os seres humanos e todas as criaturas. Era como se tudo isto se desenrolasse diante dos meus olhos em apenas alguns dias.

O venerável Ajahn Singh levou-me para ficar em Wat Sutat-narahm, na cidade de Ubon. Era um mosteiro onde ele mesmo uma vez viveu. Eu entrei na escola do mosteiro em Wat Sitóng para continuar com meus estudos da língua tailandesa. Tendo me instalado lá, e com o retiro das chuvas encerrado, Ajahn Singh voltou para suas peregrinações pela floresta. Ele retornou através da província de Sakhon Nakon, porque um grupo de monges liderados pelo Venerável Ajahn Man estava vagando naquela região. Na noite anterior a Ajahn Singh partir, convocou uma reunião de monges e noviços e nos informou de suas intenções. Ao ouvir esta notícia, senti uma enorme relutância em me separar dele, a ponto de começar a chorar — bem ali no meio daquela grande reunião. Sentindo-me desconfortável e envergonhado na frente dos meus amigos, bati em retirada apressada e corri para fora para restabelecer alguma presença mental e tentar me controlar. Lembrei-me da ocasião no tempo do Buda, quando o Venerável Ananda chorou ao saber que o Buda estava prestes a morrer. Refletir sobre isso aliviou um pouco

²² Lit: o "ir adiante", Pabbajā (pāli); ordenação como sāmaṇera (noviço). A ordenação como bhikkhu (monge) requer uma idade mínima de 20 anos.

²³ "Traibhumi" ou Três Mundos, uma cosmogonia e comentários.

²⁴ Era de violência e destruição

a dor do meu coração e consegui voltar para a reunião. Durante minha ausência, o Venerável Ajahn tinha ensinado sobre vários temas.

Ao mesmo tempo em que aprendia tailandês, eu tinha que alocar tempo para memorizar cânticos em pāli e estudar o Curso Geral de Dhamma²⁵, estava muito consciente de que apesar de ser muito mais velho do que os outros estudantes, acompanhá-los seria difícil. Estava cursando o terceiro grau, mas não pude participar do exame final porque o monge chefe eclesiástico daquela região (Chao Kana Monton) tinha estabelecido uma regra de que era necessário ter mais que vinte anos de idade para fazer o teste. Por isso, só no meu terceiro ano lá pude fazer o exame, e consegui passar.

Minha memorização dos textos em pāli continuou e estava aprendendo de cor o Pāṭimokkha²⁶. Me apliquei a isso por ter consideração e admiração pela disciplina monástica. Meus estudos de língua tailandesa só se estenderam até a conclusão do ensino primário (porque as escolas do governo naquela época só ensinavam três graduações elementares).

Ao deixar a escola de língua tailandesa, voltei toda minha atenção para o estudo do pāli. No entanto, naquele ano de estudos, aconteceu que Ajahn Mahā Pin Pañābalo — que era o irmão mais novo de Ajahn Singh, voltou de Bangkok. Ele começou a ministrar um curso de Nak Dhamm' Toh (segundo grau) que foi o primeiro de seu tipo na região administrativa do Nordeste. Por conseguinte, inscrevi-me também nesse curso, mas nunca consegui terminá-lo, nem mesmo o pāli, porque Ajahn Singh voltou para passar o retiro das chuvas em Wat Sutat-narahm. Depois do retiro das chuvas — e antes que eu pudesse fazer meus exames — ele levou a mim e Ajahn Mahā Pin em tudong.

²⁵ Nak Dhamm. Tem três graus: grau três (Nak Dhamm Dtree), grau dois (Nak Dhamm Toh), e o primeiro grau (Nak Dhamm Aek).

²⁶ Ver glossário.

5. Um noviço torna-se milionário do governo

Foi o noviço Thet que se tornou milionário. Aqui me refiro à ocasião em que o governo teve a ideia de criar um novo "milionário" por ano na Tailândia. Eles então inventaram uma loteria anual, com um primeiro prêmio de 700.000 bahts. Naquela época, isso era considerado uma fortuna grande o suficiente para ser um milionário na Tailândia. Foi tudo feito para que nós, tailandeses, não nos sentíssemos humilhados perante os demais países mais ricos.

Certa noite aconteceu que o noviço Thet não conseguia dormir porque tinha acabado de ganhar o primeiro prêmio da loteria. Era hora de começar a encontrar o local para construir um grande prédio de três andares. Esse edifício seria mobilado com os estilos mais modernos e estaria no centro do distrito comercial. Os empregados e assistentes encheriam as prateleiras com todo o tipo de mercadoria imaginável. Ele estaria tranquilo de corpo e mente, sem uma preocupação no mundo e passaria seu tempo deitado num sofá, flertando com as jovens mulheres atraentes que viriam fazer compras. Quem olhasse em sua direção e sorrisse, receberia um feliz sorriso de volta. Ao longo de sua vida de dezoito, dezenove anos, ele nunca conhecera maior felicidade.

Na verdade, ele alcançou o posto de milionário — exatamente como o governo desejava. No entanto, num piscar de olhos, com todas as coisas ainda frescas e novas, anicã, a impermanência, se intromete. Ah, a impermanência! Tudo abruptamente se quebra e desaparece do seu coração e isso é algo que lhe dá muito pesar.

O noviço Thet recuperou o juízo e percebeu que já era tarde da noite: “Já deve ser hora de dormir — ei, o que é isso? Não só a loteria ainda não foi sorteada, mas eu sequer comprei um bilhete! Como posso já ter me tornado milionário? Devo estar ficando louco!” Naquela noite, sentiu um grau indescritível de mortificação e vergonha. Se alguma pessoa sábia ficasse sabendo dessas fantasias, o que diria? Ele finalmente adormeceu e acordou de madrugada com sentimentos de culpa pela noite anterior e nunca contou a ninguém sobre o evento.

Qualquer um pode tornar-se este tipo de "milionário" — não apenas o noviço Thet. Descrevi-o como um milionário apenas no sentido de que, aos olhos da sua mente, ele poderia imaginar a posse de uma abundância de propriedade e riqueza. Ainda assim, pelo menos ele estava satisfeito com a quantidade que sua

imaginação produziu. Muito melhor do que aquelas pessoas que já possuem riqueza material, mas fantasiam em conseguir ainda mais. Elas estão para sempre insatisfeitas com o que têm e, assim, estão sempre descontentes e perturbadas. Qual é o benefício de toda essa riqueza para essas pessoas? Ricas ou pobres, a verdadeira questão reside em saber se somos felizes ou não. Certamente não é verdade que quanto mais se possui, melhor é. O Buda ensinou que contentamento com o que realmente se tem é um recurso e riqueza de grande valor.

Eu me ordenei monge por minha fé no ensino do Buda — o Dhamma e o Vinaya. Então segui com sinceridade o caminho da prática, vendo claramente a verdade que ele havia indicado.

O Buda uma vez apontou um saco de dinheiro para o Venerável Ananda e explicou que era algo venenoso. Ele acrescentou que não era apenas venenoso para monges e monjas que se envolvem com ele, mas também para leigos que não sabem como lidar com aquilo corretamente. Para os leigos, no entanto, é uma necessidade, algo que tem de ser usado, pois sua condição e modo de vida é muito diferente dos monges e monjas. Levando isto mais longe, qualquer pessoa que possua grande riqueza, mas seja incapaz de lidar com ela corretamente, está na mesma posição de alguém segurando um galho em chamas. O fogo arderá inevitavelmente desde a ponta inflamada até queimar a mão que o segura.

Eu fui noviço por cinco anos antes de me tornar monge. Ter passado tanto tempo prévio em um mosteiro me deu uma vantagem considerável sobre os demais monges recém-ordenados. Eu era um veterano, por assim dizer, e sabia muito bem como o mosteiro funcionava. Deu-me uma vantagem sobre aqueles que receberam a ordenação de bhikkhu junto comigo. Por exemplo, eu já conhecia os cânticos e podia recitar o Pāṭimokkha.

6. Ordenação em Wat Sutat-narahm

Em 16 de Maio de 1923, às 11:48, tomei ordenação como monge na sîma²⁷ de Wat Sutat. Aproximava-me dos 22 anos de idade. Meu preceptor²⁸ foi o Venerável Phra Maharat, com o Venerável Mahā Pin Pañābalo atuando como monge anunciante²⁹.

Este foi o ano em que o meu professor, o Venerável Ajahn Singh Khantayāgamo, liderou um grupo de seis — quatro monges e dois noviços — no retiro das chuvas em Wat Sutat. Foi a primeira vez que uma comunidade de monges meditadores da floresta permaneceu o retiro das chuvas na cidade de Ubon.

O venerável Ajahn Singh voltou para passar o retiro das chuvas em Ubon porque soube que seu irmão mais novo, o Venerável Mahā Pin, tinha chegado de Bangkok. O plano de Ajahn Singh era levar o irmão a peregrinar na selva para meditar. Antes de Ajahn Mahā Pin ter ido a Bangkok, prometeu a Ajahn Man que iria estudar primeiro e, em seguida, voltar para tomar o caminho da prática. Ajahn Singh estava muito feliz em saber que seu irmão mais novo havia voltado e, assim, veio passar o retiro das chuvas em Wat Sutat-narahm.

Depois do fim do retiro das chuvas e da Kathina³⁰, Ajahn Singh levou um grande grupo viajando em tudong. Aqueles de nós novos em tudong, além de Ajahn Mahā Pin e eu, eram Ven. Kam Phuai, Ven. Tón e dois noviços. Éramos doze ao todo.

(Ajahn Mahā Pin Pañābalo tinha completado seus estudos de quinto grau em pāli. Ele pode, portanto, ser considerado o primeiro monge escolástico do nível Mahā³¹ na Tailândia naquela época, a partir em tudong. A maioria dos monges acadêmicos considerava a peregrinação em tudong uma coisa vergonhosa de se

²⁷ Ver Glossário

²⁸ Upajjhāya: O monge chefe que preside a cerimônia de ordenação.

²⁹ Kammavācāriya: Outro monge sênior que recomenda a aceitação do candidato à ordenação na comunidade de monges.

³⁰ O mês, imediatamente após o retiro das chuvas, quando é realizada a oferenda e costura de mantos.

³¹ O currículo formal de pāli na Tailândia possui nove graduações. Ao passar no quinto grau, é concedido o título Mahā antes do nome.

fazer³². Foi por Ajahn Singh ser nosso líder que me foi permitido ir em tudong, porque, com minha ausência, meu preceptor seria obrigado a recitar o Patimokkha ele mesmo.)

³² Naquela época, tudong era incomum, e alguns viam como uma vagabundagem indisciplinada. Os pais de um monge podiam mesmo ficar chocados e envergonhados ao descobrir que seu filho tinha saído em tudong.

7. Primeiro contato com o anseio

Eu tinha vivido em Wat Sutat, em Ubon, separado da minha família e amigos próximos por um total de seis anos. Enquanto vivia lá, várias pessoas deixaram os seus filhos e netos sob os meus cuidados. Quatro meninos viveram comigo como meus "discípulos"³³, dos quais dois foram ordenados como noviços. Estavam comigo desde os meus próprios dias como noviço até à minha ordenação como monge. Tínhamos desenvolvido uma relação pai-filho e quando chegou a hora de nos separarmos, todos começaram a chorar a pensar o quanto iam sentir minha falta. Eu também fui quase incapaz de conter minhas lágrimas. No entanto, sendo o professor deles, teria sido ruim se eu chorasse na frente deles, por isso, rangi os dentes e suprimi a minha tristeza, não deixando que os meus verdadeiros sentimentos se manifestassem. Mesmo assim, notei minha voz rouca de emoção.

Naquela hora, esses sentimentos não pareceram muito poderosos, mas mais tarde, depois que partimos, eles infiltraram-se e fizeram-me sentir apagado e inquieto, surpreendentemente, por muito tempo. Se estava andando, de pé, sentado ou deitado, mesmo falando ou comendo, meu coração estava preocupado em pesar e tristeza, ansiando por meus "discípulos". Como vão ficar? O que vão comer? Terão o suficiente para comer ou terão de passar fome? Quem vai ensiná-los? Ou talvez alguém venha agredi-los e intimidá-los? Esta foi a primeira vez na minha vida que eu experimentei tal depressão.

Por isso, tive que pensar e refletir sobre a minha situação: "Estes rapazes não são meus filhos nem netos; não são parentes de sangue; só vieram a contar e depender de mim. Guiei-os e instruí-os o melhor que pude. Por que tenho tantas saudades e anseio por eles?" Neste ponto, ponderei como deve ser para as pessoas com esposa e filhos próprios. Ai está! Se estes "discípulos" tivessem sido meus próprios filhos, a minha própria carne e sangue, quão maior teria sido a minha dor. Eu agora percebia o inconveniente e perigo em tal anseio e preocupação, e esta realização permeou por todo meu coração. Este entendimento nunca se perdeu.

³³ Jovens garotos vivem com um monge, ajudando-o com tarefas enquanto recebiam apoio e educação. Isso permitia que garotos pobres de vilarejos sem escolas vivessem nas cidades, e formava uma rota para que chegassem ao ensino superior.

Os seres humanos não são realmente diferentes dos jovens macacos que não podem viver sozinhos, separados de sua mãe. Isto fez-me ficar com um medo avassalador do apego sentimental. Tal anseio e saudade levam ao sofrimento tanto quando estamos juntos, como quando estamos separados. O que podemos fazer para ganhar liberdade?

8. Um grupo de monges tudong deixa Ubon

O nosso grupo de doze — oito monges e quatro noviços — com Ajahn Singh liderando, saiu da cidade de Ubon em novembro. Caminhamos firmemente, nunca permanecendo em nenhum lugar ao longo do caminho por mais de uma única noite, até que chegamos ao vilarejo Hua Dtaphan. Descansamos lá por algum tempo antes de seguir em frente e hospedarmo-nos no vilarejo Hua Ngu, onde preparamos os nossos requisitos³⁴ antes de continuarmos com nossas caminhadas pela floresta.

Nossa caminhada em tudong desta vez não ofereceu muita reclusão e isolamento por causa do grande número em nosso grupo. No entanto, deu um bom sabor da experiência de caminhar e vagarear pelas florestas e selvas. Por exemplo, certa noite, arranjamos os nossos lugares de descanso com glót e mosquiteiros instalados. Depois de termos recitado o nosso puja noturno, uma tempestade se abateu sobre nós com ventos fortes e chuva torrencial. Deitar, ou mesmo sentar, tornou-se impossível à medida que a área começou a inundar. Juntamos rapidamente nosso equipamento e fugimos, pensando em tomar abrigo no mosteiro do vilarejo vizinho. Para piorar, não conseguimos encontrar o caminho certo para o vilarejo³⁵, o que significava que tivemos que circular de um lado para o outro, perto do perímetro do vilarejo, por muitas horas.

Quando chegamos ao mosteiro do vilarejo, descobrimos que já estava ocupado por leigos adormecidos. Estes eram os seis vendedores ambulantes que caminharam conosco durante parte da viagem. Quando anteriormente viram a massa de nuvens de tempestade escura se acumulando no horizonte, anunciaram que ficariam no vilarejo, em vez de dormir fora. Eles agora ajudaram a organizar todos os lugares para dormir que podiam ser encontrados para nós. Com os locais de dormir arranjados, voltamos para escoltar o Ajahn para dentro, junto com os sete ou oito de nossos companheiros que haviam permanecido com ele do lado de fora. Tendo chegado ao mosteiro e arrumado nossas coisas, pudemos nos deitar e tentar dormir um pouco. A cabana estava absolutamente ensopada e não havia esteiras ou almofadas disponíveis porque era um mosteiro abandonado. No

³⁴ Provavelmente significa fazer e reparar mantos, glót, apoio de tigelas, etc.

³⁵ A selva à noite é muito escura, ainda mais durante uma tempestade e sem a possibilidade de acender velas para iluminar.

entanto, nossa exaustão permitiu-nos dormir um pouco, mesmo que tudo estivesse molhado. Ao nascer do dia, saímos em mendicância no vilarejo e não recebemos nada mais do que arroz puro e uma banana cada.

Depois da refeição, continuamos nossa viagem. O Ajahn conduziu-nos através de densas selvas em direção às capitais das províncias de Roi-et e Kalasin. Passamos por Dong Ling e emergimos no distrito de Sahassakan, perto de Kumphavapi, na província de Udon Thani. No entanto, não entramos na cidade principal, mas ficamos a oeste, no vilarejo Chiang Pin. Fomos lá para esperar a chegada de Bangkok do [Monge] Chefe Eclesiástico daquela região, o “Chao Kana Monton”.

O Chao Kana Monton instruiu nosso grupo a esperar por ele em Udon nesta ocasião com o objetivo de trazer Mahā Pin, para que este se instalasse permanentemente em Udon. Isto porque a cidade de Udon ainda não tinha monges da comunidade Dhammayut³⁶. No entanto, as coisas não ocorreram como desejava. Quando o Chao Kana Monton chegou de Bangkok, soube-se que Phraya Rachanukoon (que mais tarde recebeu o título Phraya Mukhamontri) havia solicitado que Ven. Mahā Jum Bandhulo (mais tarde se tornou Phra Dhammachedi) o acompanhasse a Udon Thani, de modo que ele poderia tomar a residência em Wat Bodhisomphon.

Fomos todos prestar os nossos respeitos ao Chao Kana Monton assim que ele chegou e descobrimos que havia ocorrido outra mudança de planos. Ele agora queria enviar o Ajahn Mahā Pin para a província de Sakhon Nakon, e que eu ficasse com Mahā Jum em Udon Thani. As razões dele eram que não havia monges adequados em Udon. Além disso, ele pensou que, como eu era da região e já tinha algum treinamento acadêmico, deveria ficar e ajudar a cuidar dos assuntos administrativos dos monges.

Em vez disso, pedi-lhe que me deixasse ir praticar meditação em homenagem a ele, pois os monges de meditação eram poucos e raros, enquanto os monges escolásticos e administrativos eram numerosos e não seria difícil encontrar um substituto. Ele deu sua permissão e recomendou que eu permanecesse com Ajahn Mahā Pin.

³⁶ Ver Apêndice C.

9. Encontrando o Venerável Ajahn Man pela primeira vez

Depois destes assuntos terem sido resolvidos, Ajahn Singh levou nosso grupo para prestar reverência ao Venerável Ajahn Man, que estava hospedado em Bahn Kó, no distrito de Bahn Peur. Venerável Ajahn Sao³⁷ também estava lá naquela ocasião. Então aconteceu que fui capaz de conhecer ambos os veneráveis Ajahns e prestar meus respeitos a eles pela primeira vez na minha vida. Naquela noite, Ajahn Man, de todo o coração, deu-nos uma palestra de Dhamma para marcar a ocasião de nos ver pela primeira vez. Foi especialmente assim quando viu Ajahn Mahā Pin. Foi ele que havia se comprometido — depois de ouvir palestras de Dhamma do Ajahn Man e Ajahn Singh quando em Ubon — a retornar e dedicar-se à prática de meditação após terminar seus estudos acadêmicos em Bangkok. Quanto a mim, Ajahn Man provavelmente só sabia a meu respeito tanto quanto Ajahn Singh havia lhe dito.

Naquela noite, depois da palestra ter acabado, Ajahn Man falou mais informalmente conosco sobre Dhamma. Ele concluiu a discussão prevendo algo sobre as várias habilidades e qualidades minhas e de Ajahn Mahā Pin. Isto fez-me sentir extremamente desconfortável e envergonhado, porque eu estava bem ali em meio aos monges e era não apenas recém-ordenado, mas também não conseguia ver em mim nada especial o suficiente para interessar Ajahn Man.

Na verdade, eu tinha começado a me sentir muito autoconsciente desde o momento em que entramos na área do mosteiro no começo da noite — embora eu não saiba o que os outros sentiram a respeito. Tinha olhado o lugar e notado a maneira como os monges viviam, da mesma forma com os noviços e até os leigos no mosteiro. Como podiam ser todos tão bem-educados e ordeiros? Todos pareciam ter disciplina e estar cumprindo seus deveres. Depois vieram as previsões sobre Ajahn Mahā Pin, e quando falou sobre mim, duplicou o meu embaraço. Mas Ajahn Mahā Pin provavelmente não sentiu nada demais, a não

³⁷ O venerável Ajahn Sao Kantasiilo (1860-1942) foi o primeiro professor do Venerável Ajahn Man, e juntos foram os 'pais' da linhagem de meditação da floresta tailandesa.

ser uma introspectiva comparação de suas habilidades com o que Ajahn Man havia predito.

Na manhã seguinte, depois da refeição, Ajahn Singh levou nosso grupo de novo à estrada, em direção a Nah Sidah. Ficamos lá quatro noites antes de voltarmos para passar outra noite com o Ajahn Man. Depois voltamos para Udon e seguimos para Sakhon Nakon, em linha com o que tínhamos acordado com o Chao Kana Monton. No entanto, eventos subsequentes não resultaram como o Chao Kana Monton tinha planejado, porque Ajahn Mahā Pin ficou doente e não pôde assumir os deveres que lhe foram confiados. Portanto, para o retiro das chuvas desse ano, Ajahn Singh levou o nosso grupo de monges para ficar no mosteiro de floresta de Nong Laht. Esta ação deixou o Chao Kana Monton muito descontente conosco, por isso tivemos de enviar o Ven. Bun, que tinha completado o curso de estudos gerais do Dhamma, para tomar residência em Sakhon Nakon.

10. Segundo retiro das chuvas, 1924 em Nong Laht

Antes de começar o retiro das chuvas, encontrei um excelente companheiro de Dhamma num monge chamado Venerável Glom, da província de Loei. Tínhamos subido duas vezes à caverna Tam Puang, na montanha Pu Lek, para desenvolver meditação juntos. Na primeira vez, subimos por quatro noites, e na segunda por seis noites. O chefe do vilarejo, chamado Ónsi (mais tarde ele se tornou o chefe do Subdistrito Khun Prajak, e então se ordenou e continuou como um monge até sua morte) arranhou alguém para subir e nos oferecer comida regularmente. Sempre me lembrarei da sua bondade e boa vontade. Ajahn Man havia comentado que este chefe de vilarejo era inteligente e astuto em tudo — desde sua fala inteligente, ao seu trabalho e envolvimento social na comunidade. Ele sempre pareceu capaz de se manter à frente dos assuntos. Quando se tratava de monges, seus talentos eram notáveis porque ele era imediatamente e competentemente capaz de organizar tudo que um monge poderia precisar, com nada mais do que a mera sugestão do monge.

Assim, nós dois fomos supridos com todas as quatro coisas adequadas que dão suporte à prática da meditação³⁸ e assim fomos capazes de nos esforçar adiante com energia. Quanto mais meditávamos, mais nos sentíamos gratos ao chefe e aos aldeões por toda a sua boa vontade. A nossa refeição diária se constituía de uma bola de arroz glutinoso do tamanho de um bael³⁹ com um pouco de pimenta seca em pó. Isto era suficiente para nos sustentar em nossa prática de meditação sem quaisquer efeitos nocivos. Reduzir a ingestão de alimentos enquanto se aumenta o esforço de meditação traz leveza para o corpo, clareza para a sati e faz samādhi ficar menos difícil. Meditei com grande diligência, minha sati melhorou e tornou-se mais firmemente estabelecida. Enquanto vivia na caverna, treinei minha mente para lhe dar uma constância durante todo o dia e noite. Recusei-me a permitir qualquer lapso em que minha mente pudesse vagar descuidada atrás de objetos externos. Sati tornou-se constante e exclusivamente estabelecida no corpo e na mente. Até me certifiquei de que, da maneira que minha mente tivesse sido estabelecida antes de ir dormir, voltaria ao mesmo estado ao acordar. Mas, às vezes, ainda havia um pouco de distração durante a refeição.

³⁸ Sappāya: Ver Glossário.

³⁹ Marmelos Aegle: uma fruta medicinal com casca dura, do tamanho de uma laranja.

Aumentar meu esforço também aumentou meu apreço pela boa vontade dos aldeões — ambos iam juntos como uma sombra. Eu estava bem ciente de que, sendo um monge, minha existência repousava nas mãos dos aldeões e, portanto, continuei minha prática de meditação para pagar minha dívida com eles. Certifiquei-me de que meus esforços de meditação durante este período cumpriam completamente as obrigações do meu endividamento.

Quando as chuvas se aproximaram, descemos para ficar com o Ajahn Singh no mosteiro de Nong Laht. Como durante aquele retiro de chuvas eu ainda era um monge recém-ordenado, não tinha que assumir nenhuma responsabilidade. A não ser atender às necessidades do monge mais sênior⁴⁰ e de me aplicar à prática da meditação. O Venerável Ajahn me deu bastante liberdade nisto.

Durante o retiro das chuvas, desenvolvi minha prática de meditação seguindo o sistema que tinha utilizado quando estava na montanha. Além disso, adicionei algumas técnicas de ioga como um experimento⁴¹: reduzi progressivamente a minha ingestão diária de alimentos, de setenta pequenos pedaços de arroz pegajoso para três pedaços. Então eu gradualmente aumentei de novo para trinta pedaços antes de cortar de novo para cinco. Cada sequência dessas levava cerca de três ou quatro dias e continuei assim durante todo o retiro das chuvas. Embora o período mais longo foi quando comia apenas quinze bocados de comida por dia e somente comida vegetariana. A minha constituição é naturalmente magra e, quando se tornou bastante emaciada, os aldeões começaram a notar. Todos que me viam perguntavam o que estava errado. Ainda assim, eu tinha força de vontade e espírito para continuar como antes com meus deveres diários e prática de meditação.

Assim que o retiro das chuvas acabou, voltei a comer carne e peixe. Mas, oh! Como cheiravam mal. Nós, seres humanos, consumimos a carne dos outros e a transformamos em nossa própria carne. É como se roubássemos algo sujo e depois o comêssemos. É por isso que os deus e outros seres celestiais não se

⁴⁰ Acariya-vata: estes deveres fazem parte do treinamento de um jovem monge. Ver Glossário.

⁴¹ Principalmente na época, a palavra ioga não estava associada aos exercícios muito populares no ocidente, mas sim à palavra “logue”, um eremita. Portanto, o que quer dizer, é que iria experimentar algumas formas de asceticismo.

aproximam dos humanos — é o nosso cheiro ofensivo. No entanto, os próprios seres humanos parecem não ter dificuldade em abraçar e admirar esses nossos corpos.

Depois do retiro das chuvas, subi a montanha mais uma vez, mas desta vez acompanhado por Ajahn Singh em pessoa. Ficamos lá durante nove dias até ele ficou doente e pediu-me para descer e trazer os demais do nosso grupo de monges. Quando vimos que cuidar dele lá não seria conveniente, fomos todos cuidar dele na área da floresta de Nong Bua (agora é um vilarejo).

Ajahn Man enviou uma mensagem pedindo-me para ir encontrar com ele no Distrito de Tah Bó. Obedeci a essas instruções e despedi-me de Ajahn Singh e, por acaso, me encontrei com Ajahn Man e Ajahn Sao no caminho. Eles tinham recebido um convite de Wat Bodhisomphon, na cidade de Udon Thani. Foi nessa época que " Avó"⁴² Nói (que era a mãe de Phraya Rajanukoon) veio participar da cerimônia de consagração e fixação das pedras limite (sīma) de Wat Bodhisomphon. Este foi seu primeiro encontro com o Ajahn Man e quando ouviu seu ensinamento, sua fé nele começou. Permaneci lá com o Ajahn Man por muitos dias antes de ambos partirmos para Tah Bó.

⁴² Um título de respeito para uma senhora idosa.

11. Terceiro retiro das chuvas, 1925 em Nah Chang Nam.

Durante este retiro das chuvas residi perto do vilarejo de Nah Chang Nam, não muito longe de Tah Bó, onde Ajahn Man ficava. O venerável Ajahn Un e eu diligentemente fizemos o esforço de ir regularmente visitá-lo e ouvir suas palestras de Dhamma. Neste retiro das chuvas eu estava novamente sem nenhuma responsabilidade exceto continuar com a minha própria prática de meditação. Todas as outras tarefas, como receber quaisquer convidados, tinha deixado com Ajahn Un. Anteriormente ele havia sido professor no Mahā-nikaya e um monge lá por nove anos, tendo apenas recentemente transferido para o Dhammayut Nikaya⁴³.

Durante este retiro de chuvas, um triste evento referente a Ajahn Tah ocorreu. Ele era um monge sênior e, se não me engano, também foi o primeiro discípulo do Ajahn Man. Acho que ele tinha sido monge por cerca de 16 ou 17 anos. Inicialmente, foi estudar em Bangkok, mas não foi capaz de completá-los. Ouviu falar da boa reputação de Ajahn Man, devido aos frequentes elogios de Chao Khun Phra Upali (Chan Siricando) e, portanto, deixou Bangkok para seguir Ajahn Man.

Este ano, Ajahn Tah tinha ido com Ajahn Khan para passar o retiro das chuvas na caverna Pah Bing, em Loei. Enquanto lá, ficou desequilibrado mentalmente⁴⁴ e fugiu no meio do retiro para consultar o Venerável Ajahn Man. Ajahn Tah disse que tinha cometido a pior violação possível da disciplina monástica⁴⁵ e que sua angústia era tão intensa que parecia que seus mantos ocre estavam em chamas. Quando se procedeu um inquérito aprofundado sobre as circunstâncias e os acontecimentos em questão, não havia, evidentemente, qualquer verdade na matéria. Foram apenas as suas dúvidas e ansiedades exageradas sobre alguns incidentes triviais que o tinham lançado em tal tumulto.

⁴³ Ao se transferir para um outro Nikaya, (grupo, secto) a contagem de senioridade começa do zero novamente. Ver Glossário e Apêndice C.

⁴⁴ Saññā-vipallāsa: perturbação delusória.

⁴⁵ Pārājika: significa que ele teria de deixar a vida monástica. Ver Glossário.

Uma das preocupações de Ajahn Tah dizia respeito ao que havia acontecido com ele há algum tempo atrás, quando havia ido desenvolver sua meditação no vilarejo de Pone Sawang. Seu samādhi tinha se tornado forte e isso tinha trazido grande brilho para a mente. Qualquer questão de Dhamma que ele trouxesse para investigação parecia estar totalmente esclarecida e, em seguida, o coração convergiria para um ponto único. Isto o fez acreditar: “eu cheguei ao fim da Vida Santa.”⁴⁶ Mais tarde, anunciou esta realização no meio da comunidade de monges. Depois, quando essa brilhante condição da mente se desvaneceu, começou a suspeitar que era culpado de se vangloriar sobre a obtenção de estados supranormais e assim quebrado a disciplina monástica da pior maneira possível.

Embora as pessoas lhe explicassem que definitivamente não havia nenhuma ofensa porque ele tinha feito sua declaração graças a suposições equivocadas e interpretações errôneas, ele não acreditava neles. Na verdade, esta ansiedade e culpa já lhe tinha causado muitos anos de sofrimento, mas até então havia conseguido suportar. No entanto, com a chegada deste retiro de chuvas, tornou-se insuportável e ele pensou que o único caminho que lhe restava era abandonar o manto. Ajahn Man foi incapaz de curá-lo e assim teve que deixá-lo ir, encaminhando-o para ficar com Ajahn Sao. Infelizmente, no ano seguinte, Ajahn Sao não pôde mais contê-lo e o resultado final foi que ele realmente largou o manto. Depois disso, desapareceu completamente sem deixar traços e ninguém ouviu mais falar dele, até hoje em dia.

Testemunhar tudo isso realmente fez meu coração afundar e me senti desanimado e triste. Refleti que se um monge tão sênior e experiente ainda podia tornar-se mentalmente instável, e eu então? O que eu poderia fazer para evitar tal desequilíbrio? Estes pensamentos fizeram-me tão apreensivo e temeroso pelo meu próprio bem-estar que revelei minhas ansiedades a Ajahn Man. Ele disse-me: "isso mesmo! Tem que ter cuidado consigo. Não se afaste muito de um professor competente e conhecedor. Quando algo surgir, então se apresse a se consultar com ele."

Depois do retiro das chuvas ter terminado, Ajahn Man e seu grupo partiram para caminhar em direção a Sakhon Nakon.

⁴⁶ Ou seja, ele alegou ter alcançado a iluminação.

11.1 Voltando para casa para ajudar minha mãe, tio e irmão

Estava pensando em minha mãe e por isso voltei para casa para ajudá-la. Acho que fui bem sucedido a esse respeito pois recomendei que ela observasse os oito preceitos e se vestisse de branco⁴⁷. Nessa ocasião, minha tia, tio e irmão mais velho também tiveram fé e decidiram manter os oito preceitos e usar branco. Foi especialmente assim com meu irmão mais velho, pois ele deixou sua esposa e um filho recém-nascido de apenas alguns meses para se ordenar monge. Pedi-lhes que deixassem seu vilarejo e seguissem os monges seniores, para se familiarizarem melhor com os companheiros de Dhamma e receberem treinamento de muitos professores de meditação diferentes. Segui mais tarde com meu irmão e tio, alcançando-os no vilarejo de Plah Lo, Distrito de Phannah Nikom, onde Ajahn Singh tinha passado o retiro das chuvas. Ele nos liderou em estabelecer uma base temporária perto do vilarejo de Akat Amnuei. Não muito tempo depois de nossa chegada lá, Ajahn Man veio juntar-se a nós e me levou para estabelecer uma base perto do vilarejo de Sahn Pong.

Viver em estreita associação com tais monges seniores era muito bom para mim. Me obrigava a estar sempre atento e alerta. Um dia, o noviço que ajudava regularmente Ajahn Man estava ausente e por isso assumi as funções de cuidar dele (acariya-vata). Uma delas incluía dormir na varanda da cabana de Ajahn Man. Ajahn Man normalmente acordava e começava a meditar às três da manhã. Ao acordar, pegava imediatamente uma caixa de fósforos para acender uma vela e eles faziam um leve ruído de chocalho. Senti que era meu dever me levantar antes dele todas as manhãs, assim poderia ser rápido o suficiente para ir ao quarto dele e atender às suas necessidades. Depois de dormir lá e fazer isso durante muitas noites, Ajahn Man obviamente começou a pensar que isso era incomum, porque me perguntou: "Thet, você nunca dorme?". Respondi "Durmo, sim senhor."

O clima em Sahn Pong não parecia ser compatível com minha saúde e constituição. Embora eu ainda tivesse um bom apetite, parecia não ter energia e meu corpo continuamente doía e estava duro e dolorido por toda parte. Meu esforço de meditação, no entanto, nunca vacilou. Depois da refeição, entrava na selva para encontrar um lugar isolado para desenvolver a calma em solidão ao

⁴⁷ Vestir branco na Tailândia simboliza estar seguindo os oito preceitos.

longo do dia. Durante a noite, caminhava em meditação e depois subia para ouvir o discurso de Dhamma de Ajahn Man, que durava das oito às dez da noite. Se um grande grupo de monges estivesse presente, sua palestra do Dhamma poderia não terminar até meia-noite ou duas da manhã. Ajahn Man se esforçava em ensinar dessa maneira regularmente, e isso fazia seus discípulos terem muita empolgação e se dedicarem à prática de acordo.

Depois de Ajahn Man deixar aquele lugar, Ajahn Sao assumiu por três anos. Soube mais tarde que muitos monges que ficaram lá haviam morrido. Um era o Ajahn Bumi, que “morreu” lá só para se recuperar em seguida⁴⁸.

⁴⁸ Na verdade, ele parou de respirar por um bom período, antes de se recuperar. Talvez signifique que vários monges alcançaram níveis profundos de samādhi.

12. Quarto retiro das chuvas, 1926, em um cemitério ao norte do Distrito de Akat Amnuei

Com a aproximação do retiro das chuvas, fiz meu caminho de volta para o distrito de Akat Amnuei e fiquei ao norte da cidade em uma área de cremação⁴⁹. Entretanto, Ajahn Singh estava passando o retiro das chuvas ao sul da mesma cidade. O meu irmão mais velho, meu tio, mãe e tia, mais uma monja do vilarejo de Pon Sawang ficaram todos juntos comigo para o retiro das chuvas. Eu era o único monge, embora houvesse um noviço chamado Chuen que era de Tah Bó. Meu tio morreu perto do início do retiro, sobrando apenas seis de nós.

Durante este tempo, houve um surto de varíola entre os habitantes da cidade. Quase todos eles se espalharam e fugiram para os campos e florestas circundantes, para escapar da infecção. Até os monges residentes do mosteiro local seguiram o mesmo caminho que os leigos, não sobrando quase ninguém que pudesse oferecer esmolas de alimentos para comermos. Isso ocorreu porque os moradores de Akat Amnuei nunca tinham experienciado uma epidemia de varíola antes.

Era uma cidade de mais de mil casas e apenas cinco pessoas tinham contraído varíola. No entanto, aqueles que foram infectados fingiram estar saudáveis para escapar da detecção e, quando foram descobertos, a doença já estava bem avançada. O procedimento para qualquer um encontrado com os sintomas era levá-los para a floresta. Ficavam em quarentena em uma pequena cabana de bambu construída para eles, e comida era enviada para que pudessem se alimentar.

Foi realmente um feliz acaso Ajahn Singh ter algum conhecimento de ervas da floresta. Assim, foi capaz de trazer algumas ervas medicinais para usar no tratamento da doença, e pôde dizer aos habitantes da cidade para não jogar seus doentes longe, na selva. O resultado foi que apenas algumas pessoas realmente

⁴⁹ Uma área de floresta fora da cidade, reservada para a cremação de cadáveres. Um local temido pelos moradores, mas recomendado como um lugar de isolamento pelos monges tudong.

morreram. Quando a notícia chegou às autoridades, elas vieram e vacinaram todos.

Tivemos uma sorte notável de os habitantes da cidade manterem um profundo respeito pelos monges de meditação. Isso significou que, embora a cidade tivesse sido completamente abandonada, eles ainda furtivamente voltavam às quatro ou cinco horas da manhã para preparar arroz para colocar nas tigelas dos monges. Quando saíamos para mendigar alimentos, eles vinham oferecer comida e depois voltavam correndo para a floresta.

Gostaria de aproveitar essa oportunidade para expressar os meus sinceros agradecimentos e o meu apreço pela generosidade dos habitantes de Akat Amnuei.

Tal mérito e boa vontade vão além da própria vida, pois formam um verdadeiro refúgio para as pessoas que sofrem nesse e no próximo mundo. Quando sofremos, se não podemos confiar na nossa virtude e nas boas ações passadas, no que podemos confiar?

O povo de Akat Amnuei tinha mais medo da varíola do que dos tigres da selva circundante. Mesmo vizinhos e parentes não falavam uns com os outros. Perguntei a eles quando voltariam a se falar e me disseram que ainda demoraria algum tempo, depois do fim do retiro das chuvas, em janeiro ou fevereiro.

Durante esse retiro das chuvas, fui muitas vezes ouvir as palestras de Dhamma de Ajahn Singh. Isso significava eu ter que atravessar a cidade de Akat Amnuei e depois caminhar mais três quilômetros. (A cidade estava deserta e não se via nem mesmo um cão solitário.) Recebi uma palestra do Dhamma do Ajahn Singh que realmente me abalou. Estava ele fazendo uma cena para me perturbar, ou era só porque não compreendia o meu verdadeiro caráter? É difícil dizer. Ele disse que eu tinha um caráter obstinado e inflexível; que eu era teimoso e não queria me curvar a ninguém. Enquanto ele dizia isso, concentrei minha mente para verificar como estava dentro do meu coração.

Eu realmente tinha o maior respeito e reverência por Ajahn Singh e, portanto, estava sempre pronto para receber seus ensinamentos e instruções. Mas por que é que ele disse essas coisas sobre mim? Ainda assim, o que ele disse sobre eu não concordar facilmente com os outros era certamente verdade. Sempre fui esse tipo

de pessoa, achando difícil aceitar algo que parecesse ilógico ou irracional. Minhas próprias opiniões eram sujeitas à mesma verificação cuidadosa e, se não estivessem à altura ou não tivessem fundamento, eu seria absolutamente intratável em não as aceitar. Eu era assim. (Explicarei mais sobre esse traço da minha personalidade mais tarde no livro.)

Sentei-me lá, ouvindo a palestra de Dhamma do Venerável Ajahn Singh e também examinando o estado da minha própria mente. Isso fez brotar uma audaciosa ousadia, como derramar combustível no fogo para apagá-lo. Eu parecia flutuar no caminho de volta para o mosteiro, sentindo-me tão leve porque minha mente estava totalmente engajada nesse ponto. Naquela noite, redobrei os meus esforços na meditação pensando que:

"Aqui estou eu, tenho me esforçado em minha prática de meditação até aqui. Ainda assim, por que é que não consigo identificar as impurezas que definitivamente estão presentes bem no meu coração, enquanto outra pessoa consegue saber sobre elas antes de mim? Isso é mesmo humilhante. Ajahn Singh é um ser humano, nascido de mãe e pai, alimentado pelo leite da mãe e desmamado por alimentação com colher. Igual a mim e, no entanto, consegue perceber as falhas dentro de mim melhor do que eu mesmo consigo. Aqui, hoje, se não conseguir compreender as minhas próprias impurezas, vou morrer na tentativa."

Quando realmente comecei minha prática de meditação, nada em particular parecia acontecer. No entanto, examinei as avaliações de Ajahn Singh e a maneira como ele as usou — de acordo com sua percepção — ao dar sua palestra de Dhamma e concluí: "Mesmo que eu não seja como ele parece pensar que sou, posso apenas continuar me purificando, pois, ao final, ninguém pode saber melhor do que eu." Com isso o meu coração ficou tranquilo e imperturbado.

Meus esforços acelerados trouxeram transtornos aos "humores" corporais, fazendo-me sentir que deveria deitar e descansar. No entanto, não conseguia dormir porque, quando comecei a adormecer, experimentei aquilo a que os

camponeses chamam de “pi-am”. Todo mundo conhece esse fenômeno⁵⁰, então não é necessário descrevê-lo em detalhe aqui. A questão importante que permanece é se o fantasma ou espírito de pi-am realmente existe ou não. Naquela noite, fui capaz de investigar a verdade de muitas maneiras.

No início, senti como se uma forma negra e enorme se aproximasse e se sentasse em meu peito, para que eu não pudesse respirar. Meu coração quase cedeu na luta para recuperar a consciência. Algumas pessoas afirmam que os espíritos de todas as criaturas que matamos residem nos polegares. Descansar as mãos sobre o peito durante o sono permite, portanto, que os espíritos saiam e nos sufocuem. Por isso, retirei as mãos do peito e estiquei-as ao meu lado. No entanto, ele voltou e me sufocou novamente: “Ei, o que está acontecendo aqui? Será porque estou dormindo de barriga para cima?” Virei-me e deitei de lado para ver o que aconteceria, e a sensação sufocante voltou a aparecer. Dessa vez, a pressão sufocante foi tal que senti como se fosse asfixiar e morrer.

Por isso, concentrei-me na condição daqueles que estão prestes a morrer.

A primeira vez, dirigi sati para que ela tivesse ciência da mente, seguindo-a para saber o que acontece na morte. Sati permaneceu com o coração até o momento final, quando apenas restou uma consciência mínima. Havia uma intuição de que largar desse fraco nível de consciência seria a morte.

Nesse momento, a questão foi se seria melhor eu soltar e permitir que a morte acontecesse. Senti que meu coração estava, nesse momento, bastante puro e que, se soltasse, nada perderia por causa disso. Embora também tenha permanecido um sentimento delicado que expressava o pensamento de que: “ao invés de soltar e morrer, se permanecer vivo, poderei continuar a ser de benefício para as demais pessoas. Se tudo terminasse aqui, com a minha morte, só seria para minha vantagem pessoal. Além disso, as pessoas não conhecem todas as circunstâncias e causas dessa morte. Sendo esse o caso, é melhor não me deixar morrer.” Por isso tentei chacoalhar e mover minhas mãos e pés, até conseguir.

⁵⁰ Pi (tailandês พิ) significa um fantasma ou espírito, do qual há muitas variedades. O pi-am manifesta-se como uma sensação de sufocamento ou um tipo de pesadelo, como se um fantasma estivesse sentado sobre seu peito.

Da segunda vez que isso aconteceu, não vi nenhuma forma corporal, mas sim uma enorme massa escura que pairava sobre mim. Tive agora a certeza de que não era um fantasma. A causa parecia mais ligada com os 'ventos elementares' que subiam. Depois de tentar mexer as mãos e os pés, tudo passou.

Quando aconteceu pela terceira vez, parecia menos intenso do que antes. Era mais um estado sonolento e simplesmente decidi levantar-me. Para todos os meus leitores nesta situação, repare no seu estado quando recuperar a consciência. Deve haver uma sensação pesada na cabeça e lassidão presentes. Neste momento, se você não tomar nenhum remédio para equilibrar esses "ventos", antes de voltar a dormir, isso vai acontecer novamente. No meu caso, descobri que sempre a melhor e única cura é cheirar cristais de borneol⁵¹.

12.1 Uma fórmula para dormir ou não dormir

Nesse mesmo período, tentei descobrir e entender a condição que existe durante o estado de sono. Como regra geral, nunca estamos cientes do exato momento do adormecer. Só ao acordar é que sabemos que adormecemos.

Antes de adormecermos, haverá o estado de cansaço, fraqueza e entorpecimento do corpo e da mente. As cadeias de processos de pensamento tornam-se mais curtas e, finalmente, toda a consciência dos objetos do pensamento é libertada e entramos rapidamente no que chamam de sono.

Quando levamos sati para focar a condição presente daquele momento final, antes do sono, descobrimos que só resta uma consciência mínima. É quase impossível fixar-se nisso, já que não resta nenhum objeto mental. Somente a sati mais delicada permanece presente para seguir e observar a condição atual da mente que surge naquele momento. É igual quando a mente cai em bhavanga⁵². Se, nesse momento, não queremos permitir que o sono assuma o controle, é preciso fazer um esforço para procurar um único objeto mental ou emocional. Isso pode então ser submetido, mantido e levado para o processamento do pensamento. Como resultado, a mente vai se alegrar e ser revigorada, livre de

⁵¹ Pogostemon patchouli: a partir do qual cristal de cânfora, para inalação, são feitos.

⁵² Subconsciência. Ver Glossário.

toda a fadiga e sonolência. Terá também o efeito benéfico semelhante ao de dormir durante quatro ou cinco horas.

Por outro lado, se quisermos dormir, conseguimos se largarmos o último resquício de sati, e o sono virá com facilidade e conforto. Esse método é especialmente bom porque só se dorme por um período muito curto, de modo que não há perda de tempo. Não durará mais de cinco ou dez minutos. Se você realmente estabeleceu e focou sati, como venho explicando, pode ter certeza de que não dormirá por mais de cinco minutos.

Se, em vez de ir dormir, você só quiser descansar o corpo e a mente, vá e encontre um lugar convenientemente calmo e pacífico para descansar. Pode ser um lugar completamente isolado ou entre as pessoas. Deite-se, estique-se, descontraia-se e sinta-se confortável, sem tensionar qualquer parte do corpo. Em seguida, estabeleça a mente em um único objeto naquela condição de 'soltar'. Deixe-a ficar sozinha no vazio por um tempo, e, ao levantar-se, você sentirá em todos os aspectos como se tivesse dormido por quatro ou cinco horas.

Essa palavra: dormir. Na verdade, a mente não dorme. É o corpo que descansa ao não ter que fazer quaisquer movimentos. Mesmo daqueles que entram no estado superior de meditação, chamado de nirodha-samāpatti⁵³, não se pode dizer que tenham entrado em um estado de sono. Esse é realmente o estado onde o meditador supervisiona o coração com sati, para fixá-lo em um objeto mental.

Esse objeto torna-se cada vez mais refinado — assim como sati e o coração — até que todos os sentimentos e pensamentos cessem completamente devido à força da prática hábil do meditador. Sati não tem mais nada a fazer e assim desaparece completamente. Embora a respiração corporal continue, tornou-se tão sutil e refinada que dificilmente pode-se discernir se ela existe ou não. Na verdade, existe, mas parece que já não passa pelo nariz. Pode-se compará-la a uma brisa externa que, mesmo presente, não é suficiente para se manifestar na agitação e oscilação das folhas. Ninguém poderia então afirmar que não existe vento/respiração, pois se não houver vento/respiração não há ar, e então todos os seres vivos que respiram nesse mundo estariam mortos.

⁵³ Realização da cessação. Ver Glossário.

O Buda chamou isso de nirodha-samāpatti , pois, nesse momento, o sistema nervoso das seis portas dos sentidos⁵⁴ não receberá nenhum contato. Isto, no entanto, é diferente do estado de sono. Quando adormecido, algo pode muito bem interferir nos sentidos para que se acorde imediatamente. Nirodha-samāpatti requer prática e preparação suficientes do coração para que ele se torne competente e habilidoso. Depois de atingir esse estado, muitas coisas maravilhosas podem ocorrer⁵⁵. Não é possível ferir o meditador que entrou nesse estado — mesmo que alguém o incendiasse, o fogo nunca o tocaria. Por outro lado, depois de entrar em Nibbāna, o corpo pode realmente desintegrar-se.

O meditador pode se retirar da realização da cessação através do poder de uma determinação previamente feita⁵⁶. Quando alcançar o tempo determinado, a respiração irá suavemente começar a se tornar progressivamente mais e mais grosseira, até que todas as funções corporais tenham sido revertidas para o estado normal anterior.

Realização de cessação não é Nibbāna, mas um nível de jhāna⁵⁷. Isso porque o jhāna carece da sabedoria de visão correta (paññā e sammāditthi), que pode investigar a raiz das causas das impurezas, como as da esfera dos sentidos (kāma-bhava) e da esfera material sutil (rūpa-bhava). Esse é, na verdade, domínio de vipassanā, do conhecimento correto e da realização do caminho (magga ñānadassana). Todos os jhānas são apenas instrumentos de encorajamento e apoio, que facilitam o caminho e melhoram a energia.

Assim, antes da morte final do Buda (Parinibbāna), ele entrou e progrediu através dos vários níveis de jhāna. Ele então retornou ao quarto jhāna, que forma a fundação para vipassanā, e entrou em Nibbāna a partir dali. Isso foi entre a esfera dos sentidos e a esfera material sutil, que forma a base para o Dhamma supramundano (lokuttara dhamma).

A questão pode surgir aqui: "Então! Por que esse velho monge está falando sobre nirodha-samāpatti, sobre Nibbāna e jhāna? Ele alcançou e percebeu estes estados

⁵⁴ Ayatana: as "portas" dos olhos, ouvidos, nariz, língua, toque e mente.

⁵⁵ Poderes psíquicos.

⁵⁶ Antes de entrar, a determinação é feita para se retirar após um determinado período de tempo.

⁵⁷ Jhāna: concentração total num único objeto. Ver Glossário.

ou não?" O cético poderia responder a si mesmo com: "Não se poderia dizer que se trata de estar se vangloriando de ter alcançados estados supramundanos?".

Na verdade, quem chega a saññā-vedayita-nirodha (cessação das percepções e sensações), ou ao magga (caminho), phala (fruto), Nibbāna ou jhāna, não assume que "Eu alcancei, entrei ou resido em tal estado". Existe simplesmente uma proficiência nos meios hábeis necessários que os levam a eles. No momento que o meditador está prestes a entrar nesse estado, quaisquer pretensões e suposições restantes sobre "eu" o impedirão de avançar. Caso contrário, uma pessoa comum em qualquer lugar, inteligentes e conhecedores dos Ensinamentos e da Disciplina, todos poderiam sair juntos e alcançar o magga, phala, Nibbāna, jhāna. A cidade inteira, todo o país, estariam fazendo o mesmo!

No momento de realizar tais estados, ninguém é capaz de conjurar suposições e formulações sobre eles. Só depois de sair desses estados é que se pode recordar e verificar sistematicamente as suas fases sucessivas e o seu desenvolvimento. Só então será capaz de inventar nomes e explicações a respeito.

Nem sempre é necessário que a pessoa que explica estas coisas tenha realmente atingido esses níveis. Quando os ensinamentos foram expostos e seu significado essencial estabelecido, deve-se explicá-los ao máximo de sua própria compreensão. Às vezes, isso será feito corretamente e, às vezes, será errado. Se as coisas não fossem assim, como poderiam os ensinamentos do Buda ter sobrevivido e continuado até os dias atuais?

As pessoas ouvem, mas mesmo que todas possam estar ouvindo o mesmo assunto, os mesmos pontos, muitos vão entender de maneiras diferentes. Além disso, os meditadores que atingiram exatamente o mesmo estágio, através de uma técnica idêntica, ainda vão descobrir que suas habilidades individuais são completamente diferentes. É por isso que o Dhamma que se vê por si mesmo é tão maravilhoso e surpreendente, e por isso tão difícil de alcançar.

“Sendo assim, por que vem atrás de mim procurando defeitos e só me criticando? Simplesmente não é justo.”

Por favor, desculpem esta digressão pelos reinos inferiores⁵⁸. Voltemos agora à minha autobiografia.

Com o fim do retiro das chuvas, Ajahn Singh levou nosso grupo para o vilarejo de Sahn Pong. Era a prática habitual nos reunirmos para ir prestar reverências a Ajahn Man. No caminho para lá, relatei ao Ajahn Singh todas as minhas recentes experiências e pensamentos sobre o pi-am e o sono. Ele não respondeu, permanecendo em silêncio. Quando chegamos, no entanto, ele começou a relatar esse assunto para o Ajahn Man. Naquele momento, estava sentado um pouco longe deles, então não sei o que ele disse sobre minhas experiências — não consegui ouvir. Pensei que provavelmente tudo foi considerado inconsequente e fora de questão, não ligado à prática do caminho nobre e, portanto, ele não comentou a respeito, como costumava fazer em outras ocasiões.

Quase cem monges e noviços se reuniram para prestar homenagem aos Ajahns seniores, e foi considerado um grande evento para aqueles tempos. Terminado, Ajahn Man mandou que eu, outro monge e um noviço o acompanhassem ao vilarejo de Kah Non Dég. Foi aqui que Ajahn Un, Ajahn Gu e Ajahn Fan tinham passado o retiro das chuvas. Ficamos lá três dias e Ajahn Man relatou ao grupo sobre a minha prática de dormir e não dormir. Todos ficaram em silêncio, sem comentários. Especialmente Ajahn Un, que havia me relatado seus experimentos com isso antes de eu ter tido a mesma experiência.

Durante o tempo que Ajahn Man residia no mosteiro de floresta de Sahn Pong, dava palestras diárias de Dhamma. Se alguém se sentia desanimado ou irresoluto, ou se alguém tinha adoecido, ele direcionava a sua fala assim:

"Então, não é medo da morte que você tem, mas desejo de morrer muitas vezes." (Ele quis dizer com isso que se você continuar meditando com força e determinação destemidas, a purificação do coração cortará o medo da morte.)

Assim que o Ajahn Man partiu, ninguém ficou no mosteiro para continuar a dar palestras de Dhamma. A moral e a força de espírito de seus discípulos foram

⁵⁸ Lit: reinos de fantasmas ou demônios, isto é, aqueles de culpa e dúvida. Os parágrafos anteriores e as perguntas hipotéticas são formuladas dessa maneira para evitar qualquer crítica de que o autor, mesmo abordando assuntos tão profundos, possa ser visto como se estivesse insinuando suas próprias realizações.

drenadas e ninguém foi capaz de continuar vivendo lá. A atmosfera naquele mosteiro era particularmente inóspita e empestada pela malária. Todos de má saúde ou constituição fraca eram atingidos pela febre. Toda a comunidade de monges residentes eventualmente nos seguiu. Eles disseram que estava tão ruim que eles não podiam continuar a viver lá por mais tempo, e que o ar do mosteiro de Sahn Pong estava tão pesado e opressivo que os fazia sentir sonolentos e letárgicos o dia todo.

Quando esse grupo de monges nos alcançou de novo, o Ajahn Man comentou sobre irmos mais longe, até lugares isolados, para que pudéssemos propagar o Dhamma ainda mais amplamente. Ele continuou ressaltando que já tínhamos viajado por grande parte das três ou quatro províncias dessa região. Essas eram Sakhon Nakon, Udon Thani, Nongkhai e Loei. Ele nos perguntou para quais províncias seria melhor nos dirigirmos. A maioria votou por descer em direção à província de Ubon. Mas o próprio Ajahn Man não estava realmente satisfeito com essa sugestão porque florestas, montanhas e cavernas adequadas eram difíceis de encontrar naquela região. No entanto, se houvesse um consenso para ir até lá, ele não se oporia. Tendo chegado a essa decisão coletiva, nos preparamos para partir, viajando em pequenos grupos.

Era necessário que eu acompanhasse minha mãe em sua viagem de volta para casa e assim não pude ir com Ajahn Man. Foi nessa viagem que Ajahn Man e seu grupo encontraram grandes agitações. Houve bons e maus resultados disso:

O lado bom foi um aumento no número de mosteiros de floresta para monges kammattana, que até então não existiam. Essa foi a ocasião em que monges da floresta, pela primeira vez, se estabeleceram permanentemente na província de Ubon. Daquele momento em diante, continuam a se espalhar até hoje. Há mosteiros com monges Dhammayut em praticamente todos os distritos.

O lado negativo foi a deterioração da qualidade da prática dos monges. Na verdade, o declínio dessa vez...⁵⁹ foi sem precedentes, até que Ajahn Man foi finalmente obrigado a se afastar da comunidade e partir para a província de Chiang Mai.

⁵⁹ Esta lacuna aparece no original, provavelmente significando que é melhor não ir mais longe no assunto.

13. Quinto retiro das chuvas, 1927 novamente no vilarejo de Nah Chang Nam

Voltei para passar o retiro das chuvas pela segunda vez no vilarejo de Nah Chang Nam. Enquanto isso, meu irmão mais velho entrou o retiro das chuvas no vilarejo de Nah Sidah, com nosso pai. Depois que o retiro terminou, peguei meu irmão e fomos desenvolver nossa prática de meditação na caverna chamada Phra Nah Phak Hók. Algum tempo depois disso, meu irmão voltou para encontrar o Venerável Ajahn Sao, que tinha passado o retiro das chuvas na província de Nakon Panom. Foi depois desse retiro das chuvas que meu irmão se ordenou monge em Wat Sri Thep.

14. Sexto retiro das chuvas, 1928 na caverna Phra Nah Phak Hók

Trouxe meu pai para ficar comigo na caverna Phra Nah Phak Hók. Foi a primeira vez em onze anos, desde a sua ordenação como anagarika⁶⁰, que ele veio para passar comigo o retiro das chuvas. Além disso, eu nunca tinha ficado para o retiro das chuvas tão perto da minha vila natal como naquele ano. Considero que foi um ano especialmente feliz pois me deu a oportunidade de apoiar meu pai no caminho da prática do Dhamma. Ele desenvolveu sua meditação com o melhor de sua capacidade e alcançou excelentes resultados. Tanto que ele foi obrigado a exclamar que era a primeira vez, desde o seu nascimento, que tinha começado a experimentar profundamente o sabor de Dhamma. Ele podia sentar-se em meditação por três ou quatro horas por vez. Fiquei deleitado em ter sucesso em minhas aspirações, prestando-lhe ajuda e assistência.

No entanto, quando as circunstâncias se reúnem e o momento amadurece, coisas desagradáveis podem vir ao nosso encontro. Ou seja, meu pai adoeceu. Seus filhos e netos viram apenas as dificuldades de sua situação — quando a dor intensa vier durante a noite, quem vai cuidar dele? Porque só havia nós dois, pai e filho, na caverna. Então a família veio e o levou para a vila, para que pudessem atendê-lo lá. Ele se recusou, no entanto, a voltar para ficar no mosteiro do vilarejo, onde antes ele morava. Em vez disso, mandou que o instalassem em seu antigo abrigo no meio dos arrozais. Frequentemente eu descia para encorajar sua atenção constante em direção ao Dhamma.

Esse foi o ano em que algo milagroso surgiu ligado ao meu pai. As mudas de arroz nos campos dos aldeões de toda aquela área estavam em muito mau estado, apesar das chuvas moderadamente boas. Todos os caules tinham uma cor avermelhada, com a surpreendente exceção daquelas mudas que estavam em torno do abrigo do meu pai. Essas eram de um verde exuberante e tão notáveis

⁶⁰ Um leigo que vive a vida de renunciante sob os oito preceitos, vestindo mantos brancos em vez dos mantos ocre de um monge ou noviço. Ver Apêndice A.

que o povo do vilarejo começou a dizer que o "pai manto branco" não sobreviveria ao ano⁶¹, e de fato assim foi.

Naquele dia em particular, fui instruir meu pai. Lembrei-o do Dhamma e lhe ofereci estratégias para usar em sua meditação e investigação, até que ele pareceu bastante satisfeito e contente. Ele ainda parecia muito forte e em boa saúde, então, com o aproximar da noite, voltei para a caverna de Nah Phak Hók. Ele faleceu no meio daquela noite, com sati e em um estado pacífico de mente até o último suspiro. Ao amanhecer, vieram me buscar e providenciei que os ritos funerários dele fossem devidamente concluídos nesse mesmo dia. Ele faleceu em agosto de 1928, aos setenta e sete anos de idade, tendo sido ordenado como um anagarika por onze anos.

Eu vinha vivendo sozinho na caverna antes do meu pai se juntar a mim e, depois da sua morte, encontrei-me sozinho novamente. Ter a oportunidade para esse tipo de reclusão é rara e determinei em meu coração aproveitar ao máximo: “Da mesma forma que alguém oferece flores em reverência ao Buda — possa minha vida, minha carne e o sangue desse corpo; possam as tarefas e funções que eu empreenda, todas elas se tornarem a minha oferta e pūja às Três Joias.”

Com essa resolução, comecei a intensificar a minha prática de meditação com força e determinação. Estabeleci e fixei sati dentro do coração, não permitindo que quaisquer pensamentos ou imaginações fossem dirigidos para fora. Tudo deveria permanecer totalmente dentro de uma calma quietude interior, dia e noite. O objeto de sati antes do sono deveria ser o mesmo ao despertar.

Às vezes, até acontecia que, apesar de estar adormecido e ciente do fato, não conseguia me levantar. Era preciso algum esforço da minha parte para mover o corpo e, dessa forma, voltar à consciência desperta novamente. Meu próprio entendimento, naquela época, era de que o coração quieto e unificado não permitia que os pensamentos se afastassem externamente e, portanto, seria capaz de transcender definitivamente todo sofrimento. Pensei que a única função da sabedoria era purgar as andanças do coração e devolvê-lo a um estado de quietude.

⁶¹ Uma crença popular de que qualquer abundância súbita ou extraordinária era um presságio da proximidade da morte.

Por isso, não tentei usar a sabedoria em um exame, por exemplo, dos estímulos vindos do corpo e dos sentidos, e assim falhei em entender o corpo e a mente. Estes ainda estão inter-relacionados e interdependentes, e sempre que qualquer objeto material ou mental entra em contato, de qualquer maneira, inevitavelmente haverá perturbação. Isso faz com que a mente calma e estável seja abalada e agitada, seguindo a influência das impurezas.

Apliquei-me na meditação andando até que meus pés estivessem rachados e ensanguentados. Então caí com uma febre que persistiu durante o retiro das chuvas, mas eu não admitia afrouxar meus esforços de meditação. Uma vez, li relatos de alguns monges anciãos, em tempos passados, que tinham caminhado em meditação até seus pés racharem e quebrarem. No entanto, achei isso muito difícil de acreditar. Eu tinha suposto que o uso aqui desse termo em particular, 'quebrado', sugeria que seus pés estavam batendo e golpeando em algum objeto duro, que é o que causou as feridas. Caminhando com circunspeção ao longo de uma trilha de meditação suave e nivelada— o que haveria lá para bater contra?

Na verdade, a mesma palavra em pāli é usada para expressar "quebrado", "desgastado" ou "perfurado". Um monge é descrito como doente (ou febrilmente doente) por várias causas: decorrentes do kamma; da estação; de distúrbios biliares; de colidir com coisas externas; e decorrentes do esforço na meditação. Foi só então que percebi que meus esforços de meditação, realizados com uma mente de tanta energia zelosa, estavam deficientes em sabedoria. No entanto, lá estava eu, vivendo sozinho sem um competente companheiro do Dhamma para me dar conselhos. Ser apenas corajoso e ousado em se esforçar, enquanto o coração fica para trás em sabedoria, não é tão bom. Foi isso que causou a minha febre.

Quando o retiro das chuvas acabou, refiz meu caminho e fui procurar meu irmão e Ajahn Sao em Nakon Panom. Fui porque tinha estado separado de todos os meus companheiros do Dhamma e professores de meditação por mais de dois anos. Desde que Ajahn Sao, Ajahn Man e companhia tinham deixado o Distrito de Tah Bó, eu tinha sido o único monge do nosso grupo a permanecer na área.

14.1 O caso de Luang Ta Man

Naquela época, Luang Ta Man⁶², de Bahn Kó, veio passar o retiro das chuvas em Nah Sidah, o vilarejo onde nasci. Ele era o tipo de personagem que gostava de viajar por aí, discutindo com monges menos conhecedores. Ele os desafiava com seu suposto domínio da religião e estava pronto para debater com qualquer um e vencê-los. "Mesmo todos aqueles monges de meditação da floresta", disse ele, "quando me veem chegar, se escondem. Pode olhar por si mesmo, nenhum deles dá conta e todos fogem com medo de mim. O único que resta agora é esse 'senhor' Thet, mas, em alguns dias, ele também estará a caminho."

Depois de ouvir continuamente coisas como essas, ninguém mais perdia tempo falando com ele. Se tentassem, não conseguiriam dizer uma palavra, pois ele sempre tinha que ser "o único a entender corretamente".

Foi durante o retiro das chuvas que surgiu uma disputa entre ele e os monges no mosteiro do vilarejo de Glahng Yai. Esses monges me abordaram discretamente com um convite para descer da caverna na montanha para esclarecer e resolver o conflito. Assim que cheguei, ele inverteu sua posição e desistiu da disputa. No entanto, repetiu este tipo de disputa e prevaricação tão frequentemente que todos os monges locais estavam totalmente enojados dele. Talvez se possa usar expressão comum do Sul da Tailândia: "ficou louco por fama e celebridade". Eles não se incomodavam mais em se envolver com ele, pois qualquer discussão estava se tornando claramente inútil.

Depois veio o último dia do retiro das chuvas, o dia da Pavaraná. Essa é uma ocasião tradicional para oferendas cerimoniais, então eles foram e convidaram Luang Ta Man para se juntar ao sermão. Ao mesmo tempo, vieram e me convidaram, mas não mencionaram isso para ele. Quando cheguei à vila, não se via ninguém pois já estavam todos à minha espera no mosteiro. Isso era incomum, pois, em um dia normal, quando eles sabiam que eu estava a caminho, todos os aldeões tendiam a sair e esperar, alinhando-se de ambos os lados da

⁶² Luang Ta: ver títulos tailandeses no glossário. Man é um nome comum e esta não é a mesma pessoa que o famoso mestre de meditação.

estrada⁶³. Algumas pessoas até gritavam e faziam uma grande comoção, a ponto de eu ficar relutante em andar pela vila de Glahng Yai.

Quando o sermão de Luang Ta Man acabou, convoquei uma reunião de todos os monges para discutir os pontos que ele havia levantado. Ele disse que recitar louvor ao Buda começando com "Araham"⁶⁴ está errado; como nós mesmos não éramos arahants, não podíamos prestar-lhe homenagem dessa forma. Ele explicou a lógica de suas razões para isso, e disse que devíamos começar a recitação com "Namo" e depois continuar com "Namo [tassa Bhagavato] Arahato Sammā Sambuddhassa". Chamei a atenção dele para o fato de que essa fórmula presta homenagem a "arahato" da mesma forma. Seria o caso então que Luang Ta Man — seguindo sua própria lógica — já era um arahant iluminado?

Foi nesse momento que Luang Ta Man explodiu de raiva e disse: "Se eu não fosse um arahant, certamente não continuaria sendo monge, teria voltado para a vida leiga e ido para casa, dormir com minha esposa..." Sua linguagem continuou com mais crueldades e era ofensiva a todos que escutavam. Portanto, repliquei e questionei qual indicador ele usava em suas suposições sobre ser um arahant. Ele respondeu que "olhar para a terra" era o indicador que usava para medir. Respondi que qualquer um poderia perceber a terra, mesmo o gado pastando inclina sua cabeça e olha para a terra de manhã até a noite — isso então deve fazer de todos eles arahants.

"Esse Luang Ta gabou-se de ter atingido estados supranormais." Assim que disse isso, ele ficou chocado e mudo, incapaz de dizer mais nada. Continuei a me referir a muitas questões. Anunciei, por exemplo, que se era verdade que ele continuamente discutia e desafiava os monges locais e os monges de meditação da floresta, deveria falar agora. Mas ele recusou-se a falar.

A essa altura, já era quase noite e os monges estavam se preparando para a cerimônia de Pavaranā. Luang Ta Man entrou no Salão de Uposatha para se juntar

⁶³ Naquela época, monges que eram capazes de viver ilesos em cavernas e florestas "infestadas de demônios" eram considerados com reverência supersticiosa.

⁶⁴ As frases pāli tradicionais começam com: "Araham sammā sambuddho..."

à cerimônia, mas os monges se recusaram a permitir que ele participasse⁶⁵ e ele, portanto, teve que voltar para Nah Sidah sozinho. Naquele dia, a maior parte do vilarejo tinha vindo ao mosteiro e ninguém tinha sido deixado para trás para cuidar das casas. Até o chefe do distrito, que nunca tinha pisado em um mosteiro, veio nesse dia, mas depois desse dia continuou com participação regular pelo resto de sua vida.

Não voltei imediatamente para a caverna naquela noite, mas fui dormir no mosteiro em Nah Sidah. Luang Ta Man veio me ver, ofegante e com falta de ar, quase incapaz de juntar as palavras. Ele estava amuado e sentia-se tão desprezado que iria fugir naquela mesma noite. Ele disse que estava muito envergonhado e embaraçado para encarar as pessoas, e tinha que ir embora. Pedi-lhe para repensar e, pelo menos, ficar até de manhã, dizendo que não tinha má vontade com ele e que só tinha falado de acordo com a verdade e a razão. Mas ele não conseguiu dormir a noite toda e, ao amanhecer, saiu para ver o monge-chefe do distrito e pediu permissão para deixar de ser monge. Embora tivesse passado apenas um dia, a notícia do que tinha acontecido já tinha se espalhado. O monge-chefe já sabia sobre o assunto e, portanto, disse-lhe que a permissão não era necessária, para ele apenas ir em frente e voltar à vida de leigo⁶⁶. Ele então foi para Bahn Kó, pedir permissão de seu antigo professor de estudos do Dhamma, mas este também sabia sobre a situação e também lhe disse que a permissão não era necessária, para ele simplesmente seguir em frente e despir os mantos.

Finalmente, deixou de ser monge e se trancou no quarto da ex-esposa. Passaram-se muitos dias até ele se atrever a mostrar a cara novamente.

Incluí esses episódios auxiliares nesta autobiografia para torná-la mais abrangente.

⁶⁵ Monges que cometeram uma ofensa pārajika (falsamente gabar-se de realizações) são automaticamente expulsos da sangha, portanto não constam mais como monges.

⁶⁶ Não havia necessidade de formalmente renunciar aos votos, uma vez que a partir do momento que cometeu uma ofensa de pārajika, ele já não era mais válido como monge.

14.2 Luang Dtia Tóng-in

Depois de relatar essas histórias mais tangenciais, agora quero voltar para assuntos essenciais. Luang Dtia⁶⁷ Tóng-in era originalmente da província de Korat, da vila de Koke Jó Hó. Mudou-se para gerir um negócio em Tah Bó, onde se tornou um próspero e proeminente comerciante, bem conhecido em toda a área. Ele e sua esposa eram ambos budistas devotos e o povo de Tah Bó veio a saber sobre manter os preceitos de leigo graças à influência dele. Luang Dtia Tóng-in doou um pomar para estabelecer um mosteiro e o chamou de "Wat Ambavan" (Mosteiro do Bosque de Mangas), nome que incorporava ambos os nomes de sua esposa (Am) e o seu ('In'[dra]). Ambos foram ordenados como monge e monja por quatro ou cinco anos. Mais tarde, ele ficou doente com uma doença que fez seu corpo inchar e isso o confinou à cama.

A cada ano, os filhos de Luang Dtia Tóng-in reuniam-se para fazer mérito e oferecer doações para ajudar a recuperação dele. Aconteceu deles me convidarem para participar da cerimônia, mesmo que eu nunca o tivesse visto antes. Naquela época, eu tinha cinco retiros de chuvas como monge e ele tinha sete, fazendo-o mais sênior do que eu por dois anos.

Luang Dtia Tóng-in me disse que sua condição o fazia se sentir como se já estivesse morto. Respondi, "quando a pessoa está morta, é bom". Ele continuou a dizer que não estava preocupado com nada, que tinha colocado seu coração apenas nos Quatro Caminhos, nos Quatro Frutos e Um Nibbāna [isto é, Iluminação]. Disse a ele que se tais aspirações ainda estavam presentes, ele certamente ainda não poderia estar morto, pois os mortos não têm quaisquer desejos. Com isso, ele foi pego de surpresa e respondeu, perguntando: "Se eu não tiver nenhuma aspiração, o que quer que eu faça?" Disse para ele meditar usando "Buddho" como seu único objeto de atenção. A essa altura, notei que o andar de baixo já estava cheio de monges, então rapidamente completei minha parte da cerimônia e desci, permitindo que os monges de outros mosteiros dessem continuidade às atividades.

(Normalmente, quando ele estava se sentindo bem, era muito diligente com suas devoções diárias, recitando muitos cânticos e versos do Dhamma. Ele levava sete

⁶⁷ Dtia é uma expressão chinesa para "pai". Chamar de Luang Dtia significa que é um senhor de idade de descendência chinesa.

dias para completar uma rodada de suas recitações em pāli. Quando os professores seniores de meditação vinham visitar, por exemplo, Ajahn Man e Ajahn Sao, ele ia vê-los e, ao sair, exortava a esposa e os filhos a fazerem mérito com ofertas de presentes e comida na tigela dos monges. Era o suficiente, dizia ele, não havia necessidade de exagerar. No entanto, sua filha conseguiu progredir muito bem na prática de meditação.)

No início da manhã seguinte, alguém veio me pedir para ir ver Luang Dtia Tóng-in, que ele queria me dizer algo. Disse-lhe para esperar um momento, pois assim que tivesse comido minha refeição, estaria a caminho. Ao chegar lá, ele rapidamente me relatou sua maravilhosa experiência:

"Ajahn, tive uma experiência estranha ontem à noite. Os galos costumam cantar 'cocoró! cocoró!'... mas ontem à noite não teve nada disso. Em vez disso, disseram: "sua mente está unifocada, sua mente está unifocada..."⁶⁸

(Quando o coração tem apenas um objeto e está em unidade, [citta ekaggatā ou ekaggatāramana] sons podem se manifestar dessa forma.)

"Ajahn", acrescentou, "antes, os lagartos gecko sempre gritavam, 'tuké, tuké', mas ontem à noite eles disseram 'você já está velho!', 'você já está velho!'"⁶⁹

(Isso se torna um sermão do Dhamma, pois quando qualquer som colide com um som fonético semelhante, ele pode imediatamente se tornar numa ferramenta de ensinamento.)

Tranquelizei-o de que isso estava correto e que ele deveria agora estar determinado a desenvolver ainda mais sua meditação, tornando o coração bem estabelecido e estável durante o dia e a noite toda. Ele não deveria permitir que qualquer distração ou descuido surgisse, e assim estaria pronto e preparado para a morte.

⁶⁸ Para ouvidos tailandeses, o galo normalmente canta: "êk-iii-êk-iiii-êk-êk". Mas Luang Dtia Tóng-in ouviu: "chit jao pen êk".

⁶⁹ Esse tipo de lagarto está por toda parte na Tailândia e tem um grito muito alto "Tuké! Tuké". Pode ser ouvido ao fundo na maioria das gravações de palestras de mestres tailandeses. Nesse caso, Luang Dtia Tóng-in ouviu "Dtua jao gué léo!"

Alguns dias depois, um leigo veio me pedir que fosse imediatamente ver Luang Dtia, pois ele estava prestes a desistir da vida monástica. Fiquei chocado. Do que poderia se tratar isso? Por que ele queria deixar de ser monge, justo quando estava se tornando proficiente em meditação? Disse ao leigo que pedisse para ele esperar e não largasse o manto imediatamente, que assim que terminasse minha refeição, iria vê-lo. Sua cabana tinha dois conjuntos de balaústres e assim, quando cheguei lá, abri o portão exterior e entrei, enquanto um dos meninos, que ajudavam a cuidar dele, abriu o próximo portão para mim. Ouvir minha aproximação provou ser o suficiente para dissipar todas as suas dúvidas, foram descartadas como se faz com a casca de uma fruta.

Luang Dtia me explicou o que tinha acontecido. Ele disse: "Relatei à minha filha todas as minhas várias experiências de meditação, da mesma forma que disse a você. Então percebi: 'Ah não! Sou culpado do pior tipo de ofensa, vangloriar-me de realizações supranormais para ela.' Fiquei tão ansioso e angustiado com isso que pensei que teria que deixar de ser monge. Mas assim que ouvi o som da sua chegada, toda aquela agitação evaporou-se. Por isso, agora não vou mais deixar a vida monástica."

Expliquei a Luang Dtia que certamente não era caso dele ter declarado conquistas supranormais, pois ele não tinha agido por um desejo de louvor, ganho ou fama. Ele tinha falado para transmitir o entendimento do Dhamma e, portanto, não havia ofensa.

Mais tarde, comecei a pensar de novo em meus professores de meditação e fiquei preocupado com a minha longa ausência — dois anos — deles. Então, despedi-me dele e fui a Nakon Panom visitar o Ajahn Sao.

14.3 Morando com Venerável Ajahn Sao

Ajahn Sao geralmente não dava palestras de Dhamma formais, e quando o fazia, era mais à maneira de uma conversa informal. Ficar com ele, naquele ano, significava que haveria outro monge disponível para ajudá-lo. Ajahn Tum já era residente lá, assim ambos podíamos contribuir com a nossa energia para ajudar Ajahn Sao a ensinar e instruir a comunidade leiga.

Foi nesse ano que implorei a Ajahn Sao para que consentisse em tirarmos sua fotografia como recordação. No início ele não queria, mas implorei e dei-lhe

razões até que ele finalmente concordou. Salientei o quanto seria essencial para seus discípulos e para os das gerações futuras terem sempre a oportunidade de usarem a fotografia como foco para lhe prestar homenagem. Anteriormente ele não aceitava ter envolvimento algum com esse tipo de coisa, então, foi realmente um acontecimento único. Mesmo assim, eu estava preocupado que ele mudasse de ideia e por isso tive de agir rapidamente. Assim, atravessei o rio Mekong até o Laos para trazer um fotógrafo e tirar a foto.

Fiquei muito feliz por ter conseguido fotografar o Ajahn Sao e dei cópias a Chao Khun Dhammachedi e Phra Khru Sila-samban (que mais tarde recebeu o título de Chao Khun Dhamma-sāramunī). A fotografia do Ajahn Sao que arranjei naquela ocasião parece ter sido a única existente.

Ajahn Man era a mesma coisa. Ele sempre se recusou a permitir que fotografias dele fossem tiradas para registro ou recordação. Frequentemente pedia a ele que o fizesse, mas ele respondia que o dinheiro seria mais bem gasto "comprando alguma coisa para os cães comerem". No entanto, quando persisti com os meus apelos e justifiquei minhas razões, ele finalmente cedeu. Isso seria para o benefício das gerações seguintes, que agora teriam uma imagem dele para prestar reverência e respeito.

Depois do retiro das chuvas, Ajahn Sao partiu em caminhada para o outro lado do Rio Mekong, para ficar na caverna de Som Poi. Essa era a caverna onde ele e Ajahn Man tinham ido juntos, quando saíram, pela primeira vez, em busca de reclusão. Era uma grande caverna, com uma série de câmaras e muitas passagens interligadas. Lá havia também um armário especial para guardar as escrituras pāli, mas estava sem livros. Eu o segui até lá mas, quando cheguei, ele já tinha partido.

Ele tinha ido à "Caverna do Tigre", que ficava muito longe ao longo de tortuosos e sinuosos caminhos, através de duplas cordilheiras de montanhas tortuosas e labirínticas. Uma tigresa havia dado à luz logo abaixo da caverna onde Ajahn Sao estava vivendo, por isso era conhecida como Caverna do Tigre. Cerca de quarenta metros acima havia uma caverna alongada, que se estendia através da montanha

até o lado mais distante. Os aldeões locais disseram que se consumiam cinco tochas 'dtai' sucessivas⁷⁰ antes que se conseguisse sair na outra extremidade.

Ajahn Sao vivia na boca dessa caverna com alguns monges e noviços. Havia também um homem velho que os tinha acompanhado para atender a Ajahn Sao. Esse velho costumava acender um fogo na entrada da caverna onde dormia. No meio de certa noite, ouviu um som barulhento mas não conseguiu ver nada quando se levantou para olhar. Isso o intrigou, então, ao amanhecer, andou ao redor para inspecionar o local de onde o som tinha vindo. Encontrou pegadas — um tigre esteve ali. O tigre provavelmente queria entrar na caverna mas, ao ver uma pessoa deitada lá, foi embora.

Ambas as paredes dessa caverna eram completamente lisas, fazendo-a parecer o interior de um vagão ferroviário. A água escorria de estalactites para uma piscina mais ao fundo, dentro da caverna, e os monges podiam coletá-la para beber. Não havia necessidade de filtrá-la, porque não continha criaturas vivas⁷¹. Um monge me levou para olhar os confins da caverna e nossa inspeção durou o tempo que levaria para metade de uma vela queimar. Foi muito agradável, sem qualquer sensação de opressão. A vila mais próxima ficava a cerca de um quilometro de distância. Fiquei lá com Ajahn Sao por duas noites antes de voltar.

Ouvi notícias de que, durante a Segunda Guerra Mundial, uma companhia de soldados japoneses tinha estabelecido um acampamento escondido dentro dessas cavernas. Quando os americanos receberam informações da inteligência sobre isso, entraram e bombardearam as grutas. Uma bomba explodiu na entrada da caverna, selando-a e fazendo com que muitos japoneses morressem. Nunca ninguém escavou o local. Como isso é trágico! Desvalorizamos e desperdiçamos tanto a vida humana.

⁷⁰ Dtai (tailandês): A tocha de estilo antigo feita de partículas de madeira podre e quebradiça, comprimidas em uma resina inflamável e amarradas em folhas em um cilindro longo.

⁷¹ De acordo com a disciplina monástica, a água tem que ser filtrada de todas as criaturas vivas antes do uso.

15. Retiro das chuvas, 1929, em Nah Sai

À medida que o retiro das chuvas se aproximava, Ajahn Sao me mandou passar o retiro no vilarejo de Nah Sai, enquanto Ajahn Pu-mi ficou perto do vilarejo de Nah Ki Rin. Isso foi em resposta aos convites de devotos leigos em ambos os locais. Durante esse retiro das chuvas minha saúde não esteve nada boa, mas me recusei a ficar desanimado ou relaxado em meus esforços de meditação. Estava tão decidido que de bom grado teria sacrificado minha vida como oferenda à Trílice Joia.

Isso me fez refletir sobre as ameaças e perigos que poderiam estar à frente, tanto para mim como para o budismo em geral. Será que a ordem dos monges a que pertenço conseguirá continuar? Pode haver desordem política ou talvez forças inimigas invadam o país. Posso acabar recrutado para o exército e, se não isso, a nação pode ser escravizada sob domínio estrangeiro. Como poderia continuar a ser um monge nessas circunstâncias? Mesmo que eu pudesse continuar, as condições não seriam propícias à prática do Dhamma e da regra monástica. Então, o que deveria fazer? Além disso, embora agora tenhamos muitos professores de meditação competentes, quando a velhice, a doença e a morte cobrarem seu preço, quem será o guia e líder do grupo de monges nesse caminho de prática do Dhamma? A luz radiante do Dhamma do Buda inevitavelmente se tornará cada vez mais fraca.

Tais ponderações me encheram de tristeza e depressão, de modo que senti pena de mim mesmo e do futuro estado do budismo. Parecia que esse estado de coisas estava muito perto, a apenas alguns dias de distância. Quanto mais pensava nisso, mais solitário e desanimado me sentia.

Tendo chegado a essa encruzilhada, voltei meus pensamentos para minha situação atual. O estado atual dos assuntos nacionais e políticos ainda era bom e estável. Mestres de meditação ainda estavam presentes e já tinha recebido muito treinamento e instrução deles. Tendo essa oportunidade, senti que devia apressar-me e acelerar a minha prática de meditação. Eventualmente, seria capaz de entender os ensinamentos do Buda e chegar à autossuficiência. O que quer que o futuro possa trazer, quaisquer obstáculos que possam surgir para mim ou para o estado geral do budismo, não sairia perdendo.

Assim que encontrei essa abordagem hábil, meu coração tornou-se firme e ardente em seu esforço de meditação. Durante o retiro das chuvas, embora eu não pudesse realmente sentar-me em meditação, devido à minha doença, e tivesse que me concentrar mais em usar a meditação andando como a postura principal, isso não afetou minha dedicação.

Depois do retiro das chuvas veio a notícia de que o grupo de Ajahn Singh, juntamente com o Venerável Mahā Pin, tinha voltado de Ubon e ido para Khon Kén. Como queria ir e prestar reverência a ambos, me despedi do Ajahn Sao e fui embora.

Esse foi o mesmo ano em que o governo emitiu uma proclamação instruindo a população a abandonar a adoração de espíritos e outras crenças animistas e ocultistas. Instou as pessoas a se refugiarem na Tríplice Joia. Assim, as autoridades provinciais mobilizaram Ajahn Singh e seu grupo de monges para ajudar a domar os demônios e espíritos. Quando cheguei, acabei também sendo envolvido nisso.

16. Oitavo retiro das chuvas em Phra Kreur, 1930, com Ajahn Mahā Pin

Tinha organizado os aldeões de Phra Kreur na mudança do seu monastério, da margem do córrego para uma pequena elevação nos campos à beira do lago Bahn Éo Mong. Depois, Ajahn Mahā Pin veio juntar-se a mim para passar o retiro das chuvas lá. Os outros monges seniores residentes no retiro das chuvas incluíam Ajahn Pu-mi, o Ajahn Gong Mah, eu, e Ajahn Mahā Pin como monge-chefe.

Durante este retiro de chuvas ajudava regularmente Ajahn Mahā Pin assumindo algumas responsabilidades no ensino e, às vezes, recebendo visitantes. Todo dia de observância⁷², todos os monges, noviços e leigos visitantes se dedicavam ao desenvolvimento da meditação da melhor forma possível, de acordo com suas habilidades individuais. Pode-se dizer que alcançaram resultados muito satisfatórios. Alguns leigos meditaram e vieram a ver muitas coisas diferentes e diversas, de modo que ficaram absortos na meditação e esqueceram completamente suas casas e famílias.

Depois do retiro das chuvas, Ajahn Pu-mi e o seu grupo de monges, juntamente comigo, nos despedimos de Ajahn Mahā Pin. Saímos em busca de reclusão na direção de Jote Nong Bua Bahn, no distrito de Kantara-vichai (Koke Phra) da província de Mahasarakam. No início fomos convidados a ficar perto da escola de Nong Wéng para dar algumas palestras do Dhamma e instruções à população, até que os devotos leigos do vilarejo de Jote Nong Bua Bahn viessem e nos convidassem para voltarmos ao vilarejo. Eventualmente, o local em Nong Wéng tornou-se um mosteiro permanente.

Dessa vez, quando voltamos ao vilarejo de Jote Nong Bua Bahn, nos instalamos em uma selva densa ao lado do lago Dtók Pén. Durante esse período, numerosas pessoas vieram para treinamento em meditação, incluindo muitas monjas e leigos que mantinham os oito preceitos. Algumas dessas pessoas alcançaram resultados surpreendentes em sua meditação. Eles sentavam-se em meditação no mosteiro e conseguiam saber que no vilarejo seus filhos ou netos estavam brigando e

⁷² Wan Phra: o "Sabbath" budista, que cai na lua cheia, nova, quarto crescente e quarto minguante.

xingando uns aos outros⁷³. Aqueles que conseguiam meditar eram maravilhosamente bem-sucedidos. Havia também alguns que não conseguiam meditar e só tomavam os preceitos, porque era o que seus amigos tinham feito.

Certo dia, um monge teve uma visão quando estava meditando. Dizia respeito a uma certa jovem monja que parecia se aproximar, desejando tocar-lhe os pés. Mandei chamar a monja em questão e instruí-a sobre a necessidade de perceber o mal em toda a sensualidade, porque era aquilo que se tornaria a causa para o sofrimento. Ressaltei que a forma física é a base para inúmeros apegos. Isso finalmente permitiu que a monja aceitasse e entendesse a situação, mas ela certamente deve ter se perguntado como eu sabia a respeito.

Com a aproximação do retiro das chuvas, Ajahn Singh ordenou que eu partisse e passasse o retiro no distrito de Phon, e Ajahn Pu-mi deveria assumir o lugar onde eu estava hospedado, no Lago Dtók Pén.

⁷³ Ou seja, desenvolviam a habilidade do “olho divino”.

17. Nono retiro das chuvas, 1931, em Bahn Phon

Venerável Ket, meu irmão mais velho, veio ficar comigo durante esse retiro das chuvas. O ensino e a instrução dos leigos continuaram normalmente, enquanto minha prática pessoal de meditação e a dos monges e noviços residentes manteve um ritmo constante. No entanto, um incidente extraordinário ocorreu, envolvendo uma feiticeira. Ela tinha dez ou mais discípulos e viajava por aí a ganhar a vida atendendo a "doentes". Aconselhei-a a abandonar sua adoração de espíritos e a vir estabelecer-se firmemente na Tríplice Joia. Sua crença em espíritos, salientei, baseia-se numa visão errônea e carece de virtude e mérito, enquanto que, buscar refúgio na Tríplice Joia, é realmente algo meritório e bom. Se fizesse assim, ela também seria considerada uma devota com visão correta nos Ensinamentos Budistas.

Ela respondeu que "o que ela tinha era bom" e que, quando algum espírito a possuía de forma mediúnicamente, ela conseguia ser orientada a encontrar um tesouro enterrado, ou capacitada a pular em um amontoado de bambu espinhoso sem se ferir. Respondi que isso poderia ser muito bom para os crentes, mas os espíritos nunca haviam ensinado seus devotos a abandonar o mal e cultivar o bem, ou a manter os preceitos. As únicas instruções que eles sempre davam eram para a pessoa fazer-lhes uma oferta da cabeça de um porco, uma galinha ou pato. Depois de terem solicitado esse sacrifício animal, nem sequer o comem. A pessoa tem que matar o animal e oferecê-lo aos espíritos, e quando eles não vêm e não o comem, então a própria pessoa deve comê-lo. Os espíritos não terão que aceitar a responsabilidade e as más consequências dessa morte, tudo voltará para quem matou.

De que forma esses espíritos nos ajudam? Depois do Buda ter enfim falecido, ele não renasceu como um espírito. Ele legou os ensinamentos que instruíam as pessoas a abandonar o mal e cultivar o que é bom, pois isso é tanto para benefício próprio delas quanto para o benefício dos demais. A Sangha transmite esses ensinamentos a todos nós, de acordo com o caminho estabelecido pelo Buda. Assim, temos sido capazes de saber o que é saudável ou nocivo, o que é virtuoso ou prejudicial, até os dias atuais. O ensinamento dos espíritos não é assim.

A feiticeira tomou uma decisão e concordou em abandonar sua adoração de espíritos e dedicar-se à Joia Tríplice. Nessa noite, pôs em prática o ensinamento

que lhe dei e obtive resultados maravilhosos. Isto é, antes de ir dormir, ela recitava suas devoções para a Joia Tríplice e, em seguida, sentava-se em meditação. Ela então viu dois espíritos crianças, uma menina e um menino. Estavam balançando na manivela do moinho de arroz, ao pé das escadas que levavam à casa dela. Não disseram nem fizeram nada. Essa visão era tão vívida como se estivesse acontecendo diante de seus próprios olhos, mas eles estavam de fato fechados em meditação. Ela então se convenceu de que os espíritos não poderiam mais vir e se apoderar dela, e que a virtude e o poder protetor da Joia Tríplice eram realmente grandes.

Seu marido também era um curandeiro e era tão devotado a seus próprios poderes que se recusava a saudar e elevar suas mãos em *añjali* para monges budistas. Antes de entrar em um mosteiro, ele levantava alto o pé (peço desculpas)⁷⁴. Seguindo rigorosamente as regras de seu professor, ele realmente se tornou invulnerável. Podia-se cortá-lo, esfaqueá-lo ou atingi-lo de várias formas sem ser capaz de infligir nenhum ferimento nele. Naquela mesma noite, porém, ele não conseguiu dormir. Sempre que ele começava a adormecer ficava assustado, acordava com medo, como se algo ameaçador estivesse próximo. Consequentemente, de manhã, perguntou à esposa se ela tinha recebido algo “especial”⁷⁵ quando foi ver o Ajahn, porque ele não tinha sido capaz de dormir a noite toda. Sua esposa confirmou que o Ajahn tinha realmente lhe dado algo “especial” e que ela levaria seu marido para vê-lo também. Finalmente, ambos os velhos desistiram da sua feitiçaria e refugiaram-se na Joia Tríplice.

Esses foram os acontecimentos do retiro das chuvas.

⁷⁴ Um gesto de desrespeito. Os pés são considerados baixos e desprezíveis na regra de etiqueta da sociedade tailandesa. O autor acrescenta seu pedido de desculpas entre parênteses até mesmo por apenas mencionar o assunto!

⁷⁵ Um objeto poderoso, um amuleto ou encanto.

18. Décimo retiro das chuvas em Korat, 1932

Os monges meditadores da floresta que eram discípulos de Ajahn Man nunca se aventuraram perto da província de Nakon Ratchasima (Korat). Eles tinham ouvido relatos de que as pessoas lá eram ferozes e cruéis e, portanto, sempre se continham com a preocupação de que não seria seguro. Então, Somdet Phra Mahā Virawong, quando ainda tinha o posto eclesiástico de Phra Dhammapamok, solicitou a Ajahn Singh e a Ajahn Mahā Pin que fossem até lá.

O major da polícia, Luang Charn Nikom, comandante da segunda companhia da Polícia de Korat, encontrou inspiração e fé nos monges. Ele doou um terreno para estabelecer um mosteiro de floresta ao lado da estação ferroviária em Korat. Como consequência, Ajahn Singh chamou seus discípulos que viviam em Khon Kén. Acompanhei esse grupo de monges e ficamos no pomar de Luang Charn. Organizei os monges para construir abrigos temporários, porque Ajahn Singh estava fora em Bangkok e ainda não havia retornado. Quando ele chegou, fui ajudar Ajahn Mahā Pin a construir um lugar para os monges morarem em um cemitério de floresta. Esse foi o segundo local e acabei passando o retiro de chuvas daquele ano lá. Este local eventualmente se tornou Wat Saddhārām.

Muitos monges seniores residiram lá durante o retiro das chuvas: Ajahn Fan, Ajahn Pu-mi, Ajahn Lui, Ajahn Gong Mah e eu. O venerável Ajahn Mahā Pin era o monge-chefe. Durante esse retiro das chuvas, Ajahn Fan e eu fomos responsáveis por ajudar Ajahn Mahā Pin a receber visitantes, dar sermões e instruções aos leigos.

Essa foi a primeira vez que um mosteiro de floresta para monges meditadores foi estabelecido em Korat. Na verdade, dois foram estabelecidos nesse mesmo ano. Esse foi também o ano em que ocorreram mudanças históricas na Tailândia, com o fim da monarquia absolutista e sua substituição pela democracia.

Depois do retiro das chuvas, saí com um grupo de monges que procurava lugares isolados, em direção ao distrito de Gra Tok e Ging Cheh. Voltamos novamente pelo distrito de Gra Tok e supervisionei a construção de um mosteiro preliminar, em Dón Dti Kli, com a ajuda do administrador do distrito, Khun Amnat. Mas antes que fosse concluída, tornou-se necessário que eu retornasse para passar o retiro das chuvas em Tah Bó, na província de Nongkhai. Depois ouvi que Ajahn

Singh tinha enviado Ajahn Lee para passar o retiro das chuvas no distrito de Gra Tok em meu lugar.

18.1 Reflexões e ansiedades que não são Dhamma

O tempo estava incrivelmente quente enquanto eu organizava a construção de abrigos e cabanas de meditação em Wat Pah Salawan, em Korat. Não gosto de tempo quente, mas rangi os dentes e aguentei, perseverando na minha meditação sem parar. Tinha treinado minha mente tão bem que havia quietude e calma durante o dia e noite. Às vezes, ela convergia e entrava em bhavanga, desaparecendo totalmente por muitas horas. No entanto, esse certamente não é o caminho que permite que nasça a sabedoria.

Tinha tentado corrigir esta tendência por um longo tempo, tanto por meus próprios esforços quanto por pedir ajuda a outros. Nunca tinha tido sucesso, mas, dessa vez, encontrei uma saída: ficar preparado para apreender o coração quando ele estava bem no momento da convergência em bhavanga. Nesse momento, a condição de ciência torna-se negligente e há uma inclinação para a indulgência no prazer da tranquilidade e da felicidade. Quando sati desaparece, a mente converge em bhavanga. A coisa a fazer é apreendê-lo bem no ponto em que está se desvanecendo para a indulgência nessa tranquilidade refinada. Apanhá-lo lá e rapidamente definir sati em um objeto mais grosseiro, focá-lo e examiná-lo mais externamente.

O problema será resolvido imediatamente, não permitindo que o coração possa convergir para essa tranquilidade e prazer. Simplificando: evite a convergência do coração e concentre totalmente o exame em apenas um lugar, o corpo físico.

Eu estava sujeito a esse estado de coisas desde que fui pela primeira vez para as florestas meditar, mas foi só nessa época que consegui me curar. Se considerarmos tudo isso, foram mais de dez anos de prática para chegar a esse entendimento. Mesmo assim, quando objetos sensoriais penetravam na minha mente, ela ainda podia ficar agitada. E aquelas pessoas que não têm experiência de paz e felicidade no coração, como vão se sair quando objetos sensoriais invadirem?

Tinha algumas dúvidas sobre o Dhamma-Vinaya, pensando que:

"A pureza do caminho, fruto e nibbāna — que formam o ápice e o objetivo final do ensinamento do Buda — provavelmente não pode mais ser alcançada. Tudo o que restou agora é o nível de realização da cessação, que ainda é um estado mundano." No entanto, ainda levei minha meditação adiante, apesar do clima quente absurdo.

Um dia, minha mente convergiu de uma maneira extraordinária — uma grande convergência num brilho luminoso — e permaneceu lá, sozinha. Havia uma clareza nítida e precisa de saber iluminando brilhantemente esse ponto. Quando me inclinava a examinar ou focar em qualquer tema ou aspecto do ensinamento, todas as minhas hesitações e dúvidas sobre o Dhamma-Vinaya pareciam desaparecer. Era como se já tivesse chegado ao ponto final de todos os dhammas. Não me preocupei, no entanto, com essa questão, mas estava totalmente determinado a saber como limpar o coração até a pureza completa. Já tendo progredido até aqui, o que havia para fazer em seguida, como deveria proceder?

Quando tive a oportunidade de pedir conselhos a Ajahn Singh, ele recomendou que eu concentrasse minha contemplação muito mais nos aspectos desagradáveis, repulsivos do corpo físico⁷⁶. Ele me disse para concentrar lá até que pudesse ver o apodrecimento, a decadência e a desintegração final nos quatro elementos. Interrompi com minhas dúvidas: "Certamente, quando a mente largou forma [rūpa] e apenas o nome [nāma] permanece, não seria voltar à forma corporal demasiado grosseiro como um objeto de contemplação?" Bem, nessa altura ele fez muito barulho, me acusando de já estar me vangloriando de alcançar realizações supramundanas⁷⁷.

A verdade é que eu nunca — desde o início da minha prática de meditação — fui hábil em examinar a repugnância do corpo. Essa é a verdade. Na minha prática de meditação, sempre me concentrei no coração. Deduzi que, porque as impurezas surgem no coração, se o coração não se aventura para fora em

⁷⁶ Asubha. Ver Glossário.

⁷⁷ A reação de Ajahn Singh provavelmente ocorreu pois é de conhecimento comum que a maioria dos praticantes que chegam nesse nível se enganam achando que já superaram o apego ao corpo, o que na verdade só é possível àquele que alcança o estágio de anāgāmi. Ajahn Singh talvez tenha assumido que Ajahn Thet havia caído na mesma armadilha que os demais.

perturbação, mas permanece bem estabelecido em um estado de paz, todas as coisas do mundo são puras.

Minha interrupção, ao expressar essas dúvidas, provocou uma reação muito forte do Ajahn Singh, uma resposta que mostra a verdadeira expressão do seu caráter. Então, o que deveria eu fazer? Fiquei quieto e mantive meus sentimentos de "autossatisfação" para mim mesmo, ponderando as razões pelas quais suas opiniões não se encaixavam com as minhas. Nesse assunto, tornou-se óbvio que apenas Ajahn Man me restava, com quem pudesse contar.

Depois de um tempo, Ajahn Singh suavizou sua voz, virou-se e me perguntou o que estava pensando agora.

Defendi minha posição e disse que ainda não concordava. Insisti, respeitosamente, que ele não devia levar a sério a ideia de que eu estivesse me gabando de realizações supramundanas. Expressei genuinamente minha profunda veneração aos meus professores com um coração puro. A razão pela qual vim adiante expor meu verdadeiro sentimento e expressar tal opinião foi porque estava totalmente perdido sobre que caminho seguir. Expliquei que essa foi a primeira vez que experimentei essa condição da mente e que não sabia se era certo ou errado, ou se precisava de retificação, ou como proceder com ela. Disse, com o devido respeito, que não tinha nenhum ressentimento para com meu professor e que se ele tivesse mais alguma sugestão sobre meios hábeis para resolver minhas incertezas, então, por bondade e compaixão, por favor, exponha tudo para mim. Ajahn Singh então acalmou-me e me confortou, aconselhando-me a prosseguir devagar, mas com firmeza, pois era assim que as coisas iriam se desenvolver.

Puxa, nesse dia meu coração sentiu-se como se tivesse perdido tudo aquilo em que pudesse confiar. Era como se todos os laços e o apego ao grupo desaparecessem. Uma das preocupações do Ajahn Singh era que o grupo de monges não se separasse. Ele queria que todos nós ajudássemos a propagar o budismo naquela província. No entanto, há muito que eu desejava — desde que tinha me juntado aos outros, enquanto permanecia em Khon Kén — separar-me e sair em busca de um pouco de solidão. Isso porque estava bem ciente de que meus esforços de meditação, e as técnicas hábeis necessárias, ainda eram fracos e ineficazes. Tinha tentado continuamente me separar, mas sempre de maneira

que não desse a impressão ao meu professor ou companheiros que não gostava deles. No entanto, não consegui fazer isso. Foi nessa ocasião, depois do retiro das chuvas, que tive a minha oportunidade.

19. Décimo primeiro retiro das chuvas, 1932, em Wat Arañavasi

Foi durante esse retiro das chuvas que me preparei para ir procurar Ajahn Man na província de Chiang Mai. Durante esse período, estava desenvolvendo minha meditação com as mesmas técnicas e métodos que tinha usado enquanto permanecia em Wat Pah Salawan, em Korat. Apesar de ter mantido Ajahn Man firme na mente como inspiração para os meus esforços de meditação, meu coração não parecia tão refinado como antes. Depois do fim do retiro das chuvas, mencionei ao Venerável Ônsi (Sumedho, mais tarde Phra Khru Silakan-sangvorn) minha intenção de ir à província de Chiang Mai, em busca de Ajahn Man. Perguntei-lhe se ele gostaria de ir comigo e, se o fizesse, então deveríamos estabelecer alguns princípios:

1. Não deve haver queixas sobre dificuldades encontradas ao longo do caminho, por exemplo, dificuldades com a viagem, a comida ou o abrigo. Se algum de nós adoecesse, nós nos ajudaríamos mutuamente da melhor forma possível — "juntos até ao fim".
2. Se um de nós tiver saudades de família ou de amigos — por exemplo, dos nossos pais — não deverá haver cumplicidade ou ajuda para o outro voltar.
3. Temos de estar decididos a enfrentar a morte, onde e como ela vier.

Disse ao Venerável Ônsi que se ele aceitasse e concordasse com esses três princípios, então ele poderia ir. No entanto, se não se sentisse capaz de segui-los, certamente não deveria nem pensar em ir. Ir contra isso poderia ser a causa de seu arrependimento posterior e poderia me causar angústia também.

Ele disse que estava satisfeito com o acordo e pediu para ir junto. Havia também um leigo de manto branco, que pediu para viajar conosco.

Embarcamos de Vientiane⁷⁸ em um barco motorizado indo rio acima em direção a Luang Phra Bahng⁷⁹. Às vezes, passávamos a noite em vilas ribeirinhas e, às vezes, acampávamos em bancos de areia às margens do rio. Demorou três noites e quatro dias para chegar a Luang Phra Bahng. Na viagem, admiramos o belo

⁷⁸ Capital do Laos.

⁷⁹ A antiga capital do Laos, ao Norte.

cenário natural em ambas as margens do rio Mekong. Isso, junto com o frescor revigorante do clima local, despertou um sentimento de reclusão e Isolamento que nos encheu de grande felicidade. Também foi aprimorado por haver tão poucos passageiros — e todos eles tinham dormido. Só o capitão e alguns de seus ajudantes de convés estavam por perto.

A paisagem, embora vazia de vilarejos, era cercada por vastas extensões de floresta virgem, com afloramentos rochosos saltando sobre o rio. Ocasionalmente, animais como macacos e langures davam saltos espetaculares enquanto se perseguiram, brincando, pelas árvores. Sempre que o barco se aproximava da margem, eles reuniam-se em tropas e olhavam para baixo, examinando-nos. Hoje em dia, tais cenas são difíceis de encontrar, mas apenas lembrá-las evoca em mim um sentimento de reclusão.

Na chegada a Luang Phra Bahng pedimos permissão para ficar em Wat Mai, o recém-construído mosteiro perto do Palácio Real. É aqui que fica o altar do Phra Bahng⁸⁰ — tão reverenciado e estimado pelos cidadãos da cidade. Isso também aconteceu no dia em que a Rainha [do Laos] veio cerimonialmente inaugurar o pedestal restaurado da estátua. Por isso nos consideramos testemunhas afortunadas desses costumes e dessas cerimônias de fazer mérito dos cidadãos de Luang Phra Bahng. No entanto, não vou entrar em mais detalhes sobre eles aqui.

Depois que as celebrações acabaram, nos despedimos do abade e fomos para Wat Nong Sagaaw, que estava situado em uma colina alta, na margem oposta do rio Mekong⁸¹, diretamente em frente a Luang Phra Bahng. Ficamos lá para esperar o barco que nos levaria rio acima, para o distrito de Chiang Sên, na província de Chiang Rai, Tailândia. Depois de esperar lá por quatro noites, embarcamos novamente e a viagem levou mais quatro noites. A viagem rio acima a Chiang Sên teve, assim, a mesma duração do trecho anterior, saindo de Vientiane. Descansamos em Chiang Sên durante quatro ou cinco noites antes de partirmos por terra para Chiang Rai e Lampang.

⁸⁰ Uma famosa estátua de Buddha, que deu nome à cidade.

⁸¹ O rio geralmente forma a fronteira entre Laos e Tailândia, exceto por este trecho, onde ambas as margens pertencem ao Laos.

Em Lampang, ficamos no jardim para os visitantes de Phra Bat Dtak Phah, na entrada do caminho que leva ao santuário da montanha. O leigo que nos acompanhava adoeceu enquanto lá estávamos. Ele não tinha febre, mas sentia-se exausto e fraco, e sua urina era espessa e avermelhada, como água que foi usada para lavar carne. Estávamos longe de qualquer médico e, por isso, tivemos que recorrer ao remédio do Buda⁸² e depender de nós mesmos. Lhe dissemos para beber a própria urina, ainda que ela parecesse tão avermelhada. Ele bebeu-a logo depois de urinar, enquanto ainda estava quente. Fez maravilhas! Em menos de dez dias ele voltou ao normal. Depois de sua recuperação, partimos caminhando pelos primeiros trinta e cinco quilômetros e, em seguida, continuamos, às vezes a pé e, às vezes, pegando um veículo até chegarmos a Lampun e, finalmente, Chiang Mai.

Quando chegamos a Wat Chedi Luang, em Chiang Mai, perguntamos sobre Ajahn Man, mas não descobrimos muita coisa. Pior do que isso, alguns dos monges até se referiram a ele com desdém.

19.1 Encontros arriscados na vida de um monge

Peço aqui a indulgência dos meus leitores para o que estou prestes a relatar: diz respeito a encontros arriscados na vida de um monge. Você pode ser capaz de encontrar nesse relato algum tipo de importância⁸³. Me faz sentir constrangido e envergonhado, mas deixá-lo de fora tornaria esta autobiografia incompleta.

Uma vez, quando estávamos em Wat Chedi Luang, em Chiang Mai, me senti em boa forma e saudável — nunca antes minha saúde tinha sido tão boa. Presumo que tenha sido por causa do clima frio, que sempre achei agradável. De qualquer forma, fui tirar minha fotografia como recordação. Dois dias depois, voltei à loja para recolher as fotos. Assim que estava pegando as fotografias para examiná-las, uma mulher — não tenho certeza de que tipo de pessoa ela era — veio atrás de mim. Ela pediu — com um certo excesso de informalidade — por uma das fotos, e seu comportamento sugestivo parecia de flerte e provocativo. Ouvi-la falar assim assustou-me, pois tinha acabado de chegar à cidade e não conhecia

⁸² Os medicamentos tradicionais do tempo de Buddha muitas vezes constituíam de conservas em urina (de vaca).

⁸³ Como explica o autor no final desta seção, isto se dirige principalmente a monges e deve ser entendido nesse contexto

ninguém. Assim que olhei e percebi a situação, dei uma resposta plenamente negativa e ela escondeu o rosto, virou-se e fugiu.

Ouvir tais coisas e ver tal comportamento foi uma grande lição de Dhamma. Aquilo me fez refletir de uma maneira mais ampla sobre minhas experiências anteriores com mulheres, pois já havia encontrado comportamentos semelhantes muitas vezes. No entanto, nunca tinha mostrado qualquer interesse, porque estava determinado a viver minha vida como monge no Dhamma-Vinaya do Buda — vendo as mulheres apenas como um perigo para a vida de um brahmachariya⁸⁴. Esse último incidente trouxe à memória todos os episódios anteriores que ocorreram durante a minha vida.

Por exemplo, houve uma vez uma mulher que eu entendia ser uma pessoa devota. Ela também já não era tão nova. Instruí-a sobre meditação — da mesma forma que ensinava outras pessoas. Mais tarde, ela me disse que sempre que se aproximava de mim, parecia que seu coração se aliviava da tristeza. Às vezes, quando um grande grupo de monges vinha me ver, ela também vinha e se sentava lá conosco por longos períodos. Nessa altura, percebi o que ela estava fazendo. Tentei ensiná-la a remediar isso através da meditação, mas sem sucesso. Então usei uma linguagem mais intimidante e forte, numa tentativa de deixá-la com raiva de mim, mas também sem sucesso. Um dia, ao anoitecer, ela forçou entrada na minha cabana e não ouvia nada do que eu dissesse para expulsá-la e, uma vez dentro, sentou-se apática e se recusou a falar. Pedi aos parentes dela que viessem buscá-la e isso a deixou furiosa.

De manhã, enquanto eu caminhava meditando, aproximou-se de mim e parou não muito longe. Ela começou a gritar comigo, dizendo: "Por que você ensina meditação assim? Ensina as pessoas a enlouquecer! Não importa quem seja o professor de meditação, nenhum deles escapa da luxúria!" Depois virou as costas e foi-se embora. Foi uma visão que fez me sentir muito desconfortável. Os parentes levaram-na para um hospital, onde o médico a examinou e não encontrou nada de errado. De lá, ela foi viver em um centro para monjas, onde já tinha amizades próximas. Passaram-se três meses e ela voltou para me ver. Agora já havia percebido por si mesma o erro que tinha cometido, e veio confessar que tinha interpretado mal a situação, tendo pensado que eu possuísse algum poder

⁸⁴ Vida celibatária. Ver Glossário.

mágico⁸⁵ que a tivesse feito se apaixonar por mim. Ela então pediu meu perdão e esse foi o fim do primeiro caso.

O segundo incidente ocorreu muito tempo depois. Estava dando orientação e ensinamentos para budistas leigos em vários lugares nas áreas rurais. Tudo vinha de um senso de bondade e boas intenções, com sincera preocupação, e consegui ignorar qualquer dificuldade que tal atividade me causasse pessoalmente. Às vezes, estava ensinando até tarde da noite — podia continuar até a meia-noite ou até tão tarde como três da manhã.

Sentia, em particular, simpatia pelas jovens presentes que ainda não tinham laços nem obrigações. Queria que elas vissem o sofrimento envolvido em seu gênero, para ver que, se mantivessem o preceito da castidade de forma pura, após a morte, iriam renascer em um reino mais elevado, ou em um corpo masculino, o que lhes permitiria serem ordenadas como um noviço ou um monge⁸⁶. Essa minha opinião ingênua e tola era generalizada em relação a todas as mulheres, não apenas a uma em particular.

Foi essa compaixão que se tornou meu encanto carismático sem que eu tivesse ciência disso. Explico: tinha me tornado tão popular e respeitado por tantas pessoas que muitas delas — mulheres e homens, velhos e jovens — vieram e se ordenaram comigo na floresta. Alguns deles obtiveram resultados maravilhosos em sua meditação, evidentes para si mesmos e para outros membros do grupo. As pessoas que não podiam meditar, no entanto, acabavam por só encontrar oportunidades para aumentar suas impurezas.

Um dia, tive que sair para resolver assuntos, e uma monja apareceu e pediu para me acompanhar na viagem. Recusei e parti. Depois disso, a monja caiu em um estado de confusão atordoada e não dizia uma só palavra. Sempre que alguém lhe perguntava alguma coisa, sua única resposta era um sorriso. Quando voltei, depois de muitos dias longe, e vi sua condição, tentei usar linguagem forte para

⁸⁵ Mahā-niyom: originalmente um cântico (gāthā) "mettā-mahā-niyom". Com o passar do tempo, tornou-se uma expressão idiomática, significando alguém que é atraente ou charmoso, tendo carisma, talvez pelo uso de um feitiço oculto para tornar-se irresistível aos outros.

⁸⁶ Infelizmente, a ordenação para os homens ainda é muito mais amplamente apoiada e, portanto, mais facilmente realizada.

deixá-la indignada e, assim, sacudi-la de sua fixação melancólica, mas ela continuou sorrindo. Tentei usar algumas técnicas budistas para ajudá-la a sair disso, mas não adiantou, por isso pedi a alguém que a levasse de volta para ficar com os parentes. Naquela época, não me pareceu muito significativo e eu pensei que esses incidentes surgiam apenas do desejo sexual.

Depois, continuei a treinar os leigos budistas locais em virtude e Dhamma, com meus esforços baseados na bondade e motivados por um desejo sincero por seu bem-estar. Tive que passar por muitos incidentes menores semelhantes, que poderiam ter posto em perigo minha continuidade na brahmachariya. No entanto, não prestei muita atenção a eles nem pensei que algo desagradável pudesse acontecer; e sinto-me um pouco abalado com tais incidentes, então vou pedir para não continuar a falar sobre eles.

No entanto, vou falar algo sobre um incidente que foi o ponto mais aterrorizante da minha vida monástica. Aconteceu quando era recentemente ordenado.

Às vezes, se tivesse tempo livre, ia com um menino⁸⁷, geralmente à noite, para visitar meus apoiadores leigos. Numa noite dessas, fui a uma casa para visitar uma das apoiadoras leigas. Ela apareceu e trancou a porta atrás de nós. Isso me assustou bastante. Naquela época, ela estava sozinha com seu filho. De qualquer forma, começamos a conversar sobre várias coisas, na maneira normal das pessoas que têm respeito umas pelas outras fazem. Uma coisa que ela sempre me perguntava era se eu queria deixar de ser monge⁸⁸. Sendo uma pessoa direta e naturalmente tímida, sempre dizia "não" e rapidamente continuava a falar sobre temas religiosos.

Dessa vez não foi diferente. Ela fez a pergunta habitual, mas depois seguiu falando sobre o seu passado. Falou sobre uma época antes de seu casamento, quando um monge se apaixonou por ela, mas eles não se casaram. O casamento com seu atual marido foi um caso arranjado — ambas as famílias tinham pensado

⁸⁷ De acordo com a disciplina monástica, um monge ou monja não deve ficar sozinho com o sexo oposto, por isso a presença de um acompanhante.

⁸⁸ Há uma tradição na Tailândia que cada jovem deve se ordenar por um determinado período — não há votos vitalícios — para mostrar sua "maturidade", depois disso, ele pode se casar. Por isso, os monges em alguns locais podem ser considerados bons candidatos a maridos.

que era uma boa combinação. A vida deles juntos não era muito mais do que isso e ela não sabia quanto tempo durariam juntos. Fiquei sentado ouvindo, assumindo que ela estava confiando em mim porque éramos amigos próximos e que não tinha segundas intenções.

No entanto, seu comportamento parecia estranho, na forma como se aproximava gradualmente de mim, sempre cada vez mais perto. A luz da tocha começou a piscar e estava prestes a se apagar, então lhe disse para apará-la, mas ela apenas sorriu e não fez nada. Comecei a me sentir desconfortável e senti o calor interior de algum desejo surgindo, misturado com um forte medo de fazer algo errado e de ser descoberto. Até hoje, acho esse momento difícil de explicar. Era como se eu estivesse completamente estupefato. Tanto quanto percebi, ela deve ter sentido aquilo tão forte quanto eu, se não mais — sua expressão facial parecia desprovida de toda compostura.

Ela já não aguentava mais e saiu para beber água e jogar um pouco em seu rosto, e depois voltou para a sala. Isso se repetiu muitas vezes e, ao entrar de novo, ela sempre se sentava ainda mais perto de mim. Enquanto isso, a minha inquietação crescia e senti-me completamente confuso. Isso me irritou e lhe disse que ia voltar para o mosteiro. No entanto, não foi assim tão fácil, porque quando me virei para pegar o rapaz que tinha me acompanhado, ele estava dormindo profundamente, encostado na parede. Ela me implorou para passar a noite lá na casa e voltar ao mosteiro de manhã. Isso aumentou o meu sentimento de estupidez juntamente com um incrível ataque de timidez. Disse-lhe para acordar o rapaz e, quando lhe pedi uma segunda vez, ela concordou.

Quando o rapaz acordou, descemos as escadas da casa. Quando saí, ainda me sentia confuso e extremamente envergonhado de mim mesmo. Também tinha medo de que meus colegas e professores monges soubessem o que tinha acontecido. Chegamos ao mosteiro por volta da meia-noite, mas fiquei sem dormir até ao amanhecer, refletindo sobre o que tinha acontecido e o porquê. De alguma maneira, escapei dessa circunstância perigosa de uma forma milagrosa.

Aquela jovem estimulou a memória de todos os incidentes passados que relatei aqui — uma estranha que naquele dia pediu a minha fotografia. Ela certamente me deu o equivalente a um poderoso sermão para ouvir. "Ah, então essas são as artimanhas e os caminhos das mulheres ainda perdidas na intoxicação no reino

mundano do desejo sensual." Por isso, permita-me que volte a lhe agradecer sua lição. O incidente que a envolveu foi bastante direto, mas os dois outros casos aconteceram porque ignorei a natureza dos caminhos mundanos; ou alguns poderiam dizer que foi por causa da minha ignorância ingênua. No entanto, estou disposto a ser um simplório inocente sobre esse tipo de coisas, pois é por isso que estive disposto a abrir mão dessa vida e me ordenar monge. Me ordenei na maneira radical de alguém realmente disposto a oferecer sua vida em homenagem aos ensinamentos do Buda. Se, no entanto, não tivesse sido tão simplório, e se meu mérito e bom kamma não tivessem sido tão favoráveis, e se eu estivesse relutante em oferecer minha vida ao budismo — provavelmente teria me tornado, há muito tempo, isca para corvos.

Lembrar-me de minhas escapatórias dessas situações assustadoras causou um sentimento imenso de alegria e satisfação surgindo em meu coração, tanto que meu corpo ainda tremia dias depois. Mais tarde, sempre que eu mencionava esses episódios, esses mesmos sentimentos surgiam e tal reação persistiu por quase vinte anos.

Acho muito embaraçoso e não quero incisivamente declarar que as mulheres representam uma ameaça à vida brahmacariya — afinal de contas, minha mãe era uma mulher e os ensinamentos budistas, sob cuja sombra fresca tomo abrigo, ainda depende principalmente do dedicado apoio das mulheres. No tempo do Buda, a sra. Visakha era amplamente reconhecida como uma das devotas proeminentes (Mahā-upāsikā) do Buda. No entanto, quando o Buda advertiu seus discípulos mais próximos para serem circunspectos sobre a sua vida brahmacariya, na maioria das vezes, ele os avisava para permanecerem vigilantes em relação ao sexo oposto.

Tomemos por exemplo, uma das últimas palavras do Buda. Ele estava respondendo às perguntas do Venerável Ananda⁸⁹ sobre como um monge deveria se comportar com as mulheres depois da passagem do Buda ao Nibbāna: "Não vê-las ou ouvi-las é bom e seguro; enquanto houver contato, então não fique

⁸⁹ Primo e assistente pessoal do Buddha, famoso por sua memória dos discursos do Buddha.

muito íntimo ou converse com elas; quando for necessário falar com elas, certifique-se de tomar cuidado e restringir sua mente."

As mulheres que treinam seus corações para uma pureza que transcende todo sofrimento deveriam contemplar os perigos do sexo oposto, o homem, que forma seu objeto de desejo. Ao ver o defeito e o mal nisso, elas também irão vencer a paixão. Assim como Upalavanna Bhikkhū⁹⁰, que uma vez declarou algo no sentido de que: "Vi o mal de todos os desejos sensuais. Sempre que o desejo sensual atinge o coração de alguém, ele os obscurece e cega — um pai torna-se capaz até de dormir com a própria filha."

Resumindo: o perigo agudo para a vida brahmacariya vem mais seriamente da sensualidade mundana. No entanto, isso não pode ser exclusivamente sobre um gênero, porque todos os seres humanos e animais, nascidos nesse reino de sensualidade, nascem através de ambos os sexos: do pai e da mãe. Seja o que quer que façamos, portanto, não há como haver ausência completa do contato com o sexo oposto.

Qualquer pessoa que deseje ir além de toda a sensualidade deve primeiro escolher essa mesma sensualidade como algo fundamental e como um objeto de deliberação. Isso se aplica especialmente ao sexo oposto que compõe a forma material, em que se penduram os sinais de desejo sexual. Luxúria e desejo sexual são qualidades mentais que existem no coração de todos e, quando surgem, sente-se a necessidade de fixá-los em uma forma física como um alvo e objeto a agarrar. A forma física sobre a qual nos fixamos é inclinada em todos os sentidos a ser capaz de responder a esse desejo de luxúria e paixão. Ela pode fazer isso, por exemplo, através da: forma corporal, características sexuais, pele, forma e aparência, comportamento, decoro e fala.

O sexo oposto, ou qualquer objeto que estimule o prazer sensual pode assim ser transformado em algo que promova as condições necessárias para que uma pessoa possa discernir o dano em toda a sensualidade. Então podemos vê-los

⁹⁰ Esta monja discípula eminente do Buddha, Ayya Upalavanna, era uma arahant e a mais elevada em poderes psíquicos entre as mulheres.

como grandes facilitadores na libertação de nós mesmos do reino sensual⁹¹. Se não fosse esse o caso, todo o Dhamma-Vinaya, os ensinamentos do Buda e o modo de prática dos monges meditadores da floresta — incluindo todas as várias maneiras e faculdades da sabedoria — seriam totalmente inúteis e de nenhum benefício.

Todas as pessoas — quer sejam ordenadas ou leigas — que nasceram nesse reino sensual, são obrigadas a desafiar esse tipo de ameaça e perigo. Mesmo que não possuam os armamentos mais modernos, há sempre a arma que seus pais fizeram para eles (seu punho)⁹², sua constituição básica, para que eles possam lidar com isso. A pessoa que não se levanta e luta desperdiça totalmente a vida em que nasceu. No entanto, a estratégia e as táticas empregadas pelo recluso e pelo leigo serão diferentes, na medida em que o recluso luta pela vitória enquanto o leigo luta contra a derrota. Já a pessoa que não tenta nada apenas apodrece mesmo enquanto ainda viva.

Discuti tudo isso para o benefício daqueles que são ordenados e que devem salvaguardar sua vida brahmacariya. É isso que forma a base para a continuidade futura do Buddha Sāsanā. Embora as mulheres possam ser o maior perigo para a vida celibatária do monge, elas também são do maior benefício e bem para o Dhamma. As mulheres forneceram a forma a partir da qual o Buda e todos os nobres discípulos vieram a nascer, e elas também ofereceram o objeto de contemplação através do qual nasceu a realização do Dhamma deles.

Quando penso naqueles monges que transgridem a disciplina da forma mais ofensiva, envolvendo-se em coisas que são consideradas sensualidade mundana, como o desejo sexual e dinheiro⁹³; o que se pode dizer sobre tais monges que já deveriam ter abandonado tudo isso, quando se ordenaram? Mesmo um leigo, ainda completamente imerso nas cinco amarras do prazer mundano⁹⁴, seria

⁹¹ Ou seja, não se entregando aos prazeres sensuais, mas se voltando para examinar o seu efeito na mente, é possível transcendê-los. Assim, não há indulgência nem repressão, mas o caminho do meio, da contenção e do discernimento.

⁹² Um trocadilho tailandês: moldar ou modelar = pan; punho = kam-pan.

⁹³ De acordo com a regra monástica, os monges são estritamente proibidos de aceitar dinheiro, ouro e prata.

⁹⁴ Anseio e indulgência pela experiência prazerosa que surge dos cinco sentidos.

considerado baixo e sórdido se exibisse tal comportamento entre pessoas de princípios morais.

Já levei meus leitores demasiado longe, atravessando uma floresta de perigos poderosos, até que se cansassem. Agora voltarei ao relato da minha busca por Ajahn Man.

19.2 Seguindo Ajahn Man em Myanmar, 1933

Ficamos em Wat Chedi Luang, na cidade de Chiang Mai, por duas ou três noites e depois nos despedimos do abade para continuar a nossa viagem em busca de Ajahn Man. Depois de indagações infrutíferas nos vários pequenos mosteiros onde ele havia estado, decidimos verificar com certeza e fomos mais adiante, além da Tailândia.

Atravessamos Myanmar pelas cidades de Muang Hahng, Muang Dtuan, Mork Mai e Rahng Kruer, indo até aos penhascos de Phah Hang Hoong (Rang Roong) que são próximos de Muang Pan, no rio Salwin. Mas nossas esperanças foram frustradas porque não havia o menor sinal de que ele tivesse feito aquele caminho. O tempo frio então provou-se demasiado para nós e depois de passarmos duas noites com as tribos da colina Palong, descemos as montanhas. Era muito frio — mesmo em meio à estação quente de março e abril! Fomos obrigados a nos amontoar em volta do fogo dia e noite. Como teria sido na estação fria ou durante um ano particularmente frio?

Ajahn Man desapareceu na selva por causa do que aconteceu quando o Chao Khun Phra Upali-gunuupamahjahn (Siricando Chan) sentiu que não tinha mais muito tempo para viver. Chao Khun Phra Upali viu que era necessário um monge sênior adequado para assumir o comando de Wat Chedi Luang e, por causa de seu já grande respeito pelo Ajahn Man, estava inclinado a entregar-lhe a responsabilidade pela administração daquele mosteiro. Ajahn Man preferia paz e sossego. Ele não queria envolver-se em tais assuntos, mas, por respeito à intenção do Chao Khun Phra Upali, foi e residiu lá por um retiro de chuvas. Depois do retiro, foi embora e desapareceu na floresta. Chao Khun Phra Upali havia falecido em Bangkok durante o mesmo retiro de chuvas⁹⁵.

Nos dois anos seguintes, não houve notícias de Ajahn Man. Com isso, restava a mim e ao Ven. Ônsi a tarefa de procurá-lo, e nossas andanças através de florestas e montanhas foram todas direcionadas para isso. Enquanto estávamos na Tailândia, sentíamos-nos em casa com as várias dificuldades que sempre tivemos de suportar, mas, assim que atravessamos a fronteira, nossas frustrações e

⁹⁵ Segundo consta na biografia de Ajahn Man, estando Chao Khun Upali morto, Ajahn Man não sentiu mais necessidade de agir de acordo com seu pedido.

dificuldades foram multiplicadas por mil. Por exemplo, havia diferentes tradições e costumes culturais, e a barreira da língua.

Embora todos fôssemos supostamente budistas⁹⁶, os costumes eram, algumas vezes, muito diferentes do que estávamos acostumados e às vezes não se pareciam nem mesmo em linha com o Dhamma-Vinaya que o Buda havia estabelecido. Foi muito penoso e incômodo para nós, já que éramos seus visitantes e hóspedes. Foi especialmente assim quando estivemos nos vários vilarejos das tribos das colinas, que eram particularmente pobres e pouco desenvolvidas.

E os caminhos e trilhas! Em alguns lugares, fomos forçados a seguir os riachos até os vales das montanhas; caso contrário, teríamos que caminhar ao longo da beira de precipícios. Na descida de uma tal escalada, escorreguei em algumas rochas e caí, cortando meus joelhos. Forcei-me a aguentar até chegarmos ao vilarejo de Pong Pah Khém, na fronteira entre a Tailândia e Myanmar. Depois fomos ficar na Caverna Plong, onde pude cuidar das minhas feridas e me recuperar por dez dias.

Enquanto viajavamos por Myanmar, tínhamos visto muitas características admiráveis. As pessoas de lá gostavam de paz e sossego, e eram generosas e de coração aberto. Não havia ladrões ou bandidos, nem animais domésticos — nem aves domésticas ou porcos — porque eles não matavam animais. A dieta deles era basicamente vegetais temperados com pimenta, sal, feijões e gergelim. De vez em quando, alguns peixes secos eram trazidos do Camboja para serem provados. Mais tarde ouvi dizer que, após a Segunda Guerra Mundial, o Marechal Por⁹⁷ obrigou estas pessoas a criarem animais domésticos, o que lhes causou muita angústia. Realmente apreciei sua sincera boa vontade e fé religiosa, e seu modo de vida pacífico e ordeiro. Não ouvíamos barulho perturbador à noite, mesmo que as casas do vilarejo pudessem estar ao lado da cerca do mosteiro. Era como se não houvesse nenhum vilarejo lá.

Quando a ferida no meu joelho sarou bem o suficiente para andar, nós dois saímos através das montanhas de Món Ahng Kahng (onde Kahng significa hu-

⁹⁶ Os Estados Shan e a Myanmar são principalmente budistas; mas muitas das tribos das colinas são animistas.

⁹⁷ Na época, o Chefe de Estado tailandês.

ang ou "Montanha Possuída por Demônios"). Caminhamos por elas o dia todo sem chegar ao vilarejo da colina, pois esta montanha era realmente extremamente alta⁹⁸. Levou até o meio-dia para chegar ao cume e, em seguida, a descida provou-se tão íngreme que a escuridão nos alcançou ao chegarmos ao pé da montanha.

Continuamos caminhando e, cerca de meio caminho ao longo da trilha, ouvimos o rugido de um tigre não muito longe de nós. Quase morri de medo com a ideia de um tigre estar tão próximo, mas não avisei meu amigo — ele tinha nascido e sido criado em uma área agrícola desenvolvida, então não conhecia o som de um tigre. Se tivesse contado a ele, sabia que iria arrastá-lo instantaneamente para o meu estado de ansiedade. Tendo ido além do alcance do rugido do tigre, perdemos a trilha e então fomos forçados a encontrar um lugar para passar a noite na selva. Eu tinha tanto medo do tigre que fiquei sem dormir durante toda a noite. Havia um orvalho pesado e estava muito frio, ainda assim meu amigo roncou a noite toda. Enquanto eu estava apavorado com a ideia de que o tigre pudesse ouvi-lo e nós sermos mortos, ele dormiu feliz a noite toda.

Ao raiar do dia, arrumamos nossas coisas, ainda molhadas do orvalho, e partimos de novo. No caminho, disse-lhe que o barulho que tinha ouvido na noite anterior, que parecia o ganido de um cão moribundo, era, na verdade, um tigre. Era o rugido que um tigre faz logo após ter consumido uma refeição completa, expressando sua boa disposição.

Continuamos a andar e, por volta das oito da manhã, havíamos chegado a um vilarejo onde pudemos esmolar alimentos. Depois de comer a nossa refeição, partimos novamente e chegamos à caverna Dtap Dtao, onde ficamos por um tempo para recuperar nossas forças. Sentindo-nos revigorados, então retomamos nossa jornada, indo na direção do distrito de Phrao.

19.3 Um mau presságio para os viajantes

Em seguida, algo inacreditável aconteceu. Naquele dia, depois da nossa refeição, estávamos saindo da caverna Dtap Dtao, quando um veado disparou ao lado de duas casas e atravessou nosso caminho. Estas casas tinham sido construídas no meio de um campo de relva aberto, perto do portão do mosteiro na caverna. O

⁹⁸ Uma das mais altas da Tailândia, com mais de 2.000 metros.

veado passeava calmamente, quase preguiçosamente, à nossa frente, mas não reparamos nele, imaginando que aquilo fosse apenas porque que aquele era o seu território, e nós estávamos apenas de passagem por ali.

Continuamos pelo resto do vilarejo e estávamos atravessando os campos para pegar o início da trilha principal, quando mais veados apareceram. Um par, macho e fêmea, que estava entre a manada de búfalos d'água do vilarejo, viu-nos chegando e atravessou à nossa frente novamente, e novamente não lhes demos atenção. No entanto, pouco tempo depois descobrimos que, embora tivéssemos começado pelo caminho certo, de alguma forma nos afastamos dele. Como é possível que tenhamos nos enganado e acabado numa velha trilha abandonada, que conduzia a um vale lateral?

Por cerca de dez horas fomos forçados a achar nosso caminho ao longo do leito rochoso do rio, pois as íngremes encostas das montanhas que se erguiam em ambos os lados forçavam o caminho pela margem. À medida que a subida progredia, ela tornou-se tão estreita e a selva tão espessa que nenhuma luz solar conseguia penetrar. Não paramos para descansar, nem mesmo para beber água. Quando a exaustão começou a se instalar, propus ao meu companheiro que refizéssemos nossos passos e pegássemos o caminho principal, mas ele não concordou.

Pensei que a cabeceira do riacho que estávamos seguindo devesse ser a principal fonte de drenagem para os cumes circundantes, mais levemente arborizados — assim como os riachos na minha região natal no Nordeste. Certamente não era assim porque quando finalmente chegamos à fonte encontramos uma face de penhasco nos confrontando. Havia pegadas de grandes veados e buracos de javalis.

Como não havia mais nenhum caminho para a frente, tivemos que voltar para trás e quase imediatamente pisei em uma pedra e caí, de modo que ela rasgou profundamente a sola do meu pé. A noite aproximava-se, por isso usei o meu pano de ombro⁹⁹ para atar a ferida e decidimos escalar as encostas laterais

⁹⁹ Angsa: (tailandês) A longa e estreita peça retangular de pano ocre, usada no ombro esquerdo sob o manto do monge.

íngremes que eram, na sua maioria, de pedras lisas. Bem, foi uma grande e difícil escalada, pois onde quer que se colocasse o pé, escorregava e deslizava.

Chegamos ao cume por volta das sete horas da noite e vimos uma trilha indistinta que serpenteava ao longo da linha da cordilheira. Estávamos contentes com o caminho porque provavelmente significava que estávamos perto de um vilarejo. De repente perto, "pip! pip!" — um veado assustado pela luz de nossas lanternas de vela, gritou e pulou em alarme. Aquilo assustou-nos tanto que o meu coração pareceu parar. Ao recuperar a compostura, percebemos que, " Ah! É apenas o som de um veado." Olhando na direção do barulho, pudemos distinguir seu peito branco e saber então que era apenas um veado macho adulto. Depois, soltou outro grito, saltou do alto da montanha e desapareceu.

Depois de ver o local de dormir daquele veado selvagem tão perto do caminho, tornou-se óbvio que ainda estávamos muito longe de habitações humanas. Como já era tarde, decidimos passar a noite lá e assim, cada um de nós arranjou um lugar a seu gosto na vegetação espessa. No entanto, durante toda a noite, não conseguimos dormir. O vento era muito forte para pendurar as redes de mosquitos dos nossos glóts, enquanto no chão não eram apenas cupins a nos atacar, pois também vieram enxames de formigas, atraídas pelo sangue da minha ferida e pelo suor dos nossos corpos. Tivemos que enrolar panos em torno dos nossos olhos para evitar que as formigas viessem beber nossas lágrimas.

Assim que clareou, levantamo-nos e olhamos para baixo pelo caminho que tínhamos vindo. Muito abaixo, podíamos ver os campos de arroz como pequenos quadrados. Nós nos orientamos e estimamos que se continuássemos seguindo direto ao longo do caminho atual, provavelmente encontraríamos novamente a trilha que tínhamos perdido. Então, atravessamos florestas e mais florestas abertas, seguindo nossa linha de marcha. Como me doía o pé! Continuar a jornada no terreno mais aberto, rochoso e pedregoso era quase insuportável, mas eu cerrei os dentes porque tínhamos de continuar, ainda estávamos muito longe de qualquer aldeia. Depois de algum tempo, de fato atingimos a trilha esperada.

Caminhando ao longo da trilha, eventualmente chegamos a um vilarejo pouco antes das nove horas da manhã. Chegamos com a sensação de algum alívio e

pudemos baixar nossos pertences dos ombros¹⁰⁰ do lado de um cais num riacho, ao lado das casas.

Um momento ou dois depois, alguém saiu para nos ver e relatamos todo o curso dos acontecimentos. Pensamos em pedir algo para comer, mas receávamos que fosse inapropriado. Então, em vez disso, tentamos explicar indiretamente, mencionando que ainda não tínhamos comido nada e, como eu estava com um pé ferido, sair para esmolar alimentos não seria possível. Se esperássemos ali, conseguiríamos alguma coisa para comer? Ela disse que sim e, ao caminhar de volta para casa, presumimos que traria alguma comida para nós. Por isso, fomos nos banhar no riacho.

Quando terminei o banho, a dor no meu pé cresceu de maneira tão excruciante que de forma alguma podia pisar com ele. Durante a noite anterior não tinha sido tão doloroso e até a caminhada da manhã tinha sido suportável, então porque agora doía tanto que nem conseguia ficar de pé? Venerável Ónsi, meu companheiro durante todo este sofrimento, sentiu-se fraco e tonto e não conseguia se levantar. Tudo o que podíamos fazer era esperar que ela nos trouxesse algo para comer — mas não havia sinal disso.

A fome e a fadiga aumentaram em nós. Felizmente, tinha algum remédio de ervas para tontura comigo em minha bolsa e assim fui capaz de atender ao Venerável Ónsi, mas era bem depois das dez horas da manhã quando ele pôde se levantar. Sugeri então que ele fosse e perguntasse o que estava acontecendo. Ele só conseguiu encontrar dois meninos cuidando da casa e descobriu que todos os adultos tinham ido trabalhar na floresta. Este vilarejo tinha apenas duas casas e todos ganhavam a vida cortando folhas de bananeiras jovens, secando-as e alisando-as para venda como "charuto" ou "papéis de cigarro".

Quando o Venerável Ónsi me informou a situação, pedi a ele que trouxesse os dois meninos para me ver e perguntei-lhes se eles trocariam arroz cozido por alguns fósforos — não tínhamos outras posses. Cada um de nós tinha um par de caixas de fósforos e, em troca, recebemos duas cestas de arroz grudento, dois

¹⁰⁰ Os monges em tudong carregavam uma bolsa com tigela e roupas sobressalentes sobre um ombro, enquanto o outro ombro era equilibrado com uma pequena sacola e glót.

pratos de pimenta e pasta de soja fermentada, com dois pequenos punhados de vegetais cozidos. Comemos nossa refeição, e como ela estava deliciosa!

Depois da refeição ter acabado, a dor no meu pé ficou muito pior, tanto que a minha perna ficou toda inflamada e latejando. Aguentei isto até pouco depois das três da tarde, quando seguimos em frente. Andei por três quilômetros antes de chegarmos a outro vilarejo onde ficamos por onze noites. Descansamos e recuperamos nossas forças e pude tratar minha ferida. De lá, escalamos uma montanha do povo Karen, descendo para o distrito de Phrao em Chiang Mai, no vilarejo de Manora (Luk San).

Naquela noite recebemos boas notícias. Alguém veio e nos disse que o Ajahn Man estava hospedado em Pah Mi-ang, e que Ajahn Sahn estava na entrada da trilha indo para a caverna Khók Kham. Ficamos muito felizes e pensamos que, desta vez, nossas aspirações seriam realizadas. Depois da refeição, recolhemos nossas coisas e partimos, chegando assim que a noite caiu na caverna Khók Kham, onde Ajahn Sahn estava hospedado. Passamos a noite com ele, discutindo o Dhamma e relatando nossas aventuras. Na manhã seguinte, depois da refeição, ele colocou-nos no caminho certo e partimos.

Chegamos a Ajahn Man por volta das quatro da tarde. Ele estava praticando meditação andando, mas quando nos viu chegar, imediatamente me reconheceu e me chamou pelo nome. Parou sua meditação andando e foi sentar-se em sua cabana. Começamos a tirar nossos pertences dos ombros e colocá-los no chão, do lado de fora, mas ele não quis assim e insistiu que os puséssemos na varanda de sua cabana. Após fazê-lo, entramos e prestamos reverência a ele.

Ajahn Man começou perguntando sobre nosso bem-estar. Então, respeitosamente, expliquei-lhe: "A razão pela qual se tornou necessário para mim buscar o Venerável Ajahn desta vez é que preciso da sua ajuda para resolver minha meditação. Já aprendi muito com outros do nosso grupo, mas estou convencido de que o Venerável Ajahn é o único que pode esclarecer tudo para mim."

Então comecei a detalhar para ele minha prática de meditação e experiências, começando pelos meus primeiros esforços até as experiências que havia relatado a Ajahn Singh, em Korat. Isso o levou a descrever como havia instruído

anteriormente seus discípulos, na verdade sugerindo como eu deveria avaliar o grupo de discípulos a quem ele havia ensinado:

“Qualquer monge que siga o meu caminho de prática até que se torne hábil e firmemente estabelecido nele, deverá progredir bem ou pelo menos se manterá e obterá sucesso. Se um monge não seguir por este caminho, não muito depois acabará por regredir ou largar o manto. Mesmo eu, se ficar sobrecarregado com muitas responsabilidades e envolvimento com o grupo de monges, meu progresso na meditação não poderá ser consistentemente desenvolvido. A minha investigação focada no corpo não será refinada, nem o coração se tornará claro e lúcido.”

“Na sua investigação, nunca permita que a mente abandone o corpo para qualquer outro lugar. Quer ela pareça ou não estar clara e ficando mais lúcida, não desista de fixar sua investigação ali. Você pode examinar a repugnância do corpo, ou vê-lo como um composto de elementos, ou examiná-lo para enxergá-lo como meros agregados, ou através das três características¹⁰¹. Qualquer um destes métodos pode ser utilizado. Mas você tem mesmo que fixar suas investigações dentro desses limites, incluindo todas as quatro posturas corporais. No entanto, isso não quer dizer que depois de olhar você pode parar com isso — independentemente de ser visto claramente ou não, apenas continue com a investigação. Quando qualquer um destes aspectos é plena e lucidamente visto no coração de uma pessoa, todas as outras coisas exteriores se manifestarão claramente lá também¹⁰².”

Ele também me disse para não permitir que a mente entrasse em bhavanga.

¹⁰¹ Ti-lakkhana: impermanência; sofrimento; não-eu. Ver Glossário.

¹⁰² Ou seja, Ajahn Man deu a exata mesma instrução que Ajahn Singh deu anteriormente, só que dessa vez, Ajahn Thet aceitou o ensinamento.

20. Décimo segundo retiro das chuvas, 1934 em Pah Mi-ang — Uma nova forma de prática de meditação

Assim que Ajahn Man parou de falar, fiz uma resolução em meu coração: a partir daquele momento eu iria começar de novo e aprender uma nova forma de prática. Certo ou errado, eu seguiria suas instruções e deixaria que ele fosse o único a me guiar e a tomar as decisões finais.

Pode-se dizer que a partir daquele dia, minha sati foi exclusivamente direcionada a investigar o corpo. Durante todo o dia e toda noite estava agora vendo-o como repugnante, como composto dos quatro elementos e como uma massa de sofrimento. Intensifiquei minha prática sem frouxidão ou negligência por seis meses — fiquei lá para o retiro das chuvas — sem me cansar. Como consequência, meu coração recebeu calma e paz e um novo entendimento surgiu:

Todas as coisas deste mundo são meramente os quatro elementos. Porém, fazemos suposições (sammati) sobre elas e então nos deixamos iludir por nossas próprias suposições. É por isso que tem que haver tanto problema e sofrimento com todas estas coisas.

Este novo entendimento deu grande solidez e firmeza ao meu coração, muito diferente de como era antes. Tornei-me confiante de que estava agora seguindo o caminho correto, mas não informei Ajahn Man sobre isso porque a firme crença no meu novo entendimento convenceu-me de que poderia fazê-lo a qualquer momento.

O tempo estava tão frio naquele ano, que tínhamos de dormir ao lado de uma fogueira. Mesmo ferindo-se com uma lasca de madeira na mão, não sangrava porque estava muito frio. Depois do retiro das chuvas, Ajahn Man desceu da montanha para ficar perto do vilarejo de Tung Ma-khao. Nós dois, Venerável Ónsi e eu, continuamos lá em cima, mas trocamos de lugar. Desci para ficar onde Ajahn Man e Ven. Ónsi tinham passado o retiro, enquanto ele foi para o meu local na montanha.

No meio de uma noite, um tigre aproximou-se e sentou-se vigiando o Ven. Ónsi que estava deitado a dormir ao lado do fogo. Quando o fogo se apagou e ele começou a sentir frio, levantou-se para acendê-lo novamente. Nessa altura o tigre

rosnou e saltou para a floresta. Tendo nascido entre os campos, ele não estava familiarizado com os sons de um tigre selvagem e eu não o avisei, preocupado que ele se assustasse.

Mais tarde, Ajahn Man enviou uma carta dizendo-nos para vir vê-lo. Fomos ajudá-lo numa tarefa durante dez dias e — o que aconteceu? Ah! Todos os meus esquemas de meditação que antes pareciam tão lúcidos e óbvios já não eram tão claros. Eu estava agora vendo "pessoas" como as "pessoas" que surgem de suposições convencionais.

Quando a tarefa foi concluída, Ajahn Wén e eu pedimos permissão ao Ajahn Man para voltar a peregrinar em busca de reclusão. O venerável Ónsi ficou para trás como atendente de Ajahn Man. Partimos na nossa viagem e depois de cerca de doze quilômetros entramos na floresta em busca de algum isolamento.

Durante a noite, ouvi o rugido de um tigre numa montanha próxima e isso me ajudou a concentrar minha mente em reclusão. Convoquei as virtudes e qualidades do Buda como meu objeto de meditação e daí surgiu conhecimento de uma natureza estranha e maravilhosa, em diferentes maneiras nunca imaginadas ou experienciadas antes. Ficamos lá por duas noites antes de continuarmos para nos encontrar com o Ajahn Sahn, no distrito de Phrao. No entanto, não fiquei muito tempo com ele por causa do meu desejo por reclusão. Então, deixando-o, subi a montanha onde viviam as tribos Mu-ser e continuei com os meus esforços de meditação lá, durante nove dias.

Pensei que vivendo com os Mu-ser não tendo uma língua em comum com eles¹⁰³, seria capaz de me comprometer totalmente com a prática da meditação. Sabia muito bem que eles eram generosos de coração e certamente me dariam o suficiente para comer.

20.1 Surge um ponto de vista incorreto

Esforcei-me em meditação até o extremo limite da minha capacidade, até que uma visão equivocada e distorcida (vipallāsa) surgiu:

¹⁰³ Os diferentes grupos montanheses têm seus próprios idiomas distintos, na maior parte das vezes bastante diferentes do tailandês. Naqueles dias sem escolas, a maioria deles não era capaz de falar tailandês.

"Não há nenhum Buda, ou Sangha. Só existe o Dhamma. Isto porque o Buda ou, em outras palavras, o Príncipe Siddhattha só se tornou o Buda através do conhecimento do Dhamma. Até o próprio Buda era apenas rupa-dhamma e nama-dhamma¹⁰⁴. A Sangha é o mesmo, pois todos eles, sejam discípulos nobres iluminados ou discípulos comuns não iluminados, são sustentados pelo Dhamma. A forma física deles é apenas rupa-dhamma e nama-dhamma."

Esta era a minha opinião. Estava absolutamente convencido de que era verdade.

Mas revi o que os textos tinham a dizer sobre isso e descobri que, bem, eles não concordavam com minhas opiniões. Não fui capaz de equacionar estes dois pontos de vista conflitantes e eles lutaram, continuamente, um com o outro ao longo de muitos dias. Foi certamente algo bom eu não estar disposto a jogar fora a sabedoria convencional, pois se eu estivesse, teria causado muitos problemas.

Aconteceu que Ajahn Sahn enviou alguém para me convidar a descer para receber algumas ofertas e presentes dos leigos. Estava pensando se deveria ou não ir. No entanto, lembrei-me do estado do meu manto interno. Já o estava usando há três anos e ele poderia não durar até o próximo retiro das chuvas, então decidi ir. Aceitando seu convite, fui renovar meus mantos para que meus requisitos estivessem completos e pudesse então retornar à montanha. Ao descer, ofereceram-me todas as coisas que eu precisava e aquele ponto de vista distorcido pareceu desaparecer completamente por si mesmo.

¹⁰⁴ "Corpo e mente-concomitantes." Ver Glossário.

21. Décimo terceiro retiro das chuvas, 1935, num vilarejo de Mu-ser (Bahn Pu Phayah)

Quando terminei de cortar, costurar e tingir o manto, subi novamente a montanha. Mas desta vez não voltei ao meu local original, mas fui para o vilarejo Mu-Ser de Pu Phayah. Ao chegar, ficaram mais do que felizes em me ver e, gentilmente, juntaram-se para construir uma cabana para a minha estadia. Mas — Ah! — minha esperança de que a barreira da língua impedisse que viessem me incomodar foi rapidamente destruída.

Quando cheguei, fiquei numa das casas abandonadas deles. Estas pessoas nunca tinham visto monges tudong antes, e todo o vilarejo acabou vindo me ver, do mais novo ao mais velho. Eles olhavam de longe e de perto, alguns chegando tão perto que quase pisavam nos meus pés. Quando um observador ia, outro vinha substituí-lo e continuou assim do meio-dia até cerca das quatro da tarde. Eles ficavam de pé ali, olhando; depois sentavam-se olhando; depois deitavam-se, olhando para mim. Estavam sujos e cheiravam mal. Foi demais para mim e minha cabeça girava.

Os aldeões me fizeram uma trilha para meditação andando. No entanto, era só eu sair para meditar que todos se juntavam a mim, de modo que terminava com uma longa fila caminhando atrás de mim, estendida ao longo da trilha. Isto era mais do que eu conseguia aguentar, por isso entrei e sentei-me outra vez. Enquanto isso, eles continuavam desfilando em grupos ao longo da trilha, achando tudo muito divertido.

Depois, consegui chegar a um acordo com o seu "chefe" (Pu Phayah, ou chefe de distrito). Concordamos que seguir atrás de mim não era apropriado e que, se eles quisessem fazer mérito, sempre que me vissem fazer meditação andando deveriam fazer "peu" (juntar as mãos em gesto de respeito). Isso sim seria meritório. A partir daí, sempre que me viam sair para fazer meditação andando, todos se aproximavam e se alinhavam juntos em "peu". Qualquer um faltante seria chamado para se juntar ao grupo.

Pensando bem, não se podia deixar de sentir simpatia por essas pessoas da floresta, que, embora vivendo longe da civilização material, eram tão honestas e íntegras. Naqueles dias, por décadas, ninguém tinha vindo ajudá-los ou ensiná-

los e, a menos que algum crime grave fosse cometido, nenhum funcionário do governo jamais mostrava a cara lá em cima. Eles eram autogovernados e estritamente confiavam e contavam com seu "chefe". Aqueles maus-caracteres que eram desordeiros e teimosamente ignoravam a admoestação do chefe, eram expulsos do vilarejo. Se o criminoso se recusasse a ir, os aldeões se afastariam todos dele. Pode ter certeza de que não existia lá nada como roubo ou furto.

No passado, sempre que andava por essas cadeias de montanhas e via uma ou duas casas isoladas, supunha imediatamente que não seria capaz de ficar com tão poucas pessoas¹⁰⁵. As tribos montanhosas da região careciam de arroz suficiente após duas colheitas sucessivamente ruins. Havia doze casas no vilarejo onde eu estava hospedado, mas apenas três delas tinham arroz suficiente para comer. No entanto, todos tinham muita fé. Quando eu passava para esmolar alimentos, só três pessoas saíam para por comida na minha tigela, mas cada uma dava tanto que era suficiente para minha refeição.

Algum tempo depois, o chefe veio me ver e explicou que todos tinham fé e desejavam oferecer comida quando eu saía em mendicância, mas estavam envergonhados porque não tinham arroz para dar¹⁰⁶. Eles tinham de comer inhames cozidos e tubérculos em vez de arroz. Tive pena deles e como gostava de inhames cozidos no vapor, disse isso a ele. Disse que era por isso que eu era capaz de vir viver com eles — se não gostasse, não teria vindo. Uma vez que todos souberam disso, desenterraram inhames selvagens para cozinhar no vapor e ofereceram na minha tigela, que, conseqüentemente, estava cheia todos os dias. Eles também ficaram encantados com a ideia, rindo e sorrindo, seus rostos iluminados de uma forma cativante. Mas ficaram com medo de eu não conseguir comer os inhames deles e, por isso, seguiram-me até à minha cabana para verem

¹⁰⁵ Um monge depende da generosidade e da boa vontade dos leigos para a sua comida esmolada. Se houver muitos aldeões, por mais pobres que sejam, cada um só terá necessidade de contribuir com uma pequena parte. Se houver poucas famílias, a menos que especificamente convidado, um monge pode sentir-se relutante em ficar lá para não ser um fardo para elas.

¹⁰⁶ Para os tailandeses, o arroz é a parte mais importante de cada refeição. A expressão tailandesa para "comer uma refeição" é literalmente "comer arroz".

por si próprios. Tendo recebido os seus presentes, estava determinado a mostrar o meu apreço, deixando-os me verem comer.

Naquele ano, a safra de arroz tinha sido semeada, mas a chuva fraca tinha feito com que as mudas murchassem e se tornassem um amarelo pálido. Os aldeões construíram minha cabana dez dias antes do início do retiro das chuvas e quando ela foi concluída, surpreendentemente, a chuva começou a cair. Eles estavam todos muito felizes, absolutamente encantados por pensar que era o resultado do mérito que tinham feito na construção de um "mosteiro" para eu ficar. O arroz foi transformado pela chuva em uma lavoura verdejante e esplêndida. Seus campos de arroz naquele ano produziram tanto que eles não puderam usá-lo todo e alguns deles até foram capazes de vender o excedente.

Aparentemente, nenhum monge havia passado anteriormente o retiro das chuvas com o povo das tribos da colina Mu-Ser, de modo que eu talvez tenha sido o primeiro monge na Tailândia a fazê-lo.

Quando eles completaram a construção da minha cabana, lembrei que na biografia do Buda, Venerável Siddhattha tinha trinta e cinco anos de idade quando seus esforços culminaram em seu despertar. Naquele ano, eu também teria trinta e cinco anos, (tendo me ordenado monge quando estava entrando no meu vigésimo segundo ano). Decidi, portanto, oferecer os meus esforços em meditação durante aquele ano para prestar homenagem ao despertar do Buda:

"Aceitarei de todo o coração o caminho que a minha prática de meditação levar, mesmo que a minha vida se perca por causa disso. Que esta minha vida seja oferecida, como se oferece uma flor de lótus, em adoração a ele."

Tendo feito esta resolução, apliquei-me à minha meditação durante o retiro das chuvas. No entanto, ela não parecia estar progredindo e permaneceu firmemente como era antes. Para elevar o nível da minha resolução, decidi me submeter a uma tentativa de jejum por cinco dias.

Os Mu-Ser nunca haviam visto tal coisa e tinham medo de que eu morresse. Vieram e me pediram para voltar a comer como de costume, mas recusei e continuei por cinco dias inteiros, de acordo com a minha promessa. Eles revezaram-se sorrateiramente para vir tomar conta de mim. Se eu fechasse a

porta para me sentar em meditação dentro de casa, eles gritavam e me pediam para responder, e só quando eu respondia iam embora.

Na verdade, o jejum não é o caminho para a iluminação. O Buda já havia experimentado este método e posteriormente disse que não era mais que simples automortificação. Todos os meus professores de meditação repetiam isso. Já tendo experimentado por mim mesmo, sabia que era meramente uma técnica para atormentar o corpo, sem levar ao surgimento da sabedoria para explorar Dhamma e aguçar a compreensão. Tinha jejuado como um teste da minha força de vontade, para ver o que era mais forte — meu apego à vida ou minha fé nas qualidades Dhamma que eu já tinha visto. Quando cheguei à verdade dentro do meu coração sobre isso, voltei a comer como antes. No entanto, não peguei arroz nos primeiros quatro ou cinco dias, comendo apenas inhames cozidos e taro. Quando os Mu-Ser viram que eu estava comendo novamente, todos ficaram felizes.

Durante o retiro das chuvas, algumas visões (nimittas) surgiram em minha meditação, apontando para a força e firmeza de meus métodos de meditação. Isso me trouxe grande satisfação e contentamento.

Os Mu-Ser se alegravam e se gabavam de que: "Você estar conosco é muito bom. Os nossos campos de arroz na colina produziram uma colheita abundante; algumas pessoas até serão capazes de vender gado" — (eles os criam, mas não usam como animais de carga) — "o que nunca conseguiram fazer antes." (Normalmente, a criação de suínos para venda fornecia o rendimento familiar regular.) "Pimentas secas são outra fonte de renda para nós, mas além destes itens não temos outros meios de fazer dinheiro. Este ano temos dinheiro mais do que suficiente e podemos pôr algum de lado. Você veio e nos ensinou a não jogar pai, tu-ah e be-er¹⁰⁷, então paramos. Anteriormente, grupos de pessoas da cidade vinham e nos enganavam para jogar com eles, mas agora aceitamos seus ensinamentos e não jogamos mais."

¹⁰⁷ Jogos de azar.

No final do retiro das chuvas, o chefe pessoalmente veio para oferecer um phah pah¹⁰⁸ dele mesmo, e deu uma medida de pano branco como material para mantos.

Tive de me despedir do povo Mu-Ser para poder ir prestar reverência a Ajahn Man, que estava no vilarejo de Tung Ma-khao, no distrito de Mé Pung. Todos ficaram muito tristes com a minha partida e começaram a chorar e a me implorar para que voltasse. Ainda estava indeciso, por isso disse-lhes que primeiro ia ver o que o meu Ajahn tinha a dizer. Talvez eu volte depois.

Quando cheguei a Ajahn Man e relatei-lhe tudo o que havia acontecido enquanto vivia com os Mu-Ser, ele ficou satisfeito e sugeriu que voltássemos para lá. Para a viagem de regresso, todos os três — Ajahn Man, Venerável Ônsi e eu — fomos juntos. No entanto, quando chegou a hora de começar a subida, o Venerável Ônsi ficou doente, então lhe dissemos para esperar lá em baixo para que se recuperasse primeiro.

¹⁰⁸ Lit: "manto de floresta". No tempo do Buddha, os monges recolhiam tecido descartado para lavar e costurar juntos em mantos feitos de retalhos. A cerimônia de tót phah pah deriva desta tradição, às vezes oferecendo o pano com um ramo de folhas repousando sobre ele, às vezes colocando o pano nos arbustos por onde o monge passa.

22. Décimo quarto retiro das chuvas, 1936, mesmo local com três monges

Voltar para ficar com o povo Mu-Ser desta vez fez-me sentir um pouco desconfortável, porque eles estavam agora mais intimamente familiarizados comigo do que com Ajahn Man. Além disso, Ajahn Man achou difícil ajustar-se ao tempo frio. Entrar na atmosfera mais fria afetou tanto sua saúde que parecia que ele provavelmente não poderia ficar. Mas através de sua força mental e espírito de luta, foi capaz de superar aquilo e passar todo o retiro das chuvas lá.

Desta vez, minha meditação correu muito bem, porque além de ser capaz de usar minhas próprias técnicas, eu agora também tinha disponível as do Ajahn e fui capaz de aprender com ele o tempo todo. Perto do início do retiro das chuvas, o Ajahn enviou-me para trazer o Ven. Ónsi para ficar conosco. Estive fora cinco noites e isso deixou o Ajahn sozinho. Foi durante este período de solidão que ele se esforçou em sua meditação com determinação absoluta e destemida e alcançou resultados notáveis¹⁰⁹. Ao mesmo tempo, sua doença também desapareceu completamente.

Durante este período de retiro das chuvas, estivemos todos resolutos em nossa prática de meditação, cada um de nós se esforçando até o limite de sua capacidade individual. Estávamos tão sintonizados um com o outro que qualquer acontecimento — quer se tratasse de coisas externas, quer se relacionasse à compreensão do Dhamma — que ocorria a um de nós, parecia ser conhecido pelos outros. Foi durante esse retiro das chuvas que Ajahn Man previu quanto tempo duraria sua vida e essa previsão mais tarde se mostrou precisa.

Às vezes, ele mencionava as visões e "conhecimentos" que espontaneamente haviam surgido em sua meditação, como predições sobre várias coisas a respeito de alguns de seus discípulos. No entanto, acrescentava que não se deve crer cegamente em todas essas coisas, pois elas podem estar erradas. Quanto a mim, mantive uma mente equilibrada sobre as coisas que ele disse a meu respeito, porque entendi que essas coisas eram muito mais um assunto individual, cada caso sendo diferente. Elas não devem ser o objetivo e propósito último de alguém

¹⁰⁹ A julgar pela biografia de Ajahn Man, é possível que esta seja a ocasião em que alcançou a iluminação.

que verdadeiramente pratica meditação. Este, deveria ser a erradicação total das impurezas.

Este retiro das chuvas viu Ajahn Man ensinar-nos a usar meios astutos e perspicazes, bem como várias das suas técnicas sutis e hábeis. Nunca o tinha visto fazer algo assim antes. Eu imediatamente pratiquei seus ensinamentos em todos os aspectos e tão rapidamente que ele uma vez exclamou a ninguém em particular, que: "Este Venerável Thet é apressado e impetuoso!"¹¹⁰

Ajahn Man francamente mostrou para nós seu verdadeiro caráter e só posso considerar minha grande boa fortuna ter estado sob a orientação de um mestre de meditação que ensinou de tal forma. Acho que seria difícil encontrar outros momentos em que ele pudesse treinar seus discípulos desta maneira. As condições adequadas das pessoas envolvidas, o lugar e o tempo nunca mais poderiam ser tão favoráveis. Embora ele possa ter dado sua bênção e encorajamento para que eu me tornasse um herdeiro do seu Dhamma, nunca fui negligente e aceitei isso com complacência. Sempre defendi que, o que é verdadeiro permanece verdadeiro, não importa o que digam. Não se pode ir além do verdadeiro estado das coisas.

22.1 Sobre os habitantes da floresta visitando o vilarejo Mu-ser

Durante este retiro das chuvas, deparei-me com uma tribo de pessoas da floresta que eram conhecidas como Espíritos das Folhas Amarelas¹¹¹. Eles mesmos ressentiam-se deste nome e pediam que não fosse usado com eles. Disseram que também tinham medo de espíritos e que era melhor chamá-los de "povo da floresta".

O povo Mu-ser disse que, embora tivessem vivido naquele lugar por mais de cinquenta anos, nunca tinham visto esta tribo chegar perto deles. Eles eram considerados uma tribo de tailandeses 'ancestrais', e sua língua e sotaque soavam muito semelhantes ao que eu tinha ouvido quando falava com as pessoas das

¹¹⁰ Lit: "coração-quente", isto é, impaciente por resultados rápidos.

¹¹¹ Pi dtong luang: onde pi é espírito ou fantasma; dtong é uma grande folha (banana); luang é amarelo. Esta tribo também é chamada de Marabi, um grupo étnico do norte da Tailândia.

idades de Yong e Ruang, localizadas ao norte de Chiang Dtyng¹¹². Estes habitantes da cidade migraram para o sul e instalaram-se na província de Chiang Mai. Eles ganhavam a vida trabalhando com o vime, tecendo bandejas conhecidas como bandejas kên (porque elas são artesanato da tribo Kên). Eles haviam me falado sobre essas pessoas da floresta, relatando que originalmente a tribo consistia em cerca de sessenta pessoas, mas a varíola havia, mais tarde, matado algumas delas. Naquela época, sobravam apenas cerca de trinta homens e mulheres. Posso oferecer aqui algumas breves notas sobre o seu modo de vida:

Sua existência não dependia de nenhum assentamento permanente. Eles cortavam alguns pequenos troncos de árvores para funcionar como colunas, em seguida os cobriam com ramos, folhas e o que pudessem encontrar. Era o suficiente para dormir e ter abrigo da chuva e do orvalho. Às vezes, dormiam em cavernas ou debaixo de saliências rochosas ou árvores. A base de uma árvore bastava para eles, mesmo que oferecesse apenas um pouco de abrigo.

Esses povos da floresta não tinham vestimentas, a não ser alguns itens que usavam para cobrir a sua nudez quando entravam em um vilarejo. Eles viviam juntos em grupos e tinham medo de espíritos e tigres. Uma vez que estavam em seus abrigos, outras pessoas raramente os notavam. Se por acaso fossem vistas, as mulheres tinham de fugir, e se não fossem suficientemente rápidas, caíam no chão e rolavam para longe. Qualquer homem da tribo sairia imediatamente com suas lanças para lutar. (Acho que tudo isso acontecia por causa da falta de roupa das mulheres.) Eles acreditavam que era tão pouco auspicioso para uma mulher ver um estranho que ela terminaria sendo comida por um tigre.

A tribo ficava por muito tempo onde houvesse um fornecimento abundante de alimentos, mas uma vez que a comida acabasse, migravam para outro lugar. É por isso que eles eram conhecidos como os espíritos das folhas amarelas, pois quando as folhas cobrindo seus abrigos ficavam amarelas, eles seguiam em frente.

Sua alimentação e dieta eram baseadas em carne animal, inhames silvestres, tubérculos e mel selvagem. Eles não comiam certas espécies de animais — cobras, por exemplo — e a carne tinha que ser cozida ou assada no fogo antes que

¹¹² Nos estados Shan de Myanmar.

pudesse ser comida¹¹³. O arroz e o trigo não faziam parte dos seus alimentos básicos, ao contrário das pessoas comuns. Se eles coletassem mel, primeiro misturavam-no com polpa de madeira podre ou terra para dar-lhe alguma solidez antes de comê-lo.

Acendiam as suas fogueiras batendo um pedaço de ferro contra uma pedra — (o que chamamos de "faísca de caçador") — ao contrário, esfregavam dois paus juntos. Dei-lhes uma caixa de fósforos, mas tinham medo de usá-los por causa da ignição repentina e do ruído quando eram riscados.

Sua maneira de caçar era com lanças, cujas extremidades eram envenenadas (com seiva tóxica). Essas pessoas da floresta seguiam furtivamente qualquer rastro de animais que tivessem observado, até verem o animal deitado para descansar. Então, aproximavam-se e atiravam as suas lanças diretamente nele. Se o animal que avistaram ainda procurasse por comida, eles iriam furtivamente encontrar cobertura e rastejar para o mais perto possível, antes de enviar suas lanças arqueando pelo ar para cair em sua presa.

Eles disseram que dentro de um alcance de vinte a trinta metros, poderiam ter certeza da sua refeição. Uma penetração superficial da lança significava que eles poderiam comer a carne, mas se ela entrasse mais de um centímetro, toda a carne ficaria contaminada pelo veneno e se tornaria não comestível.

Uma vez vieram e ofereceram-nos um tanto da carne deles. Tinha um cheiro ofensivo e rançoso que surgia da fumaça onde havia sido assada. Puseram-na na bifurcação de alguns ramos de árvores a cerca de dez metros de distância, e seu cheiro pútrido quase nos manteve acordados a noite toda. Ajahn Man disse aos Mu-ser para pegá-la e tentar fervê-la, mas quase metade daquilo era terra, e não pôde ser comida.

Sua tradição e costumes eram baseados na floresta e eles nunca realmente os deixaram. A única vez que as pessoas os viam era quando se aventuraram a pedir roupas, arroz, sal ou ferro para as suas faíscas. Os antepassados desta tribo, tanto quanto sei, eram provavelmente fugitivos que, há muito tempo, tinham escapado

¹¹³ Ao contrário de outras partes da Tailândia, onde a carne pode ser comida apenas semi-cozida ou crua.

dos seus senhores e mestres, para a selva¹¹⁴. Podemos deduzir isso de seu tabu contra a travessia de quaisquer áreas abertas ou campos cultivados. Não importa quão amplos os campos ou quão difícil a rota ao redor, eles evitavam e contornavam quaisquer sinais de habitação ou agricultura — embora ninguém realmente os tivesse proibido de atravessar. Isso mostra como os anciões tribais os tinham “enganado”¹¹⁵ para que não entrassem em áreas abertas, com medo de que alguém os encontrasse e os levasse.

Isso também se aplica ao que eu já disse sobre as mulheres — que se fossem vistas por qualquer estranho, um tigre as comeria. Quando os homens vinham pedir arroz, trigo ou inhames e taro, comiam imediatamente tudo sem deixar nada. Disse-lhes para que levassem algo para partilhar com as mulheres. No entanto, eles responderam que não poderiam fazer tal coisa, pois se as mulheres comessem tais alimentos, se tornariam viciadas no sabor e ficariam mimadas.

Sempre que apareciam entre os Mu-ser, seu comportamento mostrava seu medo inerente de estranhos, especialmente de pessoas importantes ou oficiais. Caminhavam devagar e cautelosamente, sempre atentos e vigilantes de uma forma bastante lamentável. No entanto, quando entravam na selva, tornavam-se tão rápidos e ágeis que os acompanhar era difícil para os olhos. Tudo o que se via e ouvia era a agitação e farfalhar das folhas.

Os seus costumes matrimoniais davam liberdade individual tanto às mulheres como aos homens. Por exemplo, como em outros lugares, era comum que quando um homem tinha boa sorte e prosperava com sucesso, trazendo carne e comida, qualquer mulher atraída por ele ficava com ele e tornava-se sua parceira. Esqueci-me de perguntar se havia algum dote envolvido. A educação dos filhos era de exclusiva responsabilidade da mulher.

Tinham vindo ver-me às vezes. Tive então a oportunidade de questioná-los sobre muitos aspectos de seu estilo de vida e assim fui capaz de desenvolver uma boa compreensão sobre eles. Sempre que via estas pessoas da floresta, eu sentia compaixão e pena porque elas também eram da nossa mesma tribo tailandesa. Conseguia entender cada palavra da conversa deles e as suas características físicas

¹¹⁴ Os escravos eram comuns até o final do século XIX.

¹¹⁵ Através da invenção de alguma superstição.

eram as mesmas que as nossas, em todos os sentidos. O pensamento de encontrar alguma maneira de ajudá-los a se estabelecer em algum sustento estável, ou ao menos alcançar o nível de subsistência dos Mu-ser e das outras tribos da montanha, surgiu no fundo de mim. Se eles estivessem dispostos a receber assistência, pretendia informar as autoridades governamentais apropriadas para que pudessem trazer ajuda, como ferramentas e suprimentos — incluindo tudo, até mudas e sementes.

Quando eles mais tarde vieram me ver, eu os sondei: "O que vocês acham do arroz, do milho, do taro, da pimenta e do sal que lhes foi dado para comer? Estava bom?" Responderam "Sim, estava tudo muito saboroso." Continuei "Então, se é assim, por que vocês não vêm e fazem um assentamento, como o povo Mu-ser? Vocês poderiam então plantar arroz e taro para seu próprio consumo — não seria bom?"

Isso foi o mais longe que consegui falar, pois eles imediatamente começaram a protestar que eram um povo da floresta e que não poderiam fazer tal coisa. Se o fizessem, "o chão estaria virado do avesso". (Esta é uma expressão antiquada que indica absoluta oposição e desacordo. Seu significado era que tal ideia era impossível. Se isso acontecesse, a parte de baixo da terra seria virada para cima.) Quando ouvi essas objeções, cessaram ali todos os meus planos e projetos de ajuda.

Foi uma pena. Embora estas pessoas fossem dotadas de uma humanidade inestimável, não podiam tirar o máximo proveito dela por causa de seu nascimento em um ambiente inadequado. Mais digno de pena, porém, são algumas das pessoas nascidas em um ambiente rico e agradável. Elas têm tudo, incluindo oportunidades de educação, mas perdem-se inutilmente entregando-se a prazeres sem substância real. Enquanto isso, o tempo consome suas vidas que assim não são usadas para nada que valha a pena. Há tantas pessoas assim.

Nesse retiro das chuvas, Ajahn Man não só previu várias coisas, mas também falou da responsabilidade que teria de assumir em relação ao grupo de monges da floresta. Ele falou sobre a criação de um mosteiro de meditação na área de Chiang Mai e perguntou se eu tinha alguma sugestão a oferecer. Fiquei muito satisfeito de saber que ele estava pensando em retomar a responsabilidade pelo nosso grupo. Então comentei que as pessoas do Nordeste da Tailândia eram mais

ajustadas à prática do Dhamma do que as pessoas de outras regiões. Era especialmente assim, salientei, nesta região do Norte, onde os resultados foram mínimos.

"Veja", eu disse, "o Venerável Ajahn está nesta região há sete ou oito anos, mas quem deixou sua casa para seguir o senhor e o caminho da prática? Aqueles que o seguem são todos, sem exceção, seus antigos discípulos do Nordeste. Neste preciso momento, as pessoas lá, monges e leigos — incluindo Chao Khun Dhammachedi — estão sempre ansiando pelo senhor. Todos me pediram para vir e convidar o Ajahn para regressar ao Nordeste. Eles estarão felizes em fazer todos os preparativos de viagem necessários e disseram que tudo o que eu tenho a fazer é dizer-lhes do que precisamos."

Ajahn Man então se lembrou de uma cordilheira na direção do Distrito de Nah Ké, da província de Sakhon Nakon, que certamente daria um bom e adequado lugar para ficar. Ele preferia aqueles tipos de montanhas e assim declarou que aquele seria o lugar para onde todos nós iríamos. Mas também disse que teria que ser meu trabalho atuar como "porteiro" para ele. Se alguém que eu considerasse inadequado viesse visitá-lo, disse-me que eu não deveria permitir que essa pessoa entrasse.

Depois do retiro das chuvas, Ajahn Man foi para o distrito de Phrao, novamente. (Onde, meus amigos mais tarde me explicaram, ele também havia mencionado seus planos para o grupo de monges lá.) De nossa parte, Ónsi e eu tínhamos pedido permissão para permanecer naquela área, a fim de continuar nossos esforços de meditação e contentar nossos corações. Poucos dias depois, Ajahn Man voltou, trazendo Ajahn Sahn, Ajahn Wén e Ajahn Khao para nos ver. Mencionou novamente sobre a criação de um mosteiro de meditação para o grupo e eu mantive minha opinião anterior de que não concordava com a sua localização no Norte. No entanto, se o Ajahn fosse em frente e estabelecesse algo nesta região, depois de três anos eu viria e, de todo o coração, ajudaria. Ajahn Man e o seu grupo ficaram conosco duas noites antes de partirem com Ajahn Sahn, Ajahn Wén e Ajahn Khao, de regresso a Phrao. Entretanto, Ajahn Man e Ven. Manu foram em direção ao distrito Mé Sai, na província de Chiang Rai, onde eventualmente passaram o retiro das chuvas.

Venerável Ônsi e eu permanecemos meditando naquele lugar até que todos se fossem, então também nos separamos. Venerável Ônsi ficou lá, enquanto eu fui para outra montanha.

22.2 Tendências latentes e as impurezas do coração

O que estou prestes a relatar faz-me sentir bastante envergonhado, mas isso vai colocar ainda mais vergonha nas impurezas. O que é? Aconteceu quando deixei o Venerável Ônsi e saí para ficar sozinho. Um dia, ouvi um tigre rugir e fiquei tão aterrorizado com o seu barulho que comecei a tremer tanto que não conseguia dormir e a minha meditação não se assentava. Algumas pessoas locais ajudaram a expulsá-lo, disparando tiros ameaçadores com suas armas e lançando tochas de fogo nele. Ele fugiu por um momento, mas depois voltou novamente. No início da manhã, quando os aldeões estavam saindo para trabalhar nos campos, às vezes viam o tigre agachado na selva à frente. Eles então fugiam — embora eu nunca tivesse ouvido dizer que ele houvesse feito qualquer mal a alguém.

Por mais que tentasse sentar-me em meditação, parecia que as coisas não se encaixavam. Nessa altura, ainda não sabia que tinha tudo a ver com o meu medo do tigre. Todo o meu corpo ficava ensopado de suor. "Ei!", pensei, "Do que se trata tudo isso, então? Estou com frio e ainda assim suando." Tentei tirar o cobertor enrolado em volta de mim e vi que ainda tremia. Senti-me exausto por não ser capaz de progredir com a minha meditação. Depois pensei em me deitar para descansar um pouco e me energizar, pronto para esforços futuros. Naquele preciso momento, ouvi o tigre rugir e todo o meu corpo começou a tremer, como se eu tivesse malária. Foi então que percebi que tudo aquilo era devido ao meu medo do rugido do tigre.

Sentei-me e estabeleci sati, ajustando a mente em quietude em um único objeto e pronto para sacrificar minha vida. Não tinha já aceitado a morte? Não foi por isso que vim viver aqui? O tigre e o humano não são ambos uma fabricação dos mesmos quatro elementos? Depois da morte, ambos não terminarão na mesma condição? Quem come quem — quem é o que morre e quem é o que não morre? Quando fiquei disposto a renunciar e investigar desta maneira intrépida e obstinada, não pude mais ouvir o barulho do tigre.

Depois, sempre que ouvia o rugido do tigre, minha mente continuava despreocupada. Agora via-o como ar reverberando oriundo de uma forma material, causando som. Desde a infância, tinha uma tendência natural a ser facilmente perturbado, sendo de uma disposição bastante nervosa. O som do tigre havia trazido algum condicionamento passado que causou o meu medo inconsciente.

São essas impurezas latentes¹¹⁶, submersas nas profundezas do coração, que são extremamente difíceis de eliminar. Vencer as impurezas é absolutamente impossível sem a vontade de renunciar ao apego e ao agarrar-se a essas coisas condicionadas. Tem de haver uma troca das coisas totalmente desprovidas de valor, pelo gosto do imortal que só é encontrado no coração. Embora o Venerável Sāriputta, discípulo braço direito do Buda, pudesse ter abandonado essas coisas quando se tornou um arahant, seus traços de caráter permaneceram — diferente do Buda.

Durante este período, quando eu estava avançando destemidamente com minha prática, algo desagradável surgiu como uma visão na meditação. É algo que deve ser revelado aos meus leitores para que algumas das tendências vergonhosas das impurezas possam ser expostas. O reconhecimento dos danos causados por este tipo de impureza poderá, então, servir de precaução para a sua futura contenção.

A imagem que apareceu foi a de uma mulher de meia-idade, alguém de quem eu me lembrava bem, de cerca de cinco ou seis anos antes. Ela era uma apoiadora leiga, cheia de fé e intenções sinceras. Eu a considerava uma boa pessoa, uma pessoa do Dhamma, cortês e refinada, alguém adequado para se associar e um belo exemplo de uma genuína upāsikā no Buddha Sāsana. Sua aparência física era bastante comum, ou assim me pareceu. Além disso, nunca havia pensado muito nela, a não ser recordando o seu amável apoio a mim como monge — pois um monge vive na dependência dos outros.

Quando a imagem apareceu em minha meditação, ela parecia estar sentada perto de mim, à minha direita, de uma forma bastante informal. Em seguida, surgiu no

¹¹⁶ Anusaya-kilesa. Sete tendências ou inclinações mentais prejudiciais e nocivas da mente: sensualidade; rancor; opiniões especulativas; dúvidas; presunção; desejo de existência continuada; ignorância. O medo cai no reino dos últimos três itens.

meu coração um sentimento espontâneo, como se nós dois tivéssemos vivido juntos durante o que parecia décadas. No entanto, não havia luxúria ou desejo envolvido nisso. Aquilo chocou-me. Retirei-me da meditação e examinei o meu coração, mas não consegui detectar quaisquer sentimentos de apego a ela. Além disso, não tinha pensado nela nem por um momento nos últimos cinco ou seis anos. Por que então deveria eu ter tal visão?

Depois de uma investigação mais completa, vim a entender a natureza da impureza latente da sensualidade (kāma-kilesānusaya). Isso está profundamente submerso no "fundo do oceano", além do alcance e compreensão da pessoa negligente.

- Uma pessoa possuindo sabedoria, mas sem fé, energia e perseverança intrépida, será incapaz de procurá-la e enfrentá-la.
- Uma pessoa possuindo fé, energia e perseverança intrépida, mas sem sabedoria, será ainda incapaz de eliminá-la.
- Uma pessoa que possui fé, energia e perseverança intrépida, juntamente com sabedoria; e alguém que desenvolve a meditação, cultivando firmemente essas qualidades virtuosas sem lapsos, será capaz de eliminar totalmente as tendências latentes.

Continuei então a refletir mais sobre aqueles meditadores que tinham alcançado com sucesso todos os jhānas, mas que ainda puderam ser enganados e cair terrivelmente graças às impurezas da sensualidade e da luxúria. Eles tomam o tipo de visão que acabei de mencionar como genuína, como verdadeiramente significando que tinham sido marido e mulher em uma vida anterior. Isso leva ao surgimento de ternura e afeto, excitação sexual e desejo, que se desenvolvem sem impedimentos na busca dessa 'visão'. Há, então, um encontro e dizem a verdade num assunto inapropriado a ser conversado. Se dois fios elétricos estão lado a lado e carregados de eletricidade, quando algum objeto de metal chega muito perto entre eles, ele atrairá a eletricidade até que haja o curto-circuito. É por isso que é possível para tantos meditadores, particularmente monges — que às vezes até mesmo são professores seniores — caírem no abismo. Ao verem tal imagem, em vez de se alarmarem e a verem como uma ameaça e perigo — e portanto armarem-se para a vitória sobre ela — submetem-se e aliam-se a ela. Que desperdício!

O Buda contou como seres humanos e animais nascidos neste mundo, todos, têm sido mães e pais, irmãs e irmãos, maridos e esposas. Todos eles foram parentes uns dos outros — em um ou outro nascimento. Talvez até as aves e porcos que comemos possam ser a carne do nosso pai ou da nossa mãe de um nascimento anterior. Ainda temos impurezas e, por isso, podemos morrer e nascer repetidamente através de incontáveis vidas. No entanto, que tipo de caso é esse, quando uma visão sedutora surge apenas uma vez e alguém é logo atraído e vai atrás dela?

Bem, agora que já expusemos e envergonhamos Māra¹¹⁷ e as impurezas, gostaria de relatar outro exemplo. Diz respeito a uma jovem mulher atraente. Ela, seus pais e parentes, tinham-me em grande consideração e eu tentei ajudá-la aconselhando-a e instruindo-a em moralidade e virtude. Particularmente, queria que ela visse o perigo inerente à condição feminina e que mantivesse os preceitos de brahmachariya por toda a vida. No entanto, os acontecimentos não ocorreram dessa forma porque, em vez disso, ela perdeu a virgindade de uma forma muito infeliz. Quando recuperou o juízo, foi esmagada por remorsos e lágrimas. Ouvi falar a respeito e senti um profundo desencanto com tanta ingenuidade e credulidade. Depois disso, ela tanto passou a me respeitar como a se sentir envergonhada diante de mim. Eu só conseguia pensar: "Como é que essas coisas conseguem acontecer?" Olhando para ela, senti que embora a sua forma pudesse parecer humana, o seu estado mental era o de um animal. Quanto mais pensava nisso, mais me sentia enjoado e cansado com ela e todo aquele assunto — quase ao ponto de náuseas. Esse estado de espírito persistiu por muitos anos depois e esse sentimento nauseante surgia sempre que eu recordava o incidente. Havia um sentimento tão forte de cansaço — eu nunca havia sentido nada tão profundamente antes — mas certamente aquele não era o modo correto de prática. No entanto, no passado, tudo isso aconteceu.

Depois, vim a refletir sobre o dano da sensualidade, ponderando a extensão de sua feroz severidade. Quando surge na personalidade subjacente de qualquer um, pode liberar seu poder e devorar sua vítima. Isto pode acontecer independentemente de a pessoa ter princípios morais ou ser um delinquente, ou mesmo ser um meditador experiente que atingiu os mais altos níveis de absorção. As únicas exceções são o Buda e os arahants. A sensualidade é totalmente carente

¹¹⁷ O líder e personificação das forças do mal.

de bondade ou consideração, como um tigre atacando um cachorro indefeso e consumindo-o a sangue frio.

Isto fez-me sentir muito mais sensível e aberto em relação àquela jovem. Ela sempre teve intenções saudáveis, esperava ser boa, mas a paixão pode ser muito destrutiva. Ataca sem se importar com quem é a vítima. É este desejo sensual que deveria arcar com tanta culpa e ser imperdoável. Isso aumentou a minha simpatia e compaixão por ela.

Aqueles que ainda estão afundados nas profundezas do dilúvio dos desejos sensuais devem nascer no reino sensual. Este reino ou esfera sensual é um lugar para desenvolver virtudes espirituais¹¹⁸. Para aqueles que querem progredir no caminho do coração, ele é o campo de batalha onde se pode lutar pela vitória. Enquanto para os corrompidos, pode tornar-se o cemitério deles.

O reino ou plano sensual de existência é dotado de um conjunto completo de recursos naturais, todo o exterior e interior são completos. As pessoas sábias podem beneficiar-se disto da forma que quiserem. Se não há árvores na floresta, onde é que se vai encontrar medicamentos à base de plantas? Se não houver médicos, esses medicamentos permanecem inúteis. Se há medicamentos e médicos, mas o doente recusa o tratamento ou não toma a prescrição, também não é possível curar a doença.

Aqueles que veem qualquer "valor"¹¹⁹ na esfera da sensualidade e se entrelaçam na sua gama de delícias sensuais são chamados de "dignos da sensualidade"¹²⁰. Aqueles que o veneno da sensualidade infectou e estão cientes da sua virulência são chamados de "aleijados pela sensualidade" (Kāma-tote). Aqueles que renunciaram totalmente a toda sensualidade são chamados de "livres da sensualidade".¹²¹

¹¹⁸ Pāramī. Ver Glossário.

¹¹⁹ Khun (tailandês). Há jogos de palavras aqui difíceis de traduzir.

¹²⁰ Kāma-khun (tailandês); em pāli (kāma-guna) significa "os cordões (ou cordas) da sensualidade". (Ver D. 33; M. 13, 26, 59, 66).

¹²¹ Nekkhamma (pāli): renúncia. Este termo é sempre usado nos textos pāli como antônimo de kāma.

Voltando para onde tinha morado antes, troquei de lugar com o Ven. Ónsi. Foi então que realmente tive um grande encontro com um tigre. Certa noite, um tigre apareceu e começou a comer um búfalo perto da minha cabana. Eu tentei afastá-lo, arremessando um bambu¹²² e gritando alto, mas o tigre não se interessou por nada disso. Recusou-se a largar a presa e conseguiu arrastá-la para comer. Desta vez não tive medo, mas também não me atrevi a sair da minha cabana e a ir ajudar o búfalo d'água — vai que o tigre decidisse devorar um homem também.

Como nós dois tínhamos passado tempo suficiente meditando naquele lugar, nos mudamos para outros vilarejos Mu-ser espalhados ao longo daquelas montanhas. Depois de termos passado algum tempo ensinando o Dhamma e inspirando-os com fé, voltamos para o distrito de Phrao. Em seguida, demos uma olhada na região de Chiang Dao, antes de retornar ao Distrito de Mé Dténg.

¹²² Uma seção oca de bambu grande dá um profundo som ressonante, muitas vezes usado nos vilarejos para sinalização, quase como um tambor.

23. Décimo quinto retiro das chuvas, 1937, Bahn

Pong

O pequeno mosteiro de floresta em Bahn Pong era onde Ajahn Man tinha ficado uma vez para o retiro das chuvas. Chao Khun Phra Upāligunūpamācāriya (Chan Siricando) também passou algum tempo lá. Os leigos desse vilarejo eram bastante inteligentes e tinham uma compreensão razoavelmente boa do Dhamma. As chuvas daquele ano viram cinco de nós hospedados lá: Ajahn Bun-tham, Ven. Kheung, um monge da província de Loei (cujo nome não me lembro), Ajahn Chóp e eu. Eu era o monge chefe e, por isso, tive de escolher meios adequados e habilidosos para usar nas minhas palestras de Dhamma para o grupo, de modo que eles ganhassem uma base sólida para a sua futura prática individual.

Neste grupo, o Ajahn Chóp era o mais rigoroso em suas práticas dhutanga¹²³. Considerando todos aqueles monges juntos para o retiro das chuvas, seria difícil encontrar um melhor grupo de companheiros do Dhamma (Kalyānamitta). Dei uma palestra de Dhamma quase todas as noites e, durante toda a instrução, meus companheiros de bom grado ouviam com mentes calmas e atentas. Mais tarde, eu lhes dava a oportunidade de levantar quaisquer questões ou problemas e expor quaisquer opiniões que tivessem. Além de Ajahn Chóp, Ven. Kheung era particularmente dotado na faculdade de conhecer a mente das outras pessoas (parassa ceto-pariyañāna). Se alguma coisa estivesse preocupando a mente de alguém, ou se alguém tivesse cometido alguma violação da regra monástica, um desses dois detectaria isso.

No nosso grupo, o monge de quem eu mais sentia pena era o Ajahn Bun-tham (da província de Surin). Ele era monge há muitos anos, mas ainda não conseguia meditar muito bem. Ajahn Chóp e Ven. Kheung eram capazes de saber tudo o que ele estava pensando e fazendo quando fossem referentes a assuntos aos quais ele, certamente, não deveria estar se entregando. Sempre que seus companheiros o advertiam sobre isso, ele prontamente admitia sua falha e, até mesmo, humildemente prostrava-se perante eles, mesmo que fossem juniores a si. Seus sentimentos de inadequação e vergonha na frente do grupo ocorriam por ele ter perdido a oportunidade de se encontrar com Ajahn Man — embora ele já tivesse

¹²³ Práticas austeras. Veja Tudong no Glossário.

sido um discípulo do Ajahn Singh. Ele realmente queria ouvir um sermão do Ajahn Man e acreditava que já era conhecedor o suficiente para instantaneamente entender e ganhar insight no Dhamma. Eu constantemente o avisava para não ser presunçoso e para ter cuidado quando se encontrasse e ouvisse uma palestra de Ajahn Man. O seu excesso de confiança poderia torná-lo pouco receptivo e fazê-lo sentir-se negativo em relação ao Venerável Ajahn.

Depois do retiro das chuvas ter acabado, Ajahn Man voltou para nos visitar novamente e Ajahn Bun-tham foi capaz de ouvir uma palestra do Dhamma. Foi o que bastou, pois, infelizmente, teve o efeito oposto ao que ele esperava e ele ficou insatisfeito com os métodos de treinamento oferecidos por Ajahn Man. Mais tarde, talvez porque tenha se sentido tão decepcionado, abandonou o grupo e saiu vagando sozinho. No entanto, ele se encontrou com o infortúnio e contraiu malária cerebral. Ajahn Rian o encontrou e ajudou a levá-lo de volta para Chiang Mai, onde ele morreu no hospital, sem que quaisquer parentes ou discípulos estivessem por perto para ajudar a cuidar dele.

Depois de ficar para receber ensinamentos do Ajahn Man por um período adequado de tempo, Venerável Kheung e eu nos despedimos para sair em busca de reclusão em lugares isolados, seguindo acima o rio Mé Dténg. Ficamos num local isolado perto de uma área montanhosa de plantações de chá. Deixei o Venerável Kheung cuidando dos nossos pertences num mosteiro abandonado ao pé da montanha, enquanto subi o cume para encontrar um lugar adequado para ficar. Aconteceu que uma jovem mulher veio passeando e flertando com alguns jovens locais. Venerável Kheung também viu isso e ficou intensamente excitado. Quando voltei do meu lugar na montanha e vi o estado em que ele estava, tentei aconselhá-lo e recomendei várias maneiras que ele poderia usar para acalmar a emoção — mas sem sucesso.

Tive uma intuição de tal possibilidade desde que ele veio ficar comigo. Naquela ocasião, ele me contou sobre uma visão que tinha experienciado enquanto estava com Ajahn Man no distrito de Mé Suay. Ele disse que ouvir sobre mim o inspirou tanto que queria me conhecer. Teve então uma visão:

Apareceu uma estrada que levava diretamente até onde eu estava. Ele fez a viagem sem problemas ao longo da estrada, que terminou bem ao pé das escadas que levavam à minha cabana. Ele então pareceu agarrar as escadas — que

pareciam extremamente altas — e começou a subi-las até mim. Depois de se prostrar para mim três vezes, ofereci-lhe um conjunto completo de mantos, mas ele recusou-se a aceitá-los.

Parecia que as circunstâncias estavam começando a se encaixar em sua visão. Também senti que a nossa associação de mútua simpatia tinha atingido o seu limite. Naquela manhã, durante a refeição, ele tinha perdido a calma comigo por causa de um assunto insignificante. À noite, ele veio me ver e admitiu sua culpa. Relatou a sua experiência da noite anterior, quando a luxúria o tinha superado ao ver a jovem flertando. Sua meditação durante toda a noite seguinte não havia sido bem-sucedida e ele veio pedir licença para partir e sair vagando sozinho.

Cerca de três meses depois, encontramos-nos novamente e encorajei-o a recomeçar com sua meditação: "Se você tiver determinação suficiente, ainda é possível ter sucesso. Por favor, deixe o passado para trás e faça um novo começo."

Ainda assim ele não aceitou esse conselho e depois eu soube, com grande pesar, que ele tinha abandonado o manto. Ele era um indivíduo de vontade forte e não fazia nada pela metade, mas também era muito opinativo e até mesmo as palestras de Dhamma do Ajahn Man nem sempre o convenciam. Ele já era um "cara durão" em seu vilarejo natal, antes de se ordenar e sair sem nenhum objetivo real em mente. Ele era original do vilarejo Nam Gam, no distrito de Taht Panom.

Os seis poderes psíquicos superiores¹²⁴ — um exemplo é ser capaz de ler a mente de outros seres — não são algo comum para todas as pessoas. Eles não surgirão necessariamente na prática de todos aqueles que meditam. Em algumas pessoas, por mais refinada que seja a sua mente, não surgirão poderes superiores. Enquanto outras pessoas meditam e, quando sua mente converge para a concentração momentânea ou de acesso (khanika ou upacāra samādhī), estes poderes se manifestam.

Venerável Kheung era adepto em treinar sua mente para entrar em tranquilidade e podia permanecer em um estado muito calmo o dia e a noite toda. Enquanto caminhava de uma forma aparentemente normal, em sua mente se sentia como se caminhasse no ar. Enquanto em outros momentos, ele podia sentir-se como se

¹²⁴ Abhiññā: ouvido divino; olho divino; ler as mentes dos outros; recordar vidas passadas; conhecimento da libertação da mente.

tivesse penetrado no interior da terra. Embora a mente do Ven. Kheung não saísse da concentração, não tinha sabedoria para investigar as três características¹²⁵. Seus poderes eram, portanto, apenas do tipo mundano, surgindo da absorção mundana¹²⁶. Nem é preciso mencionar Ven. Kheung, basta considerar o Venerável Devadatta¹²⁷, que foi capaz de visitar o Príncipe Ajātasatthu voando através da janela do palácio real — isto até que suas habilidades o abandonaram.

¹²⁵ Ti-lakkhana. Ver Glossário.

¹²⁶ Lokiyya-abhiññā; lokiyya-jhāna: poderes psíquicos e absorção/concentração mundanos, daquele que ainda não se iluminou.

¹²⁷ Um primo do Buddha, que originalmente tinha poderes psíquicos mundanos, mas por ciúme e ambição, eventualmente tentou matar o Buddha e posteriormente perdeu todos seus poderes.

24. Décimo sexto retiro das chuvas, 1938 em Nong Du, Lampun

Nong Du era um vilarejo Mon¹²⁸. Os monges do vilarejo pareciam bastante rigorosos com a observância do código monástico. No entanto, os aldeões também disseram que seu abade era bastante poderoso em habilidades sobrenaturais.

Sempre que os aldeões iam a um festival ou feira, ele consagrava e empoderava um tanto de óleo de sésamo, e dava a eles para que bebessem e esfregassem em seus corpos. Isso os tornaria invulneráveis a facadas e socos. Quando iam a feiras de vilarejos vizinhos, as pessoas dos outros vilarejos olhavam para eles com muito cuidado. Os aldeões de Nong Du eram confiantes no poder do abade e assim começaram a se considerar superiores, sem medo de ninguém. Os vilarejos vizinhos reuniram-se, elaboraram um plano e armaram-se até os dentes, então vieram em massa para investir contra o vilarejo de Nong Du com a intenção de se vingarem, destruindo-o. Quando os homens residentes lá perceberam o que estava acontecendo, fugiram e se esconderam na selva para salvar suas peles.

O abade já tinha oitenta anos quando se converteu de tais práticas graças aos ensinamentos de um monge de meditação errante que ficou em seu mosteiro. Notavelmente, ele foi capaz de obter algum conhecimento sobre a verdade dos ensinamentos do Dhamma do Buda. Ele então sentiu tal fé no monge meditador que pôde desistir de suas opiniões presunçosas e oferecer-se como um discípulo ao monge mais jovem.

Mais tarde, todo o mosteiro, com o apoio dos leigos, decidiu mudar para se tornar parte da comunidade Dhammayut. Somdet Phra Mahā Virawong (Pim), quando ainda era Phra Nānadilok e abade interino de Wat Chedi Luang em Chiang Mai, pediu que eu me tornasse o primeiro abade do reestabelecido Wat Nong Du, tendo Ven. Palat Tong-suk como vice-abade. Foi durante esse retiro das chuvas que o Ven. Mahā Kan aprendeu a dar seu primeiro sermão e a lecionar estudos de Dhamma.

¹²⁸ Um antigo e devoto povo budista. Outrora poderoso na atual Myanmar e Tailândia, agora um grupo étnico minoritário em ambos os países.

Dei instruções à comunidade leiga durante esse retiro das chuvas. Aquilo inspirou tanto a fé deles que nos dias de virada de lua eles vinham ao mosteiro para observar os oito preceitos em números sem precedentes. Famílias inteiras fechavam suas casas e vinham observar os oito preceitos e passar a noite no mosteiro.

Tradicionalmente, não se esperava que as jovens mulheres Mon observassem os oito preceitos. Para os homens jovens, era o contrário. Quando os jovens largavam o manto após a sua ordenação temporária, continuavam a ir infalivelmente todas as semanas ao mosteiro e a manter os oito preceitos. Estas pessoas eram realmente exemplares, pois apesar de terem uma condição de vida longe de ser fácil, eram extremamente devotas. Também os ensinei a estabelecerem-se firmemente nos três refúgios¹²⁹ e a abandonar as opiniões e crenças erradas da adoração de espíritos. Muitos concordaram e voluntariamente renunciaram à sua adoração do Espírito Mon e, em vez disso, vieram pedir os três refúgios. Infelizmente, depois do retiro das chuvas, tive de deixá-los e viajei de volta ao Nordeste, assim as coisas tiveram que ser suspensas por lá.

Ser milionário ou mendigo não impede que se ganhe o nobre tesouro de alguém dotado de fé e sabedoria. É por isso que este nobre tesouro supera todas as outras riquezas.

¹²⁹ Ti-saranagamana: Tomar refúgio no Buddha, Dhamma e Sangha.

25. Décimo sétimo ao vigésimo quinto retiro das chuvas, 1939-47 em Wat Arañavāsi, Tah Bó, Nongkhai

Antes de partir do Norte, fui prestar os meus respeitos ao Ajahn Man. Ele tinha passado o retiro das chuvas em Wat Chedi Luang, em Chiang Mai, a pedido de Somdet Phra Mahā Virawong. Aproveitei novamente a oportunidade para convidá-lo a voltar ao Nordeste, tendo já apresentado um convite antes do início do retiro. Ele comentou que também havia recebido uma carta convite do Chao Khun Dhammachedi. Na verdade, tinha sido eu quem escreveu a Chao Khun Dhammachedi sugerindo que tal convite fosse enviado. Tinha feito isso depois de sondar Ajahn Man e sentir que havia uma chance de ele estar disposto a voltar. Quando perguntei novamente sobre o regresso dele, disse que iria no momento certo.

Então, respeitosamente, informei-o dos meus próprios planos de voltar e despedi-me dele. Expliquei que já estava há muito tempo na região Norte e que, não importava o que acontecesse, sentia que seria capaz de cuidar mim mesmo. Depois de escrever outra carta para Chao Khun Dhammachedi explicando a situação, parti.

Desta vez, arranjaram um rapaz para me acompanhar na viagem, mas o Ven. Ōnsi ficou para trás, junto com o Ajahn Man. Quando cheguei a Tah Bó, na província de Nongkhai, determinei que o grupo de monges lá seria treinado a ser rigoroso e consciencioso em sua prática. No entanto, depois de tentar isso por cerca de três ou quatro anos, os resultados chegaram a apenas cerca de 30 ou 40 por cento do que poderiam ter sido. Mais tarde pareceram ainda menores.

Por conseguinte, dediquei-me mais à integração dos aspectos do estudo à prática. Juntamente com isso, também liderei todos os monges nos cânticos diários, e depois nós praticamos os estilos rítmicos dos cânticos mokot-sangyok e roy-gāw. Terminávamos regularmente recitando o Pāṭimokkha e, com isso, fui capaz de produzir muitos especialistas na recitação. Os benefícios tornaram-se tão óbvios que continuei com essa prática até o presente.

Depois de ter ficado dois retiros de chuvas em Wat Arañavāsi — de 1941 a 1942 — levei os apoiadores leigos para construir um pequeno mosteiro no lado ocidental do vilarejo de Glahng Yai. Ele é agora um mosteiro permanente e continuou a ter

monges residentes e noviços através de todos os retiros das chuvas desde então. Agora chamam-lhe Wat Nirodha-rangsee.

Foi durante este período que Chao Khun Dhammachedi começou a ter um maior interesse na prática de meditação e no Venerável Ajahn Man. Na verdade, quando Chao Khun Dhammachedi ainda era um noviço — antes de ter ido estudar em Bangkok — havia sido um discípulo de Ajahn Sao e Ajahn Man. Naquela época, porém, não tinha mostrado interesse no modo de prática.

Acho que foi na ocasião da cerimônia de colocação das sîmas¹³⁰ em Wat Bodhisomphon que ele se tornou mais familiarizado com os dois veneráveis Ajahns. Eles despertaram tanto o seu interesse que ele estava sempre me questionando sobre o modo de prática, caráter e qualidades deles. Ele, às vezes, pedia-me para lhe dar um sermão baseado no que eu havia ouvido dos dois Ajahns. Quando eu recontava tal ensinamento, ele ouvia silenciosamente com grande atenção e respeito.

Depois, o Chao Khun Dhammachedi enviou o Ajahn Un Dhammadharo a Chiang Mai para convidar Ajahn Man a retornar ao Nordeste, mas sem sucesso. Ajahn Un contou a Ajahn Man sobre suas práticas vegetarianas e isso eventualmente levou a brigas e discórdia no grupo. Ajahn Man disse que nenhum dos arahants havia brigado por comida e excrementos, então por que estavam os presentes agora fazendo isso. Chao Khun Dhammachedi teve que ir para Bangkok por assuntos da Sangha e quando estes foram concluídos, seguiu para Chiang Mai e fez o convite pessoalmente. Ajahn Man disse: "Ei, o que é isso, você veio com a 'grande carta'?" (Significando que ele estava fazendo o convite pessoalmente.)

Permaneci em Wat Arañavāsi, em Tah Bó, por um período de aproximadamente nove anos. Este foi um registro da minha vida ordenada até então. Nunca me interessei por trabalho de construção porque considerava isso uma interferência, e não a tarefa de um recluso, pensando que um ordenado deve concentrar todas as energias nos deveres de um recluso.

Quando cheguei a Wat Arañavāsi, percebi que em todos os locais de habitação havia uma herança da geração anterior de monges seniores. Eles os construíram e, todos nós, agora vivíamos neles. Em seguida, refleti sobre as cláusulas da regra

¹³⁰ Ver Glossário.

monástica em que é dada autorização para reparar os locais de habitação existentes. Isso fez com que me sentisse um pouco envergonhado de mim mesmo, porque parecia estar tão ocupado fazendo uso desses recursos, mas meramente monitorando essa herança dos professores anteriores.

Aí foi quando comecei a orientar os apoiadores leigos em projetos de construção e tenho continuado com isso até os dias atuais. No entanto, em nenhum momento saí e solicitei doações para este trabalho. Sempre fui extremamente sensível a este respeito — se os recursos estivessem disponíveis, o trabalho avançava, se não estivessem, simplesmente parávamos o trabalho. Nunca me permiti ficar ligado a nenhum projeto para que, caso não pudesse ser terminado ou não houvesse fundos, eu pudesse facilmente abandoná-lo sem sentimentos de apego. Enquanto estava em Wat Arañavāsi, dirigi os apoiadores leigos na construção de duas novas cabanas, uma grande sala de estudos e muitas outras estruturas menores.

Antes deste longo período em Wat Arañavāsi, não me lembro de ter ficado em nenhum lugar mais do que três retiros de chuvas. Pode ter sido devido ao longo período da minha estadia, ou talvez por outra razão, que o meu distúrbio neurológico se repetiu. No entanto, eu ainda me forcei a suportá-lo para que fosse dada uma boa oportunidade para aqueles que queriam estudar e praticar lá.

Em 1946, Venerável Ket (meu irmão mais velho) veio passar o retiro das chuvas conosco. Morreu durante o retiro, de apendicite. Ele havia sido ordenado há quatorze anos e tinha quarenta e oito anos de idade. Desde sua ordenação — ele era mais velho que eu — nós nunca tínhamos ficado juntos para um retiro de chuvas. Parece que a nossa união não foi um bom presságio.

Quando veio, eu não estava dando muitos sermões aos devotos leigos e, em vez disso, os fazia meditar em silêncio, cada um por conta própria. O meu distúrbio neurológico tinha piorado tanto que, depois de tomar o assento do Dhamma para dar um sermão, não fazia ideia do que estava falando — mas ainda assim conseguia falar bem. Quando terminava meu sermão, perguntava aos leigos ouvintes sobre o que estava falando e se tinha feito sentido. Eles respondiam que puderam entender muito bem, foi como sempre havia sido.

Um dia tive um sonho em que o Venerável Ket e eu andávamos juntos em tudong pela floresta. Fomos para um riacho e começamos a seguir o leito dele. A água

não era muito profunda, só chegava às nossas cinturas, mas não parecia molhar nossos mantos. Reparei como a água estava fresca e senti vontade de pegá-la em minhas mãos para lavar a boca. Tomei um gole, gargarejei e depois cuspi — e todos os meus dentes saíram com a água! Ao acordar, pensei que tivesse mesmo acontecido. Tive que tocar minha boca para acreditar que foi só um sonho.

Nunca acreditei na verdade absoluta dos sonhos¹³¹. Pensava que eles ocorriam por não estarmos atentos às atividades da mente, de modo que ela vacila quando adormecemos e, em seguida, segue com suas preocupações. Se cuidássemos do coração, não haveria sonhos. Se, no entanto, sonhássemos, estaríamos cientes do sonho, embora não pudéssemos nos levantar porque o corpo permanece imóvel. Quando o corpo fosse capaz de se mover novamente e pudesse se levantar, a mente não estaria mais dormindo. Sonhar ocorreria quando o coração não estivesse dormindo, mas vacilante e disperso.

Quando me recusei a acreditar no sonho, uma visão apareceu na minha visão interior (no coração). Como já mencionei acima, fiquei doente cerca de quatro ou cinco dias antes da lua cheia do décimo mês lunar [por volta de setembro]. Era o tempo do tradicional festival de Khao Bun Salahk-pat¹³², e eu estava me sentindo tão mal que não conseguia me levantar sem vomitar. Deitei-me de olhos fechados e quando os abri novamente, vi-me a olhar para o céu com nuvens passando pelo sol. Meus olhos doeram e vomitei.

Aconteceu ser um dia de observância, mas não pude ir e dar um sermão, então, em vez disso, convidaram o Venerável Ket. Ele deu um sermão de uma hora e meia. As pessoas que estavam ouvindo ficaram bastante espantadas com aquilo, não esperando que ele fosse capaz de tanto. Na manhã seguinte, meu distúrbio nervoso parecia ter desaparecido e fui convidado para uma reunião.

Por volta das onze da manhã, alguém veio me dizer que o Venerável Ket tinha dores de estômago e então retornei para o mosteiro. Quando cheguei, tudo o que pude fazer foi olhar para ele, pois não tínhamos medicamentos e eu não sabia o que mais fazer. Mais de dez anos antes, ele tinha estado doente com sintomas

¹³¹ Na Tailândia, este é tradicionalmente considerado um sonho pouco auspicioso.

¹³² Uma cerimônia anual onde os aldeões apresentam oferendas aos monges para fazer mérito para os mortos, enquanto a distribuição das doações é feita por sorteio.

semelhantes. Às vezes, quando o medicamento estava disponível, ele o tomava e melhorava, enquanto outras vezes, melhorava mesmo sem medicamentos. Uma vez esteve doente durante cinco dias e noites no vilarejo de Nah Sidah (nosso vilarejo natal), sem poder se deitar ou comer. A doença então se resolveu depois que ele usou o dedo para remover três ou quatro pequenos nódulos — não sei o que eram — do seu ânus.

Naquela época, a medicina moderna ainda não tinha se espalhado amplamente. Se a pessoa estava com dor de estômago, achava alguns comprimidos para tomar. Não sabíamos nada sobre o apêndice. Se as dores de estômago viessem de intoxicação alimentar ou de fermentação e gases, melhoraria. Se viessem de apendicite, não o fariam, e inúmeras pessoas morreram disso. Desta vez, o Venerável Ket estava com apendicite e não tínhamos medicamentos.

A dor estava quase além do suportável, de modo que ele se jogava de um lado para outro, mas eu nunca o ouvi gritar. Finalmente, conseguiu dizer algumas palavras. Disse que certamente não seria capaz de continuar daquele jeito. Ele pensou que tentar alguma meditação andando poderia ajudar, então nos pediu para ajudá-lo até o caminho de meditação, onde deu quatro ou cinco passos antes de cair. Os monges e noviços que o estavam assistindo viram sua condição e o trouxeram de volta para se deitar onde ele estava antes.

Naquele momento comecei a me sentir tão fraco, depois de ter cuidado dele por um período tão prolongado, que pedi licença a todos para ir descansar. Um noviço então veio me chamar com a notícia de que o Venerável Ket havia ficado muito fraco e desmaiou. Corri para ver e descobri que ele estava lá deitado sem falar. Ao aproximar-me, lembrei-lhe do Dhamma e perguntei-lhe se podia ouvir o que eu estava dizendo. Ele respondeu que podia e isso continuou até cerca de oito horas naquela noite, quando ele morreu.

Venerável Ket tinha sido uma pessoa de muita resistência em tempos de doença e saúde. Essa não foi a única doença também, pois ele tinha sofrido de apendicite, pedras nos rins e malária. Mesmo quando seu apêndice ficou infeccionado por muitos dias, não reclamou nem perturbou ninguém. Ele ficava quieto ali, sozinho. Se fosse capaz de comer, comeria, e se não pudesse, simplesmente continuaria calmamente deitado lá. Ele sempre comia apenas uma pequena quantidade e nunca era exigente com comida. Uma vez conseguiu sobreviver só

com arroz e sal por mais de dez dias. Todos os professores de meditação haviam elogiado suas grandes qualidades de resiliência.

Depois de ter arranjado o seu funeral e terminado o retiro das chuvas de 1947, minha mãe também faleceu. Naquele ano, todo o vilarejo e a cidade tinham feridas infectadas e úlceras, incluindo minha mãe, que tinha uma úlcera na canela. Os afetados tinham ido para tratamento e estavam todos curados, exceto a minha mãe. Fui buscar os medicamentos que deviam ter sido eficazes no tratamento dela, mas o problema não se resolveu. A carne começou a apodrecer e estava supurando tanto que caiu, expondo o osso. No entanto, não havia dor.

Enquanto minha mãe estava doente no vilarejo de Nah Sidah, em Nongkhai, eu havia passado o retiro das chuvas no distrito de Tah Bó, também em Nongkhai. O bloqueio que me tinha feito tão incrédulo sobre a validade do meu sonho desapareceu abruptamente. Na manhã seguinte, após sonhar que todos os meus dentes haviam caído, senti a certeza de que teria algumas viagens para fazer naquele dia. Voltei da mendicância e vi alguém à minha espera, com notícias de que o estado da minha mãe tinha se deteriorado seriamente.

Aqueles que classificam os sonhos como coisas inacreditáveis e inúteis — bem, podem pensar o que quiserem, mas aceito-os com cem por cento de certeza. Se se sonha que os dentes caem, então definitivamente significa que o pai ou a mãe ou um dos irmãos ou irmãs está muito doente ou morreu. Por outro lado, pode ter relação com um amigo ou conhecido muito próximo.

Cuidei da minha mãe tanto quanto pude com medicina espiritual¹³³ e com medicação, mas o seu corpo já estava extremamente envelhecido. Ela tinha 82 anos. Qualquer medicamento que trouxéssemos já não parecia ajudar, pois ela já não conseguia tomar e a sua condição continuava a se deteriorar. Isto continuou até que as coisas não puderam mais se manter juntas e, assim, como uma velha folha amarelada cai, ela murchou e afundou. No entanto, eu ministrei ao seu coração e mente, dando suporte a sua sati e estabelecendo-a em plena tranquilidade até o momento final, quando pouco fôlego restava.

¹³³ Dhamma-osot (tailandês): curar a doença através da prática do Dhamma, usando o poder de cura da virtude e meditação.

Assim, cumpri as obrigações necessárias de um filho ideal. Quando a sua condição ainda estava estável, ela sempre pensou em mim como um conselheiro. Ela me consultava se quisesse alguma coisa ou se tivesse algum problema, e adotava qualquer opinião que eu oferecesse. Quando ela estava doente, eu dava suporte à sua sati a ponto de, às vezes, ela não precisar tomar qualquer outro medicamento. Ela tinha muitas vezes se recuperado através da sua confiança e fé no meu ensinamento. Foi o mesmo quando estava se aproximando da morte, e talvez por isso a ferida em sua perna não era dolorosa.

26. Vigésimo sexto e vigésimo sétimo retiro das chuvas, 1948-1949, Khao Nói, Chantaburi

Tinha tido uma visão desta montanha (Khao Nói) enquanto permanecia em Wat Arañavāsi, Tah Bó, mas ela era ainda muito diferente das minhas expectativas. Para começar, era pouco crível como local de isolamento, pois era apenas uma pequena colina em meio a campos, com vilarejos agrupados em torno da sua base. No entanto, era surpreendente como qualquer um que ia lá para a prática de meditação — fosse monge, noviço ou aldeão — alcançava resultados notáveis. Estes seriam grandes ou pequenos, dependendo da habilidade básica da pessoa.

O caso mais estranho foi o de um velho com mais de setenta anos que, com a sua propensão para beber álcool o dia todo, tinha ficado tão pobre que dependia dos aldeões. Contratavam-no a cinquenta baht por mês para assistir aos monges residentes, mas ele não era muito bem disposto. Quando eu estava lá, ele desenvolveu tanta fé que não foi mais necessário contratá-lo para fazer o trabalho. Uma visão tão maravilhosa havia surgido em sua meditação que ele desistiu de todo o álcool e foi até capaz de assumir os oito preceitos nos dias de observância. Os aldeões ficaram tão impressionados com ele, que podia entrar em qualquer casa ou loja e receber uma refeição grátis. Isso o tornou ainda mais consciente dos benefícios de sua prática e ele continuou a dar assistência aos monges.

Ainda mais estranho foi o caso de uma pessoa muda de Tah Chalép que também era forçada a depender do vilarejo. Eu o tinha ensinado pela linguagem de gestos a observar os oito preceitos no dia de observância e a meditar. Isso acabou por se tornar tão maravilhosamente significativo para ele, que ensinou outras pessoas, pela linguagem dos gestos, a ver o mal de beber álcool. Enquanto meditava em casa, sua mente se tornava tão brilhante que ele era capaz de me ver no mosteiro. Ouvi recentemente que esta pessoa está viva e construiu um mosteiro sozinho, convidou monges para ficarem lá e cuida deles, ele mesmo.

Para mim, as coisas também foram incríveis. Eu estava investigando um Dhamma que eu nunca poderia ter concebido, e compreendendo um Dhamma que nunca havia conhecido antes. Os caminhos e meios da prática foram esclarecidos em detalhes precisos, de modo que me senti confiante o suficiente para compor o meu primeiro livro: *Iluminando o Caminho de Samatha e Insight*.

Seguindo os meus planos originais, continuei a praticar lá por dois retiros das chuvas. Depois do fim do segundo retiro das chuvas, vieram notícias da doença do Ajahn Man e eu parti, cheio de apreço pelas virtudes desta pequena colina. Fui acompanhar Ajahn Man de sua última doença até sua morte. Depois de sua cremação ter sido concluída, eu nunca encontrei uma oportunidade de voltar para Khao Núi, mesmo que as pessoas lá tivessem me oferecido um apoio tão excepcional. Mandei outros monges para irem no meu lugar, porque os meus planos ainda eram incertos.

26.1 Preocupações de um preocupado

Depois de a cerimônia de cremação do Ajahn Man ter terminado, ponderei sobre a situação do nosso grupo de monges de meditação. Até então, tínhamos sido apenas um pequeno grupo que não era bem conhecido entre as pessoas em geral. Tínhamos tido a retaguarda e o apoio de alguns anciãos altamente colocados. Por exemplo, Chao Khun Phra Upāligunūpamācāriya (Chan Siricando) sempre vinha nos ajudar. Ele tinha assumido a responsabilidade de lidar com qualquer questão que envolvesse assuntos da sangha administrativa que nos afetasse. Quando morreu, foi Somdet Phra Mahā Virawong (Tisso Oo-an) quem cuidou disso. Depois que este faleceu, Ajahn Man Bhūridatta Thera já era bem conhecido e amplamente respeitado entre a hierarquia eclesiástica. Então, o próprio Ajahn Man faleceu e o grupo pareceu ter sido deixado órfão.

Os anciãos eclesiásticos seniores não conheciam muitos monges do nosso grupo e nem pareciam propensos a assumir obrigações a nosso respeito. Mais tarde, de fato, monges que eram discípulos do Ajahn Man tornaram-se cada vez mais conhecidos. (No entanto, naquele momento, não antecipei que alguns dos nossos monges seniores remanescentes estavam para se tornar respeitados anciãos de excelente capacidade. Por conseguinte, as minhas preocupações não foram, provavelmente, muito bem pensadas.)

Tais preocupações me levaram a viajar a Bangkok, pois se a ocasião certa se apresentasse, seria capaz de construir algumas conexões com os anciãos da hierarquia eclesiástica. Pude ouvir suas decisões e estratégias, e conhecer suas opiniões sobre o nosso grupo. Saí e fiquei em Wat Bahn Jik em Udon. Depois vim para ficar com o Ajahn Ōn Nānasiri, em Wat Tip'rat, em Udon. Ele estava obviamente com a impressão de que eu estava abandonando o nosso grupo e partindo sozinho. Tive de explicar todos os fatos antes que ele entendesse as

minhas intenções. Durante o próximo retiro das chuvas, ouvi dizer que ele tinha ido passar o retiro na caverna Khao Yoi, na província de Phetburi, por isso não tenho certeza de que interpretação ele teve das minhas palavras.

Quando cheguei a Bangkok, tive a oportunidade de ir e prestar os meus respeitos a muitos anciãos eclesiásticos e pude conhecer a atitude de cada um em relação ao nosso grupo de monges meditadores. Isto permitiu-me sentir bastante confiança em relação à posição do grupo e à minha própria.

Eu queria ir e ver alguns dos lugares famosos de prática de meditação, por exemplo, os de Rahtburi e Phetburi. Assim, viajei por esses lugares pedindo permissão para ficar um tempo e aprender com cada um, antes de eventualmente chegar à província de Songkla.

Naquela altura, Khun Siri-Tejodom (Ampan) — que tinha sido um oficial do distrito e, em seguida, tinha ficado comigo — foi para Phuket e Phang-nga, onde estava divulgando o Dhamma e o modo de prática. Mais tarde, se juntou nesta propagação o Mahā Pin Jalito¹³⁴ (Phra Khru Virotthammajahn), que era nativo de Nakhon Pathom. No entanto, ele não pertencia ao nosso grupo. As atividades deles agitavam tanto as pessoas — causando brigas e atritos no grupo — que a situação começava a ficar fora de controle. Mahā Pin Jalito não conseguia mais manter as coisas sob controle e não tinha apoio do grupo, então, quando soube que eu estava em Songkla, veio e apelou para que meu grupo fosse ajudar a clarear a situação lá.

26.2 Primeira visita à ilha de Phuket e um encontro perigoso

Para a maioria das pessoas daquela época, a ilha de Phuket era considerada como um lugar isolado, abundante em recursos naturais valiosos e cheio de milionários. Fora da comunidade empresarial, a maioria dos Ilhéus não sabia muito sobre o mundo exterior. Na verdade, isso era cerca de 30% verdade, porque as comunicações ainda eram realmente difíceis. As pessoas atravessavam para a ilha principalmente de barco, mas lembro-me que a minha primeira visita foi de avião. Saímos de Songkla e aterrissamos em Phuket. Os únicos passageiros

¹³⁴ Não deve ser confundido com o, mais famoso, Ajahn Mahā Pin Pañābalo, mencionado anteriormente.

naquela viagem éramos os dois monges e uma pessoa leiga; o voo de volta teve apenas um passageiro solitário.

Naquela época, alguns trabalhadores tinham vindo do Nordeste para morar, mas os locais os temiam como se fossem alguma espécie de monstros ou tigres. Isso se originou de vários rumores sobre os nordestinos, de como "eles eram brutais e cruéis, caçando, matando e comendo criancinhas".

Eu estava na ilha há um ano antes de todos aqueles trabalhadores do Nordeste começarem a ir para lá. Eles chegaram caminhando em fila ao longo da estrada e tornaram-se um objeto de intenso interesse para o povo da cidade. Enquanto isso, as pessoas na periferia da cidade ou no campo que os viam chegar fugiam para o abrigo de suas casas. Todos na floresta abaixavam-se e se escondiam nas árvores. Não testemunhei isso com os meus próprios olhos, mas me contaram mais tarde.

A prosperidade de qualquer região da Tailândia não me parecia divergir em mais de 5% de qualquer uma das outras¹³⁵. Como diz o ditado tailandês: "Se temos muito, podemos gastar muito, se temos pouco, podemos gastar pouco". O aspecto mais triste do povo de Phuket era o desejo dos pobres de se apresentarem no mesmo nível que os ricos. Isso não era muito bom.

Quando fui pela primeira vez para ficar em Phuket, minha presença não causou agitação, mas me trouxe alguns encontros dolorosos. Refiro-me ao que aconteceu dez dias antes do início do retiro das chuvas. Um grupo de pessoas, juntamente com um grupo de monges locais, conspiraram para impedir a nossa residência lá. Tentaram frustrar-nos de várias maneiras: incendiando nossas cabanas, envenenando nossa comida, atirando-nos pedras e proibindo o povo de nos dar comida. Quando estávamos em mendicância, às vezes caminhavam diretamente em direção a nós, em rota de colisão.

Como éramos visitantes em seu território, tentamos ser tão conciliadores quanto possível. Fomos ver o chefe deles e pedimos que nos deixassem passar pelo menos o retiro das chuvas que se avizinhava lá, pois já estava tão perto. Mas ele não deu sua permissão e ainda nos acusou de sermos monges vagabundos. Rejeitou

¹³⁵ A região Nordeste é geralmente considerada como a parte mais pobre da Tailândia. É também a mais seca e mais infértil, assim muitas pessoas tinham que sair e trabalhar nas outras regiões do país, quando não havia trabalho nos campos.

inflexivelmente todas as explicações e razões que apresentei, até que finalmente deixou escapar que na verdade eram os seus superiores que não nos deixava ficar (referindo-se a seus superiores em Bangkok). Por isso disse-lhe muito francamente que, embora ele pudesse ter seus superiores, eu também tinha os meus. Mais tarde, soube que ele tinha estabelecido este sério desafio: se os monges do Dhammayut Nikaya¹³⁶ fossem capazes de passar o retiro das chuvas em Phuket e Phang-nga, ele iria "vestir calças"¹³⁷. Então você pode ver como aquilo era perturbador.

¹³⁶ Ver Apêndice C.

¹³⁷ Ou seja, abandonar a vida monástica.

27. Vigésimo oitavo retiro das chuvas, 1950, Koke Kloi, Phang-nga

No final, nossos devotos leigos eventualmente conseguiram arranjar lugares para passarmos o retiro das chuvas. Quinze monges e noviços haviam me acompanhado naquele ano, que, com aqueles que tinham estado comigo antes, somavam dezoito ao todo. Dividimo-nos entre três locais: Dta-gua Tung, Tai Muang e Koke Kloi, que foi onde eu fiquei.

Foi durante esse retiro de chuvas que não apenas fomos sujeitos a golpes das "ondas de superfície", mas também fomos afetados pela pressão de "correntes submarinas". Refiro-me aqui a outros monges do nosso próprio grupo Dhammayut que começaram a clamar contra nós. Acusaram-nos de: não manter a regra disciplinar; a nossa prática estava fora do que as autoridades das escrituras estabeleciam; não observávamos os deveres Pāṭimokkha dentro de um salão de Uposatha oficial.

Esses monges aparentemente disseram que qualquer um que quisesse ser iluminado deveria "ir até Ajahn Thet!". (Este sarcasmo desencorajador foi provavelmente dirigido a seus próprios discípulos que vieram me seguir. No Sul, fora do retiro das chuvas, monges que estivessem dispostos a ficar e cuidar do mosteiro, eram difíceis de encontrar). Se de fato pensavam assim, não me estranharia se vindo de monges recém-ordenados e sem estudo. No entanto, vindo de monges de muitos anos, com bastante estudo, também me dava pena porque eles só tinham o estudo, nunca praticaram. Já eu, vinha praticando constantemente desde meu primeiro ano ordenado como monge.

A disputa sobre se iríamos ou não ficar para o retiro das chuvas naquela área ainda não tinha terminado. Descobri que tinham enviado um relatório ao Departamento de Assuntos Religiosos que nos acusava de sermos "monges vadios que vieram perturbar e semear a discórdia entre a população". Uma ordem foi emitida para que os detalhes dos documentos de nossa identificação monástica¹³⁸

¹³⁸ A ordenação de um monge é registrada e os detalhes são inseridos em um pequeno livro de identificação. Isto é o equivalente à usual carteira de identidade do cidadão tailandês.

fossem anotados para que uma futura investigação sobre a verdade dessas alegações pudesse ser realizada.

O Secretário de Educação da província, no entanto, não se atreveu a vir pessoalmente e, em vez disso, enviou o Oficial de Educação distrital local para tomar os detalhes. Pedi para ver a sua autorização oficial e quando ele não pôde apresentá-la, recusei sua inspeção. Dei-lhe então uma explicação completa e detalhada dos procedimentos adequados para os assuntos da Sangha. Quando ele foi embora, ainda não tinha ideia de como eles iriam reagir a isso, mas, mais tarde, descobri que o monge chefe regional eclesiástico tinha depois enviado uma carta de instrução e admoestação fortemente formulada para o monge chefe provincial e o governador provincial.

Relatei aqui apenas uma parte do que vivenciei durante o meu primeiro ano de estadia na província de Phang-nga. Se fosse dizer tudo, temo que o leitor ficaria entediado com tais assuntos insignificantes. Ao nascer neste mundo, torna-se inevitável que haja obstáculos para alcançar nossos objetivos. Seja quem for, seja qual for a sua tarefa, feita para o bem ou para o mal, para o declínio ou para o progresso, tudo dependerá da sua circunspeção e perseverança, usar raciocínio para resolver os problemas. Caso contrário, nunca haverá sucesso. À medida que a pessoa avança, isso trará confiança e determinação em lidar com esses obstáculos, e isso, por sua vez, acelera o alcançar dos objetivos.

Com referência aos monges Dhammayut, eles sempre foram confrontados com obstáculos onde quer que fossem e o que quer que fizessem. No entanto, eles eram geralmente bem-sucedidos em seus objetivos. Aqui gostaria de citar a fábula sobre a raposa e o cordeiro:

A raposa acusou o cordeiro: "Ei, você! Por que é que você sujou a minha água de beber passando sobre ela?"

O cordeiro: "Por favor, Senhor, eu não sujei sua água, atravessei o rio correnteza abaixo de você."

A raposa: "Ah! Você pode não ter sujado a minha água, mas seu pai causou-me muitos problemas."

E com isso ele atacou o cordeiro e comeu-o.

Fim.

Depois do fim do retiro das chuvas, começamos a construir uma cabana de madeira para o abade, mas ela não foi concluída naquela época.

28. Do 29º ao 41º retiro das chuvas, 1951-63, Phuket.

Naquele Ano Novo Chinês, Madame Loei Woon, a esposa de Luang Anuphat Phuket-gahn, proprietária da mina Chao Fah, convidou-nos para ir a Phuket. Éramos quatro: Mahā Pin Jalito, eu e dois noviços. Toda oportunidade adequada que surgiu foi usada para procurar e organizar um lugar para ficarmos. Deixando Mahā Pin Jalito para organizar e terminar o trabalho de construção, retornei para Koke Kloi, onde tinha passado o retiro de chuvas anterior. Ficamos em Phuket para o retiro das chuvas.

Havia quatro monges e um noviço permanecendo para aquele retiro de chuvas e o mosteiro estava situado no sopé da montanha Dtoh Sé, ao lado da prefeitura provincial. No início, nossas moradias eram feitas de palmeira nipa, com um pequeno quarto com espaço suficiente para montar um glót e sua rede contra mosquitos. A exceção era a cabana do abade, que era um pouco maior. Elas estavam situadas em uma área densa de grama lalang, nas encostas da montanha Dtoh Sé, abaixo do Tribunal Provincial de Phuket.

A sra. Ké tinha comprado esses quatro rai¹³⁹ de terras do Sr. Bowon, um negociante de minério, por mil bahts. Anteriormente, ali tinha sido uma plantação de coco pertencente a uma das antigas famílias ricas, mas estava abandonada à negligência há muito tempo. O sr. Bowon comprou-a para mineração, mas, como não tinha encontrado nada, vendeu-a à Sra. Ké. Como a área que a Sra. Ké comprou era muito pequena, consegui que mais quatro rai fossem adquiridos por mais quatro mil bahts. Este era o referido denso trato de grama lalang e era o lar de uma variedade de animais selvagens, incluindo tigres, panteras, veados, cervos, javalis e macacos.

Fizemos cabanas pequenas em clareiras grandes o suficiente para varrer ao redor, com caminhos estreitos ligando-as. Uma noite, quando abri a minha cabana para ir me encontrar com os outros, um tigre saltou na floresta, fazendo grande ruído. Às vezes, enquanto estávamos sentados juntos tomando uma bebida quente à noite, quase conseguíamos ver o autor do som dos rugidos e arranhões nas árvores próximas. Em plena luz do dia, o tigre atacava cães e gatos e os comia. Foi uma sorte que os ataques não se seguiram — o tigre se ateve a seus próprios

¹³⁹ Cerca de dois acres. Ver glossário: medidas tailandesas.

assuntos e nós, humanos, fizemos o mesmo. As pessoas de Phuket não podiam sequer identificar os sons típicos dos tigres, mas eu tinha estado muito na selva e conhecia todas as suas vozes.

Ficamos juntos em Phuket durante 15 anos, sem nunca voltar para passar o retiro das chuvas em Phang-nga. No entanto, os monges do nosso grupo em todas as três províncias de Phang-nga, Phuket e Krabi ficaram sob a minha liderança.

Todos nós vivíamos como uma única comunidade monástica, com as mesmas regras e formas de prática. Um monge ou noviço de qualquer um dos nossos mosteiros que precisasse de algo essencial, receberia ajuda daqueles que tinham coisas para partilhar. Trabalhos em qualquer mosteiro encontravam todos prontos e dispostos a ajudar, em espírito de harmonia.

Doações que vieram a ser oferecidas eram coletadas e alocadas para a manutenção deste ou daquele mosteiro, enquanto doações dadas a indivíduos eram mantidas em um fundo central. Sendo eu um preceptor¹⁴⁰, coloquei todas as doações que me foram oferecidas pessoalmente no fundo central — apesar das objeções que recebi de algumas pessoas¹⁴¹. Nunca nos preocupamos em não ter nosso próprio dinheiro e os apoiadores leigos cuidaram atenciosamente de todas as nossas necessidades. O que nos faltasse seria cuidadosamente fornecido — até mesmo bilhetes de trem eram oferecidos quando tínhamos que viajar. Desde a minha ordenação, nunca me deparei com cuidado e atenção tão excelentes. Por isso, aproveitarei esta oportunidade para agradecer às pessoas de lá, especialmente de Phang-nga e Phuket, por toda ajuda e apoio.

Durante o tempo em que residi na ilha de Phuket, estive sempre tentando estabelecer e encorajar virtude em mim e entre as pessoas em geral. Mantive contato com todos os monges-chefes da administração local e eles sempre responderam com generoso apoio ao nosso grupo. Quando algum trabalho ou assunto surgia, muitas vezes os traria para consultas mútuas e nós sempre nos entendíamos muito bem.

¹⁴⁰ Upajjhāya: é um monge sênior autorizado a conduzir ordenações, etc.

¹⁴¹ Ou seja, alguns doadores queriam que aquilo fosse utilizado especificamente para uso pessoal de Ajahn Thet, em vez de para uso do grupo.

Na entrada do retiro das chuvas, levava o meu grupo de monges para prestar reverência a cada monge sênior. Isto se dava todos os anos sem falhas e era muito diferente do que tinha acontecido quando estávamos em Phang-nga. Chegaram notícias de Phang-nga de que era apenas de Mahā Pin Jalito que eles não gostavam, e de que eles não se importavam com o nosso grupo. Acho que isto surgiu por causa do modo franco e brusco de falar do Mahā Pin Jalito, quando provocado por seus ouvintes. Não se deve levar essas pessoas tão a sério. Um provérbio do dialeto do nordeste afirma que "quem endossar tal pessoa, não terá uma colher para beber sua sopa".

Fizemos o nosso melhor em treinar os devotos leigos para que eles conhecessem os costumes e tradições do budismo, fazendo-nos de modelo para que vissem. Nós os instruímos sobre manter os oitos preceitos do uposatha — não apenas durante o retiro das chuvas, mas também fora dele. Apoiamos e reforçamos a base que tinham recebido de monges anteriores e depois os treinamos para desenvolver a meditação todas as noites. Os resultados disso, então, tornaram-se claramente visíveis para cada indivíduo, dependendo da força de sua fé e dedicação à prática.

Outro desenvolvimento foi o fluxo crescente de nosso grupo de monges do Nordeste, vindo morar comigo. Os jovens locais também encontravam regularmente fé suficiente para se ordenarem. As pessoas do sul que admiravam e apreciavam a maneira de praticar, vieram em números cada vez maiores para serem treinadas na comunidade Dhammayut. Expandimos para a província de Krabi e, somando Phang-nga e Phuket, havia onze mosteiros onde podíamos passar o retiro das chuvas. Em conjunto, isso significava que, em um ano normal, havia mais de cem monges residentes nesses mosteiros. Isto foi mais do que o total de monges e noviços do distrito de Muang, em Phuket, naquela época, e o dobro do número que lá havia quando cheguei pela primeira vez.

Como o nosso número aumentou, organizei o ensino de um curso regular de Estudos Gerais de Dhamma em cada mosteiro. Todos nos reuníamos na época do exame e, no primeiro ano, fomos a Wat Mahā-that, na província de Nakon Sri-dhammarahit. Nos anos seguintes, pedimos permissão para realizar os exames em Wat Chareon Samana-kit, em Phuket. Todos os anos, os que foram examinados em todas as três classes nunca eram menos que sessenta. Também passaram com boas notas.

Finalmente, a Faculdade Monástica Mahamonkut elevou nosso status para o de um "Centro Nível Dois". Vi o benefício para as funções do Buddha Sāsana terem estudo e prática — *pariyatti* e *patipatti* — seguindo lado a lado. E é esta a abordagem que sigo até hoje.

Permanecemos lá enfrentando vários obstáculos ao longo de quinze anos. Isso foi realizado com o objetivo de continuar o caminho budista para o benefício tanto do indivíduo quanto da comunidade em geral. Também fez jus aos desejos dos apoiadores leigos de Phuket e Phang-nga, que tinham sido tão gentis e generosos conosco. Finalmente eles puderam se familiarizar genuinamente com os monges do grupo Dhammayut e discípulos do Ajahn Man Bhūridatta. Na verdade, o grupo Dhammayut tinha ido a Phuket muitas vezes com a intenção de estabelecer-se lá, mas nunca tinha sido bem sucedido. Não é necessário perguntar se Ajahn Man era bem conhecido lá, pois mesmo seus discípulos nunca tinham conseguido adentrar Phuket. Nosso grupo tinha sido capaz de construir um mosteiro ali pela primeira vez na história do grupo Dhammayut e na de Phuket. Sentimo-nos orgulhosos das nossas realizações lá, ao pagar a dívida que devíamos ao povo de Phuket e Phang-nga — que jamais fez qualquer exigência de nós.

28.1 Minhas apreensões parecem tornar-se realidade

Minhas apreensões — as que expressei na seção 26.1, sobre a administração do nosso grupo — pareciam estar tornando-se realidade. Relacionava-se com o fato de eu ter feito contato com os anciãos sêniores em Bangkok antes de ir para o sul e, ao mudar-me, ter me familiarizado com todas as autoridades eclesiásticas no caminho para a minha estadia na Ilha de Phuket.

Phuket era conhecida como um lugar que trazia grande riqueza para todos que iam morar lá. Fizeram acusações até contra mim, dizendo que eu era incrivelmente rico — claro que isso era completamente falso. Embora estivesse em Phuket por quinze anos, não tinha nada, porque cada centavo oferecido a mim, ou a qualquer um dos monges, tinha sido destinado a um fundo central que era usado apenas para construção. Mas, em todo o caso, não foram construídas muitas moradias lá. Já nos dez anos que morei no Nordeste, foi concluído um número muito maior, juntamente com um salão de Uposatha e um salão de estudo de dois andares.

Eu não menciono este assunto para mostrar desdém pelo povo de Phuket e Phang-nga, enquanto respondo às acusações sobre a minha suposta riqueza. Na verdade, eles tinham cuidado muito bem de nós — como já mencionei, eles são inigualáveis em qualquer lugar — mas a construção de mosteiros não era popular entre eles. Na verdade, tal atitude era boa à sua própria maneira, pois se um mosteiro fosse construído em um estilo excessivamente grande e luxuoso, se tornaria um fardo e uma preocupação quando se estivesse longe.

Saí de Phuket sem quaisquer preocupações, embora me solidarizasse com os aldeões que lá cuidaram tão bem de nós. Na partida, deixei mais de cem mil bahts para o Phra Khru Sathidabuñārakkh (Bun), que estava construindo um salão de uposatha havia quatro ou cinco anos, e isso permitiu que ele fosse concluído em tempo recorde. Este salão de uposatha estava localizado em um declive da montanha que primeiro precisou ser nivelado. Eu não acho que nenhum dos outros monges de Phuket e Phang-nga poderia ter esperança de terminar tal edifício em apenas quatro ou cinco anos. É um belo recorde.

Os monges seniores em Bangkok, e os devotos leigos em geral, tiveram um interesse muito maior em nós quando viram como nossos grupos estavam se estabelecendo na ilha de Phuket. No entanto, fiquei impassível mesmo com toda esta atenção extra. Eu já expliquei como encontrar obstáculos tinha se tornado um evento bastante comum para mim, porque tive que superar tantos antes.

Naquela época, Wat Mahā Dhātu-yuvarājarangsarit em Bangkok tinha começado a popularizar a técnica de meditação birmanesa de [ciência da] expansão e contração¹⁴². Embora tenham divulgado amplamente a técnica, nunca se aventuraram na selva, permanecendo nos vilarejos e mosteiros. Muitas pessoas fizeram sua formação nessa técnica, algumas delas tanto que se tornaram inconscientes de quão inflexíveis eram.

Ao mesmo tempo, Wat Rājapraditth, Wat Bovoranives e outros mosteiros, iniciaram um grupo. Foi formado a partir dos discípulos do Ajahn Man Bhūridatta Thera. Eles tinham praticado por mais de cinquenta anos, mas nunca fizeram promoção deles mesmos. Quando um grupo usa publicidade e o outro

¹⁴² Isto refere-se à concentração nos movimentos abdominais da respiração, ao mesmo tempo recitando mentalmente “expandindo — contraindo”.

não, segue-se que ambos os grupos se tornam bem conhecidos. "Tornar-se conhecido sem muito barulho"¹⁴³ acontece desta forma:

Em 1951, o governador regional eclesiástico (Dhammayut Nikaya) convidou Ajahn Singh Khantayāgamo para ir ensinar meditação aos budistas da província de Phetburi. Em 5 de dezembro de 1952, ele solicitou que fosse dado a Ajahn Singh o título de Phra Khru Ñānavisitth. Ele também pediu que me fosse dado um título, mas isso não aconteceu porque eu não era abade de um mosteiro registrado oficialmente junto à sangha administrativa.

A 30 de Maio de 1953, nomearam-me Preceptor (Upajjhāya) e, simultaneamente, monge-chefe eclesiástico (Chao Kana Amphet, Dhammayut Nikaya) dos distritos de Phang-nga, Phuket e Krabi.

No dia 5 de dezembro de 1955, recebi o título¹⁴⁴ de Phra Khru Nirodharangsee.

A 16 de junho de 1956, tornei-me governador provincial eclesiástico interino (Dhammayut Nikaya) das províncias de Phang-nga, Phuket e Krabi. Também ocupei o cargo de Diretor de Estudos de Dhamma para essas três províncias.

Em 5 de dezembro de 1957, recebi o título de nível comum, categoria vipassanā¹⁴⁵, de Phra Rajanirodharangsee-kampirapañājarn. Ao mesmo tempo, Ajahn Singh Khantayāgamo recebeu o título de Phra Ñānavisitth'samiddhivirājārn e Ajahn Lee Dhammadharo foi nomeado Phra Suddhidhammarangsee-kampiramedhājarn.

No dia 20 de agosto de 1964, fui nomeado governador eclesiástico pleno dessas três províncias.

Em 28 de novembro de 1965, pedi a demissão de ambos os meus cargos administrativos e permaneci apenas com uma patente honorária.

¹⁴³ Expressão tailandesa, significando "sem publicidade". Este desenvolvimento é significativo porque demonstra a aceitação gradual, por parte das autoridades centrais, da tradição de floresta Kammatthāna.

¹⁴⁴ Phra Raja-tahn Samanasak, que é conferido pelo rei. Veja títulos tailandeses no Glossário.

¹⁴⁵ Phra Raja-kana-sahman Fai Vipassanā. Tratado por "Chao Khun".

Esta pode ter sido a primeira vez — exceto Chao Khun Vipassanā Koson Thera de Wat Phasee-chareon — que monges meditadores receberam tal patente eclesiástica. Antes disso, só havia a designação sem que ninguém a assumisse verdadeiramente. Isto pode ser visto onde os nomes de anciãos importantes estão listados e a denominação Araññavāsi¹⁴⁶ é anexada.

A partir desse momento, um fluxo constante de Ajahns meditadores sêniores da linhagem de Ajahn Man receberia títulos eclesiásticos. Eu preferiria, de fato, que esses títulos não fossem dados ao nosso grupo de monges meditadores porque não parece apropriado. Certa vez, enviei uma carta privada aos anciãos me opondo a esta prática, especialmente quando dizia respeito aos discípulos do Ajahn Man Bhūridatta Thera. Também fiz esse questionamento quando os encontrei pessoalmente e me referi ao que considerava ser o caminho apropriado a seguir. Comparei essa prática a pendurar joias no pescoço de um macaco — não significaria nada para o macaco. Ainda assim, esta é apenas a minha opinião pessoal — embora alguns macacos decorados de tal forma possam até dar a impressão de que sejam humanos. No entanto, o resultado final foi que os anciãos solicitaram que esta prática de dar títulos eclesiásticos prosseguisse para o benefício da administração do Sangha como um todo.

Todos nascemos neste vasto mundo com os seus privilégios e liberdades. No entanto, qualquer que seja a nossa condição ou status, cada um de nós é suscetível de ser cercado pelos fenômenos mundanos¹⁴⁷. Tudo depende de não estarmos dispostos a submeter-nos ao seu domínio em nosso coração. Nós também podemos ser capazes de transformar os fenômenos mundanos e fazer algum bom uso deles. Antes, quando os monges ou qualquer outra pessoa me viam chegar, pensavam que eu era um velho monge rústico (Luang Ta) vindo da floresta. Na verdade, preferia quando as pessoas me consideravam assim. No entanto, logo que ganhei posição e status, podia ir a qualquer lugar e qualquer um que me visse me cumprimentava com meu título e um convite. Contatar pessoas para pedir ajuda a algum projeto se tornou ainda mais fácil. O recebimento de tal patente e título traz consigo um aumento das obrigações e

¹⁴⁶ Onde Arañña significa "floresta".

¹⁴⁷ Loka-dhamma: ganho e perda; fama e anonimato; felicidade e sofrimento; elogios e críticas. (Vis. XXII); cp. (A. VIII, 5).

dos transtornos, portanto, não creio que tais honras sejam de maneira alguma adequadas para aqueles monges que desejam a paz e a solidão da floresta.

Durante os primeiros anos na ilha de Phuket, as coisas tinham ido bem e minha saúde estava bastante boa, mas nos últimos anos tinha me tornado cada vez mais sensível ao clima. Isso seguiu o curso normal dos meus sintomas de "anseio por viajar", pois onde quer que eu ficasse, a minha saúde não permaneceria boa por mais de três anos. No meu coração, nunca tive a intenção de ficar permanentemente em Phuket, e tinha dito isso para os meus colegas monges e para os leigos quando fui lá pela primeira vez. Ainda assim, acabei ficando lá por quinze anos por causa dos pedidos sinceros de monges seniores e de leigos.

Em 1964, era hora de dar uma solidária despedida às pessoas chorosas de Phang-nga, Phuket e Krabi, legando ao povo do sul todos os vários mosteiros que tínhamos estabelecido através do nosso esforço de mente e corpo, e através de suas contribuições e recursos materiais. Também lhes deixei os meus títulos eclesiásticos e honorarias.

Que as pessoas do sul — que foram tão amáveis e nos apoiaram, todas, sem exceção — encontrem apenas felicidade e sucesso e sejam abençoadas com prosperidade, vida longa, saúde e satisfação completa.

Que todos os mosteiros de lá se desenvolvam e cresçam em benefício de todos.

29. Quadragésimo segundo retiro das chuvas, 1964, Tam Khahm, Sakhon Nakon

Deixando a Ilha de Phuket, e estando livre de todos aqueles fardos, estava determinado a seguir as minhas velhas inclinações para a solidão e a paz. Ao visitar Ajahn Fan, no distrito de Phannah Nikom, fui mais longe para ver o seu mosteiro na caverna Khahm. Fiquei encantado com o mosteiro e pedi sua permissão para passar um retiro de chuvas lá. Embora o mosteiro não se estendesse sobre uma grande área e a montanha não fosse tão alta, o clima e a atmosfera eram excelentes.

Ajahn Fan é muito trabalhador e, no final de cada retiro de chuvas, levava os aldeões para estender a trilha subindo a montanha até que ela quase chegasse ao topo. Os aldeões gostavam de ajudar com o trabalho e, se chamados por Ajahn Fan, imediatamente largavam o que estavam fazendo para ir ajudar. Todos os sentimentos de exaustão da longa subida até seu mosteiro desapareciam com um repouso revitalizante de cinco ou seis minutos. A atmosfera lá era tal que mais do que compensava a energia gasta na subida.

Algumas pessoas apegadas ao lar dizem que "Não há necessidade de ir à procura do lugar ou clima adequados, pois tudo depende das condições dentro de si mesmo. Estabelecer a paz e a reclusão dentro de si mesmo é tudo o que tem que ser feito".

No entanto, isso não é verdade, porque todas as quatro condições de suporte (*sappāya*) dão energia real para a prática do Dhamma. A menos que nos tornemos como o porco domesticado do vilarejo, mudar a nossa morada significa alterar a atmosfera e a nossa disposição também. O porco domesticado e o javali são animais muito diferentes — até a sua comida e comportamento se destacam em contraste gritante¹⁴⁸.

¹⁴⁸ Javalis selvagens eram comuns em mosteiros da floresta até tempos bem recentes. Eles têm uma reputação de destemor, agilidade, resistência e a capacidade de comer praticamente qualquer coisa. Já o porco doméstico é conhecido por sua preguiça e sujeira.

Durante o retiro das chuvas, pude dedicar toda a energia à minha prática porque todos os devotos leigos e monges já tinham sido bem treinados por Ajahn Fan. Portanto, não fui prejudicado novamente em ter que treiná-los. Tal desenvolvimento constante e ininterrupto da prática permite que realizações e estratégias, diretamente aplicáveis a si mesmo, surjam de maneiras maravilhosas. Não precisava sentar e fechar os olhos, pois a meditação estava sempre a desenvolver-se onde quer que eu estivesse. O que quer que eu me pusesse a examinar, fosse eu mesmo, outras pessoas, ou até mesmo a paisagem e o relevo, tudo trazia discernimento do Dhamma. As memórias e preocupações passadas — quer fossem ou não de desejos mundanos (ittarom ou anitarom) — eram tomadas apenas com a visão focada em desenvolver o desapego por todas elas.

Depois do retiro das chuvas, Ajahn Khao levou um grupo de seus discípulos para nos visitar por um tempo. Ele também estava satisfeito com o lugar, e até me pediu para assumir o seu mosteiro em Wat Tam Klong Pên para que ele pudesse vir e ficar ali. Mas eu já tinha me livrado desses fardos e não os queria mais.

Pouco depois disso, fui convidado para um funeral em Udon Thani, e assim tive a oportunidade de viajar para visitar Wat Tam Klong Pên pela primeira vez. No entanto, não gostei do ar de lá. (Estava, então, situado atrás da caverna). Deixei Udon Thani depois que a cerimônia acabou e fui para ficar em Wat Pah Phra Sathit, no distrito de Sri Chiang Mai, com Ajahn Bua Pha Pañābhāso. (Atualmente, ele tem o título de Phra Khru Pañāvisuddhi.) Eu então peguei um barco com Ven. Kam Pan e fomos procurar a solidão em Hin Mark Peng.

30. Do 43º ao 50º retiro de chuvas, 1965-72, Hin Mark Peng

Hin Mark Peng era bem conhecido entre as pessoas daquelas partes por seu frio extremo. Eles tinham um ditado: "se não tem um cobertor, não vá dormir em Hin Mark Peng". É o lugar mais frio de toda aquela região durante o inverno. Era um lugar assombrado por espíritos ferozes e animais selvagens como tigres e ursos.

Cerca de quarenta anos antes, qualquer pessoa que passasse de barco permaneceria em silêncio mortal e nem sequer ousaria olhar para cima. Medos como este levaram-no a tornar-se um lugar de isolamento e solidão, sem que ninguém ousasse aproximar-se. Esse isolamento sempre atraiu monges da floresta pela oportunidade de pôr à prova a qualidade de sua renúncia. Qualquer monge da floresta capaz de ficar lá considerava isso um sinal da firmeza e confiança em sua prática, enquanto seus companheiros no Dhamma o viam como verdadeiramente corajoso na renúncia.

Também se tornou um lugar de importância para os agentes da lei. À medida que a população circundante começou a expandir-se, os animais selvagens foram sendo expulsos e gradualmente desapareceram. Contrabandistas e ladrões de gado usaram o local para enviar contrabando através do rio. Sempre que qualquer búfalo ou gado desaparecia, ou se surgissem notícias de atividades de contrabando, oficiais do governo e aqueles que tinham perdido suas coisas se reuniam lá para esperar em emboscada, recuperar suas propriedades e capturar os culpados. Tal má reputação acabou manchando a fama também dos vilarejos vizinhos de Koke Su-ak, Phra Baht e Huay Hat.

Nas ocasiões em que os idosos, que eram guardiães da história local, se reuniam, sempre tendiam a dizer sobre o futuro de Hin Mark Peng: "Reis de três cidades virão para desenvolver um florescente Hin Mark Peng". Isto surgiu por causa dessas três grandes rochas alinhadas na margem do rio Mekong. (Na verdade, todas elas se fundem em uma só, mas de longe parece que há três rochas.) A rocha do norte (que está rio acima) pertenceria a Luang Phra Bahng, a rocha do meio, a Bangkok e a rocha do sul, a Vientiane.

Ouvir isso me fez rir, pois quem viria construir algo que valesse a pena em tal lugar?! A selva lá era impenetrável. Era o lar de animais selvagens, que ainda

estavam por lá, mesmo mais de quarenta anos depois — no final de 1964 — quando vim olhar o lugar pela primeira vez. Vi e ouvi os cervos e as perdizes, enquanto, para meu deleite, macacos bem grandes apareciam saltando de galho em galho.

Este tipo de ar e paisagem eram raros, por isso fiquei encantado em ter descoberto tal lugar. Decidi assim vir com Ven. Kam Pan e passar o retiro das chuvas lá. Pensei que seria capaz de interromper todo o trabalho de construção e evitar assumir quaisquer outros compromissos. Outras pessoas achar isso um pensamento confuso, mas no meu coração, realmente sabia a minha posição: *já tinha realizado muito trabalho de construção. Não era insignificante o quanto havia ministrado ao grupo de monges e devotos leigos. No futuro, era melhor parar com tudo isso e concentrar todos os meus esforços na prática — me preparando para a morte. Tinha chegado a uma idade em que não se podia ter certeza de quando a morte viria.*

Por isso, falei com Ven. Kam Pan sobre ficar com ele e fazer uma pausa para descansar. Isso significava que todo o trabalho de construção e coisas afins seriam deixadas totalmente para ele, embora estivesse disposto a aconselhar sobre a prática do Dhamma. Ele não só concordou, como ficou feliz com este acordo. Disse que encontrar os recursos materiais para começar a construção estava além de sua capacidade, mas que se os fundos se tornassem disponíveis, ele aceitaria todas as responsabilidades. Disse-lhe que algo poderia aparecer, no entanto, eu não sairia à procura de nada. Aceitaríamos qualquer oferta, mas se ninguém trouxesse nada, tudo bem.

Depois do retiro das chuvas, Nahng Dtim (de uma loja de peças de reposição de carros), em Vientiane, Pó Lee, Mé Pao (Pha) do vilarejo de Koke Su-ak com Nai Prasop-phon, Khun Nitisahn e seus parentes (de Udon Thani) decidiram vir e construir uma cabana para cada um de nós. Cada cabana custou cerca de cinco mil bahts. (Todas as cabanas construídas aqui foram construídas no estilo

tailandês¹⁴⁹). Nahng Nuay construiu um kuti em memória de Nahng Buatéu Malai-kong ao custo de dez mil bahts¹⁵⁰.

Em 1966, apoiadores leigos de Bangkok vieram visitar de barco. A localização e os arredores os impressionaram tanto que ajudaram a arrecadar fundos para renovar e construir um grande salão de estudo de madeira (Salão Karn Parien). Foi construído no estilo tailandês com dois andares, o andar inferior com varanda em três lados revestidos de concreto. A área do piso superior era de dezessete por onze metros, enquanto a do piso térreo era de dezenove e meio por dezesseis metros. Tudo foi concluído no dia 20 de julho de 1967, com um custo de mais de oitenta mil bahts. O trabalho de fato veio principalmente dos próprios monges e noviços. Ven. Kam Pan estava sofrendo de alguma doença ocular, saiu para tratamento e nunca mais voltou.

No mesmo ano, os devotos de Bangkok patrocinaram a construção de mais duas cabanas, enquanto Nai Sakchai e seus parentes do mercado de Pangkhone, do distrito de Pangkhone, na província de Sakhon Nakon, ofereceram outra. Cada uma custou cerca de sete mil bahts, enquanto fundos do mosteiro foram usados para construir outros quatro banheiros.

Em 1968, um tanque de armazenamento de água da chuva de concreto armado foi construído atrás do salão de estudo¹⁵¹. Tinha onze por três metros com uma profundidade de cento e oitenta centímetros. Custou 15 mil bahts.

Em 1969, um kuti de dois andares foi construído na margem do Rio Mekong... outra cabana foi construída... Em 1970, uma cabana foi construída... e quando uma tempestade derrubou uma árvore na varanda ocidental do grande salão de

¹⁴⁹ Isso se refere ao design tradicional, sendo erguido do chão em colunas, com um telhado alto e inclinado (para melhor escoamento de chuva durante a época das monções). "Cabana" é aqui a tradução normal de kuti, no entanto, esta pode ser uma habitação de qualquer tamanho para monges ou monjas.

¹⁵⁰ Essa passagem exemplifica o desejo do autor de mostrar apreço por tais boas obras. Como nomes e custos específicos não são tão significativos para leitores não tailandeses, o autor deu permissão para passagens futuras serem simplificadas, o que é indicado por elipses...

¹⁵¹ Para recolher água do telhado, principalmente para beber durante a longa e quente estação seca.

estudo, as autoridades fizeram o reparo a um custo de vinte mil bahts. Neste ano também foi construído um tanque de concreto reforçado para água da chuva no setor das monjas, com dimensões de três por seis por dois metros... outro reservatório de água da chuva de concreto armado de dimensões semelhantes... e a área em frente ao grande salão de estudo foi pavimentada... Após o retiro das chuvas, trinta monges estudantes de Korat vieram receber treinamento de meditação por cinco dias.

Em 1971, outra cabana foi construída... juntamente com outros seis banheiros para os aposentos das monjas, mais dois para os visitantes e um dormitório para visitantes... também um tanque de água da chuva de concreto na frente do salão de Uposatha... custou 30 mil bahts. Estes projetos foram todos patrocinados com fundos do mosteiro.

Adoei por volta do dia 5 de julho de 1971, pouco antes da entrada do retiro de chuvas. No início foi gripe com uma infecção brônquica — a qual sou suscetível. Mandaram chamar o médico da fazenda de tabaco local, mas não melhorei. Dr. Tawinsree Amornkraisarakit — médica e diretora assistente do hospital provincial de Nongkhai — com Khun Tawan, o secretário de economia da província, trouxeram um carro para me levar para tratamento no hospital provincial de Nongkhai. A médica tratou-me durante cinco dias, mas a minha condição não melhorou. Um raio x mostrou congestão pulmonar, pleurite e pneumonia, com uma área de infecção. Khun Dtoo Khovinta enviou então um telegrama sobre a situação para o Prof. Udom Posakrisna em Bangkok.

Quando o Prof. Udom soube do meu estado, convidou-me para ir a Bangkok, onde me esperaria no hospital Siriraj. A falta de cuidados especializados e equipamentos em Nongkhai exigiu a minha viagem para Bangkok. Thao Kae Kim Kai e o Dr. Somsak, o diretor do hospital provincial de Nongkhai, puseram-me no avião para me levarem ao hospital Siriraj. Lá, fui um paciente sob os cuidados especializados do Prof. Udom com o Dr. Thira Limsila me acompanhando assiduamente.

Recebi excelentes cuidados e atenção de todos os médicos. Eles usaram sucção para remover uma grande quantidade de fluido dos pulmões, e durante a primeira semana a minha condição melhorou progressivamente. Na segunda semana, no entanto, comecei a ter reações alérgicas aos medicamentos e então

outras complicações se instalaram. Talvez isso tenha algo a ver com um desconforto idiossincrático ao ficar em grandes edifícios.

À medida que minha hospitalização se prolongava, minha condição deteriorou-se até que a minha respiração se tornou superficial e a minha voz foi reduzida a um sussurro quase inaudível. Os médicos retiravam muito fluido dos meus pulmões e a condição aliviava um pouco, mas o meu sentimento geral de fraqueza não melhorou. Por isso pedi aos médicos que me deixassem sair do hospital, mas eles pediram que ficasse mais tempo. Não pude fazê-lo, então pedi a alta do hospital a 15 de agosto de 1971.

Este foi o período em que me desencantei e vi a importunação do corpo: "Este pedaço de corpo que tem trazido doença e problema a mim e a outros. Para que serve a minúscula quantidade de comida que consigo engolir a cada dia? É melhor não comer nada hoje."

Disse à Sra. Kantharat Sapying, que me trazia comida todos os dias, para por favor não trazer a comida, porque tinha decidido não comer mais. Ela chorou e foi procurar a Dra. Chavadee Rattapong. A Dra. Chavadee mandou chamar o Dr. Rote Suwanasutth porque Prof. Udom estava a trabalho no interior. Expliquei ao médico sobre o meu estado e como não me sentia bem em edifícios tão grandes. Em vista disso, o Dr. Rote deu-me permissão para sair e arranjou um carro para me levar para ficar na casa da Sra. Kantharat por três dias. Antes da minha partida, o Dr. Banyat Paritnyanon veio examinar-me e deu alguns conselhos sobre o meu tratamento.

O Dr. Rote e a Dra. Chavadee mantiveram-se em contato próximo, trazendo-me medicamentos todos os dias, e a minha condição melhorou gradualmente. Examinando dentro de mim, percebi que não ia morrer ainda — embora para as demais pessoas pudesse parecer diferente. Alguns videntes até previram que eu certamente morreria em cinco dias. Quando o Prof. Ouay Ketusingh veio visitar-me, pedi a sua opinião sobre regressar ao meu mosteiro. Ele respondeu que quanto mais rápido pudesse voltar, melhor. Esta foi uma agradável surpresa, pois já tinha resolvido que, se fosse morrer, seria melhor e mais adequado para mim, como um verdadeiro monge, morrer no mosteiro.

Thao Kae Kim Kai contratou um avião especial para me levar de volta, e ele encheu-se de monges e devotos leigos que ajudaram a cuidar de mim na viagem.

Chegamos ao aeroporto em Nongkhai quase ao meio-dia. O rio Mekong tinha acabado de romper as suas margens e, por causa das inundações, tivemos de pedir ajuda ao NPK (a patrulha marítima do rio Mekong), que foram gentis de nos emprestar um barco do vilarejo Kong Nang. Ele nos levou a Wat Hin Mark Peng, onde chegamos às cinco horas da tarde.

A Dra. Chavadee tinha me acompanhado e tomado conta de mim até o mosteiro, e depois ficou para me tratar por mais cinco ou seis dias. Quando ela viu que eu estava fora de perigo e melhorando, viajou de volta para Bangkok.

Enquanto estava doente, fosse no hospital provincial de Nongkhai ou no hospital Siriraj, muitos monges, noviços e leigos — alguns conhecidos por mim e alguns desconhecidos — se reuniram para me dedicar extraordinário cuidado e preocupação. Isso era evidente pelas multidões que vinham me visitar todos os dias, enquanto eu estava no hospital provincial de Nongkhai. Mais ainda no hospital Siriraj, onde vieram em número tão grande que os médicos tiveram que proibir a visita.

Algumas pessoas que vieram me visitar não foram autorizadas a me ver, por isso pediram, em vez disso, que lhes fosse permitido prestar reverência do lado de fora do meu quarto. Isto foi incrível. Tantas pessoas vieram visitar-me quando estava doente, mas não conhecia quase ninguém em Bangkok! Algumas pessoas que nunca tinham me visto antes entravam e desatavam a chorar, mesmo antes de terem tempo para prestar reverência.

Gostaria, portanto, de registrar aqui a boa vontade demonstrada por todos — o meu apreço pela gentileza de todos permanecerá sempre comigo. Isso aplica-se especialmente às pessoas que vieram me visitar e ajudar a cuidar de mim em Wat Hin Mark Peng. Algumas voltavam repetidamente, mesmo que as condições de viagem durante aquele período tenham se tornado tão difíceis por causa das inundações. Significava viajar de barco, porque todas as ligações rodoviárias tinham sido cortadas. Isto poderia, por vezes, levar três ou quatro horas, e por isso merecem realmente o maior apreço.

Assim que voltei ao mosteiro, minha condição geral começou firmemente a melhorar. Tive visitantes eminentes e respeitados que vieram me ver. Meu retiro das chuvas, no entanto, não foi completo porque não havia retornado a tempo¹⁵².

A minha doença, naquela época, trouxe grande benefício à minha prática de meditação. Quando cheguei ao hospital provincial de Nongkhai, minha condição estava deteriorando-se tanto que comecei imediatamente a me preparar para a morte. Decidi 'deixar ir', sem agarrar nada. Tinha me instruído: "Você deve deixar o seu corpo e doença nas mãos do médico. Prepare-se para a morte; concentre seu coração; estabeleça uma sati poderosa e investigue o seu coração para purificá-lo completamente".

Depois disso, a minha mente estava calma e tranquila, sem quaisquer distúrbios.

Quando os médicos vinham e perguntavam como me sentia, respondia que estava bem. Thao Kae Kim Kai veio para me levar de avião a Bangkok, e fui com ele. Fui levado até o hospital Siriraj, onde os médicos me perguntaram sobre minha condição e respondi mais uma vez que estava "bem, como sempre". No entanto, quem olhava podia pensar o contrário. Minha estadia prolongada no hospital teve seu efeito quando comecei a achá-la cansativa e os dias e as noites pareciam alongar-se. Eu, portanto, precisava trazer de volta à mente minha resolução original sobre não me preocupar, mas sim estar disposto a deixar tudo: "Eu já renunciei a tudo isso, não é verdade? Então, porque estou me envolvendo nesse tipo de coisa? É tudo assunto deles. Tem de seguir o seu próprio curso e tempo. Eu morrer ou não, não tem envolvimento nenhum nisso. Cada um de nós tem de cumprir os seus deveres o melhor que puder."

Desta forma, minha resolução de abrir mão assentou-se na quietude do Dhamma do momento presente (paccuppanna-dhamma) até que não havia sentimento do que era dia e do que era noite. Havia apenas o brilho do coração quieto, em unidade com ele mesmo. Quando examinei mais tarde o estado do meu corpo e da minha mente, percebi que ainda não era hora de eles se desintegramem e morrerem. Ainda assim, se ficasse no hospital, haveria encontros contínuos com impressões sensoriais externas e desarmá-las exigiria a atenção constante da minha concentração e sabedoria. Nem pensar! É melhor que eu volte e lute contra

¹⁵² Não foi capaz de estar os três meses ininterruptos dentro do mosteiro.

eles no meu próprio campo de batalha — que era o mosteiro. Foi por isso que regressei ao mosteiro, como descrevi acima.

O ano de 1972 viu o início da construção do salão de uposatha. Vou dar uma descrição mais detalhada deste assunto numa seção futura. Ao mesmo tempo, também construímos um salão de reuniões para as monjas. Era uma estrutura de madeira de dois andares com pilares de concreto e um telhado de amianto, quatro metros por nove, com uma varanda de quatro metros de largura no piso térreo em todo o entorno... Custou um pouco mais de setenta mil bahts...

31. Do 50º e 52º retiros de chuvas, 1973-74, estabelecendo Wang Nam Mók como um lugar de moradia para monges.

Eu tinha ajudado a realocar a antiga escola das vilas de Koke Su-ak e Phra Bat para que pudesse ser conectada ao fundo do novo edifício. Esta nova estrutura tinha pilares de concreto e quatro salas de aula. Custou oitenta mil bahts, mas não tinha sido totalmente concluída por falta de fundos. Em 1974, pude continuar o trabalho unindo o edifício antigo e o novo e separando um escritório para o professor-chefe. Por baixo, fiz um tanque de água de concreto armado de sete por seis por dois metros.

Na época em que estávamos mudando a escola, também fui montar outro lugar de moradia para monges na floresta Wang Nam Mók. Ficava cerca de seis quilômetros a oeste de Wat Hin Mark Peng e ainda tinha selva com montanhas, cavernas e riachos. Era, portanto, ideal para qualquer pessoa que quisesse desenvolver a sua meditação em reclusão, e o seu ambiente natural também valia muito à pena preservar.

32. Quinquagésimo terceiro retiro das chuvas, 1975, Construindo Wat Lumpini

Um devoto leigo doou cerca de três rai de terra no distrito de Lumpini. Quando outras doações aumentaram a área para onze ou doze rai, outro lugar para reclusão e prática pôde ser estabelecido. Wat Lumpini era igual a Wang Nam Mók — que eu tinha acabado de estabelecer — porque os córregos o cercavam por todos os quatro lados. Era voltado àqueles que desejavam mais solidão, já que Wat Hin Mark Peng estava se tornando menos pacífico.

A partir de 1974, parece ter havido um interesse crescente entre os habitantes de Bangkok e da Tailândia central em fazer contato com os vários mosteiros no nordeste. Wat Hin Mark Peng também se envolveu mais em receber visitantes de Bangkok.

Em 1975, Somdet Phra Nānasangworn, o atual Patriarca Supremo da Tailândia, estava apoiando o projeto de enviar os monges estrangeiros que haviam sido ordenados em Wat Bovoranives para estudar o Dhamma em várias partes diferentes da Tailândia, e muitos vieram aqui para passar o retiro das chuvas. Todos eles eram muito dedicados à prática.

33. Quinquagésimo quarto retiro das chuvas, 1976-77, divulgando o Dhamma no exterior

Minha viagem a terras estrangeiras dessa vez recebeu apoio e assistência de muitas partes preocupadas em ensinar o Dhamma no exterior. Além disso, queria visitar os monges tailandeses e estrangeiros que viviam lá. Eles tinham ido divulgar o Dhamma, e eu queria apoiá-los e encorajá-los.

Pareceu-me divertido que, apesar de eu ser velho e ter estado recentemente me preparando para a morte, estivesse me organizando para ir para o exterior. Além disso, nem sequer sabia a língua deles. Na verdade, esta viagem não era totalmente satisfatória para mim, pois sempre tenho três coisas em mente. Se alguém quiser ir a algum lugar ou região em particular:

1. Deve saber a língua local.
2. Deve conhecer os costumes e tradições.
3. Deve saber sobre o modo de vida deles.

Tudo isso está relacionado com o discurso social adequado e comunicação com as pessoas. No entanto, a falta de linguagem por si só torna os outros dois pontos quase sem sentido. Ainda assim recebi ampla ajuda com tradução e comunicação daqueles que eram conhecedores de tais coisas. Isso me deu uma compreensão tão boa que as barreiras linguísticas caíram e quase deixaram de ser um problema.

Eu bem sabia que já estava muito velho, já com a idade avançada. Ir para cá e para lá já não tinha mais nenhum apelo para mim — já tinha viajado bastante — e encontrar um lugar para morrer como Wat Hin Mark Peng parecia de fato ideal. Foi então que Mé Chi Chuang — de Cingapura, que através de sua fé no budismo se tornou monja, vindo passar o retiro das chuvas em Wat Hin Mark Peng — me convidou para visitar Cingapura, Austrália e Indonésia.

Ela sentiu que, com a minha velhice e com o fluxo constante de visitantes que vinham me ver no mosteiro, eu não tinha tempo suficiente para descansar. Além disso, a maioria dos meus visitantes só parecia interessado em perguntar por números de loteria¹⁵³. Se eu fosse embora, poderia ter algum tempo para descansar. Dei alguma consideração à ideia e cheguei à conclusão de que, além

¹⁵³ Algumas pessoas acreditam que os monges conseguem prever o futuro.

dos problemas com minha deficiência linguística, meu "rosto estranho" poderia provocar a curiosidade das multidões de lá. Que tipo de descanso seria esse?

De maior importância era que eu considerasse claramente todas as possíveis contingências. Estava idoso e era considerado uma figura bastante popular, de modo que, qualquer acidente ou doença, ou minha morte, poderia causar dificuldades para outras pessoas. Isso traria críticas especialmente para aquele que tivesse originalmente feito o convite, de que "tinham me levado embora, mas não cuidaram de mim". Mesmo assim, ela continuou com os seus esforços para me convidar, os quais foram reforçados quando seu irmão mais velho — que ajudou a liderar a sociedade budista em Perth, na Austrália ocidental — enviou uma carta me convidando a ir visitar os budistas de lá.

Após a devida consideração, cheguei à conclusão de que desta vez havia três boas razões para aceitar o convite:

A primeira razão dizia respeito à falta de monges seniores na Indonésia, que, com uma população de mais de cento e trinta milhões, tinha dez milhões de budistas vivendo entre muçulmanos e hindus. Quando alguém me mencionou isto, fez-me sentir muito compassivo para com todos eles. Também fiquei encantado em saber que eles gostavam de meditar. (Toda religião em que há adoração a uma divindade requer que o devoto se sente em paz no coração e se concentre no ser divino.)

A segunda razão surgiu por causa dos muitos monges da Indonésia e Austrália que vieram para se ordenar com Somdet Phra Nānasangworn — o atual Patriarca Supremo da Tailândia — em Wat Bovoranives. Antes do início do retiro das chuvas daquele ano, Don (Donald Riches), que era inglês, tinha gravado minhas palestras de Dhamma e tirado fotografias para mostrar na Austrália. Quando ele soube que eu estava indo com um grupo para a Austrália, seus preparativos para nos receber fizeram com que algumas pessoas ficassem bastante excitadas com a perspectiva. Havia também um monge Tailandês sênior, Phra Bunyarit Pandito, já vivendo e ensinando lá. Este monge tinha feito muito para propagar o budismo na Austrália e tinha inspirado muitos a vir e se ordenar na Tailândia.

A terceira razão veio da minha reflexão de que, no futuro, o budismo se estenderia para muitos outros países. Poderia vir a ser disseminado seguindo o modelo

missionário cristão¹⁵⁴, no qual monges tailandeses poderiam ir e apenas espalhar as superficialidades do budismo. Ao passo que, se os indivíduos do país em questão viessem para se ordenar, poderiam ser treinados verdadeiramente para penetrar o núcleo do budismo. Eles então poderiam disseminar o ensinamento genuíno por si mesmos, pois essa é a única maneira de penetrar o essencial.

Um monge Indonésio, Sudhammo, que havia sido ordenado em Wat Bovoranives, sob Somdet Phra Nānasangworn, veio passar o retiro das chuvas anterior (de 1976) em Wat Hin Mark Peng. Ele era exatamente o tipo de monge que seria capaz de disseminar o budismo — e estava na Indonésia aguardando minha visita.

Depois de considerar todas as três razões para ir, decidi: "De qualquer maneira que me seja capaz, que o resto desta vida seja dedicado ao avanço do Buddha Sāsānā." Esta decisão permitiu-me ver cada vez mais o possível valor da minha vida, e me fez desistir do conforto pessoal em favor do Buddha Sāsānā.

Tinha, de fato, recebido anteriormente convites de vários indivíduos e grupos em Bangkok para fazer uma peregrinação aos lugares sagrados budistas na Índia. Eles ofereceram-se para cuidar de mim e das minhas necessidades em todos os sentidos, mas eu nunca tinha aceitado. Para encontrar inspiração para ir, tinha muitas vezes tentado imaginar como seria uma viagem como essa, mas meu coração sempre permaneceu indiferente à ideia.

Refleti que a Índia tinha sido o local de nascimento do Buddha Sāsānā e que, embora eu possa ter perdido a chance de nascer a tempo de conhecer o Buda e a época em que o budismo estava florescendo, os lugares sagrados ainda estavam lá. Deveria, portanto, ir prestar reverência para que pudesse ganhar inspiração, compreensão e empatia — mas ainda assim meu coração permaneceu indiferente à ideia. Talvez esta apatia tenha surgido de um nascimento anterior, talvez eu tenha nascido como um monge budista na Índia quando os hindus estavam

¹⁵⁴ Historicamente, a Tailândia sempre teve muita experiência com missionários cristãos. O rei tailandês é budista, mas protege todas as religiões.

suprimindo os monges e os lugares sagrados¹⁵⁵. Talvez esta tenha sido uma experiência tão traumática que estava me dissuadindo de ir à Índia nesta vida.

Quem tiver a fé e a oportunidade de ir em peregrinação aos quatro lugares sagrados¹⁵⁶ ganhará grande mérito. O Buda falou sobre isso ao Venerável Ananda: "estes quatro lugares sagrados serão uma grande fonte de mérito para as pessoas depois que eu tiver falecido".

Falta-me o mérito de lá ir, por isso só me resta estimá-los e elogiá-los. Seja como for, gostaria de aproveitar esta oportunidade para observar como me sinto em dívida para com o povo da Índia, porque o solo foi o local de nascimento do Buddha Sāsana.

Antes de partir para terras estrangeiras, fiquei no jardim para monges do tenente-general da força aérea Payom Yensootjai, em Dorn Muang. Todas as noites, cada vez mais pessoas eram atraídas para vir ouvir o Dhamma e sentar-se em meditação. Sinto que os atuais cidadãos de Bangkok, Cidade dos Anjos¹⁵⁷, estão mais conscientes de sua situação: "embora nascidos em uma cidade celestial, como diz a descrição mundana, permanecemos essencialmente seres humanos lutando e aprisionados como ratos em um labirinto — o quinhão comum aos seres humanos em toda parte". Então, talvez queiramos nos transformar em verdadeiros seres espirituais, sabendo que os anjos nascidos no céu não têm a mesma oportunidade para ações hábeis e generosas que nós, nascidos neste reino humano. Quando tais anjos esgotam sua reserva de mérito feita em suas vidas humanas anteriores, eles tornam a nascer no reino humano. Às vezes, mesmo isso não é garantido e eles podem nascer nos reinos inferiores (apāya). É diferente para o nobre discípulo — por exemplo, o sotāpanna¹⁵⁸ — que, após a morte, tem a certeza de não nascer em nenhuma existência lamentável.

¹⁵⁵ O budismo decaiu de ser uma religião principal na Índia por muitas razões: as invasões muçulmanas do Noroeste, o ressurgimento hindu e um provável declínio na prática do Dhamma. O famoso "templo" budista em Bodhgaya tornou-se um templo hindu até o século 20, quando um "avivamento budista" levou à sua restauração.

¹⁵⁶ Local de nascimento do Buddha, iluminação, primeiro ensinamento do Dhamma e Parinibbāna.

¹⁵⁷ Bangkok é o nome ocidental, em tailandês é "Krung Thep" ou Cidade dos Anjos.

¹⁵⁸ Pessoas que realizaram o primeiro dos quatro estágios da iluminação.

Sou apenas um velho monge e nasci num lugar com oportunidades educacionais inadequadas. De vez em quando, me convidavam a dar instrução do Dhamma a pessoas altamente instruídas, e no início me senti bastante reticente e envergonhado. Isso, no entanto, se encaixa com os princípios budistas de não discriminar por causa da casta ou classe.

Avaliação deve basear-se em conhecimento correto e em boa conduta. Quando uma pessoa instruída adota uma conduta má, ela é capaz de causar mais conflitos e problemas ao país do que a pessoa desinformada que faz a mesma coisa. Um ignorante que não faz o mal é melhor do que um homem instruído que usa o seu conhecimento para o mal. As pessoas podem ter apenas conhecimento limitado, mas se empregá-lo na tentativa de desenvolver a bondade, trará avanço para todos — desde as pessoas do seu grupo imediato até o nível nacional.

Tais considerações me deram mais confiança em ensinar, sabendo que quanto mais instruídos meus ouvintes, mais fácil eles deveriam ser capazes de compreender. O Dhamma do Buda aponta para o conhecimento da natureza das coisas, e isso pode se encaixar com as ideias mais recentes da ciência.

Os bons estudiosos devem apenas explorar e inquirir sobre o conhecimento que está relacionado a questões de peso, significativas, que podem levar ao enriquecimento da vida das pessoas. Eles não deveriam estar buscando conhecimento para aumentar sua posição ou status social. Por exemplo, os professores de hoje em dia podem educar seus alunos a níveis elevados para que, por sua vez, possam tomar esse conhecimento e ensinar outros professores. Por outro lado, há alunos maus que, fixando num erro insignificante do professor ou tendo uma diferença de opinião com ele, trabalham para ter seu professor demitido. Eles usam os serviços do professor e depois conspiram juntos para forçá-lo a sair, e até acham que foi uma coisa honrosa e admirável de se ter feito. Isso então se torna uma era para o desenvolvimento da corrupção e da maldade, e isso só pode levar ao declínio.

33.1 Cingapura — A Primeira Parada

O nosso grupo incluía Steven, Chai Charn, Dra. Chavadee e Mé Chi Chuang. Partimos de Bangkok no dia 7 de novembro de 1976, chegando a Cingapura no mesmo dia, onde um acolhedor grupo de devotos nos recebeu e nos mostrou toda a cidade.

Cingapura é uma ilha pequena. Tem apenas trinta quilômetros de comprimento por vinte e cinco de largura e, com um pouco mais de três milhões de pessoas nas ilhas principais e menores circundantes, é densamente povoada. Por isso construíram blocos de apartamentos de dez, vinte ou mais andares para melhor utilizar todo o espaço disponível. Vendo todos esses altos prédios de apartamentos, poderíamos imaginar que todos os habitantes fossem ricos¹⁵⁹, mas na verdade são exatamente como qualquer outro país do mundo. Há casas bastante ordinárias com telhados de zinco ou mesmo de palha, assim como há em nossos vilarejos.

Enquanto todos os seres humanos tiverem as impurezas mentais da ganância, aversão e delusão, todos os tipos de contrastes e variedades continuarão a existir. Embora o governo de cada país vise e se esforce por alcançar a igualdade, esta continua sendo impossível. Não conheço nenhum país que tenha sido bem sucedido. Regimes que empregam ideologia comunista fazem propaganda de que todos os seus cidadãos são prósperos, livres de problemas e iguais. Por que então seu povo tentaria escapar de uma tal "terra prometida"? Por que? Porque as nossas impurezas humanas estão profundamente enraizadas!¹⁶⁰

O Buda ensinou isso continuamente, dizendo que se deve ter simpatia e piedade por todas as criaturas, sempre lhes desejando o bem através de harmonia mútua. Todos desejam isso. No entanto, quando se trata de agir por princípio, as impurezas mentais insidiosamente dissimulam e encobrem a verdade para que a pessoa se esqueça e caia mais uma vez nas velhas ilusões...

Cingapura tem estradas largas o suficiente para suas necessidades de tráfego e os motoristas respeitam as leis de trânsito — eles não dirigem de forma egoísta. Não havia policiais de trânsito nas encruzilhadas e cruzamentos, e sim semáforos em seu lugar. As ruas eram varridas, havia poucas pessoas circulando e as lojas tinham vitrines para manter a poeira do lado de fora.

Além dos altos blocos de apartamentos, as casas comuns também estavam estabelecidas de forma muito ordenada e agradável. Entre as casas e ao longo das

¹⁵⁹ Prédios residenciais era algo raro na Tailândia da época.

¹⁶⁰ Ou seja, ao invés de os problemas subjacentes serem classe e capital, eles são na verdade ganância, aversão e delusão.

estradas há árvores frondosas — tudo muito agradável e digno de ver. Quando havia espaço suficiente entre as casas — quer fosse no centro ou nos subúrbios — construíam um parque público arborizado, às vezes grande, às vezes pequeno, onde as pessoas podiam sentar-se e relaxar. As praias foram arborizadas e providas de estacionamento adequado. Eles gostavam de plantar belas variedades de flores por todo o lado. O seu solo é bom, e o clima abençoado com chuvas frequentes que mantêm as flores e arbustos sempre verdes e floridos.

Embora Cingapura possa ser uma ilha pequena e densamente povoada, não imagine que lhe falta selva. Havia áreas de conservação mesmo no meio da cidade, pois a consciência da escassez de seus recursos os fez cuidar especialmente bem de tais coisas. Cingapura parece mais acima do nível do mar do que Bangkok e, portanto, não inunda tanto e pode ser mantida limpa mais facilmente. Os habitantes também respeitam atenciosamente as leis e regulamentos.

Sejam quais forem as circunstâncias externas, não devemos perder de vista a nossa condição. O nosso nascimento foi uma bagunça e então nos associamos continuamente a impurezas externas e internas. Nos lavamos, tomamos banho e, em pouco tempo, voltamos a estar sujos. Isso só se conclui com a corrupção e putrefação da morte. Se estas são as condições subjacentes, onde podemos encontrar um lugar limpo? Só é possível quando todos os indivíduos de um grupo se unem numa mútua compreensão sobre a verdade. Podem então ajudar-se mutuamente — de acordo com as suas várias responsabilidades — a manter a limpeza. Como podemos, cada um, proteger esta limpeza interior? Bem, podemos começar por tomar conta e preservar a limpeza do que está à nossa volta.

Para que qualquer sociedade prospere e floresça são necessárias estas quatro condições:

1. A terra e o relevo serem favoráveis às pessoas que lá vivem.
2. Os líderes e o governo que estabelece as leis serem justos, não sendo nem demasiado brandos nem demasiado opressivos com a população.
3. Toda a população ajudar a manter e respeitar as leis da terra.
4. Os burocratas e os dirigentes serem justos e honestos.

Uma sociedade que desfrute dessas quatro condições terá prosperidade plena. Uma deficiência em uma delas significa que qualquer prosperidade permanecerá incompleta.

É impossível que Bangkok possa ser tão limpa como Cingapura, porque sua localização não é favorável. Está afundada abaixo do nível do mar — então não deixe ninguém fingir que pode resolver os problemas de Bangkok, como é afirmado de forma infundada nos jornais. A melhor maneira é manter a pureza em nossas próprias vidas e responsabilidades. Por favor, não seja tão negligente e egoísta com os seus assuntos. Insultar uns aos outros sobre erros triviais mancha o comportamento e as maneiras de cada um, fazendo com que se perca toda a cultura e refinamento, como se a pessoa fosse completamente ignorante.

Ensinei Dhamma e meditação em todas as dez noites nas quais o nosso grupo permaneceu em Cingapura. As reuniões não duraram mais de três horas, com entre vinte a trinta pessoas vindo cada noite para a prática.

Este ensinar do Dhamma não era nada mais do que chamar a atenção para as aflições e falhas da vida mundana. Qualquer pessoa capaz de ver a natureza nociva do mundo também pode ver o Dhamma, porque o mundo e o Dhamma estão inter-relacionados e interconectados. Em toda ocasião que eu explicava o Dhamma, os problemas do mundo sempre se destacavam por todos os lados. Estes problemas são os mesmos em todo o mundo e podem ser resumidos a três questões:

1. Problemas relativos à família e à subsistência.
2. Problemas em encontrar verdadeiro refúgio para o coração.
3. Problemas em superar e transcender o sofrimento.

Não é surpreendente que problemas desta primeira categoria possam surgir. Quando existe um mundo, deve haver também problemas que destroem o mundo. Se nós próprios nos prendemos a alguma coisa, temos também de ser capazes de nos desamarar! Quem mais poderia fazer isso? No máximo conseguem ajudar explicando a maneira de se desvencilhar.

O peixe se fiska no anzol graças à isca que o pescador colocou. Quando o peixe a vê, morde a isca por causa da forme. Tendo sido fisdado, não consegue comer, só encontra dor e sofrimento. Fome é muita boa em causar sofrimento. Eu digo:

melhor passar fome! Tendo sido enganados pela isca a ponto de estarmos presos no anzol, quanto mais lutamos, mais intensificamos a dor. Então nos enchemos de remorso e sentimos pena de nós mesmos por causa do que estamos sofrendo. No entanto, tudo teve origem no nosso próprio erro fatal. Tudo o que podemos fazer é esperar o pescador sortudo nos levar para o jantar.

Com relação ao item dois, enquanto tivermos esperanças e sonhos, teremos de lutar até o fim, até que todas as saídas sejam tentadas e falharem. A maneira do coração destreinado é como a de um animal selvagem recém-capturado. Por mais que possa pisar e cavar o chão, contanto que suas amarras permaneçam firmes e não se partam, acabará por se cansar e ficar quieto, sabendo que está derrotado. Nós, seres humanos, somos basicamente iguais. Quando nossos desejos não encontram satisfação naquilo que entendíamos iria nos trazer felicidade, a mente se rende. É assim que se conhece o verdadeiro refúgio do coração. Buscar prazer em objetos externos, na verdade não é buscar a verdadeira felicidade. É apenas uma felicidade falsa e superficial.

A verdadeira felicidade é a da mente calma e serena, sem conflito. Esta será a experiência de quem descobrir o ponto da verdadeira felicidade. Seu coração permanecerá continuamente em felicidade, independente de sua postura ou atividade. No entanto, alguém que não tenha essa percepção não será capaz de apreciar tal possibilidade — isso estará totalmente além de sua compreensão.

No que diz respeito à terceira questão, ensinei-os a reexaminar e esmiuçar os dois primeiros pontos até terem percebido que, com exceção do coração tranquilo, todo outro tipo de felicidade é temporário e falso. Então, eu os instruí a serem diligentes no cultivo e no desenvolvimento dessa felicidade, e a continuarem sua análise até que se tornassem habilidosos. Quando peritos, seriam capazes de permanecer como seu coração desejasse, quaisquer que fosse as condições a que fossem submetidos, pois com esta realização pode-se permanecer em liberdade seja na felicidade ou na dor.

Pelo que ouvi dos habitantes de Cingapura, parece que são abençoados com pontos de vista e opiniões virtuosas. Eles perceberam o perigo de nascer neste mundo, vendo que esta existência é inautêntica e cheia de decepção. Eu não tinha ideia de que o povo de Cingapura era tão conhecedor dos princípios básicos do ensinamento do Buda... Quando eles receberam o ensinamento budista genuíno,

todas as suas crenças anteriores pareceram desaparecer, de modo que apenas a verdade essencial do Dhamma prevaleceu.

Foi admirável como eles mostraram alegria e firme convicção na compreensão do Dhamma. Surpreendentemente, algumas pessoas pareciam instintivamente estar mantendo os cinco preceitos e desenvolvendo samādhi para que conhecimento e insight pudessem surgir a respeito de si e dos outros.

33.2 Austrália

Partimos de Cingapura para a Austrália no dia 17 de novembro. O nosso ponto de entrada era Perth e depois de pararmos lá, seguimos para Melbourne, Sydney e Canberra. Estas são todas grandes cidades onde há muito interesse no budismo. Se havia uma sociedade budista local, convidavam-me para ensinar o Dhamma. Quer fossem tailandeses, laosianos, birmaneses, cingaleses ou ocidentais, todos me deram uma recepção extraordinária. Todos em nosso grupo desejam expressar o nosso grande apreço por esta ajuda.

Conversa com um líder hindu

Enquanto estava em Perth, um swami veio me visitar. Por swami quero dizer um ordenado no hinduísmo que usa mantos de cor e forma semelhantes à de um 'monge tibetano'. Ele descreveu-se como um lama hindu. O hinduísmo tem muitas seitas, com muitas divindades — permite adorar qualquer uma delas, desde que seja lembrado que todas se originam de uma única divindade. (Esta é a divindade que supostamente criou o mundo e que não tem corpo material.)

Este swami já havia sido ordenado há quarenta e cinco anos e tinha setenta e seis anos de idade. Ele já estava esperando por mim na sala de recepção e, quando me viu, imediatamente ergueu as mãos juntas em añjali e ofereceu uma recepção amigável. Retribuí com palavras de saudação e estabelecemos uma relação amigável, de modo que pude perguntar sobre sua religião e seu modo particular de prática. Ele disse que era um líder swami-lama que ensinava hinduísmo e que sua família era hindu. Era um hindu devoto e dedicado que havia se ordenado ainda jovem e tinha ido certa vez encontrar os monges mahayana no Tibete.

Outro swami veio, mas este era um leigo e, ao contrário do primeiro, não havia sido ordenado. Ele tinha oitenta e um anos, mas sua aparência era encantadora — sua tez e seu sorriso constante faziam com que aparentasse ser alguém com

sessenta e um anos de idade. Já estava esperando por mim e, quando entrei, ergueu as mãos em añjali como o primeiro swami havia feito. Ele disse que, assim que me viu, sentiu forte metta por mim. (Nossa maneira de dizer seria que ele teve um "sentimento de grande respeito".)

Depois das palavras de boas-vindas, perguntei sobre sua religião, assim como havia feito com o primeiro swami. Pedi licença para fazer minhas perguntas, mas ele disse que não havia necessidade porque nossos dhammas eram equivalentes. (O que ele quis dizer com isso será explicado agora.)

Ele disse que não aderiu a nenhuma religião porque: "este mundo só tem uma divindade". Os ensinamentos de cada religião derivam da divindade única — (ou seja, Brahma) — e quando alguém age de maneira correta e boa, toca a divindade original. Ele me disse que tinha estudado yoga na Índia com seis professores diferentes, que tinham lhe ensinado muitas técnicas. Alguns exemplos que deu foram as posturas de yoga, jejum e controle da respiração. (Isto mostra que estas técnicas, que existiam antes do tempo do Buda, ainda existem hoje. Ele possuía grande conhecimento e habilidade em relação ao hinduísmo e tinha renunciado a tudo — não tinha família). Foi por isso que os devotos hindus se referiam a ele como swami.

As nossas conversas foram harmoniosas e bem recebidas por todos — Steven atuou como intérprete — e quando eles estavam prestes a partir, pediram permissão para se curvar aos meus pés para sua bênção e boa sorte. (Parecia que tinham me elevado a algum tipo de divindade!) Isso me causou algum embaraço porque eles mesmos eram tão anciãos, dignos e virtuosos. Disse-lhes, portanto, que não havia necessidade de se curvarem, uma vez que nossos dhammas 'serem iguais' já era bênção suficiente. Enquanto saíam, eles tornavam a virar-se em minha direção e faziam añjali repetidamente, mostrando claramente o seu respeito.

Embora um swami fosse ordenado e o outro não, eles explicaram o seu caminho para a divindade da mesma forma, pois ambos eram hindus. Perguntei sobre suas técnicas para alcançar a divindade e deram a mesma resposta.

O primeiro swami me falou sobre repetir lentamente o mantra 'Om' duas ou três vezes, evocando a divindade no coração. Ele disse: "Recordando a divindade por meio do coração, ela se manifesta como diferentes imagens mentais. A divindade

ensina, então, sobre o bem e o mal... fazer o bem e rejeitar o mal...¹⁶¹ às vezes há apenas uma voz ao invés de uma imagem."

(De acordo com os princípios budistas este seria rūpa-jhāna¹⁶². "Quem enxerga o Dhamma, enxerga o Tathāgata¹⁶³"... O Dhamma é o grande professor, continuamente apontando o caminho correto a seguir, e como evitar os errados.)

"A divindade então desaparece deixando um estado de vazio, e isso é alcançar o Senhor Nirandorn."¹⁶⁴

(Esta é o arūpa-jhāna¹⁶⁵ que foi o estado ensinado pelos eremitas Alāra e Uddaka, quando o príncipe Siddhattha deixou o palácio para estudar com eles. Ele finalmente viu que, por ainda estarem apegados a esses estados de meditação, o caminho deles não poderia levar ao fim do sofrimento¹⁶⁶. "Puñapāpāni pahiyati"... Só depois de abandonar o bem e o mal é que se pode ir além do sofrimento, então os deixou para tentar o caminho do ascetismo rigoroso [antes de encontrar o caminho do meio].)

O segundo swami, não ordenado, explicou basicamente da mesma maneira, mas não se referiu a um mantra. Talvez este fosse um segredo da sua seita que não quis revelar. No entanto, acho que ele usava um mantra da mesma forma que o primeiro, porque eram da mesma seita. Ele simplesmente disse que quando alguém alcançasse a deidade, ela poderia se manifestar como várias imagens, ou como uma voz que ensina. Não falou sobre o vazio que permanece após tais visões e vozes terem desaparecido, sobre alcançar o senhor Nirandorn.

O essencial

Aqueles de vocês que estão envolvidos com todas as religiões, estão achando isso interessante e agradável? O que quero dizer? Bem, vou tentar explicar e pedir a

¹⁶¹ As elipses deste parágrafo estão no original.

¹⁶² Absorção meditativa num objeto material

¹⁶³ Citando alguns ensinamentos do Buddha.

¹⁶⁴ Nirandorn significa "eternidade".

¹⁶⁵ Absorção meditativa num objeto não material

¹⁶⁶ Quando o príncipe Siddhattha Gotama saiu do seu palácio para a vida sem lar, estes foram os seus primeiros professores a quem ele então superou. Ver o Ariyapariyesena Sutta [M. I. 163-166].

sua indulgência pelas minhas ideias, porque nunca tive oportunidade de pesquisar as escrituras de qualquer outra religião que não o budismo.

Dizem que é necessária uma fé firme de que a deidade existe, embora não possam ver o corpo dela. Depois de colocar a fé na deidade, a pessoa se abre, ou inclina o coração, para descansar na deidade, ponto em que a deidade se manifesta para que a pessoa a veja. É semelhante a isso no Budismo Mahayana.

No Budismo Theravāda, ou Hinayāna, o Buda tem um corpo, que é o do Príncipe Siddhattha dos Sakyas. Ele partiu para a vida sem lar e, com grande esforço, limpou de forma abrangente todas as impurezas e máculas do coração. Ele alcançou o estado de Buda através do aperfeiçoamento de todas as virtudes do Dhamma.

No entanto, não foi apenas o corpo de Siddhattha que se tornou o Buda. Quando se tem fé e confiança nas qualidades virtuosas do Buda, pode-se recebê-las no coração, ou inclinar o coração para descansar nessas qualidades saudáveis até que se torne plena e firmemente estabelecido em um só ponto (ekaggatāramana). Várias imagens ou sons podem surgir em tal estado e, de acordo com o credo da deidade sem forma, este estado seria 'um com a deidade', e se manifestaria para nos ensinar.

O ensinamento budista sustentaria que tais manifestações eram imagens ou visões — nimitta — surgindo da meditação, e os sons seriam a voz esclarecedora do Dhamma. Dhamma — sendo ele próprio sem forma — teria de se manifestar desta forma para acomodar as pessoas com corpos.

Em resumo, cada religião ou seita ensina seus seguidores a abandonar o mal e fazer o bem, a receber as qualidades virtuosas de sua deidade em seu coração, ou a dar seu coração à deidade. O caminho para alcançar a deidade é o mesmo para cada religião. No entanto, quando os devotos de uma determinada religião não entendem a verdade, suposições equivocadas podem surgir. Eles podem pensar que porque outra religião pratica de uma maneira diferente, é errada e que apenas o seu caminho é correto. Eles propagandeam, criticam e agitam as coisas para que possam se tornar preeminentes com um número crescente de adeptos. Isto não é o que um bom professor com Dhamma teria ensinado, e sábios veriam tais ideias com um olhar incrédulo. Aqueles que praticam, devem achar essa relação

— entre visões meditativas e entrar em contato com a deidade — como algo que valha à pena investigar.

Algumas sugestões para Ven. Mahā Samai

Durante a minha viagem à Austrália, não só fui capaz de ensinar Dhamma a todas as pessoas interessadas, mas também consegui trocar opiniões com outros monges. Foi especialmente assim com Ven. Mahā Samai, que foi enviado pelo Colégio Monástico Mahamakut para se instalar em Wat Buddharangsee, em Sydney.

Embora Ven. Mahā Samai ser originalmente de Champahsak, no Laos, ele morou em Wat Sapatum em Bangkok enquanto ainda era um menino. Recebeu ordenação de noviço e bhikkhu, e passou seus exames de quinto grau em pāli do Colégio Monástico Mahamakut, Wat Bovoranives. Em 1959, foi ensinar Estudos Gerais por um ano em Wat Bodhisomphon, Udon Thani e, em seguida, voluntariou-se para ir divulgar Dhamma na Austrália. Ele estava lá há dois anos — sendo parte do segundo grupo que seguiu depois de Chao Khun Pariyat — e foi o primeiro monge a morar no novo Wat Buddharangsee. Na época em que escrevo [1976], ele é monge por treze anos e é um monge modelo, cortês e digno de respeito.

Ven. Mahā Samai poderia ser considerado um representante da Sangha tailandesa que deseja espalhar o budismo para a Australásia, pois nenhum monge Theravada já havia residido lá antes. A população local era basicamente cristã e este seria o primeiro mosteiro Theravada com monges.

Hoje, as pessoas em todo o mundo são mais bem educadas, especialmente sobre uma ciência que é baseada na investigação da verdade real das coisas. O cristianismo ensina a confiança na fé e rejeita a análise crítica dos ensinamentos de sua fé. Isso entra em conflito com os princípios científicos modernos, e um papa uma vez até puniu alguém cujos cálculos apontavam para um sistema mundial esférico. Finalmente, no entanto, todos — incluindo os papas posteriores — aceitaram e usam essa teoria até hoje.

O Buddha Sāsanā dá total liberdade para investigar qualquer coisa — até os próprios ensinamentos budistas. Isto porque os princípios em que se baseia o budismo são muito mais elevados do que os da ciência. Não apenas examina e

analisa as coisas materiais, mas é capaz de detectar a verdade subjacente dos fenômenos mentais. Depois de penetrar com insight, a verdade realizada é usada apenas para a paz e benefício de si mesmo e dos outros, sem causar dano a ninguém. Algumas pessoas conseguem aplicá-lo para que possam ir além do mundo — por exemplo, o Buda e os arahants.

É uma pena que, embora as pessoas modernas recebam uma educação superior, a maioria delas considere que apenas terminar seu trabalho de conclusão de curso para garantir um diploma já é suficiente. É possível que sequer tenha passado pela mente de algumas pessoas que os livros que formaram a base de seu curso se originaram na compreensão de outra pessoa — que continha mais do que eles foram capazes de ler em seus livros. A aprendizagem deles não é algo original de sua própria compreensão, porque o verdadeiro conhecimento só pode vir através da experiência individual.

O ensinamento budista chama isso de 'paccattam' —vendo claramente ou conhecendo por si mesmo — e surge da força da mente cultivada que atingiu a quietude e a calma, trazendo insight e autotransformação. Esta é uma mudança genuína de sua natureza antiga para a verdadeira condição que está em linha com as Nobres Verdades budistas.

Qualquer um que almeja uma visão clara da verdade do Buddha Sāsana, precisa combinar a aprendizagem com a prática. Um ou outro, por si só, não é suficiente. Neste tempo de educação avançada, torna-se necessário que qualquer pessoa que propague o budismo tenha se treinado em ambos os sentidos. Qualquer deficiência nisto, e os resultados não serão tão bons como seria de se esperar.

Outro conselho que dei ao Ven. Mahā Samai foi que ele deveria divulgar o pacote completo. Com isto quero dizer que, além de manter plenamente a regra do Pāṭimokkha — a pequena dimensão do grupo impossibilitava grupos de estudo — as outras tarefas e práticas deviam ser mantidas. Por exemplo, as práticas de dhutanga — estas incluem as saídas para pedir esmolas que também devem ajudar a reduzir as despesas de cozinha.

A divulgação do budismo precisa de estudo juntamente com a prática para que possa criar raízes duradouras. Ven. Mahā Samai e todos os monges concordaram com todos os meus conselhos e decidiram realizar tal plano no futuro.

Sugeri ao Ven. Mahā Samai que há três críticas que são mais comuns sobre a propagação do budismo em outros países:

1. Os monges estão aproveitando-se da comunidade leiga pois não trabalham, mas apenas pedem coisas.
2. Monges Theravada, ao contrário das outras religiões e seitas, são "egoístas" e apenas preocupados consigo mesmos sem ajudar os outros em necessidade ou sofrimento.
3. Monges Theravada que, embora proibam a matança de animais, ainda comem carne.

Qualquer pessoa que saia para divulgar o budismo terá a certeza de encontrar essas críticas, então aconselhei Ven. Mahā Samai a preparar respostas e explicações adequadas. Ele poderia então responder instantaneamente a qualquer uma dessas críticas.

Um perigo ainda maior é que aqueles que vão divulgar o budismo não estão familiarizados com as maneiras e costumes locais. Isso pode causar ofensa durante as interações com os moradores locais e pode levar a desânimo e desilusão, ou pode fazer com que alguém se esqueça de si mesmo e seja atraído a se juntar à diversão de "tornar-se nativo".

Reflexões surgidas da Austrália

Como todos sabemos, a história da Austrália descreve como este era um lugar selvagem com seus povos não desenvolvidos... e como a Grã-Bretanha se livrou dos seus condenados e gangsters transportando-os para lá... em certo momento, os novos povoados se organizaram e desenvolveram energeticamente a agricultura e, em seguida, forneceram matérias-primas para as indústrias em expansão por todo o mundo... até que sua prosperidade atual foi estabelecida... A Austrália é dotada de muitos recursos minerais e uma enorme extensão territorial, embora sua população seja de apenas 13 milhões... Eles não se limitam a sentar desfrutando de sua prosperidade, mas tentam desenvolvê-la ainda mais.

Vamos virar para olhar de perto esta nossa Cidade dos Anjos tailandesa. Se formos à cidade, não podemos ver um único 'anjo' pois as ruas estão cheias de preguiçosos e vadios. As pessoas não se desenvolveram, nem sabem o que isso significa. Pensam erroneamente que quando algo estiver terminado, não haverá

necessidade de mais trabalho no futuro. As crianças ficam encantadas quando se tornam adolescentes. Só quando envelhecem é que percebem que era apenas um estágio no caminho para a velhice.

Os materiais têm de ser removidos de algum lugar para que sejam trazidos para construir a cidade bem planejada e atraente com o seu sistema de tráfego. Isso só mostra como eles tiram as coisas daqui para melhorar as coisas lá. Crescemos graças à comida e, no entanto, isso envolve destruir a vida de outros animais e plantações. Ao longo do nosso caminho estamos apenas preocupados em chegar ao nosso destino e não pensamos que a base e origem de onde partimos está sendo deixada para trás, passo a passo. Não basta olhar para adiante com os seus "olhos voltados para a frente", mas também usar a sabedoria para verificar o que fica para trás. A verdade que nos libertará de delusões descuidadas e nos levará às nobres verdades dos ensinamentos do Buda pode então ser vista.

33.3 Visita à Indonésia

Da Austrália voltamos para Cingapura e, no dia 24 de dezembro de 1976, seguimos para a Indonésia. Todas as pessoas que conhecia pareciam estar lá — Chao Khun Suvirañān, Phra Khru Dhammadhornsombat, Ven. Sudhammo, Ven. Aggapālo e Ven. Khemiyo. Todos se reuniram para me esperar no aeroporto de Jacarta com os membros da sociedade budista local. Tive a oportunidade de visitar outros lugares além de Jacarta, por exemplo Bandung, Jogjakarta, Mendut, Samarang, Surabaya e Bali.

Visitei as sociedades budistas e os mosteiros budistas que os nossos monges Dhammadūta, vindos da Tailândia para espalhar o budismo, tinham estabelecido. Chao Khun Vidhoondhammāporn era o líder da organização que havia construído mosteiros que incluíam Wat Majjhimasāsanawong, que se conectava a Mendut Chedi, Wat Dhammapadiipārām em Badoo, Malang e Surabaya. Vi cada local com satisfação e observei que os budistas locais, mulheres e homens, jovens e velhos, vinham todas as noites, sem falta, para entoar suas devoções. Depois, havia um sermão de um monge que os guiava em meditação.

Algumas opiniões minhas

Percorrendo a Indonésia, vi locais e objetos venerados que tinham características de uma religião sincrética. Não pude deixar de me sentir triste com isso e refletir sobre a situação na Tailândia. Quem pode negar o grande valor dos memoriais e

locais venerados? — basta olhar para a Indonésia. Todos os monges e escrituras desapareceram, nem sequer podemos dizer quando aconteceu, mas de qualquer forma, seus locais sagrados permaneceram para a minoria budista¹⁶⁷.

Meus pensamentos se voltaram para a Tailândia com sua imensa riqueza de objetos religiosos e locais sagrados budistas, mais numerosos até do que na Indonésia. Por mais monumentos imensos e incríveis que a Indonésia possa ter, eles não se comparam com a beleza de nossos santuários e salões de uposatha. Em nenhum outro lugar do mundo existem locais tão inspiradores e dignos. Estou absolutamente convencido de que se os tailandeses estudassem e chegassem a uma verdadeira compreensão do budismo, a sua prática correta tornaria impossível para outras seitas e ideologias sobrepujar e destruir o budismo na Tailândia.

Chao Khun Suvirañān, Phra Khru Dhammadhornsombāt e Ven. Sudhammo foram nossos guias durante toda a nossa turnê pela Indonésia e eles cuidaram muito bem de nós. Embora Chao Khun Vidhoondhammāporn estivesse fora, em Bangkok, tornou-se óbvio para mim o quanto eles o respeitavam lá, pois até as crianças pequenas o reconheciam quando seu nome era mencionado. Isso me dá confiança em sua devoção e nos sacrifícios que ele fez pelos ensinamentos budistas, que fazem dele um recurso importante para Somdet Phra Nānasangworn, o atual Patriarca Supremo da Tailândia.

Muitos séculos se passaram desde que a primeira delegação tailandesa de monges foi divulgar o budismo no exterior. Este esforço atual na Indonésia parece-me ser o mais eficaz e frutífero desde que Chao Khun Phra Upali, do período de Ayutthaya¹⁶⁸, levou um grupo de quinze monges para ajudar a restabelecer o budismo no Sri Lanka... É uma pena que haja tão poucos monges capazes, pois são uma grande dádiva para o budismo e para a comunidade internacional, e hoje em dia eles são muito necessários. Quando um doador tem algo de que os outros precisam, não deveria dá-lo aos necessitados? Ou será que a Sangha tailandesa,

¹⁶⁷ Num passado distante, o budismo era uma das principais religiões do país.

¹⁶⁸ A antiga capital do Sião, entre 1569-1767, que foi destruída pela invasão das forças birmanesas.

que conta com dezenas de milhares de monges, está tão empobrecida que não tem nada para lhes oferecer?

Neste momento, algumas pessoas da Indonésia estão encontrando inspiração novamente no budismo e... dedicam-se totalmente a ele... mesmo quando os monges não podiam visitar, eles se organizaram em sociedades budistas, e estavam todos certos de que o renascimento budista iria continuar no futuro... de acordo com uma lenda de quinhentos anos.

Que todos os monges venerados e dignos espalhem a sua bondade amorosa para com a Indonésia, para reverenciar a religião budista e relembrar a grande compaixão do Buda.

33.4 Sentimentos sobre ir ao exterior

Depois de viajar por esses vários países — Austrália, Indonésia e passando por Cingapura três vezes — chegamos de volta a Bangkok no dia 24 de janeiro de 1977. Estivemos fora por pouco mais de dois meses. Embora possa parecer um curto período de tempo, certamente achei que foi muito mais valioso do que esperava.

Algumas pessoas em Cingapura e na Austrália mostraram interesse genuíno em estudar o Dhamma. Isto era mais evidente na Indonésia, onde o entusiasmo e seriedade tinham crescido ainda mais após os ensinamentos que tive a oportunidade de oferecer. Depois de ir e testemunhar por mim mesmo, tive que sentir simpatia por eles. Embora tenham poucos professores, conseguem, na maioria das vezes, continuar com a prática.

Escrevi sobre esses ensinamentos em “Perguntas e Respostas de Dhamma no Exterior”, enquanto uma descrição mais detalhada de nossa jornada pode ser encontrada em “Um Relato de Viagens ao Exterior”. Qualquer pessoa interessada pode ler sobre isso nestas publicações¹⁶⁹.

¹⁶⁹ Esses livros só existem em tailandês.

A fruta durian¹⁷⁰ é espessa e tem espinhos afiados para proteger a polpa em seu interior. Quem quiser comê-la, deve virá-la cuidadosamente para encontrar a união entre os segmentos e abri-la ao longo dessa linha. Você provavelmente provou dessa fruta e conhece seu sabor delicioso. O que há neste mundo que é impecavelmente bom e correto em todos os seus aspectos? A arte de saber como chegar à parte boa da fruta durian é semelhante às pessoas sábias que sabem preparar-se e praticar de modo a desenvolver uma virtude perfeita.

Entre os seres humanos de cada gênero, faixa etária, raça ou língua — e isso se estende ao reino animal — você provavelmente não vai encontrar nem mesmo um que não admita desejar sua própria felicidade, enquanto tem horror do sofrimento. É por causa destas duas condições que todos os seres sencientes do mundo se esforçam para encontrar uma saída para o seu detestado sofrimento e alcançar o estado de felicidade que desejam.

Este esforço, por vezes, torna-se evidente na busca pelo desenvolvimento e pelo progresso. Embora esta evolução possa parecer um avanço lógico, com uma inspeção adequada, verificamos que se trata de um progresso muito desbalanceado. O outro lado é uma queda para a degeneração e retrocesso. A experiência do sofrimento é de enorme valor no caminho para o progresso e desenvolvimento — (ela dá o impulso para aumentar a inteligência que as pessoas necessitam para sobreviver). No entanto, ao mesmo tempo e de várias maneiras, uma pessoa pode trazer mais tumulto e angústia para o mundo.

Eu nunca tinha ido para o exterior, exceto quando ia para as esmolas matinais de barco, remando através do rio Mekong para a cidade de Vientiane, no Laos, para em seguida voltar ao meu mosteiro. No entanto, aqui estava eu, com um pé na sepultura, a sair com pessoas numa viagem ao estrangeiro. Não posso dizer que tenha visto algo com que valha a pena ficar excitado, a não ser ver como as pessoas e os animais vivem em cada país. As condições eram basicamente idênticas às que eu já conhecia na Tailândia e no Laos, exceto pelas pequenas diferenças decorrentes das preferências locais.

¹⁷⁰ Durio zibethinus (malváceas). O durian é geralmente altamente valorizado e um dos frutos mais caros. Há uma jeito certo de abri-lo sem estragar a fruta suculenta dentro.

Todos os países estão de acordo sobre a única questão essencial — a aversão ao sofrimento e a luta para o superar. Assim, a situação é que, nós ou qualquer outra criatura, queremos sofrer, mas nascemos cercados por estas condições. Precisamos, portanto, refletir sobre como devemos proceder com nossas vidas em relação às três coisas que vou explicar abaixo. Cada um de nós deve viver de forma correta, moral, de acordo com o Dhamma. Os resultados de não compreender isso e seguir um caminho incorreto, não só acarretarão no fracasso em alcançar a felicidade para si mesmo e para os outros, mas também multiplicarão o sofrimento e a agitação para si mesmo e para os outros.

Sejam influentes, inteligentes e conhecedores, sejam ricos ou pobres, todos vêm com as mesmas desculpas ao falar sobre as virtudes do Dhamma e seu comedimento moral. "Fiz por causa da pressão social. Era o que esperavam de mim." Reconheça o fato de que a sociedade é corrupta e comece a questionar seu próprio papel nela — por que cada um de nós não deveria ser capaz de ajudar a corrigir as coisas? Por que não deveríamos ser capazes de combater as más influências e desenvolver uma sociedade boa e benéfica?

Família. Sociedade. Modo de vida. Estas três coisas avançarão suavemente de forma pacífica e ordenada se o seu desenvolvimento estiver de acordo com os princípios de Dhamma para os leigos¹⁷¹ (os Gihipatipatti), conforme estabelecido pelo Buda. A falta de harmonia fará com que o modo de vida se torne inútil e só trará conflitos. É o Dhamma da virtude que guia o mundo à felicidade. O desenvolvimento de qualquer nação, ideologia ou sistema — seja de progresso material ou administrativo — que seja deficiente em tal virtude do Dhamma, não trará felicidade completa ao coração. O Dhamma requer que cada pessoa se afaste de uma má conduta e tenha medo de se engajar em um comportamento corrupto. Este é o progresso verdadeiro e supremo para a família, para a sociedade, para o avanço do padrão de vida e para a nação como um todo.

A minha viagem foi facilitada em todos os sentidos pela administração — especialmente pelo tenente da Força Aérea General Choo e Khun Supharp Sutthichot' — e equipe da Thai International Airways... Ajudaram a providenciar o meu passaporte e os meus vistos, e ao longo do caminho, deram-me auxílio excepcional... Devo fazer uma menção especial a Khun Sutthiphon Kansut e à sua

¹⁷¹ Isso inclui generosidade, moralidade, meio de vida correto e meditação.

esposa (Khun Dtik) que cuidaram de nós em Jacarta, com bilhetes de avião e acompanhando-me em segurança para Cingapura e, mais tarde, para a Indonésia. Por isso, os meus agradecimentos especiais a todos os que ajudaram o nosso grupo...

Aproximadamente dois meses depois de nosso retorno, os leigos em Cingapura me convidaram a voltar para ver se havia um local adequado para construir um mosteiro, como um centro para ensinar meditação. Fui, mas embora tenhamos visto cerca de dez locais diferentes, nenhum deles parecia adequado. De certa forma, isto foi uma coisa boa, pois se tivéssemos realmente construído um mosteiro, cuidar dele teria se tornado um fardo extra para mim.

34. Do 55º ao 56º retiro das chuvas, 1977-1978

O agregado corporal é a interminável roda giratória de nascimento e morte¹⁷². O coração de alguém sem treinamento tem de girar com ela, enquanto qualquer um que tenha praticado, se cansa e sente repulsa por tudo isso. Meu corpo era assim quando em 1964 deixei o nosso grupo em Phuket. Mesmo quando estava sentada em silêncio, a minha voz tinha se tornado tão seca e rouca que já não conseguia falar.

Aconteceu novamente quando alguns monges recém-ordenados — (estudantes de medicina¹⁷³ do Hospital Siriraj) — vieram treinar sob minha orientação. Logo após terem saído, os meus sintomas antigos voltaram e apresentei vários sintomas menores. A minha voz ficou rouca e fraca, e nunca mais foi a mesma desde então. O Dr. Rote convidou-me para ir ao Hospital Siriraj em Bangkok para um exame médico geral. Os testes lá não encontraram nenhuma doença em particular exceto a doença da velhice — esta é a natureza do ciclo de nascimento e morte. Isto é o que acontece com todos os fenômenos corporais e mentais e só as circunstâncias são diferentes.

¹⁷² Vatacakra (tailandês); vattacakka (pāli).

¹⁷³ Tornando-se monges por um curto período de tempo.

35. Quinquagésimo sete retiro das chuvas até o presente, 1979-1991, Vinte e Sete Anos em Wat Hin Mark Peng

Pensando naqueles vinte e sete anos que estive em Wat Hin Mark Peng — que longo tempo parece! Para um leigo seria mais do que tempo suficiente para estabelecer uma posição e um padrão de vida confortáveis. Sendo um monge idoso, cuidado do mosteiro, que é o papel normal para monges velhos em todo lugar. Já não consigo andar por aí como outrora, e mesmo que pudesse, já não há floresta para percorrer em tudong como nos velhos tempos. Eles cortaram tudo.

O número de devotos também parece multiplicar-se diariamente e onde quer que eu vá, mais "filhos" aparecem — nascidos da palavra e não do útero. Eles têm me seguido desde 1978, quando o general da Força aérea Harin Hongsakun me convidou para ir para a quietude de Orb Luang, distrito de Jorntong da província de Chiang Mai. Uma multidão de pessoas seguiu-me e em vez de serem capazes de cortar em comida e conforto corporal para sentar em meditação, o oposto ocorreu. Providenciaram um banquete, com almofadas e uma cama luxuosa para dormir.

Quando os Quatro Requisitos de roupas, comida, abrigo e medicamento se tornam extravagantes e excessivamente abundantes, podem se tornar um obstáculo ao desenvolvimento da meditação do iniciante. Um mosteiro muito rico e abastado tenderá à discórdia e à desarmonia, e o seu estudo do Dhamma não progredirá como deveria. É o mesmo com o mundo cotidiano, onde um excesso de bens e riqueza pode se tornar uma ameaça para toda a comunidade. Os líderes e os oficiais tornam-se corruptos e enganam o público e o governo, saqueando o país e dividindo o lucro entre si. A discórdia surge entre eles quando os seus interesses pessoais não estão alinhados. Qualquer comerciante ou cidadão influente que atravessasse seu caminho, é assassinado e ocorrem inúmeras mortes. É por isso que o Buda disse:

"Sakkāro kāpurisam hanti " — " poder e influência destroem homens de sabedoria inferior"

Quanto mais tempo se fica no mesmo lugar, mais as raízes são fincadas. Devotos leigos vêm ao mosteiro e notam características que não são muito perfeitas ou bonitas o suficiente, o que os inspira a construir estruturas mais atrativas em substituição.

Estes belos edifícios, então, precisam de cuidado, pois não fazê-lo seria uma ofensa contra a disciplina dos monges. É preciso perguntar: quem é o zelador? É esse velho monge, claro. Ensinando e treinando todos os monges e noviços que vêm aqui em como se sentar, se deitar, comer, mendigar, e todos os vários deveres e obrigações, incluindo requisitos de estudo — tudo isso recai sobre os ombros deste velho monge. Eles lhe dão o título de encarregado sênior e isso parece bastante adequado, uma vez que está verdadeiramente sobrecarregado. Isto, porém, é inevitável e temos de fazer o nosso melhor com a situação, até o fim da nossa vida.

A Virtude e o Mérito do Budismo

Trouxe à mente meus professores e os grandes mestres do passado, o Buda sendo o exemplo principal, e como eles deram continuidade e guiaram o ensino. Surgiu o pensamento de que eu também consegui, passo a passo, ajudar a orientar este desenvolvimento. O meu nascimento como ser humano não foi desperdiçado. Além disso, fui ordenado como monge budista e cumpro minhas obrigações.

Sempre que as pessoas me prestavam reverência ou faziam oferendas, pensava: "O que estão venerando? Eles e eu somos idênticos — na medida em que somos todos conglomerados dos elementos da terra, água, fogo e ar. Devem, no mínimo, estar prestando honras ao manto ocre que é o emblema e a bandeira dos arahants. Tal fé sustenta a religião e, embora a convicção interior possa não ser plena, eles têm confiança no que foi passado para eles."

Estou plenamente consciente da imensa virtude e valor do budismo. Desde a minha ordenação, ele tem me apoiado e me nutrido para me tornar uma pessoa boa e virtuosa. O ensinamento nunca me levou a cometer o menor ato imoral.

No entanto, mesmo assim, estamos sempre resistindo e sendo recalcitrantes em relação a ele e continuando nossos maus caminhos. A nossa moradia e lugares de dormir, o nosso tapete para dormir, travesseiro e rede de mosquitos, a comida que comemos — tudo o que diariamente pegamos e usamos aqui, pertence ao

Buddha Sāsānā. Os medicamentos para tratar qualquer doença que possamos desenvolver pertencem aos fiéis devotos budistas que abnegadamente doam-nos.

Logo que nos ordenamos monges ficamos completamente dependentes do manto ocre, o emblema dos Nobres que o nosso preceptor e professores nos outorgam. (O preceptor e os professores são simplesmente os representantes do Buddha Sāsānā, porque todos eles, sem exceção, se refugiaram na Joia Tríplice.) Quando se recebe este vestuário incomparável, as pessoas prestam seus respeitos e sustentam o praticante com uma torrente de oferendas. Pude sobreviver até os dias de hoje graças a este ensinamento. O budismo trouxe infinitas e incontáveis virtudes e bênçãos para mim pessoalmente, e para todos neste mundo.

Tendo vindo viver aqui, onde quer que tenha estado antes, sempre fiz o que pude, desde que a minha saúde estivesse à altura, para erguer uma base sólida de construções duráveis para o budismo. Agora que estou velho e não tenho força suficiente para construir projetos, os devotos leigos tornam-se inspirados a patrocinar as construções que permanecerão em meu lugar no futuro. Partilhamos todos os recursos que sobram com outros mosteiros.

No entanto, nunca me tornarei escravo de tijolos, cimento e madeira, porque sei que esses materiais são apenas coisas externas. Apesar de sua beleza e design elegante, não importa quantos milhões eles custem, se nos comportarmos imoralmente, todos eles se tornam ociosos e completamente sem sentido.

O verdadeiro núcleo ou coração do budismo não reside em coisas materiais, mas em ações individuais. Este tem sido o meu princípio orientador. A ordenação é chamada de nekkhamma, renúncia, porque é sobre deixar de lado todas as formas de sensualidade. Tendo decidido treinar-se — seguindo a Nobre Verdade dos ensinamentos do Buda — para escapar de todo sofrimento, não se deve então enterrar-se debaixo de uma pilha de tijolos e argamassa.

... Estes tipos de projetos de construção tendem a ser a fonte de grandes complicações e dificuldades, e falham principalmente por falta de recursos adequados — especialmente por falta de virtude moral. O sucesso faz com que a pessoa se sinta feliz e aquecida por dentro, enquanto o fracasso traz agitação e arrancar de cabelos. Eu nunca permiti tais sentimentos a respeito de meus projetos e permaneci completamente imparcial e despreocupado sobre eles terem ou não sucesso.

Penso em todos os projetos como apenas uma parte dos deveres da religião. Todos os recursos vêm dos devotos, pois eu mesmo não tenho riqueza. Quando o trabalho é concluído, ele beneficia o budismo e traz muito mérito aos devotos leigos. Não deve haver necessidade de se solicitar contribuições, pois isso só traz aborrecimento e faz com que as pessoas fiquem incomodadas com a coisa toda. Fui capaz de completar todos os projetos por causa de doações que vieram de todas as direções, incluindo contribuições do exterior. Quaisquer ofertas — como Kathina e Sangha-dāna — para Wat Hin Mark Peng foram mantidos especificamente para seus propósitos... enquanto quaisquer contribuições dadas a mim e destinadas ao meu uso pessoal — de um baht a dez, cem... até mesmo milhões — canalizei tudo para os vários projetos comunitários que já mencionei. Os fundos para isto nunca parecem ter secado, e continua a haver um forte interesse em ajudar os meus projetos... Eu mesmo não pareço ter retrocedido por causa disto e tudo correu bem. Sādhu! Sādhu! Sādhu! O mérito passado parece ter-me permitido ser bem-sucedido nisso.

Nunca saí à procura de um centavo, mas os fundos vieram de todas as direções. Eu me tornei algo como um "banco central de reserva" para aqueles budistas que querem seus fundos direcionados para o que será mais benéfico para o budismo... A gestão destes fundos pode ser difícil devido à falta de registros... Mas, de alguma forma, gerenciei-os sem problemas... permitindo a acumulação suficiente em um fundo de projeto — para salão, salão de uposatha, etc. — para completar o trabalho e, em seguida, limpar totalmente a conta.

Qualquer monge envolvido em tal gestão precisa estar absolutamente seguro de sua capacidade e sua incorruptibilidade, caso contrário, ele não deve envolver-se. Se alguém for contra este princípio, prejudicará o budismo que tanto respeita e também levará à sua própria queda. Há exemplos disso em toda parte. Este 'capital financeiro' pode ser bastante mortal e já destruiu muitas pessoas.

Buscar apenas o benefício do budismo e do bem comum, sem tirar proveito egoísta, será de grande fruto, ao passo que empreender qualquer coisa por motivos egoístas trará resultados infelizes. Será muito prejudicial se alguém tentar obter algo para si mesmo enquanto persegue projetos budistas. Isto é ainda mais verdadeiro para alguns "monges". Depois de se envolverem na construção de obras, tais projetos parecem tomar posse deles, e seu trabalho espiritual interior e disciplina são completamente abandonados. Eles constroem

externamente, mas não conseguem construir o seu interior, e isso leva a um grande declínio.

36. Resumo

Faz agora cerca de sessenta anos desde que vi a floresta aqui pela primeira vez e, em 1964, foi quando realmente vim morar aqui. Tenho desenvolvido o local de forma constante desde então, e você pode ver os resultados com seus próprios olhos. O ponto importante é que tudo isso surgiu através da fé e energia dos meus discípulos, monges e leigos, que contribuíram com o que puderam — seja trabalho ou dinheiro. Há mais deles do que jamais conseguiria mencionar.

O Patriarca Supremo da Tailândia (o falecido Somdet Phra Vāsana Mahāthera) graciosamente veio officiar a abertura cerimonial do Mondop¹⁷⁴. Ele ficou muito satisfeito e declarou oficialmente Wat Hin Mark Peng como um "mosteiro modelo" em termos de desenvolvimento, e deu-me o esse reconhecimento oficial em 26 de Maio de 1982. Isso marca uma grande honra para o mosteiro.

Espero realmente que Wat Hin Mark Peng possa continuar a ser um lugar para monges praticarem em benefício duradouro do budismo. Portanto, que todos vocês que ajudaram no apoio a Wat Hin Mark Peng sejam felizes, prosperem por muito tempo e estejam firmemente estabelecidos no nobre ensinamento budista.

Sou monge há sessenta e oito anos e tentei praticar apenas para meu benefício e dos outros, começando por mim mesmo e depois levando isso mais longe, para o bem de todos. Com isso, quero dizer que pude sair em tudong com grandes professores de meditação, começando desde o meu primeiro ano como monge. Estava determinado a praticar seguindo a instrução de meus professores, e como não tinha outras responsabilidades para me ocupar, pude me aplicar plenamente à tarefa.

Nos últimos anos pude me afastar deles e, portanto, tive que aceitar muitas responsabilidades. Um grupo de monges começou a me seguir e tive que instruir regularmente os leigos. Naqueles dias, como havia tão poucos monges meditadores da floresta, quando os leigos viam alguém com um grupo de monges, eles imediatamente o consideravam um "Ajahn" ou professor e seguiam atrás dele. Mesmo quando era assim, nunca afrouxei meus esforços na meditação

¹⁷⁴ Ver Glossário.

e até via isso como um estímulo para praticar ainda mais. Isso tornou-se então benéfico, tanto para mim como para os outros.

Para ser verdadeiramente benéfico para os outros, é necessário que primeiro seja benéfico para si mesmo. Pode-se então compartilhar o que se tem com outras pessoas. Mas se ninguém mostrar interesse em receber, não perco nada. Isso tem sido parte da minha prática desde que fui ordenado.

No aniversário do rei, no dia 5 de dezembro de 1990, recebi por sua ordem o título eclesiástico de Phra Rajanirodharangsee Gambhiirapañāvisit Yatigansasorn Bowornsanghārām Arañāvāsi. Já descrevi os meus sentimentos sobre esses títulos eclesiásticos... e não mudei de ideia... mas me explicaram que essa era a maneira como o rei da Tailândia sempre demonstrava seu apreço pelo trabalho e responsabilidades dos monges seniores... e quando estes aumentavam as boas obras, seus títulos também seriam elevados. Sou apenas um monge da floresta e só posso refletir sobre o gracioso favor e oferecer a minha bênção — Anumodanā! — ao rei.

36.1 As bênçãos e a beneficência dos pais

Acreditamos que, tendo nascido juntos neste mundo, todos devemos benefício e bem-estar mútuo. As crianças devem a seus pais e os pais têm novas obrigações para com os filhos. Cada um se lembra de sua dívida com o outro sem pensamento em exigir nada. Lembrar-se a si mesmo da dívida parental, no entanto, permitirá que a pessoa a pague, de acordo com a percepção que se tem dela — para alguns isso será grande, para outros, pequeno. As pessoas entram nesta forma de dívida por suas próprias ações, sem coação de ninguém, e assim ninguém mais pode tomar o fardo em lugar delas.

As pessoas reconhecem a dívida aos pais de diversas formas. Lembram-se que, desde o seu primeiro até o último dia, elas foram e sempre seriam cuidadas com amor e devoção em todos os sentidos. Por exemplo, tiveram que confiar na mãe e no pai para aprender a se sentar, a se deitar, a se levantar, a andar e a falar — tudo. Quando seus pais ficavam zangados com elas e lhes davam tapas ou varadas, eles também se continham um pouco, lembrando "este é o meu filho". Às vezes, ficavam com pena de punir os filhos.

Há um instinto natural em todos os seres para que os pais amem seus filhos, e isso inclui até os animais. Eles amam sem pensar ou saber o porquê, ou o que eles podem ganhar com isso, e as crianças respondem da mesma maneira. A ligação entre os animais, no entanto, é de curta duração e só ocorre enquanto os descendentes ainda são pequenos, pois com a maturidade, tudo é perdido. O amor e o afeto humanos não têm fim. Perdura até à morte e até mesmo para além dela. A pessoa que não reconhece a bondade e a beneficência de seus pais, e que não retribui a bondade deles, é má e pior do que um animal.

Vou me gabar um pouco aqui: nasci filho deles, mas minha ordenação, enquanto ainda jovem, impediu-me de fornecer aos meus pais o apoio material que todos geralmente dão. No entanto, minha vida como monge permitiu-me sustentar e alimentar as aspirações do coração e da boa vontade deles, e foi isso que eles apreciaram mais do que todo o resto. Eles poderiam se lembrar constantemente que: "nosso próprio filho é um monge!" Não importa quão perto ou longe — mesmo a mil quilômetros de distância — eles ainda podiam estar felizes e contentes, porque as suas aspirações tinham sido realizadas.

Quando meus pais ficaram mais velhos, voltei para ensiná-los e fortalecer a fé deles, até que ambos decidiram se ordenar e usar mantos brancos. (Claro que já tinham fé. Pude encorajá-los e reforçar isso, para que se sentissem confiantes o suficiente para se ordenar.) A meditação lhes trouxe muitas experiências notáveis, que fortaleceram ainda mais a sua fé. Ensinei-lhes sobre o caminho para a felicidade (sugati) e ambos me ouviam atentamente, como alunos escutam seu professor. Eles receberam todos os ensinamentos de coração aberto, não se preocupando que uma "criança estivesse ensinando seus pais".

Meu pai foi um anagārika, de mantos brancos, durante onze anos antes da sua morte, aos setenta e sete anos. Minha mãe foi monja de manto branco durante dezessete anos, e morreu depois do meu pai quando tinha oitenta e dois anos. Ensinei-os até o momento final, dando-lhes todos os conselhos que pude, e realmente sinto que fui capaz de pagar completamente a minha dívida com eles. Não tinha outras dívidas pendentes. Organizei cerimônias fúnebres adequadas à posição deles e de acordo com a minha condição de monge.

Ser ordenado monge budista por tanto tempo me permitiu ver a mudança de condição desse corpo envelhecido com as transformações no mundo externo. Vi

tantas coisas, boas e más, e isso expandiu muito minha sabedoria e meu conhecimento. Não sinto que tenha desperdiçado nascer no mundo junto a eles. Considero que tenho estado em dívida com esse mundo, porque peguei seus elementos de terra, água, fogo e ar para formar um corpo. Ao mantê-lo, tive de absorver e usar as coisas do mundo, mas absolutamente nada disso me pertence. Depois da morte, tudo deve ser deixado para trás nesse mundo.

Algumas pessoas nunca consideram tais questões e, por isso, caem na ganância intransigente pelas coisas — "tudo é meu!". Marido, mulher, filhos e netos, bens domésticos — "são todos meus". Até o fim, mesmo quando essas coisas desaparecem ou se quebram, elas ainda mantêm o seu domínio sobre elas como "meu".

36.2 Atividade que não deve ser realizada, kamma que não deve ser feito.

Há uma atividade que não devemos realizar, mas, tendo nascido, ela deve ser feita. Nascemos com esse 'eu' que é chamado de 'condicionado'¹⁷⁵ e portanto, é claro que devemos envelhecer, ficar doentes e morrer. Nem uma única pessoa quer que seja assim — ficar velho e decrepito até não poder ir mais a lugar algum. Ninguém quer morrer, não voltar a ver os filhos e netos. Após a morte, os que permanecem, mesmo que sejam filhos do falecido, a maioria não manterá o cadáver em casa por mais de quinze dias antes de lavá-lo para a cremação. Aí está a "atividade que não devemos empreender". Nós os respeitamos tanto e depois os jogamos no fogo — ainda que isso seja uma ação necessária. Ninguém vai manter o cadáver em casa.

O kamma que não deveria ser feito, ocorre após a morte de alguém. Não importa quem seja — o pai, a mãe, os irmãos, as irmãs ou outros parentes, incluindo os venerados professores, deve haver ritos funerários para todos. Isso requer muito mais trabalho e coisas materiais do que no momento do nascimento, que foi bem sucedido apenas com dois: a mãe e o pai.

Ritos funerários implicam alimentação e recepção de convidados, leigos e monges, e providenciar oferendas para os monges. Para aqueles que continuam vivos e que não são abastados, isso não é um fardo pequeno. Quando não têm o

¹⁷⁵ Sankhāra. Ver Glossário.

suficiente, eles têm que pedir emprestado a parentes e amigos, e assim endividar-se ainda mais. Esse tipo de dívida não tem qualquer vantagem e só traz perdas. Ainda assim, qualquer um que pratica a generosidade, a tratará como um ato meritório, que é uma espécie de lucro para si mesmo. Seja como for, continua a ser "algo que não devemos empreender" e, no entanto, quando os que ainda vivem são confrontados com esta situação, sentem-se obrigados.

36.3 Nascimento e morte

Nascer e morrer não é o mesmo para os seres humanos desse mundo. Ao nascer, há uma sequência que depende dos pais. Quem nasceu antes é chamado de sênior, e quem vem depois é júnior. Morrer não é assim. Se alguém morre primeiro ou mais tarde, depende dos resultados do kamma, cada um de acordo com o seu próprio. Às vezes, o mais novo morre antes do mais velho ou vice-versa. Depois da morte, não se renasce necessariamente como irmãos, pois, mais uma vez, isso depende dos resultados do kamma. Quem cometeu o mal pode nascer como um preta¹⁷⁶ ou cair no inferno mais profundo, avicī¹⁷⁷. Aqueles que purificarem seu coração e transcenderem a massa de sofrimento, chegarão até o Nibbāna. Tudo depende.

Acho que paguei completamente minha dívida com meus pais que morreram... Eu era o filho mais novo e cumpri todos os deveres que um monge deveria ter com eles. Ambos devem ter pensado o mesmo sobre isso, e não quiseram cobrar nenhuma dívida de mim, porque tudo tinha corrido como eles queriam.

Ajahn Kamdi Rioréng, meu irmão mais velho, me amava muito e lamento que ele tenha morrido quando eu estava fora, passando o retiro das chuvas na província de Chantaburi. Não fui capaz de organizar o seu funeral de uma forma proporcional ao seu amor por mim. Quando meus outros irmãos e irmãs mais velhos ainda estavam vivos, pude ensiná-los sobre virtude e Dhamma, cada um de acordo com seu temperamento e potencial, de modo que, quando estavam prestes a morrer, tiveram algum refúgio no coração. Eles não tinham desperdiçado suas vidas, pois ao conhecer os ensinamentos do Buda, tinham praticado o máximo que podiam de acordo com suas habilidades.

¹⁷⁶ Preta, ou reino dos fantasmas famintos.

¹⁷⁷ Avicī é um dos infernos mais dolorosos.

A Sra. Ahn Prahph-phahn, minha irmã mais velha e a segunda filha de meus pais, faleceu em 1974, aos oitenta e oito anos.

A Sra. Nén Chiang Tóng, minha irmã mais velha e a terceira filha, faleceu em 1978, aos noventa anos.

O Sr. Plian Rioréng, meu irmão mais velho e o quarto filho, faleceu em 1972, aos oitenta anos.

A Sra. Nuan Glah Kéng, minha irmã mais velha e a quinta criança, faleceu em 1973, aos setenta e nove anos.

Ajahn Ket, meu irmão mais velho e o sexto filho, faleceu em 1946, aos quarenta e oito anos de idade, catorze anos como monge.

A Sra. Thup Diman, minha irmã mais nova, faleceu em 16 de Maio de 1990, aos oitenta e seis anos de idade.

Certifiquei-me de que todos, irmãos e irmãs, recebessem o funeral completo e adequado que esperariam. Especialmente com a mais nova, a Sra. Thup Diman, que na última parte da sua vida veio praticar comigo como monja, em Wat Hin Mark Peng.

Ela parece ter obtido bons resultados em sua prática de meditação, o que lhe assegurou um bom estado mental quando ficou muito doente, na parte final de sua vida. Seus filhos vieram e a levaram para um tratamento hospitalar na província de Sakhon Nakon. Disseram-me que sua mente estava boa e ela estava ciente até os momentos finais. Ela descreveu o que estava sentindo para seus filhos e netos que cuidavam dela: que seus pés estavam ficando frios, que a frieza tinha atingido suas pernas, seus joelhos e seu peito. Ela concentrou sati no peito e a sua respiração tornou-se cada vez mais fraca e, finalmente, tudo ficou parado.

Agora tenho que depender de mim mesmo, pois todos os meus parentes e mestres de meditação já não estão disponíveis. Continuarei a fazer o bem até que não reste nenhuma vida, porque depois da morte, ninguém pode fazer o bem ou o mal por nós.

Essa autobiografia chegou agora até meus oitenta e nove anos e acho que vou terminar por aqui.

Epílogo de tradutor¹⁷⁸

Em novembro de 1992, o Venerável Ajahn Thet adoeceu novamente com uma infecção pulmonar. Complicações surgiram com sintomas de doença cardíaca e problemas de próstata, embora o tratamento tenha ajudado, sua saúde nunca mais foi forte como antes.

Como descrito anteriormente, Venerável Ajahn Thet sempre achou Wat Tam Khahm um lugar especialmente bom para sua prática de Dhamma e sua saúde. Então, em março de 1993, mudou-se de Wat Hin Mark Peng para se instalar em Wat Tam Khahm, nas montanhas da província de Sakhon Nakon. Ajahn Kiem Sorayo era o abade lá e estava muito feliz em receber seu venerável convidado.

A saúde do Venerável Ajahn Thet melhorou gradualmente e ele surpreendeu todos com vigor e apetite renovados. Em suas celebrações de noventa e dois anos, elogiou o povo local de Sakhon Nakon como sendo o mais solidário e carinhoso de todos. Disse a eles que lamentava não ter ficado lá quando era mais novo, quando poderia ter-lhes ensinado mais.

No entanto, em maio de 1994, a condição do Venerável Ajahn Thet piorou novamente, com uma deterioração em sua força e apetite. Um professor de medicina e sua equipe vieram e descobriram uma obstrução da vesícula biliar, oriundas de pedras na vesícula ou talvez um tumor. Apesar da idade avançada de Ajahn Thet, noventa e dois anos, eles tentaram tudo para recuperar a sua saúde, para que ele pudesse continuar com seus ensinamentos por mais alguns anos.

Poucos dias antes do início do retiro das chuvas, o Venerável Ajahn Thet falou em privado sobre seus assuntos pessoais. Ele afirmou que, ao morrer, seu corpo deveria primeiro ser mantido em Wat Tam Khahm, mas que a cremação deveria ocorrer em Wat Hin Mark Peng¹⁷⁹. Quando seu discípulo aproveitou a

¹⁷⁸ Baseado em "Notas de um discípulo", uma publicação memorial em idioma tailandês.

¹⁷⁹ Na Tailândia, os corpos de pessoas importantes são preservados por um certo tempo para permitir que os arranjos adequados sejam preparados e para que as pessoas venham prestar os seus últimos respeitos. Dois dos proeminentes apoiadores do Venerável Ajahn Thet também já tinham construído um crematório e chedi em Wat Hin Mark Peng para utilizar quando de sua eventual morte.

oportunidade para perguntar por quanto tempo seu corpo deveria ser mantido, o Venerável Ajahn Thet respondeu que isso deveria vir do acordo geral de todos os envolvidos.

Apesar do Venerável Ajahn Thet estar obviamente frágil e com dores durante a maior parte do retiro das chuvas de 1994, nunca reclamou ou mostrou qualquer aborrecimento. Ele era um exemplo brilhante do bom praticante do Dhamma para aqueles monges que estavam cuidando dele.

Na manhã de sábado, 17 de dezembro de 1994, depois de comer alguns alimentos liquidificados e tomar seu remédio, Ajahn Thet foi, como de costume, levado em uma cadeira de rodas para uma 'meditação móvel' (com a enfermidade, isso veio substituir sua usual meditação andando). Depois de trinta minutos, ele disse que estava cansado e voltou para a cama. Seu corpo parecia um pouco inquieto, então seus discípulos tocaram uma gravação de uma de suas palestras de Dhamma sobre meditação. Ele confirmou aos monges que "era certamente necessário colocar (a mente) em neutralidade". No final do dia, depois de outro passeio, disse que estava cansado e o ajudaram a ir para a cama. Isso foi às nove da noite.

O monge-atendente respeitosamente sugeriu ao Venerável Ajahn que ele deveria fixar sua atenção em dormir, para que pudesse acordar descansado e forte. Ele acenou em acordo e quase imediatamente ficou quieto. Seu atendente percebeu com que facilidade ele dormiu e, sabendo que ele geralmente dormia sobre seu lado direito¹⁸⁰, chamou outro monge para ajudar a virá-lo para esse lado, pensando que ele poderia descansar mais tempo naquela posição.

Os monges massagearam as mãos do Venerável Ajahn Thet, enquanto ele dormia e notaram que ele estava muito quieto, sem qualquer movimento, de maneira anormal (um pouco de saliva escorria de sua boca, mas os monges pensaram que era porque tinha bebido muitos remédios de plantas medicinais). O olhar pacífico em seu rosto não fez os monges presentes suspeitarem de que o Venerável Ajahn Thet já tivesse, de fato, falecido.

¹⁸⁰ Recomendado pelo próprio Buddha.

O funeral do Venerável Ajahn Thet

Um fim, com tanta dignidade e paz, completa perfeitamente uma vida assim vivida. Sua vida havia tocado muitas pessoas e isso ficou claro nos ritos funerários e cremação. Quando a notícia sobre sua morte se espalhou, os monges e aldeões começaram imediatamente a vir prestar suas últimas reverências. Foi anunciado que o rei da Tailândia iria patrocinar oficialmente os ritos fúnebres.

Como Venerável Ajahn Thet havia previamente instruído, seu corpo foi primeiramente mantido em Wat Tam Khahm e depois transferido para Wat Hin Mark Peng. Esse é um mosteiro maior e muito mais apropriado para lidar com os preparativos fúnebres para a cremação, que obviamente seria um evento nacional.

A cremação do Venerável Ajahn Thet ocorreu em 8 de janeiro de 1996. Pessoas de toda a Tailândia — lideradas pelo rei e a família real — vieram prestar suas últimas homenagens. Cada região onde o Venerável Ajahn tinha permanecido parecia estar representada— mesmo do exterior. Era como se mesmo na morte ele ainda fosse capaz de reunir pessoas. Estima-se que estavam presentes dez mil monges e muitas centenas de milhares de leigos. (O estacionamento temporário foi preenchido com até trinta mil veículos, incluindo muitos ônibus pequenos e grandes, de todas as partes da Tailândia.) No entanto, mesmo com esses números, tudo foi organizado de uma forma adequada e apropriada, e realizado com ajuda e financiamento voluntários. (Havia barracas de comida e refrescos grátis, mostrando o espírito de generosidade que é tão vital como parte dos ensinamentos do Buda. Também meio milhão de livros, em memória aos ensinamentos do Venerável Ajahn Thet, foram distribuídos aos presentes.)

O bom tempo permitiu que os preparativos decorressem sem problemas. O rei homenageou o Venerável Ajahn Thet com ritos funerários patrocinados pela realeza e com toda a panóplia de antigos costumes e rituais. Quando tudo estava pronto, o rei aterrissou de helicóptero para oficialmente liderar a realização das oferendas e acender o fogo da cremação. Os monges o seguiram, passando pelo caixão e depois pelos dignitários, junto com todas as pessoas comuns que tinham apoiado o Venerável Ajahn Thet por mais de setenta anos como monge.

A cremação ocorreu mais tarde, naquela noite, com uma lua cheia brilhando no crematório, no lago e no chafariz especialmente construído para a ocasião. O

crematório é uma estrutura imponente com telhados tailandeses tradicionais. Esses permanecem como um marco memorial para o Venerável Ajahn Thet, quando os devotos vêm para praticar Dhamma e relembrar de seu exemplo.

Na manhã seguinte, quando o fogo se apagou, os restos de ossos e cinzas do Venerável Ajahn Thet foram reverentemente removidos e salvaguardados como relíquias.

Assim termina a biografia do Venerável Ajahn Thet. Começou em um vilarejo remoto, no início do século, e terminou mais de noventa anos depois, cercado por centenas de milhares de discípulos, incluindo o rei da Tailândia. Ao longo do caminho, o Venerável Ajahn Thet ensinou continuamente, e isso sobrevive na prática que ele inspirou e nos livros e conversas gravadas que deixou para trás — incluindo este.

Apêndice 'A': Sīla¹⁸¹

Qualquer um — de qualquer religião ou nenhuma — pode apreciar as diretrizes budistas básicas para a ação e fala. Não há dogma escondido entre esses preceitos, pois são uma maneira direta e simples de viver sem prejudicar ou ferir qualquer criatura. A outra característica para ter em mente é que é algo que o indivíduo aceita voluntariamente. Ninguém dá ordem para que os receba. É a vontade do indivíduo que transforma uma lista de preceitos em um modo de viver. A apreciação e ciência das próprias ações e fala tornam-se então mais sutis, o que conduz automaticamente à meditação.

Há os cinco preceitos básicos e estes tornam-se mais refinados com os oito preceitos.

Estes preceitos podem ser recebidos simplesmente dizendo:

"Observo a regra/preceito do treino de..."

- 1) abster-me de tirar a vida alheia.
- 2) abster-me de tomar o que não me foi dado.
- 3) abster-me de má conduta sexual.
- 4) abster-me de mentir.
- 5) abster-me de intoxicantes que causam entorpecimento."

ou:

- 1) abster-me de tirar a vida.
- 2) abster-me de tomar o que não me foi dado.
- 3) abster-me de toda atividade sexual.
- 4) abster-me de mentir.
- 5) abster-se de intoxicantes que causam entorpecimento.
- 6) abster-me de comer em horário inapropriado.
- 7) abster-me de dançar, cantar, música e shows impróprios, de me adornar, de me embelezar com enfeites, aromas e unguentos.
- 8) abster-me do uso de camas altas e luxuriosas.

¹⁸¹ Este foi adicionado pelo tradutor para aqueles não familiarizados com os preceitos budistas. São mencionados em todo o texto.

Anexo 'B': Os caracteres dhamm, conforme escritos pelo Venerável Ajahn Fan Ācāro¹⁸²

"... Em 1982, a compiladora trouxe uma cópia de seu livro "Ājārā-phiwaht" para mostrar ao Venerável Ajahn Thet. Era o livro comemorativo para a abertura real da estupa e do museu do falecido Ajahn Fan Ācāro. Ao folhear o livro, ele encontrou uma amostra da caligrafia do Venerável Ajahn Fan, usando os caracteres dhamm e perguntou se a compiladora do livro conseguia entendê-los. Quando ela admitiu sua ignorância, o Venerável Ajahn Thet sorriu e comentou que era uma pena que tal conhecimento estivesse desaparecendo tão rápido e que as gerações futuras os desconheceriam completamente... Poucos dias depois, o Venerável Ajahn Thet gentilmente deu-lhe uma bela tradução datilografada:

"Sábios são aqueles capazes de evitar o surgimento do mal em sua personalidade. Há um símile sobre uma pessoa plantando uma árvore, uma mangueira, por exemplo. A pessoa cuida constantemente e toma conta dela, interrompendo qualquer crescimento de trepadeiras parasitas ou pragas, porque tem medo de que, se não fizer assim, a árvore não florescerá e não dará frutos. Isso é semelhante ao corpo da pessoa sábia. É natural que tal pessoa se proteja contra ações erradas do corpo, da fala e da mente, para que não se tornem a fonte para a tristeza e a depressão. Assim, o Professor Sakavati-Ajahn questiona-se sobre a primeira parte da Mātikā, que é 'kusala dhamma'... Ele traduz corretamente e acrescenta mais símiles, para que eu entenda."

"Escrevi a tradução tailandesa desse texto, para que meus leitores possam comparar e entender seu significado. Esse alfabeto dhamm está se extinguindo rápido, porque ninguém o estuda mais. Exceto aqueles que foram ordenados há sessenta anos e o aprenderam na época. O alfabeto tailandês não era então tão difundido e os monges tiveram que aprender os caracteres dhamm. Aprendemos lendo os manuscritos em folha de palmeira, ao invés de apenas aprender as vogais e consoantes.

O assunto era sempre sobre os ensinamentos do Buda. Por exemplo, sobre generosidade, moralidade e meditação; sobre os frutos celestiais das boas ações e

¹⁸² Incluído como um complemento na parte de trás da edição tailandesa original da autobiografia.

os terríveis resultados, no inferno, das más ações. Depois de estudar um ou dois manuscritos, era possível ler todos eles.

Antigamente, nos tempos de Wiang-jan (Vientiane), o povo ainda florescia e prosperava nos ensinamentos do Buda. Eles estudaram usando três alfabetos: dhamm, kóm, e thai nói.

Eles os chamavam de caracteres dhamm porque eram usados apenas para o Dhamma, os ensinamentos do Buda. Uma exceção são aqueles monges que largaram o manto após muitos anos e usaram seus conhecimentos para ganhar a vida na astrologia ou como curandeiros. Nesse caso, esses caracteres foram usados para escrever fórmulas mágicas e feitiços. As pessoas de então realmente consideravam os caracteres dhamm sagrados e sobrenaturalmente poderosos. Eles os consideravam o próprio ensinamento do Buda, e de fato é como eles pensavam...

Nós só estudamos os caracteres kóm o suficiente para saber sobre o que eram, mas não escrevíamos com eles. Se eles fossem usados na escrita, também seria apenas para os ensinamentos do Buda, assim como o dhamm. A escrita thai nói podia ser usada para qualquer coisa e ainda hoje é usada em Vientiane, pois foi lá que ela se originou, mas evoluiu muito desde então..."

Apêndice 'C': A ordem de monges budistas na Tailândia

A ordem budista de monges (bhikkhus) tem uma linhagem ininterrupta de vinte e cinco séculos. Nesse mundo de desenvolvimento e decadência, muitas vezes há necessidade de reformas à medida que as normas declinam. Historicamente, essa reforma ocorreu tanto através do rei, convidando monges conhecedores para vir e ensinar os monges ignorantes, como por um processo interno.

No caos que se seguiu à destruição da antiga capital tailandesa de Ayutthaya, o padrão geral da compreensão e conduta dos monges declinou. Quando o príncipe herdeiro Monkut, que mais tarde se tornou o rei Rama IV, tornou-se um monge e aprendeu a língua pāli, descobriu que havia grandes diferenças entre o que os textos descreviam e o que era realmente praticado. Um grupo de monges reuniu-se ao seu redor, com a intenção de tentar seguir mais estritamente a disciplina do Vinaya. Quando seu filho, o rei Chulalongkorn (Rama V), subiu ao trono, ele formalmente reconheceu esse grupo de reforma como o Dhammayut (ou Dhammayuttika) Nikaya. Como esse movimento de reforma ganhou influência, atuou como um catalisador para uma reforma geral. De modo que o agrupamento majoritário — o Mahā-Nikaya — foi reformado e toda a comunidade de monges se revitalizou.

Esse livro abrange o tempo em que tal movimento de reforma estava se propagando, e mostra também como ele afetou os monges tudong nas florestas.

Glossário

As palavras definidas nesse glossário conciso estão principalmente em pāli, a língua das escrituras budistas Theravada, ou em tailandês.

Para medições tailandesas, nomes de lugares, títulos etc., também olhe sob tal título.

Ācariyavat: atos de serviço de um monge júnior ou noviço para seu professor (Ajahn), por exemplo, fornecimento de água potável e lavagem, limpeza de sua cabana, lavar seus mantos, etc. Isto é parte do treinamento monástico estabelecido pelo Buda.

Ajahn: Professor. Um título respeitoso usado para monges seniores e professores de meditação. (Também, de forma mais genérica, para professores universitários, etc.) Ver Títulos Tailandeses.

Anattā: "Não-eu", uma das três características de toda a existência. Ver Ti-lakkhana.

Anagārika: Alguém que usa mantos brancos (em vez do manto ocre de monge ou noviço) e que vive a vida sem lar sob os oito preceitos. Também ver Mé Chi.

Aniccā: Impermanente, transitório, uma das três características de toda a existência. Ver Ti-lakkhana.

Añjali: Levantar as mãos, palmas juntas, como um gesto de respeito.

Arahant: Ser Digno, alguém que alcançou Nibbāna.

Asubha: Meditação sobre o aspecto feio, "repugnante" do corpo, geralmente ignorado pelas pessoas mundanas. Utilizada juntamente com as três características da existência como antídoto para a paixão. Também ver Kammatthana — kāyagatāsati.

Bhavanga: Em tailandês, usado para descrever um estado meditativo de transe; lugar de descanso subjacente da mente.

Bhikkhu: Um monge budista, um mendicante.

Brahmacariya: A vida santa; a vida religiosa; a castidade estrita.

Buda: O desperto; iluminado; geralmente referindo-se a Siddhattha Gotama após sua iluminação.

Chedi: (Tailandês) / Cetiya (Pāli): Estupa, pagoda, geralmente um monumento em forma de cone contendo relíquias.

Citta: (pāli) mente; coração.

Dhamma: Os ensinamentos (do Buda); a verdade; o supramundano; a virtude.

dhamma: Coisa; fenômeno; natureza; condição.

Dhammayut (Nikāya): Um dos 'sectos' Theravada na Tailândia. Ver Apêndice C.

Dhātu: Um elemento; condição natural; terra, água, fogo e vento ou ar.

Dhātu-khandha: o corpo.

Dhutanga: Ver Tudong.

Dukkha: Sofrimento. Ver Nobres Verdades.

Ittaroma: itthāramana (pāli): quatro objetos que (no que diz respeito ao mundo) valem a pena desejar: ganhos materiais, status, elogios e prazer.

Jhāna: absorção meditativa em um único objeto. Concentração total. Ver também Nirodha-samāpatti.

Kamma (pāli); Karma (Sânscrito): intenção, discurso e ação volitivos, que podem ser saudável, prejudicial ou neutro.

Kammatthāna:

- 1) "Terreno de trabalho" ou tema de meditação; o ato de meditação. Os temas mencionados neste livro são: Ānāpānasati: sati na respiração; Buddhānusati: recordação das virtudes e qualidades do Buda (os cânticos diários tailandeses também incluem essa recordação); Kāyagatāsati: sati ocupado com o corpo, contemplação as 32 partes do corpo.
- 2) Esse termo também é usado como um termo geral que descreve o modo de prática dos monges de meditação originários das florestas do Nordeste da Tailândia.

Kathina: A cerimônia anual de doação de mantos, oferecida em algum momento durante o mês seguinte ao retiro das chuvas.

Khandha: Agregado; agrupamento. Refere-se a cada um dos cinco componentes da existência psicofísica humana: corpo, sensação, percepção, formação mental, consciência. Para os não iluminados, esses formam os cinco grupos de apego e identificação de "eu".

Kilesa: Corrupções; impurezas; impedimentos. Esses incluem: ganância, ódio, delusão, vaidade, visão errônea, dúvida ou incerteza, preguiça, inquietação, ausência de vergonha, falta de preocupação moral.

Glót (Tailandês): um grande guarda-chuva, geralmente feito à mão, de bambu e tecido, usado como um abrigo na floresta para pendurar uma rede de mosquitos.

Kuti: Uma cabana de monge ou um abrigo simples. (Muitas vezes traduzido aqui como 'cabana'). No entanto, também pode significar qualquer habitação para monges ou monjas, de modo que nos mosteiros mais estabelecidos pode ser uma estrutura bastante grande.

Mé Chi (Tailandês): uma monja que usa mantos brancos e que mantém oito ou dez preceitos. Veja também: anagārika.

Universidade monástica Mahamakut: Uma universidade de monges com sede no Mosteiro Bovoranives, em Bangkok, que é a autoridade central organizadora para muitos cursos oficiais de Dhamma e seus exames.

Mahā-nikāya: O mais antigo e numericamente maior dos dois sectos do Budismo Theravada Tailandês. Ver Apêndice C.

Mondop: Um monumento ou edifício grande, geralmente seccionado em quadrados.

Nāma (dhamma): Mente; nome; fatores mentais; mentalidade. Veja também rūpa-dhamma.

Ñāna: Conhecimento, sabedoria, discernimento.

Nekkhamma: Renúncia; abrir mão; desistir do mundo; abnegação. Este termo é sempre usado nos textos em pāli como um antônimo de kāma (sensualidade).

Nibbāna: (pāli); Nirvana (Sânscrito): a extinção dos fogos da ganância, do ódio e da ignorância; a extinção de todos os males e sofrimentos; a libertação; o incondicionado.

Nikaya: Um agrupamento ou "secto", que se desenvolveu na sangha dos bhikkhus.

Nimitta: marca, sinal. Uma imagem ou visão, que, às vezes, surge na meditação.

Nirodha-samāpatti: O mais alto estado de concentração possível, onde há uma suspensão temporária de toda a consciência e atividade mental. (Veja o Potthapāda Sutta (D. I. 178); Vis. XXIII.) Também Saññā-vedayita-nirodha.

Nobres Verdades: A breve síntese de todos os ensinamentos do budismo: A Verdade do:

- 1) Sofrimento (Dukkha);
- 2) a Causa, a Origem ou a Fonte do Sofrimento (Samudaya);
- 3) a Cessação ou Extinção do Sofrimento (Nirodha);
- 4) o caminho, o modo, para a cessão do sofrimento, o Nobre Caminho Óctuplo (Magga).

Ordenação: Upasampadā (pāli); essa é a aceitação formal de um candidato a monge dentro da comunidade. Não há tomada de votos vitalícios. Isso é, portanto, diferente da "ordenação" cristã.

Pāli: A língua dos textos antigos do cânone Theravāda.

Pārājika: As quatro ofensas mais graves contra a disciplina monástica (a regra Vinaya), que automaticamente faz com que o infrator deixe de ser monge. Elas são: relações sexuais, roubo, assassinato e falsamente declarar realizações supramundanas.

Paramī (pāli): Pāramitā (sânscrito); Dez qualidades que levam a se tornar um Buda: generosidade, moralidade, renúncia, sabedoria, energia, paciência, honestidade, determinação, bem-querer e equanimidade.

Pāṭimokkha: As 227 regras fundamentais observadas por monges (bhikkhus). Um único monge o recita, com toda a comunidade de monges presente a cada quinzena lunar.

Pavāranā: A assembleia formal anual para bhikkhus, que marca o fim do retiro das chuvas; quando cada monge oferece aos outros a oportunidade de repreendê-lo por quaisquer transgressões que ele possa ter cometido.

Retiro das chuvas: Vassa (pāli); o período anual de três meses durante a estação das monções — da lua cheia (geralmente) de julho até a lua cheia (geralmente) de outubro — quando os monges são impedidos de viajar. É também a medida de anos vividos como monge.

Rūpa (dhamma): Matéria; forma; material; corpo; corporalidade. Ver Nāma-dhamma.

Samādhi: Concentração; unificação da mente; a condição da mente quando focada, centrada e imóvel.

Samana: Recluso; pessoa sagrada; um monge budista; aquele que segue o Brahmachariya.

Sangha: (lit: congregação)

- 1) Os Nobres que formam a terceira das Três Joias;
- 2) A Ordem dos monges.

Sankhāra: Coisas compostas, coisas condicionadas, fatores formativos.

Sappāya: Condições favoráveis (para meditação, etc.): moradia adequada; localização adequada; conversa adequada; pessoa adequada (como companheiro espiritual e professor); comida adequada; clima adequado; postura adequada.

Sati: Presença mental; ciência; atenção.

Sīla: Virtude; moralidade; conduta moral; um preceito; regra de treinamento. Ver Apêndice A.

Sīma: O local de reunião formalmente acordado e designado, necessário para qualquer reunião oficial da comunidade de monges. Na Tailândia eles marcam esta área com pedras que geralmente cercam o Salão de Uposatha.

Tailândia:

- **Unidades de medida tailandesas:**

- Baht: a moeda tailandesa.
- Sen: a antiga unidade tailandesa de distância, igual a 40 metros;
- Rai: a antiga unidade tailandesa de área, igual a 1600 metros quadrados (2.53 rai = 1 acre.)
- **Nomes de locais tailandeses:** os vilarejos são muitas vezes nomeados de acordo com uma característica local da paisagem:
 - Bahn = Aldeia;
 - Dong = Floresta Tropical;
 - Nakon = cidade;
 - Nah = campo;
 - Nong = Lago pantanoso;
 - Pah = floresta
 - Phra Bat = pegada de Buda;
 - Pu = Montanha;
 - Tam = caverna.
- **Títulos Tailandeses:** Na Tailândia, não usar um honorífico antes do nome da pessoa é rude — a menos que falando com amigos próximos ou com crianças. Daí o grande número de "títulos".
 - Ajahn: acāriya (pāli): Mestre de meditação. (Também por vezes usado como um honorífico para professores escolares, etc.);
 - Khun: o equivalente de Sr., Sra., ou Srta.;
 - Phra ou Tahn: Venerável, geralmente usado ao falar com monges mais jovens;
 - Phra Thera: um monge sênior de pelo menos 10 anos, mas geralmente muito mais;
 - Luang Por (venerável pai), Luang Pu (venerável avô): estas são ambas formas gerais de endereçamento para monges mais velhos altamente venerados;
 - Luang Ta (venerável avô) Menos respeitoso, às vezes ofensivo. É frequentemente aplicado a um monge ordenado no final da vida, talvez depois de ter uma família.
 - Somdet; Chao Khun; Phra Khru: condecorado oficialmente com títulos eclesiásticos. À medida que se sobe a hierarquia, o título muda e outro monge pode então receber o mesmo título. Isto pode ser confuso, portanto seu nome tailandês é frequentemente

adicionado entre parênteses para diferenciar entre titulares do mesmo título.

Taht (tailandês): os "ventos" elementares, "humores", processos fisiológicos, de um ponto de vista tradicional tailandês.

Ti-lakkhana: as "três características da existência" são impermanência (anicca), sofrimento (dukkha) e não-eu (anattā).

Tudong (tailandês); dhutanga (pāli): muitas vezes se refere ao estilo de vida do monge da floresta, seu vagar pelas florestas e viver ao pé das árvores. Mais literalmente, refere-se às "práticas austeras" que são "meios remover ou eliminar as contaminações". Tradicionalmente há treze destas (Vism. 59 - 83): vestir mantos de retalhos, possuir apenas três mantos; comer apenas alimentos de esmola; ir de casa em casa pedindo esmolas; comer apenas uma refeição por dia; apenas comer da tigela de esmolas; recusar o alimento que chega mais tarde; morar na floresta; morar sob uma árvore; morar ao céu aberto; morar em um cemitério; morar em qualquer alojamento oferecido; não deitar-se.

Uposatha:

- 1) Dia de Observância. Também ver Wan Phra.
- 2) (Salão de Uposatha) Nos mosteiros há geralmente um salão especial, muitas vezes com a principal estátua de Buda, onde todas as observâncias formais de Sangha são realizadas.

Vinaya: Disciplina monástica que inclui o núcleo de 227 regras do Pāṭimokkha juntamente com muitas outras ordenanças para a vida correta e harmonia da comunidade de monges.

Wan Phra: o dia de observância ou "sábado budista" segue um calendário lunar. Os aldeões daquela época também mediam o ano em meses e dias lunares. Por exemplo, em vez de segunda-feira, terça-feira, etc., eles se refeririam ao "segundo ou terceiro dia da lua minguante". Ver também Uposatha.

Wat: um mosteiro ou "templo".

O Significado de Anattā¹⁸³

Qualquer coisa formada por condições, físicas ou mentais, é chamada de sankhāra. Todos os sankhāras são instáveis e inconstantes (aniccam) porque eles estão continuamente se movendo e mudando. Todos os sankhāras são incapazes de manter uma unidade duradoura: é por isso que se diz que são estressantes (dukkham). Nenhum sankhāra está sob o controle de qualquer um. Eles continuam mudando continuamente, e ninguém pode impedi-los de fazê-lo, e é por isso que eles são ditos não-eu (anattā). Todas as coisas, sejam mentais ou físicas, se elas têm essas características por natureza, são ditas serem não-eu. Até mesmo a qualidade da imortalidade — que é uma qualidade ou fenômeno livre de condições, e que é a única coisa em um estado de unidade duradoura — também é dito não ser um eu, porque está acima e além de todo o resto. Ninguém pode puxá-lo sob o seu controle. Somente aqueles de visão correta, cuja conduta está dentro dos fatores do caminho, podem entrar e ver essa qualidade natural e remover seus apegos a todas as coisas — incluindo seu apego ao agente que sabe essas coisas. No final, não há nenhum agente conseguindo ou atingindo qualquer coisa. Não importa como os fenômenos naturais se comportem, é assim que eles são a todo o momento.

Quando os meditadores praticam corretamente e têm o discernimento para ver essa qualidade (de imortalidade) como ela realmente é, o resultado é que eles podem retirar seus apegos de todas as coisas — incluindo seu apego ao discernimento que entra para ver a qualidade como ela realmente é.

A prática de todas as coisas boas e nobres é chegar a este ponto.

Phra Ajahn Thet Desarangsee

¹⁸³ Pequeno trecho de ensinamento traduzido do inglês por Thanissaro Bhikkhu.